

REVISTA

(TRIMESTRAL)

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO EM 1838

VOLUME 184

JULHO — SETEMBRO

1944

Hoc facit ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui.



1944

IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL

NOTA

Tôda a correspondência relativa à colaboração nesta *Revista*, bem como a referente ao serviço de assinaturas, permutas, etc. deve ser dirigida directamente à Sede do Instituto Histórico com o seguinte enderêço :

"Secretaria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Revista — rua Teixeira de Freitas n.º 4 — 1.º andar. Rio de Janeiro".

Trabalhos originais

PORANDUBA CATARINENSE

por LUCAS A. BOITEUX

Cap. de Mar e Guerra

EXÓRDIO (1)

Até aos dias presentes nem um só dos nossos literatos e amadores de coisas antigas, a menos que eu ignore, se tem preocupado, mesmo superficialmente, em estudar ou apenas colecionar as produções anônimas e simples, tais como — poesias, lendas, orações, adágios, perlengas, etc., — do povo catarinense, a par das modalidades que estas interessantes ficções vêm experimentando ao contato de novas correntes imigratórias.

Os poucos que, fora daqui, se deleitam com estes tão simpáticos e necessários estudos, como Sílvio Romero, Melo Moraes e outros, poucas ou nenhuma referências têm feito ao *folk-lore*, ou melhor, à *Poranduba Catarinense*.

Esta falha em trabalhos tão valiosos é deveras lamentável, e advém (disso estamos certos) não da má vontade ou do esquecimento para com a nossa terra natal por parte de tão ilustres literatos, mas, pura e simplesmente, pela carência de informações precisas e exatas, resultante de nenhuma tentativa haver sido feita neste particular em nosso Estado.

Abalanço-me, pois, hoje a este modesto ensaio, colocando sob as vistas dos que se interessam por esta classe de estudos, alguns elementos colhidos neste campo fértil e inexplorado ainda nas pesquisas rápidas por mim procedidas em horas roubadas às minhas diárias ocupações.

É um simples e discreto esboço, que tem por fito chamar a atenção para o assunto e talvez mesmo animar tentativas futuras, mais proveitosas por certo.

Antes, porém, de iniciar o estudo a que me impus, explicarei por que emprego o vocábulo *Poranduba* (2) em vez de *Folk-lore*. Desde que exista no

(1) Este exórdio foi publicado, pela primeira vez, no "Jornal do Comércio" do Rio, em 19 de agosto de 1911.

(2) *Poranduba* é termo tupi-guarani e, segundo Barbosa Rodrigues, "não é mais do que a contração da preposição *poro*, fazendo as funções de superlativo, *andu*, notícias, *aub*, fantástico, ilusório, significando *histórias fantasticas, fábulas, abusões*, etc. E' a tradução que temos para o termo *Folk-lore* (de *Volk*, povo, e *lehre*, dogma, lição, doutrina), que se refere à classe de estudos que abordamos.

tupí-guarani um termo equivalente a outro em língua estranha. à nossa, sou propenso a aceitá-lo incondicionalmente, pois o *abánhênga* tem sido até ao presente o manancial que mais tem modificado o pátrio idioma.

I

Como sabem os leitores, nos tempos do descobrimento do Brasil era a costa do actual Estado de Santa Catarina, desde as orlas sinuosas do Atlântico às cumiadas rochosas da Serra do Mar, povoada por uma grande tribo da raça *Tupí-Guarani*, raça esta originária (assim se julga) de remoto cruzamento de um povo autóctono com imigrantes vindos do nascente.

Da Serra do Mar até as nossas lindes a oeste com a República Argentina, campeavam outras tribos de uma raça diferente, inimiga tenaz da primeira e mantendo contra ella luta encarniçada e exterminadora.

Estas, não só por facilidade como também por não possuímos elementos exactos para lhes dar conveniente classificação, agruparemos sob a denominação genérica de *Tapuia*, bárbara, — como o fizeram seus inimigos.

A língua falada pelos povoadores do litoral era aglutinante, expressiva e de rico vocabulário. A par desta língua original e bela, por elles denominada *nhêen-gatú* — língua boa, ou *abá-nhêen* — língua de gente, em opposição ao idioma de seus contrários, por elles chamado *nhêen-gaib* — língua má, tinham um grupo bem original de lendas, mitos, etc., que até nos chegou facilmente, embora sem o nativo feitiço.

O *Guarani*, ramo do *Tupí*, que escolhera para *habitat* o sul do Brasil, foi o primeiro selvícola a entrar em contacto com o europeu navegador, por ser o mais humano e tratável da costa brasileira, segundo fiel testemunho de cronistas de antanho.

Da estadia dos navios excursionistas em portos e abras da recortada costa, estabeleceu-se entre o selvagem e o *carai* (branco) certa aproximação, tímida e suspeitosa, em princípio, mas que se tornou, com o perpassar dos dias, íntima e communicativa.

Como resultado lógico e natural da convivência nasceu a doce troca de afetos, aliada à mútua curiosidade, entre os marujos europeus e as morenas e ardentes filhas das selvas.

E do conúbio adventício resultou o abrolhamento da estipite de uma sub-raça nova, à qual os próprios *guaranis* denominaram — *Carioc* ou *Carijó*, isto é, descendente do branco, mestiça.

Daí a denominação, muito acertada aliás, imposta à tribo mansa e tratável, povoadora da faixa litórea de Santa Catarina.

II

Os primeiros brancos, cujas sementes vingaram em terras do nosso Estado, foram franceses e portugueses, pouquíssimos, e espanhóis, na maior parte, pois sabemos que os castelhanos muito mais se preocuparam com o conhecimento e

posse da costa sul brasileira, do que os portugueses, nos primeiros tempos da descoberta.

Santa Catarina foi por muito tempo a base de refrêscos e abastecimento das expedições espanholas, que caminhavam para o estuário do Prata.

Estabelecida a amizade entre selvagens e civilizados, appareceu o escambo, o comércio e com elles a permuta de vocabulos, de expressões, de lendas e credences, até que se tornou mais fácil ao civilizado adotar a própria linguagem do selvícola para as suas mútuas relações.

Das modificações linguísticas experimentadas pelas guaranis catarinenses ao contato dos poucos colonos espanhóis não podemos com facilidade algo dizer. Sabemos, apenas, que ellas, vieram a ser profundas nas missões jesuíticas, onde figuraram muitos aborígenes arrebanhados em território do nosso Estado, comprehendido, entre os caudalosos Iguaçu e Uruguai.

Em Santa Catarina, também, a colonização castelhana não deitou raízes, mercê da rivalidade dos seus émulos, os lusitanos.

Estes, pouco a pouco, foram obrigando os espanhóis a deslocarem-se sempre para os climas austrais; e, à proporção que elles o faziam, afastavam os lusos também as denominações geográficas da costa.

A idéia, politicamente, parecia bem pensada... Assim é que a primitiva denominação — Patos — peculiar à costa catarinense, caminhou para o sul e hoje a vemos ligada a accidentes geográficos do Rio Grande.

Assentados os arraiaes portuguezes em plagas catarinenses, estabeleceu-se novo contato entre o branco e o selvícola, mas esta aproximação já não teve o encanto e a novidade, nem a alegria da permuta das primeiras manifestações amigas.

Notavam já os guaranis que, acompanhando as dádivas, vinha a manifestação visível da força, da conquista cubiçosa e avassaladora. Nasceram as primeiras desconfianças e os primeiros atritos irromperam. Vieram as vinganças, e victimas inúmeras tombaram escabujando em sangue, marcando o solo catarinense com largas e rubras manchas — traço de uma separação rancorosa e eterna entre nós civilizados e os míseros e erradios selvícolas...

Com a conquista veio a escravidão deshumana e atroz...

E o entrelaçamento das duas raças antagonicas foi-se realizando violentamente, com mútua repugnância, quando poderia ter sido calmo, proveitoso, fecundo. Apesar d'este processo, nada lógico por certo, deu-se a penetração das duas raças e como resultado as inúmeras gradações do tipo mestiço conhecidas entre nós pelas seguintes denominações, algumas já desvirtuadas: *carioca*, *carijó*, *curiboca*, *caboclo*, *tabaréu*, *maratimba*, *paisano*, *mameluco*, *caipira* e *matuto*.

Como sempre o conquistador viu-se compelido, embora a contra gôsto, a aceitar a língua do vencido, em principio forçado pela necessidade, depois pelo hábito facilmente adquirido. Foi assim que o *abánhenga* difundiu-se por todo o Brasil, tornando-se *língua geral* e, muito a pesar das ordens terminantes da metrópole para abolí-la, manteve-se florescente durante dois séculos e pouco.

E a língua portugueza ao contato dêste original e forte concorrente enriqueceu-se, modificou-se sensivelmente, perdendo certas asperezas.

Não só a linguagem sofreu os fenômenos apontados; os mitos, as lendas, as superstições tomaram em geral novas roupagens, brilhantes umas, originais outras. Poucas, afinal, chegaram até nós com o nativo feitiço.

O selvagem catarinense cruzou-se com o português de dupla procedência: o *reinol* e o *ilhéu*; o primeiro, ariano, mas já mesclado e influenciado também pelos povos das nações circunvizinhas; o ilhéu, segregado e distanciado de influências estranhas, conservando mais puros o tipo primitivo, a linguagem e, logicamente, as lendas e tradições, como, com mais detalhes, veremos ao tratarmos dos colonos açoritas que vieram povoar Santa Catarina.

III

Com os primeiros desbravadores da nossa terra virgem e virente apareceram os primeiros negros africanos. Este elemento, arrancado das sombrias selvas da África e aproveitado como escravo pela cubica portugueza, provinha de vários agrupamentos ou nações: Mina, Moçambique, Angola, Congo, Guiné, etc., e cruzando-se com o branco, deu as variedades de mestiços conhecidas pela denominações: *mulato*, *cafusa*, *cabra*, *cabrocha*, *moleque*, *fulo* e *quarteirão*; e, com o selvícola, cujos produtos são chamados: *tapui-una* e *zambo*. O negro com o negro gera, muitas vezes, o *albino* ou *assa*.

Foi o negro um dos grandes elementos modificadores em quase todo o Brasil. A sua influência sobre o tipo catarinense foi, todavia, mercê de diversas causas, muito pequena. A principal foi a diminuta, afluência de escravos para Santa Catarina, em vista de sua riqueza agrícola estar muito subdividida, não carecendo os proprietários rurais de braços escravos para o amanhã das terras e colheita dos frutos como acontecia em São Paulo.

E tanto é verdade que a influência do negro foi nula, podemos assim dizer, entre nós, que Santa Catarina é, relativamente, o Estado mais *branco* do Brasil, pois a percentagem de brancos é de 78 %, não igualada por nenhum outro Estado da União.

O tipo puro do catarinense devera ter sido, até 1750, o produto do cruzamento das duas raças concorrentes — o português e o tupi-guarani — com uma dosagem mínima de sangue africano.

Os caracteres do português sofreram séria transformação ao influxo do novo clima e da raça selvagem. A nova progênie, na treva e na ligeira obliquidade dos olhos, no negror dos lisos cabelos, na saliência dos zigomas, fazia ressaltar, à primeira vista, a mestiçagem guarani.

Ainda hoje, nos tempos que correm, ao confrontarmos a estrutura, a linguagem, a entonação da voz, o modo de expressar-se da gente do município de S. Francisco, ao norte do Estado, com os habitantes da Capital e mesmo do litoral sul, ressaltar logo à nossa observação a influência do *guarani* no conjunto dos caracteres, bem acentuados ainda, muito embora as colônias alemãs

e italianas, estabelecidas nas circunvizinhanças, a venham vagarosamente influenciando.

O mesmo se dá nos municípios serranos, cujo povo se destaca, do habitante da marinha pela pujante estatura, coloração da pele e outros característicos humanos, além da linguagem, nos quais se nota, forte penetração do elemento selvícola na massa geral.

No aspecto do serrano atual há algo evocativo dos antigos cruzamentos do branco e do guarani, que deu em resultado o mestiço, extraordinário em afoiteza e galhardia — o bandeirante.

O clima, a vida pastoril a que se entrega, deram ao lajeano e aos demais habitantes da zona serrana uma estrutura vigorosa, e sadia, grande amor pela liberdade, muita viveza e bravura, a par de uma alma poética e sentimental.

IV

Após o português reinol e raros ilhéus, sonhando aventuras e riquezas fáceis, após pequenos grupos de vicentistas e paulistas (brasileiros natos, puros e mesclados) recebeu a terra catarinense, para povoá-la e arroteá-la, um grande contingente de 4.024 colonos açoritas, na mór parte, e poucos madeirenses, que aportaram às nossas plagas de 1748 a 1752.

Vejamos qual a procedência étnica dos colonos recém-vindos.

No correr dos distanciados anos de 1431 perlustrava as águas do Atlântico, com rumo ao poente, a bronca proa de uma caravela portuguesa ao mando do galhardo nauta Gonçalo Vaz, quando, emergindo da salsugem das ondas, foram avistados uns adarços negros e hispídos — as Formigas. Eram êsses escolhos os primeiros sinais da existência do belo arquipélago dos Açores.

Quem conhece a lenda da Atlântida — dilatado e povoado continente que se espraiava ao ocidente da Europa por léguas sem fim — ao avistar o risonho arquipélago sente emocionado que a Atlântida de verdade ressurgue naquelas ilhas, fragmentos salvos de um cataclisma remoto e horrído.

E, ao tocar com as plantas timoratas, com o olhar curioso e perscrutador o solo açorita nos seus aspectos vários e originais, sente a cada passo, bem patentes e acentuados, os sinais profundos, as cicatrizes horríveis, impostos ao perpassar dos séculos pelas forças plutônicas em fúria desabalada.

Todos os sintomas e manifestações terríveis do vulcanismo, como crateras hiantes, adormecidas umas, em atividade outras, ruídos e abalos subterrâneos, águas termais, salsas lutulentas, emanações sulfurosas, maremotos, irrompem e flagelam de quando em quando a pacata, laboriosa e simpática população daquelas ridentes e férteis ilhas.

O arquipélago, logo após o seu descobrimento, foi mandado povoar por algárvios — gente loquaz e cantadora — núcleo êste reforçado poucos depois com algumas famílias castelhanas e um bom grupo de aleonados flamengos, chefiados por Jacques de Bruges.

“As ilhas dos Açores e Madeira, — diz-nos Teófilo Braga — colonizadas no século XV, quando a nossa tradição poética estava mais viva, são

hoje as que apresentam as mais belas tradições, chegando a perpetuar fatos da história portuguesa ou do século XVI, como a morte do príncipe Dom Afonso em 1491, ou a batalha de Lepanto em 1572, tratados nos seus rudimentos épicos”.

Assim, longe de influências exteriores, aquêles elementos se fundiram, dando em resultado o açorita e o madeirense de que lançou mão o Governo da metrópole para povoar a Capitania de Santa Catarina, revigorando o elemento branco em declínio.

Afeito, como os habitantes do sul da Itália, a uma luta constante contra os elementos perturbadores da estabilidade de um solo fértil e remunerador, adquiria o açoriano qualidades excelentes como: resignação, pertinácia e resistência, aliadas a uma índole mansa, e ordeira e uma moralidade comprovada.

Cercado pelo escarcéu e madria das ondas empoladas pelo ciclone, fez-se marinheiro e dos melhores.

O tipo da mulher açorena é, no geral, gentil, cheio de viveza, e de graça natural. De estatura mediana, corpo esbelto e delgado, tem a tez moreno-clara, olhos negros ou castanhos, cabelos sedosos da mesma coloração, mãos e pés pequenos e bem modelados. A voz melodiosa e cantante. Encontram-se, como tive ocasião de observar em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, tipos claros, róseos e alourados, reminiscências atávicas do flamengo povoador, como também descendentes de náufragos bretões que outrora, imigravam para o Canadá. Os superstitos do sinistro fundaram naquela ilha um pequeno povoado a que deram o nome evocativo de — Bretanha.

Ao transplantar-se para as nossas plagas o açoriano sofreu na sua estrutura firme, maciça e sadia a ação deletéria do paludismo, principalmente aquêle que permaneceu na faixa do litoral. Notamos hoje, com tristeza, especialmente nos habitantes da ilha, uma já bem acentuada decadência ou degeneração fisiológica.

Com os colónos açoristas e madeirenses, mansos e ordeiros, veio a linguagem simples, arcaica e expurgada destes francesismos que tanto a enfeiam hoje; com eles as tradições singelas e encantadoras e os folguedos originais; com eles a alma maruja e panteísta; com eles, enfim, as *cantigas* dolentes e o *fado*.

Quanto à língua, o professor riograndense Apolinário Pôrto-Alegre, em ao XV século: — “... mas pode-se avançar que neste século estavam os romances populares no seu pleno fervor de elaboração e interesse, como se pode conhecer pelas riquezas tradicionais das colônias insulares da Madeira e dos Açores”.

Quanto à língua, o professor riograndense Apolinário Pôrto-Alegre, em um dos seus escritos, assim se pronuncia: — “Nos três Estados do sul — Paraná, Santa Catarina e Rio Grande — é onde se fala o português mais extremo e castiço e sem os viciamentos do norte. Em Santa Catarina a senhora, ainda nas principais cidades, deslaza a voz, cantando, que é a herança do ilhéu, mantida também nas classes rústicas e plebéias”.

Dissemos, linhas acima, que o açoriano, como o algarvio, amava o canto. O catarinense, foi avaro nesta bela herança: conservou-a intata. Ouçamos o que nos diz Virgílio Várzea, na sua prosa inimitável e harmoniosa: — “De uma doce tendência poética, devida ao seu temperamento impressionista e amoroso, e comum de resto a todo o povo brasileiro, o roceiro, como o marítimo catarinense, tem uma alma cantadeira. Alegre e de certo modo feliz, embora em geral na indigência, o canto aflora-lhe espontâneo aos lábios, gerado não só de velho atavismo céltico que vagamente lhe gira nas veias, como dos encantos desta nova natureza. Desde manhã até à noite, pode dizer-se, ele vive a cantar, quer seja inverno ou verão, é frente do carro carregado de lenha, capinando ou semeando nas planícies e morros, fazendo coivaras, abrindo picadas, derrubando madeiras para construir a casa ou engenho, escavando um tronco para uma canoa ou um côcho, mudando ou conduzindo o gado ao potreiro, domando o cavalo chucro, laçando o boi bravio, tecendo ou deitando as rêdes, junto ao portal da rua ou sôbre a borda da canoa, no meio do mar revoltado, sob a fúria, do pampeiro. E é assim que embala a sua vida, no rude trato das roças e no lidar arriscado das rêdes.

Chegados que foram os açorianos e madeirenses à nossa terra fundaram vários povoados no litoral, pois no interior campeavam ainda inúmeros selvícolas, cheios de profundo ódio ao branco invasor.

Hoje em dia poucos serão os catarinenses que nas veias não tragam alguns glóbulos de sangue dêsse povo marujo e cantador, tanta foi a sua influência absorvente sôbre a progénie dos primeiros povoadores.

V

A influência, que já se vai tornando bem notável, da raça germânica, sôbre a massa geral da população catarinense, principalmente ao norte, data dos últimos anos do primeiro Império (1828), quando, dissolvidos os batalhões de alemães contratados, foram os soldados distribuídos pelos núcleos coloniais, fundados entre nós. Digamos algumas palavras sôbre este elemento novo que veio modificar o tipo e os costumes catarinenses.

Como sabem os leitores, não existe ainda no Império Germânico verdadeira unidade da raça e de língua, e, assim, sendo, as levas de imigrantes para aqui encaminhadas nos trouxeram genuínos representantes dos vários Estados. daquela poderosa nacionalidade, com seus caracteres e dialetos peculiares.

Temos, pois, em Santa Catarina, Bávaros, Saxônios, Renanos, Prussianos, Pomeranos, etc. Observando-os em conjunto, encontramos nêles todos os predicados de uma raça forte: vigor, inteligência, iniciativa, orgulho, ambição e dedicação ao trabalho.

O Dr. Blumenau, fundador da antiga colônia, hoje cidade de seu nome, costumava dizer que o alemão tinha dois diabos que o atormentavam — a *inveja* e a *cerveja*. Afinal, não são tão grandes tais defeitos em confronto com os demais atributos acima apontados.

Se, agora, examinarmos, mesmo superficialmente, cada um daqueles tipos provincianos, dois dêles nos impressionarão sobremodo pela antítese que apresentam: o Bávaro e o Pomerano. O primeiro, pela sua psicologia, pode ser considerado um verdadeiro latino. De inteligência clara, temperamento vibrátil e amoroso, loquaz, versátil, católico romano, com facilidade de aprender a nossa língua, se amolda aos nossos costumes, assimila-se rapidamente. Verdade é que, diante da crítica severa de seus compatriotas pan-germanistas, êstes predicados muito pouco o abonam. Um exemplo de rápida assimilação temos na vila de Brusque, por êles povoada.

O Pomerano já não tem a inteligência do bávaro, e o confirma o prolóquio alemão: — “Bronco como um Pomerano”. Trabalhador infatigável, constante, acatólico, apegado aos seus hábitos, nada o demove a abandonar a rota traçada. Não há impecilho que o desanime: é tenaz, de uma tenacidade inabalável, tradicional, atávica. Serão virtudes! Serão defeitos? A êle devemos a prosperidade crescente do norte do Estado, como a êle, em parte, devemos o retardamento à assimilação desejada.

A outra parte, a maior e a mais condenável, cabe aos govêrnos passados, colocando núcleos coloniais em sítios distantes, sem escolas, quase segregados da comunhão nacional. Eis a razão pela qual ainda hoje encontram-se, às vêzes, netos de colonos alemães, nascidos já de pais brasileiros, falando mal o português, ou com um sotaque gutural denunciador de sua origem germânica.

Existe ainda uma resistência que, fâcilmente, poderá ser neutralizada pelo Govêrno. Refiro-me à campanha manhosa feita contra a nossa raça, a nossa língua e as nossas tradições, por certos aferrados pan-germanistas (nativistas ou jacobinos alemães), naturalizados brasileiros para terem a liberdade de dizerem tudo quanto lhes apraz, e que com decidido empenho procuram incutir no espírito da mocidade teuto-brasileira a obrigação moral de não esquecer a pátria e a língua de origem. Felizmente, porém, esta maioria ingrata vai, dia a dia, perdendo terreno diante da forte penetração nacional.

A língua alemã em nosso Estado tem já feito seus ou afeiçoado muitos vocábulos da nossa língua. Em S. Pedro de Alcântara, uma das primeiras colônias tudesacas fundadas entre nós, vai em via de progresso um dialeto exquisito, muito bárbaro, das línguas português e germânica. O sexo fraco é um dos maiores cultores de tão original calão.

Em outros pontos do Estado, onde a influência alemã é mais acentuada, notam-se, como disse, muitos têrmos e expressões ou locuções vernáculas intercaladas naquela língua, mas nunca vocábulos e expressões alemães na linguagem simples do nosso povo.

Ainda não existem mesmo poésias mescladas. O alemão, resistindo sempre à assimilação, verte para o seu idioma as poesias brasileiras que lhe agradam e encantam. É deveras interessante a observação dêstes originaes caprichos.

Estudo sociológico de real importância que bem merece ser abordado, e gostosamente, por pessoa que, vivendo entre a massa daquelas populações heterogêneas, observasse dia a dia as singulares repulsões e atrações daqueles

BRASILIAANSCHÉ ARIA

Modinha.

Qua-do o ma-l a-ca-ba, O bem princi-pi - a quando o ma-l a-ca-ba O bem princi-pi - a Meu mal a-ca-bou O

bem se se - guia, O bem se se - guia, O bem se se-gui-a - Pois sim, meu senhor Meu mal a-ca-bou Mas pen-so que

vou - De mal a pe-or - - De mal a pe-or - De mal a pe-or - De mal a pe-or - De mal a pe-or -

1) Quando o mal acaba
O bem principia
Meu mal acabou
O bem se seguiu
Pois sim, meu senhor,
Meu mal acabou
Mas penso que vou
De mal a peor.

2) Vem a noite escura
Succedes o dia
Depois da tormenta
Vem a calmaria
Pois sim, meu senhor,
Meu mal acabou
Mas penso que vou
De mal a peor.

A mais velha música de Santa Catarina recolhida por Langsdorff em 1803.
Ao bom amigo Desembargador Boiteux que é o mais catarinense dos catarinenses de todos os tempos.

Amigo e admirador
A. C. WALDEMAR

Havre, 17/VII/29.

elementos ao amalgarem-se, ao fundirem-se para a elaboração de um futuro tipo catarinense.

VI

Após os alemães vieram, em 1836, os primeiros italianos, que ainda afluem às nossas plagas, contrabalançando de certo modo a influência germânica e, por sua vez, fortificando o nosso já decadente sentimento artístico.

De origem quase idêntica à nossa, falando uma língua irmã, professando a mesma religião, com grande facilidade de adaptação ao meio, o italiano assimila-se rapidamente à massa geral da nossa população, deixando, apesar disso, traços característicos de sua raça.

A influência do polaco ainda é nula.

VII

Pouco a pouco ir-se-á dando a assimilação destas raças concorrentes, sob o mesmo sol, sob o mesmo clima, debaixo das influências profundas, emanadas do próprio meio, até que integralizados em um tipo único, perfeito e completo, virá formar o catarinense futuro, aliando naturalmente os caracteres morfológicos, morais e intelectuais das raças originárias.

Feito este desataviado escorço etnológico à guisa, de preâmbulo, passarei em revista, com leves comentários, os elementos que consegui reunir com muito afã e deligência, colhendo-os na tradição oral do nosso povo, principalmente no da ilha de Santa Catarina.

Ao passá-lo agora para letra de fôrma não os desfigurarei, nem, muito menos, os alterarei. Tal qual os colhi, para aqui os traslado. Apenas leves retoques, cá e lá, na pontuação, na concordância; nada mais.

I

RIMANCES RESADOS

Começaremos por apresentar os poucos *romances* ou *rimances resados* (recitados), herança açorenha e madeirense já muito diluída entre nós.

SANTA IRIA

— “Estava Iria sentada,
Na *jinela* costurando,
Com seu dedal de prata
E sua agulha de ouro.
Passou um pobre viajante
E pediu uma pousada.

— “Se meu pai não dera
Em mim pesara...”
“De três que nós *era*
A mim levara...”
Chegou no caminho
E me perguntou

Como era tratada
Na casa de meu pai.
— “Eu me chamo Iria,
de meu pai criada...”
Com isso se azangou
E puxando um cutelo
A mim me degulou.
Ao cabo de sete anos,
Por aqui passou,
Quando a pastora
Estava pastando o gado.
— “Que ervas são estas,

Tão bem plantadas?”
— “São de Santa Iria,
Que morreu degolada...”
— “Minha Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Dai-me a vida,
Que serei teu romeiro”.
— “A vida eu não daria
A um cão carnicheiro,
Que da minha garganta
Fizera um cordeiro”.

Ouvi outra variante, cujo final era o seguinte:

— “Iria, Iria,
Meu amor primeiro,
Perdoa a morte!...”
— “Não perdôo a morte
A um cão carnicheiro,
Que da minha garganta
Fizera um cordeiro...”

Colhi ainda uma outra variante com êste fêcho:

— “Que ermida é esta
Que está aqui plantada?”
— “É de Santa Iria,
Que morreu degolada...”
— “Iria, Iria,
Meu amor primeiro,
Perdoa-me a morte

Que serei teu romeiro”.
— “No perdôo a morte,
Ladrão, carnicheiro,
Que da minha cabeça
Fizeste um picadeiro;
Da minha garganta
Um manso cordeiro...”

Este incompleto *rimance* vai buscar sua remota origem em uma singela lenda scalabítana (de Scalabis, antiga, cidade da Lusitânia, hoje Santarém).

Contam crônicas vetustas que, no século VII da nossa era, vivia em Nabância, hoje Thomar, uma donzela de rara formosura, de nome Iria ou Irene que, sem professar, fêz voto de castidade recolhendo-se a um claustro. Um jovem e rico donzel, chamado Britaldo, rendeu-se de amores por ela e, adoeendo, teria fatalmente sucumbido, se a bela moça não lhe tivesse jurado que a sua virgindade fôra dedicada a Deus. O preceptor de Iria, um certo Remigio, homem de baixos sentimentos, pretendeu seduzi-la. Diante da repulsa de Iria, Remigio vingou-se covardemente propinando-lhe certa beberagem, que lhe fêz crescer de tal modo o ventre a levantar suspeitas de seu estado. Britaldo, que a adorava ainda, julgou ludibriado e ruminou feroz

vingança. Certo dia meditava a linda moça às margens do Nabão. Ali foi encontrá-la Britaldo. Após uma cena, violentíssima degolou-a, lançando o seu palpitante cadáver à corrente. Deu-se êsse sangrento drama a 20 de outubro de 653. Levado pelas águas impetuosas, alcançou o corpo da donzela as ribas do Tejo onde, junto ao monte Scalabicastro, o povo o descobriu e venerou. O ponto do lúgubre achado começou desde então a ser conhecido por Santa Iria ou Santa Irene; com o tempo corrompeu-se em *Santarém*.

Esta singela lenda chegou até nós, porém, desfigurada. Seu enredo foi-me contado assim: Certo cavaleiro viajava em companhia de sua espôsa, que se encontrava em estado interessante. Em meio à jornada, sentiu ela o *desejo* incontido de comer um pedaço da carne do marido. Êste, temendo um mau sucesso, cortou um pedaço da mão e deu-lhe. Mais adiante, a mulher, torturada por aquela alotriofagia obsidente, mostrou vontade de repetir o marital *beef* sangrento. O marido, apesar de não estar gostando muito da auto-amputação que fazia, satisfez os engulhos da cara-metade. Quase ao fim da jornada, ela, chorosa, implorou ao espôso, que mais uma vez ainda matasse o seu estranho apetite. Ah! mas dessa vez não esteve êle pelos autos, pois, desconfiando que a mulher tinha o intento sinistro de matá-lo, degolou-a crua e friamente à beira do caminho. No ventre da infeliz senhora foram encontradas três formosas criancinhas, uma das quais com a boquinha aberta, qual lírio imaculado a pedir do céus o orvalho vivificante. O pai, cheio de remorsos, atirou-se ao mundo a penitenciar-se do seu grande e monstruoso crime.

Álvaro Rodrigues de Azevedo encontrou na ilha da Madeira duas versões dêste romance, sob o título de *Estoria de Sancta Irena e Morie de Santa Iria*. Almeida Garret publicou-a pela primeira vez, julgando-a de origem monástica. Teófilo Braga colheu três versões com o título de *romance de Iria, a fidalga*. Sílvia Romero também encontrou uma versão dela no Rio de Janeiro, e o Dr. Pereira da Costa colheu duas variantes em Pernambuco. Infelizmente a versão que apresentamos é incompleta.

* * *

DONA LEONOR

Aqui está outro ingênuo romance rimado, colhido entre a população da ilha de Santa Catarina. Refere-se, ao que parece, às antigas lutas na península ibérica, entre as duas nações irmãs e rivais, Portugal e Espanha, ou talvez ao tempo da dominação árabe.

— “Grande guerras estão armadas
lá nas bandas de Aragão:
Triste de mim que sou velho,
as guerras me acabarão!...”
Responde a filha mais velha
com toda a *desquisição*:
— “Dê-me armas e cavalos,
qu’eu serei filho varão!...”
— “Filha, tens os cabelos grandes,

filha, conhecer-vos-ão...”
— “Dê-me tesouras de prata,
pois já os boto no chão...”
— “Filha, tens os olhos grandes,
filha, conhecer-vos-ão...”
— “Quando passarem por mim,
meus olhos *agacho* ao chão...”
— “Filha, tens os ombros altos,
filha, conhecer-vos-ão.”

SÁTIRAS POLÍTICAS

— “Meu pai, com o pêso das armas
os meus ombros se abaixarão...”

— “Filha, tens os peitos altos,
filha, conhecer-vos-ão.”

— “Dê-me roupas apertadas,
que meus peitos abaixarão...”

— “Filha, tens os pés mimosos,
filha, conhecer-vos-ão.”

— “Boto-os dentro de botas
e nunca mais sairão...”

“Adeus pátria, adeus mátria,
me botem sua benção,
que vou para terras de Mouros,
para a guerra de Aragão!”

— “De três filhas que eu tenho,
viva Dona Leonor,
que vai embora p’ra guerra
como a delicada flor!”

Sete anos Leonor,
sete anos a guerrear;
o primeiro que matou
foi o Capitão-general.

— “Ai Jesus! mamãe, eu morro,
Abafa o meu coração!...

que os olhos de D. Marcos
são de mulher, d’homem não!”

— “Meu filho, convida êle
para no jardim passear;
se D. Marcos fôr mulher
das flores se há de agradar.”

Dom Marcos como discreto
foi ao jardim passear:

— “Oh! que flores tão bonitas
para uma dama cheirar...”

— “Ai Jesus! mamãe, eu morro,
como bate meu coração!

Que os olhos de D. Marcos

são de mulher, d’homem não...”

— “Meu filho, convida a êle
para no campo passear:

se D. Marcos fôr mulher
do campo se há-de afastar.”

Dom Marcos como discreto
foi ao campo passear:

— “Oh! que campo tão bonito
para dois homens brilhar!
Faço-te convite, amigo,
se quiseses experimentar...”

— “Ai Jesus! mamãe, eu morro,
abafa o meu coração!

que os olhos de D. Marcos
são de mulher, d’homem não...”

— “Meu filho, convida êle
para no mar ir-se lavar;
se Dom Marcos fôr mulher
das águas se há-de afastar...”

D. Marcos como discreto
foi ao mar se lavar.

Estando com uma bota descalço
e a outra por descalçar:

— “Minha mãe está a morrer,
o meu pai a prantejar;
das três irmãs que tenho
tôdas três oiço chorar...”

Lá i vem a minha esquadra,
vem pronta a me vir buscar,
faço-te convite amigo,
se me queres acompanhar...”

— “Das três filhas que eu tenho,
viva a Dona Leonor,
que veio embora da guerra
como uma delicada flor!”

— “Cala a bôca, minha filha,
não te ponhas a falar;
que aqui tenho o teu primo
para contigo casar...”

— “Cala a bôca, meu pai,
não me faças arrenegar;
co’as armas que *truxe* da guerra,

com elas te posso matar!...
Aqui trago o meu noivo
para comigo casar...”

O Dr. Pereira da Costa encontrou uma versão dêste romance, em Pernambuco, com o título “A Dama Guerreira”. A. de Azevedo colheu na ilha da Madeira três variantes dêle sob os títulos de “Dom Marinho”, “Donzela que vai à guerra” e “Hoje s’apregoam guerras”.

BELA INFÂNCIA

Aqui está uma interessante xácara ou rimance cujo enredo parece ter certa ligação com as expedições dos Cruzados.

Bela infância em seu jardim
o cabelo pentear queria;
inclinou os olhos para o mar
e avistou uma *armadia*...
O cavalheiro que vem dentro,
lhe pediu um copo d’água...
— “Cavalheiro de bom sangue,
isto é, de sangue real,
o marido que Deus me deu
não no viste lá em Armal?”
— “Não no vi, não no conheço,
nem sei que sinal levava...”
— “Levava cavalo branco
com sua sela, doirada;
na ponta da sua lança
um Cristo d’oiro levava...”
— “Pelo sinal que me dais,
foi morto lá em Armadas,
com quatrocentas facadas,
oitocentas estocadas;
e a mais pequena delas
foi a cabeça cortada.”
— “Ai de mim, triste viúva!
Ai de mim, triste, coitada!
andando por êste mundo
me tratam de desgraçada...”
— “Que me dareis, ó senhora,

se eu lho trouxer êle aqui?”

— “Eu lhe darei tanto dinheiro
que não possas carregar...”

— “Não quero vosso dinheiro
que vos custou a ganhar...
Que me dareis, ó senhora,
se eu lho trouxer aqui?”

— “Eu lhe darei o meu capote
que d’oiro pesa um quintal...”

— “Eu não quero o seu capote
que de oiro pesa um quintal...
Que me dareis, ó senhora,
que eu lho trago êle aqui?”

— “Dou-lhe o meu cavalo branco
que o senhor bem vê ali,
com seis campainhas d’oiro
ao redor do *peitoril*...”

— “Não quero seu cavalo branco,
que bem vejo ali está,
com seis campainhas d’oiro
ao redor do *peitoral*...”

— “Que me dareis, ó senhora,
que eu lho trago aqui?”

— “De três filhas que tenho,
tôdas três são p’ra vos dar;
uma para lhe vestir,
outra para lhe calçar;

e a mais formosa das três
para com o senhor casar...”
— “Eu não quero suas filhas,
que lhe custaram a criar;
quero a nau Catarineta,
para nela navegar...”
— “Eu a nau Catarineta,
essa não lho posso dar;
o meu marido deixou-a
para dêle me *alembra*...”
— “Oh! que olhos tão bonitos!...”
— “Oh! que rosto tão gentil!...”
— “Oh! que corpo tão bonito
para comigo dormir!...”
— “Magano que tal o diz
deve de ser arrastado,
ao rabo de minhas mulas,

ao redor do meu telhado!...”
Vinde cá, criados todos,
venham cá fazer assim...”
— “Afasta, criado, afasta,
que criado sois de mim...”
Senhora, você se lembra,
quando eu daqui parti,
com um anel de sete pedras
que consigo reparti?...”
— “Me mostre sua metade,
que a minha trago aqui...”
Se tu és o meu marido,
para que zombas de mim?...”
— “Senhora, para tal ver
se eras leal a mim;
agora que te conheço,
quero-te mais que a mim!...”

Na ilha da Madeira A. de Azevedo encontrou uma versão desta xácara com o título de *Bela Infanta* e Silvio Romero uma outra no Rio de Janeiro conhecida por *Dona Infanta*. O Dr. Pereira da Costa colheu em Pernambuco uma versão muito desenvolvida e publicou-a com o título de *Dona Ana dos cabelos de ouro*. Almeida Garret também apresenta em seu *Cancioneiro* uma outra versão. Nesta por mim colhida na ilha de Santa Catarina encontra-se, como é fácil de constatar, uns versos que julgo pertencerem ao romance marítimo *A nau catarineta*, que adiante teremos ocasião de transcrever.

DOM LEONARDO

Em Canasvieira, risonho povoado do norte da ilha de Santa Catarina, colhi mais este rimance ou xácara trazido pelos açoritas e madeirenses:

— “Deus te salve, meu bom Conde!”
— “Com Deus te quero salvar...”
— “Eu agora venho aqui,
que o Rei lhe manda chamar...”
— “Se inda agora vim da côrte,
já o Rei me manda chamar?!...”
Ou será para me dar pôsto
ou para me mandar matar...”
— “Deus te salve, meu bom Rei.”
— “Com Deus te quero salvar.”
— “Se inda agora eu fui da Côrte,
já o Real me manda chamar?
Ou será para me dar pôsto

ou para me mandar matar?!...”
— “Eu te mandei chamar, Conde,
para um jantar de alegria...”
— “Como isso poderá ser
se eu também jantar teria?”
— “Conde, mata a Condessa,
p’ra casar com minha filha,
pois é rica de três partes,
rica de si, maravilha!...”
— “Eu não mato a Condessa
p’ra casar com sua filha,
por ser rica de três partes,
rica de si, maravilha!...”

— “Conde, matai a Condessa, deixemo-nos de porfia... eu quero ver-lhe a cabeça nesta doirada bacia.”

— “Eu não mato a Condessa, não no mato mulher minha; boto em casa do seu pai onde criada foi de pequenina...”

— “Conde, matai a Condessa, não me tornes em demasia... Eu quero ver-lhe a cabeça nesta doirada bacia.

— “Eu boto ela no mato e as feras a comeria...”

— “Conde, matai a Condessa e deixemo-nos de porfia; trouxe-me a cabeça dela nesta doirada bacia!”

— “Eu boto ela no mar e as ondas a levaria...”

— “Conde, matai a Condessa, deixemo-nos de porfia; trouxe-me a cabeça dela nesta doirada bacia, tapada com uma toalha da mais fina que haveria.

Não me tragas outra por ela que eu a bem conheceria...”

— “O’ meu conde Leonardo, minha carinha de riso, me conta as tuas máguas como contas as alegrias...

Se te morreu pai e mãe ou as três irmãs que tinhas?...”

— “Não me morreu pai e mãe nem as três irmãs que tinha, mas me morre a melhor coisa qu’eu na minha casa tinha!”

— “P’ra que não disseste, marido! pr’a que não disseste, alma minha! Estava eu em casa de meu pai, que me criou de pequeninha!”

— “Tudo lhe fiz ver, senhora... Nada, disso êle queria; só te quer ver a cabeça

nesta malvada bacia...”

— “Tu me botavas no mato, que as feras me comeria...”

— “Tudo lhe fiz ver, senhora: nada disso êle queria; só te quer ver a cabeça nesta malvada bacia!”

— “Tu me botavas no mar, que as ondas me levaria...”

— “Tudo lhe fiz ver, senhora; nada, disso êle queria; só te quer ver a cabeça nesta malvada bacia...”

— “Vamos jantar na mesa, um jantar de despedida... As lágrimas eram tantas, que pela mesa corriam.

— “Vamos passear na varanda, passear por despedida...”

As lágrimas eram tantas, que pela varanda corriam...

— “Vamos nos deitar na cama, um deitar de despedida...”

Os suspiros eram tantos, que a cama estremecia.

— “Não tenho pena de D. Martinho, que êste deixo criadinho; tenho pena de D. Reinaldo, que êste fica *pequeninho*!

Mamai, meu filho, mamai êste leite amargurado, que amanhã por estas horas teu pai é rei coroado!...

Mamai, meu filho, mamai, êste leite de amargura, que amanhã por estas horas tua mãe na sepultura...

Mamai, meu filho, mamai esta gôta derradeira;

nunca mais hás d’encontrar uma mãe como a primeira...

Quando pedires p’ra dormir no chão te hão de botar; quando pedires de comer, pancadas te hão-de dar!...

Deixa-me ver o tinteiro
de dentro da escrevaninha;
vou escrever para meu pai
a desgraça de uma filha..."

Tocou o sino da Sé...

— "Oh! meus Deus, quem mor-
reria?..."

Respondeu o pagão do berço,

qu'inda três meses não fazia:

— "Morreu a filha do Rei,
a Princesa Dona Maria..."

— "Que tão bem empregada morte
p'ra quem tanto na merecia..."

Descasou um bem casado,

coisa que Deus não queria!..."

Almeida Garret publicou uma versão d'este *romance resado*, com o título de *Conde Yano*, que colheu na Beira-baixa. Teófilo Braga alcançou e publicou duas versões d'ele, uma do Pôrto, com o título de *Conde Alberto*, e a outra da Baixa-baixa, com o de *Conde Alves*. Álvaro R. de Azevedo nos apresenta no "Romanceiro do arquipélago da Madeira", duas variantes, a primeira com o título de *Conde Elarde*, e a segunda com o de *Conde Alario*, ambas mais completas do que a por nós apresentada. O Dr. Pereira da Costa publica uma versão, colhida em Goiana, com o título *A Bela Infanta*. Diz elle: "Supõe-se, e Duran no *Romanceiro espanhol* o aventa, como refere Teófilo Braga, que este romance alude à morte dada pelo Infante D. João de Castela à sua esposa D. Maria, por intrigas da rainha D. Leonor Teles, para casar com sua filha D. Beatriz, cujo fato se prende ao reinado de D. Fernando (1367-1383)".

* * *

BERNALDO FRANCÊS

Ainda no povoado de Canasvieira (Ilha de Santa Catarina) fiz a colheita desta outra interessante xácara, que as velhas avós recitam hoje à luz fumarenta das candeias de azeite de peixe, nos longos serões das nossas praias, às netinhas rebeldes e insones:

— "Quem bate em minha porta,
quem bate, quem está aí?"

— "Sou o Bernaldo Francês
a quem vós costumais abrir!"

— "No abrir de minha porta,
meu *candil* se apagou,

Foi o Bernaldo Francês
que com o chapéu abanou.

Segue Bernaldo Francês,
segue tu a par de mim,

vou te lavar pés e mãos
em águas de alecrim;

dou-te camisa lavada

em águas de benjoim.

A água mais pura que tenho
eu te darei a beber..."

As seis horas já são dadas,
são dadas qu'eu bem nas vi...

— "Que tens Bernaldo Francês,
que não te viras p'ra mim?

Se tu temes a meu pai

êle está a bom dormir;

se tu temes meus irmãos,

êles ao Rei foram servir;

se tu temes os meus criados,

criados êles são de ti;

se tu temes a meu marido,
terras longe está d'aqui...
Que maus peloiros o matem
e as novas me venham a mi..."

— "Não me temo de teu pai,
que êle sogro é de mim;
não me temo de teus irmãos,
que cunhados são de mim;
não me temo dos teus criados,
que criados de mim são;
não me temo do teu marido,
que êle mesmo está aqui..."

— "Se tu és o meu marido
o que é que trazes para mim?"

— "Trago-te raios de gronde,
colete de carmesim,
gargantilhas amarelas,
frontalada de marfim..."

— Matai-me, marido, matai-me;
matai-me que eu bem mereci!...

Antes que me dês a morte,
coisas te tenho a pedir:

A tumba a que me levarem
seja de veludo carmesim;
os padres que me levarem
sejam da Misericórdia;

os sermões que me acompanharem
sejam duzentos ou mil;

a Igreja em que m'enterrarem
seja a igreja de Chachim,
que lá se diz muita missa
e alguma dirão por mim...

Deixa eu passear na varanda,
passear por despedida..."

— "Sabei, real senhora,
qu'eu sou caçador sutil;
tenho a caça na mão,
não posso deixá-la fugir..."

— "O' Lua, que estás tão clara,
ao acabar de amanhecer,
esta desgraçada filha
acabará de padecer..."

— "De onde veris, cavaleiro,
de onde vens tão arraial?..."

— "Venho ver a minha dama
na janela a me esperar!..."

— "A tua dama é morta,
é morta e está aqui...
Aqui levo enchada e pá
e terra, com que a cobrir..."

— "Adiante, meu cavalo,
aqui não faças parada,
quero ver a minha dama,
tão bonita, enamorada...

Adiante, meu cavalo,
não te ajoelhes aqui;
quero ver a minha dama,
que há três dias não na vi..."

— "A tua dama é morta
morta e está aqui;
o seu marido matou-a,
matou-a por causa de ti..."

— "Adiante, meu cavalo,
isso ainda não é assim;
quero ver a minha dama,
que suspirando está por mim..."

— "A tua dama é morta,
é morta e está aqui;
aqui levo enchada e pá
e terra com que a cobrir..."

— "Abre-te tamos de pernos,
portalada de marfim!

Quero ver a minha dama,
deitada a par de mim!"

— "Vive tu, meu rico amor;
vive tu, qu'eu já morri;
os olhos que te avistavam
já a vista não têm em ti..."

A bôca que tu beijavas,
doçuras não tem em si...

Os braços que te abraçavam
já força não têm em si...

A mulher que tu tiveres,
educa mais que a mim;
que não se perca por homem,
como eu por ti me perdi...

A filha que tu tiveres
chama Aninha, como a mim,

p'ra quando chmares por ela,
te alembrares de mim...
Vive tu, meu rico amor,

vive tu, qu'eu já morri;
de dia carrego lenha,
de noite queimo-me a mim!..."

Nos Cancioneiros de A. GARRET e de T. BRAGA aparecem versões desta xácara. SÍLVIO ROMERO e PEREIRA DA COSTA também nos dão versões colhidas no Rio de Janeiro e Pernambuco. ÁLVARO R. DE AZEVEDO nos fornece duas variantes colhidas no arquipélago da Madeira.

Procedente de Tijucas alcancei, sob o título *Bernard Francês*, uma variante bastante truncada, que se segue:

— "Quem bate à minha porta,
se são horas de dormir?"
— "É Bernard Francês, senhora,
a porta mandai abrir..."
— "Ao abrir de minha porta,
meu *candilho* se apagou;
segurou-me pela mão,
para a cama me levou...
Apartai-vos, senhor!
que meu irmão chamarei;
não posso chamar meu marido
que está servindo a el-rei."
— "Que sinais me darás
para bem o conhecer,
pois se eu te gozar,
bem posso te o trazer..."

— "Montava cavalo branco
e gibão de carmesim...
Na ponta de sua espada
leva um Cristo de marfim..."
— "Não tenhas receio
de teu marido, senhora;
se foi para a guerra,
bem longe está agora!"
.....
— "Não temo teu irmão,
que cunhado é de mim;
não temo o teu marido,
que o tens ao pé de ti!..."

CONDE CLAROS

— "Deus te salve, meu bom Rei!..."
— "Com Deus eu me quero salvar!"
— "Eu venho tão afogado
que nem lhe posso falar...
Avistei a Clara Aninha
com o Conde Claros a brincar,
aos abraços e beijinhos,
sem se poderem apartar...
Da cintura para baixo
como mulher e marido carnal!..."
— "Se me contasses oculto,
muito devias ganhar;
como me contas em público
eu te mando a enforcar
e o Conde Claros a degolar!"

Clara Aninha, assim que viu,
já se pôs a prantear;
suas criadas atrás,
sem nunca poder chegar...
— "Cala a bôca, minha filha,
não te ponhas a chorar;
doze condes tem na côrte
para contigo casar."
— "Doze condes tem na côrte,
eu bem sei que doze há;
se me matares o Conde Claros,
da fé eu hei de arrenegar
e co'as tranças do meu cabelo
eu mesmo me vou matar".
— "Se eu tivesse outra, filha

para na côrte brilhar,
também a ti Clara Aninha
eu mandava matar...
Mas como não tenho outra filha,
para na, côrte brilhar
pega lá êste meu cetro
e a minha coroa real,
mete-os entre a justiça,
que a vida podeis dar!"
— "Afasta, justiça, afasta,
o Rei meu pai manda afastar;

se não me meto entre vós,
com tudo vou acabar...
Vinde cá meu Conde Claros,
vamos comigo casar!..."
— "Também vós, Clara Aninha,
a vida me podeis dar..."
— "Cala a bôca, mexiriqueiro,
que tu vais a enforçar...
Aqui levo o Conde Claros
para comigo casar!..."

É uma variante incompleta do rimance encontrada, na ilha da Madeira, por A. DE AZEVEDO, sob vários títulos: Conde de Montalbano, Conde de Montalvão, Conde de Montalvar, Conde de Monte-Claros, Conde Claros e Conde Alarcos.

O DR. PEREIRA DE COSTA nos apresenta uma variante com o título de Clara Luísa, colhida na Goiana.

* * *

FAUSTINA

Aqui vai mais um dos escassos remanescentes das xácaras, rimances ou *casos rimados*, colhidos da herança dos antigos colonizadores açoritas e madeirenses. O caso, que se segue, foi colhido em Canasvieira, na Ilha de Santa Catarina:

— "O' minha filha Faustina,
tão fina, tão afidalgada,
tu não serás minha filha,
mas és minha namorada..."
— "Não permita, Deus do céu
nem a hóstia consagrada,
que eu sendo sua filha,
seja sua namorada..."

— "Mandei fazer uma tôrre,
que Sol nem Lua veria,
para te botar, Faustina,
sete anos e um dia...
A carne que tu comeres,
deve ser carne salgada;
a água que tu beberes,
o suor que tu botares..."

Quem me der água a Faustina
terá a cabeça cortada!"

— "O' irmã de minh'alma,
manda vir um jarro d'água,
qu'eu tenho os bofes secos
e minh'alma despartada..."

— "O' irmã de minh'alma
eu não te posso dar água;
que nosso pai nos jurou,
pela cruz de sua espada,
que quem der água a Faustina
terá a cabeça cortada!

Manda pedir a mamãe,
que ela te manda dar água."

— "O' minha mãe de minh'alma,
manda vir um jarro d'água,
que tenho meus bofes secos

e minh'alma desapartada..."

— "Minha filha de minh'alma,
eu não te posso dar água,
que teu pai me jurou,
pela cruz de sua espada,
que quem dar água a Faustina,
terá a cabeça cortada..."

Manda pedir a teu pai,
qu'êle te manda dar água!"

— "O' meu pai da minh'alma,
mande vir um jarro d'água,
qu'eu tenho meus bofes secos
e minh'alma desapartada..."

— "Vá, um num copo de vidro,
outro num copo doirado,
vão dar água a Faustina

Faustina, a malfadada..."

Vão chamar o sangrador
p'ra Faustina ser sangrada..."

— "Não me sangrem a menina,
qu'ela se sente pejada..."

— "Sete carradas de lenha
p'ra Faustina ser queimada..."

— "Não m'importa que me queimem
nem que se vá a queimar;
tenho pena só do meu sangue
que o vento vai carregar..."

— "Corre, corre meu cavalo,
que as pernas te hão d'ajudar;
uma viagem de oito dias,
n'uma hora vais a chegar..."

ÁLVARO DE AZEVEDO, no "Romanceiro do Arquipélago da Madeira", publica três variantes dessa xácara sob os títulos de Audina, Galdina e Gaudina.

O Dr. PEREIRA DA COSTA em o "Folclore Pernambucano" dá uma versão chamada Delgadina. Passo a transcrever uma segunda variante que alcancei entre a população da ilha de Santa Catarina:

"....."

— "Mandei fazer uma tôrre
para meter a Faustina;
dar-lhe de comer carne crua
e beber água salgada..."

Saiu d'ali a Faustina
mais triste, mais desgraçada
por subir montanha alta...

Encontrou com sua irmã
no piano a tocar:

— "O' rica irmã de minh'alma
dai-me uma jarrinha d'água;
estou com os bofes secos
e o coração estragado
de comer carne crua
e beber água salgada..."

— "Faustina, se és minha irmã,
sai d'aqui, ó desgraçada!
porque nosso pai jurou,
pelo copo de sua espada,
que quem der água a Faustina
da cabeça ter cortada..."

Encontrou com sua mãe,
na varanda costurando:

— "Rica mãe de minh'alma,
dai-me um jarrinho d'água,
que estou com a alma sêca
e o coração estragado
de comer carne crua
e beber água salgada..."

— "Faustina, se és minha filha,
sai d'aqui, ó desgraçada!
porque o teu pai jurou,
pelo copo de sua espada,
p'ra quem der água a Faustina
a cabeça ter cortada..."

Encontrou com o seu irmão
no jardim a passear:

— "O' rico irmão de minh'alma
dai-me um jarrinho d'água,
que estou com a alma sêca
e o coração estragado,
de comer carne crua
e beber água salgada..."

— "Faustina, se és minha irmã,

sai d'aqui, ó excomungada!
por causa de tua beleza
nosso pai está desgraçado!"
Encontrou com o seu pai
na varanda passeando:
— "O' rico pai de minh'alma,
dai-me um jarrinho d'água,
que estou com os bofes secos

e meu coração estragado
de comer carne crua
e beber água salgada..."
— "Trazei-me um copo de oiro,
outro de prata lavrada,
para dar água a Faustina
que já é minha namorada!..."

Mais uma variante da xácara anterior apresento aqui, colhida em a nossa ilha, sob o título, porém, de *Milingrina*. É mais completa que as duas já transcritas:

MILINGRINA

Passeava Milingrina
pelo corredor acima...
Seu pai a estava mirando
por um mirante que tinha.
— "Bem puderas tu ser minha,
aqui mesmo nesta hora!..."
— "Não permita Deus do céu,
minha Virgem consagrada,
ca sua filha mais velha
lhe sirva de namorada..."
Seu pai a mandou prender
numa tôrre à mão fechada;
para não lhe dar de comer
nem tampouco beber água.
Dar-lhe só fel amargoso
nesta cara derramada.
Ao cabo de sete anos
Milingrina foi soltada.
Foi dar numa *ventana*.
onde sua irmã estava.
— "Rica irmã de minh'alma
dai-me uma gotinha d'água,
qu'estou co'o coração sêco
e a alma de mim *sarpada*..."
— "Rica irmã de minh'alma,
água não te posso dar,
se meu pai vem a saber
a minha vida é tirada..."
Saiu dali Milingrina
triste e desconsolada,

por não levar de comer
nem tampouco beber água;
e foi dar noutra ventana
onde seu irmão estava.
— "Rico irmão de minh'alma,
dai-me uma gotinha d'água,
qu'eu estou co'o coração sêco
e a alma de mim *sarpada*..."
— "Rica irmã de minh'alma,
água não te posso dar;
se meu pai vem a saber
a minha vida é tirada..."
Saiu d'ali Milingrina,
triste e desconsolada,
por não levar de comer
nem tampouco beber água...
E foi dar noutra ventana
onde sua mãe estava.

(Repete-se a mesma cena. Ao

chegar ao pai êste responde:

— "Sai-te diante de mim,
pena de oiro, *marvada*;
se tu não me fôsses ingrata
eu agora te *havera* dar!..."
Saiu d'ali Milingrina,
triste e desconsolada, etc.
Em passo de meia hora
um cavaleiro foi chamado.
— "Corre, corre cavaleiro,
vai dar água a Milingrina!..."

Cavaleiro que chegava
Milingrina que expirava...
Pela alma de Milingrina

três anjinhos a levavam;
pela alma do seu pai
três diabos carregavam...

* * *

DOM JORGE E JULIANA

Em Ponta-Grossa, ainda na ilha de Santa Catarina, consegui de uma velhinha, o romance seguinte:

— “Que tens, ó Juliana,
qu'estás tão triste a chorar?”
— “Não é nada, minha mãe,
é Dom Jorge que vai casar...”
— “Bem te disse, minha filha,
não quiseste acreditar,
que queria Dom Jorge
tôdas as moças enganar.”
— “Eu lhe juro, minha mãe,
pelo Deus que nos criou,
se êle não casar comigo
não gozará novo amor...”
Lá i vem Dom Jorge
no seu tordilho *amuntado*.
— “Deus te salve, ó Juliana,
no teu salão assentada...”
— “É verdade Dom Jorge,
que você vai-se casar?”

— “É verdade, Juliana;
venho aqui lhe contar...”
— “Espere um pouco Dom Jorge,
enquanto vou ao sobrado
buscar um cálice de vinho
que p'ra ti tenho guardado...”
— “Que me deste, Juliana,
neste cálice de vinho?...
Fiquei com a vista escura,
já não enxergo o caminho...”
Coitada de minha mãe,
Pensa que seu filho está vivo!...”
— “A minha também pensava
que tu casavas comigo...”
— “Já morreu Dom Jorge,
já morreu, já se enterrou;
só o consôlo que eu tive,
não gozou de outro amor!...”

SÍLVIO ROMERO, em seus *Cantos populares do Brasil*, nos oferece duas versões desse romance, uma colhida em Pernambuco, com o título de Juliana, e outra no Ceará com o de “Xácara de Dom Jorge”. O Dr. PEREIRA DA COSTA também transcreve uma variante e, em nota, comenta: “Refere Teófilo Braga que na tradição continental portuguesa não encontrou ainda o mínimo vestígio deste romance, conservado no elemento colonial português no Brasil, fato importante, que revela, como longe da metrópole a tradição persiste com mais intensidade”.

* * *

ANINHAS

Ainda em Canasvieira, ilha de Santa Catarina, colhi o caso *rimado* que se segue:

— “Abre a tua porta,
fecha o teu postigo,
dá-me o teu lencinho

qu'eu venho ferido...”
— “Voscê é vadio,
que a esta hora vem;

eu já estou na cama...”

— “Isto mesmo eu quero!...”

— “Alevanta-te, Aninhas,
abre a porta ao cego...”

— “Acordai, minha mãe,
se não está dormindo,
vinde ver um cego
que anda pedindo...”

— “S’êla canta e pede,
dá-lhe pão e vinho;
vai ao pobre cego
ensinar o caminho...”
Pega esta roca
e leva êste linho;
vai ao pobre cego
ensinar o caminho.”

— “Acabou-se a roca,
desembaraçou-se o linho...
Segue, pobre cego,
segue o teu caminho...”

— “Anda tu, Aninhas,
mais um bocadinho,
que sou curto de vista,
não enxergo o caminho...”

— “Que barco é aquêlê,
que vem lá a yela?
que vem s’aproximando
nã volta da terra?...”

Que barco é aquêlê,
que lá vem à bolina?

— “De certo é teu noivo
que já vem da China...”

— “Valha-me, Deus,
e a Virgem Maria,
qu’eu nunca vi cego
com cavalaria!...”

— “Se tu nunca viste,
agora has de ver
dar-te, condessinha,
a me conhecer...”

— “Adeus, minha casa,
adeus, minha terra,
adeus minha mãe
que tão cruel me é!...”

SÍLVIO ROMERO, em os *Cantos populares*, nos dá uma versão desta xácara sob o título “O cego”, colhida em Sergipe, e outra de procedência cearense, conhecida por “Xácara do cego”. O Dr. PEREIRA DE COSTA recolheu uma versão em Pernambuco sob o título “O ceguinho” e uma variante com o mesmo título, e outra “O conde e Aninha”. Almeida Garret, segundo o mesmo autor, que também inclui uma versão dela em seu *Cancioneiro*, estudando-lhe as origens históricas, declara que vem de meados do século XVI, e “narra o fato a que se prende, uma aventura de James V da Escócia, que morreu aos 33 anos, em 13 de dezembro de 1542, — um jovem rei tunante e maganão que se disfarçava em trajos de mendigo, de adelo, ou que tais, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeias ou pelos escuros bairros da cidade”. A. DE AZEVEDO nos proporciona uma versão desta xácara por êle colhida no arquipélago da Madeira sob o título de “Estoria do cego”.

A NAU CATARINETA

Da nossa nau *Catarineta*
a história quero contar:
sete anos e um dia

qu’andou perdida no mar!...
Não tinham já que beber,
já não tinham que manjar;

botaram sola de mólho
p'ra noutro dia jantar;
ela se pôs tão dura
a não n'a poder trincar...

Botaram sorte, à ventura,
quem se *havera* de matar;
e no Capitão-general
a sorte veio acertar...

A maruja era tão boa
que o não queria matar...

— “Vinde cá, senhor Pilôto,
a matá-lo nos ajudar!...”

— “O juramento que fiz,
quando vim a embarcar,
de ser fiel ao Capitão,
êste nunca hei-de quebrar!...”

Palavras não eram ditas,
diz o Capitão-general:

— “Arriba, arriba Gageiro,
arriba ao tope real;
vê se avistas terras d'Espanha,
areias de Portugal!...”

Se avistares terras
grande tença te hei-de dar...”

— “Não vejo terras d'Espanha,
nem areias de Portugal!

Vejo sete espadas nuas
tôdas prontas a te matar...”

— “Arriba, meu gageiro, arriba,
arriba ao tope real;

vê se avistas terras d'Espanha,
areias de Portugal!...”

— “Alvícaras, meu Capitão,
meu Capitão-general;
já vejo terras d'Espanha,
areias de Portugal!...”

Também vejo três donzelas
debaixo dum laranjal;
uma sentada a coser,
outra na roca a fiar;
a mais bonita de tôdas
está no meio a chorar!...”

— “Tôdas três são minhas filhas,
ai! quem m'as dera abraçar!...”

A mais fermosa das três
contigo a hei-de casar!...”

— “A vossa filha não quero...
que vos custou a criar!...”

— “Te darei tanto dinheiro,
que não o possas contar!...”

— “Não quero o vosso dinheiro,
que vos custou a juntar!...”

— “Dou-te o meu cavalo branco,
que nunca houve outro igual!...”

— “Guardai o vosso cavalo,
que vos custou a domar!...”

— “Que queres tu, meu Gageiro,
que alvícaras te hei-de dar?”

— “Eu quero a nau *Catarineta*
para nela navegar!...”

— “A nau *Catarineta*, amigo,
é d'el-rei de Portugal;
não serei o que sou
ou o Rei ta há-de dar!...”

Quando menino, ouvi muitas vezes escravos, agregados e outros serviçais desfiarem os interessantes episódios dêste *caso rimado*. Infelizmente, poucos versos dêle guardei. A versão que apresento foi colhida entre pescadores do litoral da ilha de Santa Catarina, nos aros da capital. A. DE AZEVEDO nos dá três versões apanhadas nas ilhas da Madeira; SÍLVIO ROMERO recolheu duas versões, uma de Sergipe e outra do Rio Grande do Sul. GARRET incluiu êste popular caso rimado no seu *Romanceiro* e é de opinião de que lembra êle o naufrágio e os conseqüentes tormentos por que passaram os tripulantes e passageiros do navio que conduzia para Lisboa Jorge de Albuquerque Coelho, 3.º Donatário de Pernambuco, e o poeta Bento Teixeira Pinto que PEREIRA DA COSTA julga ser o autor do romance acima.

Dessa interessante xácara encontramos um trecho de uma variante sob o título de *O ceguinho*, que transcrevo:

Pom! pom! pom!...
— “Quem está aí?...”
— “Venha ver um cego,
cantar e pedir...”
— “Ele pede pão,
êle pede vinho...
Dá-lhe ó Aninha
um bocadinho...”

— “Não quero o teu pão;
não quero o teu vinho...
Quero só Aninha,
que me ensine o caminho...”
— “Aproveita o piano
mais um bocadinho...
que sou um pobre cego,
não sei o caminho...”

* * *

A MÃE E A FILHA

— “Vem tu cá, ó minha filha,
eu te quero perguntar,
já me vieram dizer
que andavas a namorar;
sendo tu filha obediente
não me deves enganar...”
— “É verdade, minha mãe,
tudo isso pode ser;
sendo boa conveniência
não a deixarei perder.
Minha mãe que te parece:
cá em mim está o querer...”
— “Tu inda és muito criança
p’ra tomares nova vida;
se te chegares a casar,
vais ter dobrada lida.
São palavrinhas d’amor
que te trazem iludida...”
— “Minha mãe quando nasceu
também já namorava;
minha avó também dizia
qu’êstes conselhos lhe dava...
Se fôsse olhar p’ra isso,
então ninguém sé casava!”
— “Tu não tomas meus conselhos,
nem tampouco queres saber;
pensas que é pão emprestado
que se pede para comer...
Depois de estar casada
o remédio e sofrer!”

— “Minha mãe não está contente
por me retirar tanto;
o derriço a quem namorava
já me parece ser um santo...
Enquanto eu não fôr casada
já eu não engordo tanto...”
— “Deves comer e beber
e deixar-te de trabalhar...
Se fizeres como te digo
verás como has d’engordar.
Mas tens pouco juízo
e inda muito menos pensar...”
— “Não lhe dê isto cuidado,
nem maior aflição;
eu por mim estou resolvida,
já lhe digo que não...
Palavra! a um cavalheiro
prometi a minha mão.”
— “Repara p’r’o que te digo
se queres ser minha herdeira;
não há vida mais bonita
do que a de solteira;
p’ra qualquer parte que vá
a própria roupa lhe cheira...”
— “Faça lá o que quiser;
siga lá o destino seu...
Vosmecê diz mal dos homens,
mas também meu Pai recebeu...
Em tudo vosmecê governa;
só nisso governo eu!”

— “Andas muito arrebitada,
co'o juízo a variar;
nada te põem adiante
os filhos para criar...”

Os homens são muito maus,
custam muito a aturar.”

— “Nem todos êles são maus...”

Cá de mim não tenha dó!

É uma experiência que tem
uma neta da minha avó...”

Eu sou muito *friolenta*,
já não posso dormir só...”

— “Se és muito *friolenta*,
algum banho deves tomar

pela manhã e à noite,

quando te fôres deitar...”

Se usares d'esta receita
verás como hás de sarar...”

— “Fico-lhe muito obrigada,
eu cá tomo isto à cautela;

minha mãe quando se casou
receita não sabia dela...”

Eu com lembrança que tenho
até trago a vista amarela.”

— “Com esta pressa que tens
é que tu te vais prender!

Mas um dia que vem mais tarde
é que te hás de arrepender!

Eu por mim não sou culpada
do mal que hás de sofrer...”

— “É escusado *ateimar*

com a minha opinião;

eu tratei meu casamento

com muita satisfação.

Quem me dera êsse dia
p'ra aliviar minha paixão!”

ELA: “Fui copeira, fui senhora,
senhora do meu nariz...”

Mil fortunas m'apareceram,
desprezei-as, não as quis...

até que cai no laço:

foi uma asneira que fiz...”

BLE: “Estás tão arrependida,
diz-me quais os motivos?

Temos vivido tão bem,

temos sido tão amigos...”

Só se não estás satisfeita
por não estarmos recebidos?!”

— “P'ra receber só dinheiro

já mudei de opinião...”

Já me curei de ser tola,

já tomei boa lição...”

Vale mais estar solteira

que ganhar p'r'um mandirão...”

— “Isto agora é demais...”

P'ra isto é que não estou!

Nunca gostei de trabalho...

com êle ninguém engordou!...

Já há um mês qu'estamos juntos,
comer ainda não te faltou...”

— “Não faltou?... Eu que te diga:
do bôlso me tem custado!

Quem gastou o meu objeto

qu'a sorrir tinha ganhado?

Se de mim já se cansou

procura por outro lado!...”

— “Que objeto tinhas tu

qu'eu não tenha comido?...

Dizes que tinhas muita roupa,

mas eu não n'a tenho vestido:

alguma está no prego,

outras tens tu rompido...”

— “Tu é que fôste o culpado,

ainda queres dizer que não;

o tipo mais comedor

inda quer ser figurão...”

Fui eu que vendi tudo?

Quem vendeu o meu cordão?...”

— “Esse, eu vendi com medo,

pois te afogava o pescoço;

mas o diabo do cordão

parecia-me ser mais grosso...

Quando pesei é que vi,

que valia um bom almoço...”

— “Duzentos e quatro mil réis!...”

ainda não valiam nada?!...

Então tu eras mais rico

com uma farda desbotada?...

Dei cabo de quanto tinha

e inda fazes caçoada?!...”

— “Mais de vinte e quatro libras, valem mais franco derricho... Me saindo a sorte grande, inda te compro mais que isso... Se gostas mais de ser copeira, volta para o mesmo serviço...”

— “Agora mandas-me embora, porque estou desprevenida; se puderes arranjar outra, bem ornada e bem vestida, sendo tola como eu, ...”
arranja bem a tua vida!...”

Este *caso rimado* foi por mim colhido entre pessoas do Saco dos Limões, aros da capital catarinense.

* * *

GLÓRIA

— “Glória, meu bem, minha vida, logo à noite te vou ver...”

— “Não venhas, não pode ser, não posso, estou impedida...”

— “Que importa, feliz querida, quem ama não tem temor!
Glória, meu bem, meu rigor!...”

— “Meu impedimento é forte, meu benzinho, desta sorte triste coisa é ter amor!”

— “Meu Serafim, minha fada, meu amor, minha beleza, vai-se todo o meu amor aos pés de Vossa Alteza...

Vai tôda minha firmeza
vossa feição visitar...

Não deves ignorar
não ir eu pessoalmente...

Como amante obediente
vai firmeza em meu lugar...”

— “Vai firmeza em meu lugar, visitar meu Serafim!...
Faz-lhe uma advertência, que não se esqueça de mim...

— “Vai firmeza, p’ra cumprir esta minha obrigação;
porque nesta ocasião eu não posso conseguir...
Como lá não posso ir, pois vai firmeza por mim...

Vai, firmeza; diz assim, depois de cumprimentar, que tu vais em meu lugar, visitar meu Serafim...”

— “Vai visitar e vai ver e saber da sua afronta; finalmente, dar-lhe conta de todo o meu padecer... Já que não posso sofrer saudades em sua ausência, porque já nesta assistência não tenho gostos comigo, de tudo quanto te digo faz-lhe uma advertência...”

— “Se lhe vierem contar que eu tenho um outro amor... se é tal móço, Senhor, não me queiras perdoar, qu’eu a ti só sei amar, a ti só prenda querida... Não me tragas entristecida, bem vês que sou inocente, diga-me pois claramente, se devias ser ofendida...”

também lhe mando pedir que não se esqueça de mim.”

— “Se você, como imprudente, crê nos ditos de alguém, não acredite, meu bem...”

Vê que tudo é falsamente,
como claramente se vê
morte pretendida dei...
Mostre em que lhe deixei,
me diga a razão em que..."

"— Advertência esta faço,
que a ti vai visitar:
caminho co'o meu amor,
tristezas co'o meu penar...
Estas máguas penas dão,
sem vos ver não terá fim...
Finalmente, sempre assim,
eu lhe mando advertir,

também lhe mando pedir
que não se esqueça de mim.

— "Oxalá pudera eu
escrever em teu coração
um letreiro que dissera:
Morrer, sim; te deixar, não!..."

— "Vai, firmeza, diz assim,
depois de cumprimentar,
que tu vais em meu lugar
visitar meu Serafim..."

— "Amor de meu coração,
que mal fiz a você?
Se de mim te vês ofendido
me digas a razão de que!..."

Esta xácara foi também por mim colhida nos arredores de Florianópolis.

* * *

A ENJEITADINHA

Em um grupo de meninas
uma vi tão delicada...
Não tinha pai nem mãe,
era uma pobre enjeitada.

De todas as criancinhas
era ela a mais bonita;
mas não tinha no vestido
nem um só laço de fita.

Sem uma cruz no pescoço
nem um anel no dedinho;
nem brincos que enfeitassem
seu semblante de anjinho.

As outras tinham botinas
com lindo laço de fivela;
a pobrezinha enjeitada
não tinha um par de chinela.

As outras tinham vestido
com lindos laços de fita;
e a pobrezinha enjeitada
nem tinha vestido de chita.

Coitada! entre as outras,
às vezes suspirava um ai!
como se dissesse ao mundo:
não tenho mãe nem pai!

— Não tenho mãe, nem carinhos;
não tenho pai, nem desvelos;
não tenho uma santa avozinha
que me penteie os cabelos...

No seu dia natalício,
não sabe onde nasceu;
apenas sabe qu'entre espinhos
neste mundo apareceu...

— "Queria ter minha mãe,
como os outros têm a sua;
não andava desprezada
como os cachorros da rua...

— "Ai! meu Deus, tirai-me a vida,
qu'eu mesmo quero morrer!
Uma mãe como esta minha
nunca mais eu hei de ter..."

— “Eu queria ter minha mãe,
nem que fôsse um espinheiro;
embora ela me espinhasse,
mas era a mãe verdadeira.

— “Eu queria ter minha mãe
nem que fôsse um tição...
Embora ela me queimasse,
era a mãe do coração...

— “Rosinha, vamos comigo
até o rio do Jordão...

Depois, do rio para lá
os Anjos te levarão!

— “Rosinha, vamos comigo...”

— “Eu sôzinha tenho medo,
pois no mato tem pântano
e no capão atoleiro...”

— “Rosinha, minha Rosinha,
num instante ela cresceu...
Quando viu o seu benzinho
quase por êle enlouqueceu...”

— “Rosinha, minha Rosinha,
vem cá, torna atrás...

o teu pai é meu amigo;
há de dizer: Rosa vai...

— “Rosinha, por outro amor
deixas minha companhia?

— “Não há mulher que me ame
como minha mãe me amou;
nem que vele ao meu lado
como minha mãe velou...

— “Enviai-me pelo um anjo
sua bendita bênção,
ohã minha mãe, minha mãezinha,
perdoai-me a ingratidão!...”

ROSINHA

Deus permita que não sintas
a minha falta algum dia...”

— “Rosinha me disse ontem
que havia de vir hoje;
até agora não veio,
coitadinha, vem de longe...”

— “Rosinha, eu vou-me embora
fazer vida co'os bichinhos,
já que alegria não tenho
de lograr os teus carinhos...”

— “Pensei que te tinha Rosinha,
só p'ra minha alegria;
te achei tão *desmudada*
como a mudança do dia...

— Rosinha, pensei que te tinha
par meu divertimento;
achei-te tão *desmudada*
como a mudança do tempo...”

* * *

A PRINCESA ROSA

Havia em certa cidade
uma lei determinada
da mulher falsa ao marido
devia ser enforcada;
e o homem da mesma sorte
qu'assim a lei foi criada.

Havia nessa cidade
uma tão nobre Princesa,
senhora de tanto valor,
dona de muita firmeza...
Era impossível que houvesse
no mundo outra beleza.

Essa senhora era casada,
Honeste, de bom sentido,
amante, firme, leal
com seu legítimo marido.
Três homens dessa cidade
andavam com ela iludidos.

Ela chama-se Rosa,
êste era o nome seu;
e o marido Elesbão,
nome que o batismo deu;
e os três falsos amorosos,
Júlio, Procópio, Mateus...

Eles três consideraram
o que haviam de fazer...
Dois ficaram no caminho,
um só quis aparecer...
Agora, eu vou contar
o qu'êle lá foi dizer.

Apareceu o primeiro
falando neste dever:
— “Deus vos salve, alta Princesa!”
— “Estimo lhe conhecer...”
— “Quero contar-lhe um segredo
sem seu marido saber...”

Se me aceita na cozinha,
eu sou um bom cozinheiro;
trabalho de alfaiate,
eu sou um bom costureiro.
Trabalho o ano inteiro
sem precisar de dinheiro...”

Ela pôde conhêcer
qu'êle andava iludido.
Despediu êle de casa:
— “Sai d'aqui, seu atrevido!
Se tornares a teimar,
contarei ao meu marido...”

Ele voltou para trás
e acabou de firmar...
Os outros lhe perguntaram:
— “Procódio, fôste bem ou mal?”
Êle respondeu aos outros:
— “Está custoso de arranjar!...”

Logo respondeu o segundo:
— “Eu vou lá! nada desperdiço...”
Voscê foi nada arranjar;
eu tenho jeito para isso.
Vou mesmo em minha pessoa,
sou a caixa do feitiço...”

Aí chegando o segundo,
falou neste dever:
— “Deus vos salve, alta Princesa!”
— “Estimo lhe conhecer...”
— “Quero contar-lhe um segredo
sem seu marido saber...”

Se me aceita por criado,
(eu sou um criado fiel),
tratarei de suas loças,
seus pratos e seu talher...
De noite, se fôr preciso,
lavarei os vossos pés...”

Ela pôde conhecer
que êle era traíçoeiro.
Despediu êle de casa
como fêz com o primeiro:
— Sai daqui atrevido,
confiado, desordeiro!...”

Aí respondeu o terceiro:
— “Voscês não são de fiança;
Já perdi tôda a esperança.
foram e nada arranjaram...
Vamos levantar um falso,
serve de nossa vingança...”

Eu vou andando adiante,
voscês atrás vêm marchando.
Eu vou chegando em palácio,
voscês atrás confirmando...”

Aqui chegou o primeiro
falando neste sentido:
— “Deus vos salve, Presidente!...”
Não venho cá inibido;
venho contar que a Princesa
ontem foi falsa ao marido...”

Respondeu o Presidente:

— “Com isso não me contento...

É preciso haver um livro

e o mesmo me apresente...

E juntos vocês três

prestem três juramentos...”

Quando o livro chegou,

o primeiro jurou *moderno*;

— “Se não fôr falsa ao marido,

juro por meu Deus eterno,

Deus do céu pegue minh'alma

sorvida pelo inferno...”

Aí jurou o segundo

do mesmo procedimento:

— “Se não foi falsa ao marido,

a Deus não me apresento;

Deus do céu pegue minh'alma

sorvida no inferno a dentro...”

Aí jurou o terceiro

ao mesmo mau proceder:

— “Se não foi falsa ao marido

a Deus eu não quero ver...

Deus do céu pegue minh'alma,

salvação eu não quero ter...”

Ali estava um primo dela,

que se chamava João;

era empregado da casa

e era também Escrivão.

Pela saudade que teve

cajiu-lhe a pena da mão.

Sairam três Capitães,

três Alferes e três Tenentes,

e saiu o Comissário

com a polícia na frente...

Foram buscar a Princesa

a mandado do Presidente.

Meu Deus! que grande arruído
quando essa turma chegou

e foi prendendo a Princesa...

— “Desculpe meu Senhor,

deixe-me ver esta Senhora

que o Presidente mandou...”

O marido deu um desmaio

quando essa voz ouviu...

Foram prendendo a Princeza...

Seu coração se partiu

pelas saudades que teve

Deu-lhe um desmaio e caiu...

Tocaram a guarda avançada...

Foram a Princesa levando.

Seus três filhinhos inocentes

iam na frente dela chorando.

E já o carrasco na força

pela Princesa esperando...

Ela chegou em palácio

e desta maneira falou:

— “Sim, Senhor Presidente,

na sua presença estou;

sei qu'estou sentenciada,

para morrer com rigor...”

— “Pois bem, sabei ó Princesa,

como eu estou iludido;

ontem aqui três juraram

que fôstes falsa ao marido!...”

— “Eu não fui falsa ao marido;

eu sempre lhe tive amor...

Na minha honestidade

nunca conheci tais amores...

Porém meu falar não serve

se tenho três acusadores

— “Sim senhor, *sen* Presidente,

sei qu'estou sentenciada...

Deixe ver um oratório,

quero morrer confessada.”

Ela pediu o oratório
e o oratório chegou...
Agora eu vou contar
de que modo ela, rogou,
Botou os joelhos em terra
e as duas mãos cruzou.

— “Ai, meu pai de piedade!
socorrei-me Deus de amor!
Livraste a Madalena,
qu’ao teu coração tocou!...

— “Ai meu Deus de piedade!
Filho de Deus, homem potente,
peço-te por teu sangue
que por nós foi corrente...
Se o meu falar não serve,
olha p’r’os meus inocentes!...

Pedro das ondas do mar
que nunca se afogou...
Ai meu Deus de piedade,
socorrei-me Deus de amor,
livraste a Noé
do lidúvio o rigor...”

Aí fechou o oratório
e depressa se levantou...
Agora eu vou contar
de que modo ela rogou...
— “Presidente, mate agora
qu’eu confessada estou;
mas deixe-me abençoar
meus três filhinhos de amor...

— “Vão embora, meus filhinhos,
minha morte é d’improviso...
Peçam a Deus que me salve

no eterno Paraíso.
Minha derradeira bênção
é até o dia, do juízo.

— “Vão embora, meus filhinhos,
deixem-se de consternação;
procurem outra mãe nova
que dê melhor educação...
pois hoje minha morada
é debaixo do frio chão!...”

O Presidente botou a música
com tôda a pancadaria...
O povo todo arrancou
quando ela p’ra força ia...

Foram enforcar a Princesa...
Viram a terror a tremer...
Demoraram com a morte
p’ra ver o que vinha a, ser...

O povo todo assustado
ouviu uma voz diferente...
— “Deus do céu mandou dizer
que solte esta inocente;
se matar ela, a cidade
subverte-se de repente.

Ela aí muito contente,
passada de alegria...
Os falsos foram enforcados
antes das Ave-Maria...

Ela aí, muito contente,
amando o marido aparece,
no meio de seus filhinhos
d’alegria resplandesse...
Quem tem grande fé em Deus
nada no mudo acontece!...”

Estes dois casos rimados foram colhidos, o primeiro nos aros de Floria-
nópolis, e éste último em Caicanga-mirim.

BENZEDURAS

CONTRA FROUXO (1)

S. Lucas e S. Mateus
foram cortar ervas
nos campos seus.

S. Lucas cortou-se,
disse o Mateus:

— “Sangue, tem-te em ti,
assim como Jesus Cristo
passou por aqui...”

— “Sangue, tem-te neste corpo,
assim como Jesus Cristo
esteve no horto...”

— “Sangue, tem-te nestas veias,
assim como Jesus Cristo
esteve em sua ceia...”

Assim como Nossa Senhora
defumou seu filho
para cheirar,
assim te benzo F...
para sarar...”

CONTRA UNHEIRO

(Campos Novos)

Tenho o meu unheiro verde
no buraco da parede;
nunca vi unheiro verde
no buraco da parede...

PARA TIRAR ARGUEIROS

(Ilha)

Corre, corre cavaleiro,
pela porta de S. Pedro,
e dizei à Santa Luzia
que me mande seu lencinho
p'ra tirar este argueiro...

PARA RENDEDEURA

(Tijucas)

O que cozo?...
Carne trilhada,
nervo rendido,

Osso torto...

— “Assim o cozo
como Jesus Cristo
esteve no horto...”

CONTRA DOR DE DENTES

(Canasvieira)

Estava Pelônia assentada
numa pedra-mármore...

Passou Deus e perguntou:

— “Que tens, Pelônia?”

— “Senhor, muita dor de dente...”

— “Se é dor de dente que te passe,

se é bicho, que morra,

se é humor, que se seque...

Em nome de Deus

e de S. Silvestre...”

OUTRA VARIANTE

Estava S. Pedro

nas pedras do mar,

com o dedo polegar

no dente queixal...

Passou Deus e disse:

— “Que tens Pedro?”

— “Dor de dente, Senhor...”

— “Se for de dente

que te passe...

Se fôr ar, que s'arretire;

se fôr bicho que morra;

se fôr sangue, que s'espalhe...

Em nome de Deus,

da Virgem Maria

e de S. Fructuoso!

CONTRA COBREIRO

— “Pedro, o que tens?”

— “Senhor, um cobreiro...”

— Pedro, curai...

— “Senhor, com que?”

— “Com águas das fontes

e ervas dos montes...”

Seca, seca, seca!...”

OUTRA

Iam um pai e um filho
por um caminho.
Perguntou o pai ao filho:
o que lhe ardia?
Era o côbro e o lobo
que ali ardia...
Pergunta o pai ao filho:
com que curaria?
Com unto de porco
e terra da guia,
três Padre-Nosso
e nove Ave-Maria!..."

Outra

(Tijucas)

— "Eu te corto,
cobra, cobrão,
aranha, aranhão
e todo bicho
de má nação...
Que não cresça
nem apareça,
nem cruze o rabo
com a cabeça...
Credo, credo em cruz,
santo nome de Jesus!
Grande é o seu nome,
sua santa misericórdia
que se estenda
de geração em geração.

Amen!"

CONTRA QUEIMADURA

Santa Sofia
tinha três filhas:
uma fiava,
a outra tecia,
e a outra da chama
do fogo ardia...
Em nome de Deus
e da Virgem Maria!...

OUTRA

Santa Madalena
do seu lado se queimou...
Nossa Senhora, no seu assento
se assentou e a bafejou...

PARA TIRAR O SOL
(Tijucas)

Deus é sol, Deus é lua,
Deus é todo claridade,
antes que Deus fôsse nascido
o *mundio* não era nada.
Sai o ar, sai o sol, sai o flato,
sai tôdas as untuosidades,
que neste corpo estiver.
Em nome de Deus, da Virgem Maria,
da Santíssima Trindade.. *Amen*".

PARA ABRANDAR O GÊNIO

Santo Antônio pequeninho,
amansador de touros *brabos*,
amansai êste homem
com todos os mil diabos..."

CONTRA ARGUEIROS

Passa, passa cavaleiro
por cima dêste outeiro,
vai pedir a Nossa Senhora
que te tire êste argueiro...
Santa Luzia
passou por aqui,
o seu cavallinho
comendo capi...
Pediú pão;
lhe disse que não;
Pediú vinho.
lhe disse que si..."

CONTRA ESPINHELA CAÍDA

Espinheila caída,
portas para o mar!...
Arcas, espinheila,
em teu lugar...

Assim como Jesus Cristo
pelo mundo andou,
arcas, espinhela,
levantou...

PARA CURAR ÍNGUAS

Minha estrêla,
a minha íngua diz,
que viva ela
e morra vós...
Mas eu digo,
que viva vós
e morra ela...

CONTRA ZIPRA

Pedro e Paulo foram a Roma
e encontraram Jesus Cristo.
Jesus Cristo perguntou:
— “Pedro, que moléstias há por lá?”
— “Zipra, erisipela, erisipelão...”
— “Volta atrás, Pedro, e cura...”
— “Com que, senhor?”
— “Com lâ de carneiro preto
e óleo da minha oliveira...”
— “Zipra, vai-te p’ra fonte...”
Zipra, vai-te para o mar,
que lá é o teu lugar,
para nunca mais dar...”

PARA EXPELIR AS SECUNDINAS

— “Minha Santa Margarida,
me descanse!...
Não estou *pranha*
nem parida!...
Carne morta,
saí desta barriga!...”

CONTRA ESPINHA NA GARGANTA

Homem bom,
mulher má,
casa varrida,
esteira rôta...
Senhor São Braz
disse a seu moço,

que subisse,
ou que descesse
a espinha do pescoço...

PARA ABRANDAR

Minha Santa Catarina,
vós sois a flor divina...
Em sexta-feira da paixão
fôste a casa de Adão,
encontraste três mil homens
bravos como um leão...
Todos êles abrandaste
co’a palavra da razão...
assim vós peço que abrandeis
de F... o coração...”

PARA MAUS ARROTOS

Deus te salve, laranjeira,
não te venho visitar...
venho te pedir umas fôlhas
para um doente curar...

CONTRA ERISPELA

(Tijucas)

Erisipela deu em Roma,
de Roma deu na carne,
da carne foi para o osso
do osso foi para o caracu...
Vai-te embora *erisipela*,
que não tornes a dar mais...
Em nome de Deus
e da Virgem Maria!

CONTRA BICHEIRA

Anda cá, anda cá,
que o bicho vai morrer!...
— Eu te talho e retalho,
Aranha, aranhão,
cobra, cobrão,
bicho de tôda nação...
Em louvor de S. Silvestre,
que quanto faço
tudo te preste;
que váis para trás
e p’ra diante não...

ORAÇÕES E REZAS

CONTRA COBRAS

Água benta na Igreja,
Jesus Cristo no altar;
cobra abaixa a cabeça
que eu quero passar.

PARA SER FELIZ

Meu senhor Jesus Cristo,
Deus e Homem verdadeiro,
dai-me saúde e dinheiro,
graças para vos servir,
que nada mais tenho a pedir...

PARA BEM DORMIR

A cruz de Cristo
venha sobre mim;
quem nela morreu
responda por mim.
Espírito mau
retira-te d'aqui...
Por sinal do céu,
por sinal meu,
bendita seja a hora
que Cristo nasceu!

Outra

Jesus Cristo da minh'alma,
senhor do meu coração,
ouvi-me de confissão,
perdoai os meus pecados,
que vós sabeis quantos são,
pela vossa misericórdia,
pela vossa morte e paixão,
dai-me nesta vida paz,
e na outra salvação...
Encomendo-me a Jesus
e à flor de sua cruz,
e à hóstia consagrada
e a mesma Mãe de Jesus!

Outra

Jesus na testa,
Jesus no peito,
Jesus na cama
adonde me deito...

Outra

Este leito em que me deito
é bem acompanhado;
Jesus Cristo à cabeceira,
Nossa-Senhora a meu lado.

SALVE RAINHA

Salve, rainha
rosa divina,
cravo e amor,
mãe do Senhor...
Dai-me glória
ao bom defunto
e a mim entendimento
p'ra bem receber
o Santíssimo Sacramento!
Lá no céu está riscado,
a Virgem consagrada,
vosso amado Filho
na cruz está pregado
com três cravos e três espinhos
feitos de junco marinho...
Bem disseste, minha Senhora,
pela tua bôca santa,
quem esta oração rezasse
um'ano com devoção
e tanto como perdão
do mártir divino...
Quem a sabe
e não a diz,
quem a houver
e não aprender,
lá no dia de Juízo
virá a comparecer...

PARA CASAR

Meu São Roque,
meu São Roque!
aqui estou a vossos pés,
sem me rir e sem chorar,
vos pedindo que me deis
um noivo para casar...
um noivo para casar!

CONTRA TROVOADAS

Santa Bárbara, São Jerônimo,
se calçou e se vestiu;
pegou no seu bordão
e começou a caminhar...
Encontrou Jesus Cristo,
Jesus Cristo perguntou:
— “Santa Bárbara onde vai?”
— “Vou levar a trovoada
lá no monte Calvário
onde não há pão nem vinho
nem bafo de menino...”

CONTRA TEMPORAIS

Bem podes, barqueiro,
remar descansado,
porque Jesus Cristo
vai passando a nado...
O mar manso é,
o vento aqalmado,
o tempo seguro
e o ar sossegado...
Olhemos, irmãos,
o mal que fizeram,
cinco mil açoites
no corpo lhe deram...
Depois de açoitado,
foi a coroação;
Senhor Deus tenha
de nós compaixão!...

CONTRA PESADELO

Pesadelo de mão furada,
de unha entravada,
passa três vêzes o mar,

de cá p'ra lá,
de lá p'ra cá,
de cá p'ra lá...
Passa de uma vez
e não apareças
mais cá...

PARA BEM DORMIR

Na minha cama vou-me deitar,
muito bem acompanhado;
com Jesus Cristo à cabeceira
e Nossa Senhora a meu lado.
Se a morte me vier buscar
e eu não puder falar,
do meu coração será
Jesus para o acompanhar...
Jesus, Maria, José,
filho da Virgem Maria,
valei-me nesta noite
e amanhã por todo o dia...
Meu corpo não seja prêso,
nem minh'alma perdida,
nem meu sangue derramado
Jesus Cristo, Ave-Maria!...

PARA LIMPAR O TEMPO

Santa Clara, clareai,
Santa Rita, enxugai,
Sant'Antônio, mandai sol,
p'ra enxugar o meu lençol!

CONTRA VERRUGAS

Deus te salve Lua cheia!
Lá vão dois montados num;
quando voltares outra vez
passe a verruga p'ro pé dum...

PARA TER-SE DINHEIRO

Deus te salve, Lua nova,
clara e resplandescente!
quando vieres outra vez
traz-me desta semente...

PEDIDO DE GRACAS

Meu São Francisco das Chagas,
Peito aberto, coração ferido;
dai-me vossa esmola,
reparti comigo...
Me dê pão para comer,
água para beber,
casa para morar,
roupa para vestir
e quanto no mundo existir...

PARA ANDAR À NOITE

Deus adiante, pé na guia,
Deus em minha companhia;
Tomei a Deus por meu pai,

a Deus por minha mãe,
os Anjos por meus irmãos,
os Santos por meus advogados.
Andarei hoje todo o dia
com prazer e alegria;
andarei tão bem guardado
como Jesus Cristo andou
no ventre da Virgem-Maria
nove meses e um dia. Amen!

PARA CRESCER OS CABELOS

A bênção, dindinha Lua,
Deus vos dê boa ventura;
faizei que os meus cabelos
me cresçam até a cintura...

ORAÇÃO EM CRUZ

Desta casa
me aparto
em boa paz,
em boa via-
gem

Deus adiante, a bela Cruz atrás e eu no
meio. Altos montes para mim sejam are-
nos; bocas de cães e lobos para mim se-
jam fechadas; tenham olhos não me vejam;

tenham per-
nas não me
sigam; te-
nham boca
e não me
falem; te-
nham bra-
ços não me
peguem.

Tão guarda-
do me veja
eu neste dia,
assim como
a Virgem
Maria guar-

dou o seu amado Filho desde a
porta de Belém até Jerusalém.

ORAÇÃO

Senhor celeste,
do Monte-maior,
correi minha cama
tôda ao redor.
De bruxa e feitiço
e d'algum malfeitor...
Na cama que me deito.
Nosso Senhor, Nosso Senhor!...

* * *

ORAÇÃO PARA VIAGEM

(Tijucas)

— F...., eu vou e venho; me recomendo nos braços de Nosso Senhor Jesus Cristo; o pano em que foi *vulto* e *desvulto* seja eu envoltado nêle; que meus inimigos tenham olhos e não me verão; com bôca não me ofenderão; com as mãos não me pegarão; suas armas contra mim não desfecharão; correndo a pé não me alcançarão. Creio como isto é certo, assim como eu creio nas pessoas da Santíssima Trindade. Padre, Filho e Espírito Santo, três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro”.

ORAÇÃO PARA RICHAS

(Tijucas)

Meu Senhor Santo Onofre, capelão de Nossa Senhora do Rosário, convertedor dos vermes intestinais; vós que converteis os vermes no ventre de F.... com o consentimento de vossa devota Virgem Maria, assim convertereis pelas vossas palavras no ventre de todos êstes nos seus perigos de acessos, que caíam todos êsses vermes pela terra fria. Em nome de Deus e da Virgem-Maria. *Amen*.

PARA SANGUE CORTADO

(Tijucas)

Sangue + tenha-te em ti + como Jesus-Cristo teve em si; + sangue, tem-te nas veias + assim como Jesus Cristo *teve* na sua sagrada, ceia; + sangue, tenha-te no teu corpo + assim como Jesus Cristo esteve no sagrado Horto. Sangue + segura-te com estas palavras sagradas assim como Jesus Cristo fêz aos seus santos Apóstolos. *Amen*.

CONTRA MAUS-OLHADOS

(Florianópolis)

Leva o que trouxeste!... Deus me benza com sua santíssima Cruz!... Deus me defenda dos maus olhos e maus olhados e de todo o mal que me

quiserem fazer... Tu és o ferro e eu sou o aço; tu és o demônio e eu sou o embaraço... Padre, Filho, Espírito-Santo.

PARA ABRANDAR CORAÇÕES

(Santo Antônio)

— Minha benta Santa Catarina, que sois benta como o Sol, formosa como a Lua, e linda como as estrelas; entraste na casa do Padre Santuário, cinquenta mil homens ouvistes e a todos vós os abrandastes; assim peço-vos, Senhora, que abrandeis o coração de F... para mim!

— “F..., quando tu me vires, te esmerarás por mim; se não me vires, por mim chorarás, assim como a Virgem Santíssima chorou por seu bendito Filho.

— “F..., debaixo do meu pé esquerdo eu te arremato; seja com duas, seja com quatro, que te parto o coração!...

— “F..., se estiveres dormindo, não dormirás; se estiveres comendo, não comerás; se estiveres conversando não sossegarás enquanto comigo não vieres falar, contar o que souberes e dar-me o que tiveres; e me amarás entre todas as mulheres do mundo; que eu para ti pareça uma rosa fresca e bela!

— Padre-nosso, Ave-Maria, Salve-Rainha e Creio em Deus Padre.

BÊNÇÃO DO AR

Em nome de Deus pai +; em nome de Deus filho +; em nome do Espírito-Santo +! Ar vivo, ar morto, ar de estupor, ar de parlezia, ar arenegado, ar excomungado, eu te arrenego... Em nome da Santíssima Trindade, que saias deste corpo desta criatura ou animal e que vás parar no mar sagrado para que ela viva são e aliviado — Padre-Nosso, Ave-Maria, Creio em Deus padre

CONTRA ACIDENTES DE VIAGEM

(Biguaçu)

Desta casa me aparto em boa paz, para boa viagem... Deus adiante, a bela Cruz atrás e eu no meio. Altos montes para mim serão arenos; bocas de cães e lobos para mim serão fechadas; tenham olhos e não me vejam; tenham pernas e não me sigam; tenham boca e não me falem; tenham braços e não me peguem. Tão guardado eu me veja neste dia, assim como a Virgem Maria guardou o seu amado Filho, desde a porta de Belém até Jerusalém.
Amen.

CONTRA OS INIMIGOS

(Itacorobi)

Estavam Jesus e S. João lá no rio do Jordão... — “Jesus Cristo, Senhor nosso, aí vêm seus inimigos!” — “Deixai-os vir, Senhor!... Se elles *brabos* vierem elles se amansarão; se elles tiverem pernas não me alcançarão; se braços tiverem, se quebarão; se ouvido tiverem, não ouvirão; se olhos tiverem, não me enxergarão; se elles bocas tiverem não me falarão...”

— “Meu Senhor Jesus Cristo a vós peço que meu corpo não seja prêso nem a minh'alma perdida nem meu sangue derramado e meu Jesus Cristo seja comigo.

CONTRA TRABALHOS, ETC.

(Florianópolis)

Valei-me a santíssima pureza de Nossa Senhora do Destêrro, virgem antes do parto, virgem depois do parto, ficando ela sempre virgem! Minha mãe santíssima, por estas santas palavras que comigo trago peço que me livres de todos os trabalhos, falsos testemunhos, tentações do demônio e de todos os pecados.

ORAÇÃO DO JUSTO-JUIZ

(Tijucas)

Justo juiz de Nazaré, filho da Virgem-Maria, que em Belém foste nascido entre as idolatrias; eu vos peço, Senhor pelo vosso sexto dia, que meu corpo não *seje* prêso nem ferido, nem morto, nem nas mãos da justiça envolto. *Pax tecum, pax tecum, pax tecum!* Cristo assim o disse a seus discípulos: “Se os meus inimigos vierem para me prender, terão olhos e não me verão; terão ouvidos e não me ouvirão; terão bôca e não me falarão; com as armas de S. Jorge serei armado, com a capa de Abraão serei acobertado; com o leite da Virgem Maria serei burrifado; com o sangue do meu senhor Jesus Cristo serei *bautizado*; na arca de Noé serei arrecadado; com as chaves de S. Pedro serei fechado, onde não me possam ver nem ferir nem matar e nem sangue do meu corpo tirar. Também vos peço, Senhor, por aquêles três cálices bentos, por aquelas três hóstias consagradas que consagrastes no terceiro dia, desde as portas de Belém até Jerusalém. Que com prazer e alegria eu seja também guardado da noite como do dia, assim como andou Jesus Cristo no ventre da Virgem-Maria nove meses e alguns dias. Deus adiante com paz me guie; Deus me dê companhia, que Deus deu sempre à Virgem-Maria desde a casa santa de Belém até Jerusalém; Deus é meu pai, a Virgem Santa é minha mãe; com as armas de S. Jorge serei armado; com a espada de São Tiago serei guardado para sempre. *Amen. F...., f...., vosso servo, criatura de Deus.*

SENHORA SANT'ANA

Senhora Sant'Ana
na beira do rio,
lavava os paninhos
do seu bento filho:

a Senhora lavava,
S. José estendia,
o menino chorava
do frio que fazia.

Não chores, meu filho,
não chores, meu amor,
que a faca que corta
dá talho sem dor.

Dá talho sem dor,
dá dor sem sentir,
Ninai meu menino,
Ninai p'ra dormir.

O menino não dorme?
Não dorme na cama...
dorme no regaço
da Senhora Sant'Ana.

O menino tem sono,
o menino quer dormir...
Os anjos do céu
lhe venham cobrir...

ORAÇÃO DE S. FRANCISCO

Levantei de madrugada
e fui varrer a Conceição;
encontrei Nossa Senhora
com um ramo doiro na mão.

Pedi-lhe um galhinho,
ela me disse que não;
fui pedir a São José
êle me deu o seu bordão.
tornei a pedir-lhe,
ela deu-me o seu cordão
que dava sete voltas
ao redor do coração.

S. Francisco, S. João,
desatai-me este cordão
que Nossa Senhora me deu
com sua benta mão.

Aí vem o sol saindo
por detrás d'aquela serra,
com sua capa amarela
que lhe deu Madalena.

Madalena, escreveu
uma carta a Jesus Cristo;
o portador que a levou
foi o frade São Francisco.

São Francisco vai descalço
vestidinho de burel;
p'ra receber as cinco chagas
do divino Emanuel....

Abre a porta, povo,
qu'ái vem Jesus,
êle vem cansado
com o pêso da cruz.
Com os braços abertos
e os pés cravados;
derramando seu sangue
pelos nossos pecados!...
Ele já está morto
coberto com um véu;
a quem nós adoremos
já está no céu...
já está no céu...
naquela altura...
Olha, olha, os Anjos,
olha a Virgem pura.
Olha a Virgem pura,
digamos também,
que nos livre do inferno
para sempre... Amen!

Menina da saia branca,
que fazei nesse quintal?
Estou lavando meu lençinho
para a noite do Natal...

para ver a Lancha nova
que se vai botar ao mar...
Nossa Senhora vai dentro,
os Anjos vão a remar.
Rema, rema remadores
qu'estas águas são de flores!
S. Pedro leva as chaves
para nós entrar no céu...

VIVA S. JOÃO

Viva S. João Batista,
viva o santo Precursor!
viva o grande pregoeiro
da vinda, do Redentor!
Cantemos nossos louvores
a tão ilustre varão,
que batizou Jesus Cristo
na corrente do Jordão.
Que fazendo penitência,
foi do céu preparador,
dizendo que era chegado
o divino Salvador...
Festejemos, pois, o dia
do estupendo nascimento
dêsse herói que em virtudes
foi no mundo um portento!...

BENDITO E LOUVADO

A Virgem Maria
mandou-me um recado:
qu'eu fôsse cantando
o Bendito e Louvado...

— Bendito e louvado,
qu'estás na custódia,
estrêla dos Anjos,
rainha da Glória.

Que nome tão querido,
que nome tão amado;
filho de uma rosa
e d'un cravo encarnado.

Deitei-me na cama
e pus-me a imaginar
que faria minh'alma
para me salvar...

Respondeu-me um anjo,
que era o meu guia,
qu'eu fôsse devoto
da Virgem Maria...

Oh! Virgem Maria,
vós não o permitais
que eu morra nem viva
em pecados mortais.

Em pecados mortais
eu não hei de morrer;
pois a Virgem Maria
me há-de valer.

Me há-de valer
na maior aflição,
que vos tenho dado
o meu coração...

O meu coração,
a vós, mãe de Deus;
perdoai meus erros
e os pecados meus.

Os pecados meus
me querem condenar;
espero, Senhora,
que me querais perdoar.

De ser perdoado
espero também,
no reino da Glória
para sempre. *Amen!*

FOLIA DO DIVINO

A pombinha vai voando
com o bico na bela flor;
vai dizendo: — "Viva, viva,
viva o nosso Imperador!"

A pombinha, vai voando
por cima da laranjeira;
vai dizendo: "Viva, viva,
o nosso Alferes da bandeira!

O Divino pede esmola
mas não é por *percisão*;
é só p'ra *exprimentar*
quem tem bom coração.

Abriu-se o Oratório
e eu vi o que tinha dentro:
o Divino *Esprito-Santo*
com todos os mandamentos...

Ô divino *Esprito-Santo*,
pai do pobre verdadeiro,
faça que meu coração
em te amar seja o primeiro.

Ô divino *Esprito-Santo*,
amável, consolador;
consolai as nossas almas
quando dêste mundo fôr.

Deus te salve casa, santa
onde Deus fez a morada,
onde está o cálix bento
e a hóstia consagrada.

Quando nesta casa entrei
para tudo *arreparei*;
o divino *Esprito-Santo*
em tão lindo altar achei.

Enfeitaste a tua mesa
com flores de laranjeira;
assim mesmo é que se faz,
quando se espera a Bandeira.

Enfeitaste a tua mesa
com flores de qualidade;
assim mesmo é que s'espera
a este Deus de divindade.

Está coroado e bem *c'roado*
o nosso nobre Imperador,
da mão do Padre vigário
e de Deus, nosso Senhor.

D nosso Padre vigário
tem bonê, não tem chapéu;
quando vai para o altar,
parece um anjo do céu.

TERNO DOS REIS

São chegados os três *Rezes*
lá da parte do oriente,
pel'a *estrêla* vêm guiados
de um só Deus onipotente.

Oh! que casa tão bonita
com uma cruz na cumieira!
viva o *sor* dono da casa
com a sua companhia.

Oh! que casa tão bonita
por dentro, por fora não;
por dentro cravos e rosas,
por fora mangericão.

Oh! que casa tão bonita,
tôda *cheinha* de moça;
com licença da mais velha
quero falar co'a mais moça.

Oh! que casa tão bonita;
as cobertas são de vidro...
Dentro dela tem dois anjos:
a mulher com seu marido.

Entremos nesta casa,
por ser casa de alegria;
onde mora Jesus Cristo
filho da virgem Maria.

Senhor dono da casa,
queira nos desculpar
dêste incômodo
que *viemos* lhe dar...

Senhora dona da casa,
de cabelos de retroz,
vã lavar o coador
p'ra fazer café p'ra nós.

Senhora dona da casa,
minha flor de laranjeira;
de certo ainda s'alembra
do tempo qu'era solteira.

Viva, quem aqui está,
viva, quem agora chegou!
Foi o meu primo. — Alegria,
que nossa casa alegrou...

* PADRE-NOSSO CASAMENTEIRO

E considerando esta dor,
que já suportar não posso,
Nosso Senhor me valei,
mostrai seu *Padre-Nosso*.

Humilde peço, Senhor,
que não esqueça o rôgo meu;
sou muito religiosa,
só penso qu'estais no céu.

Um rapaz muito galante,
muito bonito e engraçado,
desejo para meu marido,
ó meu Deus *santificado*.

Tenho dentro do meu peito
um ardor que me consome;
quero que o meu protetor
sempre *seja o vosso nome*.

Tendes sido sempre bom,
sempre que recorro a vós;
o rapaz que me faz doida
só deseja, *o venha a nós*.

Quando me vê, com o lenço
de longe faz um aceno;
êle também me desja
como eu *o vosso reino*.

Mas meu pai, impertinente,
o pretendente não aceita;
a minha união deseja
que a seu gosto *seja feita*.

Por causa dêle, meu Deus,
quer me tirar da cidade;
me diz sempre resmungando,
farei a *vossa vontade*...

Senão cumprir o desejo,
que no meu peito s'encerra;
antes mil vêzes morrer,
que viver *assim na terra*.

Aspiro viver alegre,
mui ditosa ao lado seu;
brincar, pular e dançar
e viver *como no céu*...

Sendo consorte fiel,
tendo o patrocínio vosso,
creio que não faltará
nunca, meus Deus, *o pão nosso*.

Cuidar na casa e manter
sempre paz e alegria,
há-de ser, segundo eu julgo,
meu pensar *de cada dia*.

Meu pai me traz apertada,
meu amante dêle foge;
iôrça, ânimo e vontade
e coragem *nos dai hoje*.

De alguma dor de conselho
mui perigosa livra-nos;
se conhecerdes qu'erramos
eu vos peço, *perdoai-nos*.

Juras firmes e bastantes
já estão por nós contraídas;
se por ventura casarmos
pagaremos *nossas dívidas*.

Eu e êle renderemos
preces, louvores a vós;
a todos desejaremos
amar assim como nós.

As ofensas e maldades
que no mundo suportamos,
gozando doce ventura,
tudo, tudo *perdoamos.*

Não teremos um momento
de terríveis dissabores;
relevemos com doçura
todos *nossos devedores.*

Meus Deus, humilde vos peço,
nunca nos abandoneis;
suportar um só desgosto,
meu pai, *não nos deixeis*

Do lado dêle apartai-nos
do vício com prontidão;
proibi o meu benzinho
de *cair em tentação.*

E depois, quando morrermos,
os pecados relevai-nos;
dos tormentos dêste mundo,
piedoso Senhor, *livrai-nos.*

Que vidinha passaremos,
que doçura sem igual!
protegidos por um Deus,
isentos *de todo o mal.*

Ligeira, no oratório,
vou colocar uma luz;
meu pai ainda cederá
eu espero. *Amen-Jesus!*

OS MANDAMENTOS

As minhas culpas direi
tôdas pelos mandamentos;
no tempo que te amei
tinha vários pensamentos...

O primeiro é — Amar a Deus;
e eu te amo como devo;
amo-te com lealdade
como se fôsse a mim mesmo.

O segundo — Não jurar
o teu santo nome em vão;
juro de não te deixar;
esta é a minha *tenção.*

O terceiro é — Guardar
bem guardado o que te tenho;
se tu não me fôres falsa
é o mais medo que eu tenho.

O quarto é — Honrar
a honra de quem a tem;
honro-te, linda menina,
por te querer tanto bem...

O quinto é — Não matar.
Eu já estou para morrer;
antes que a morte me leve
nos teus braços me hei de ver.

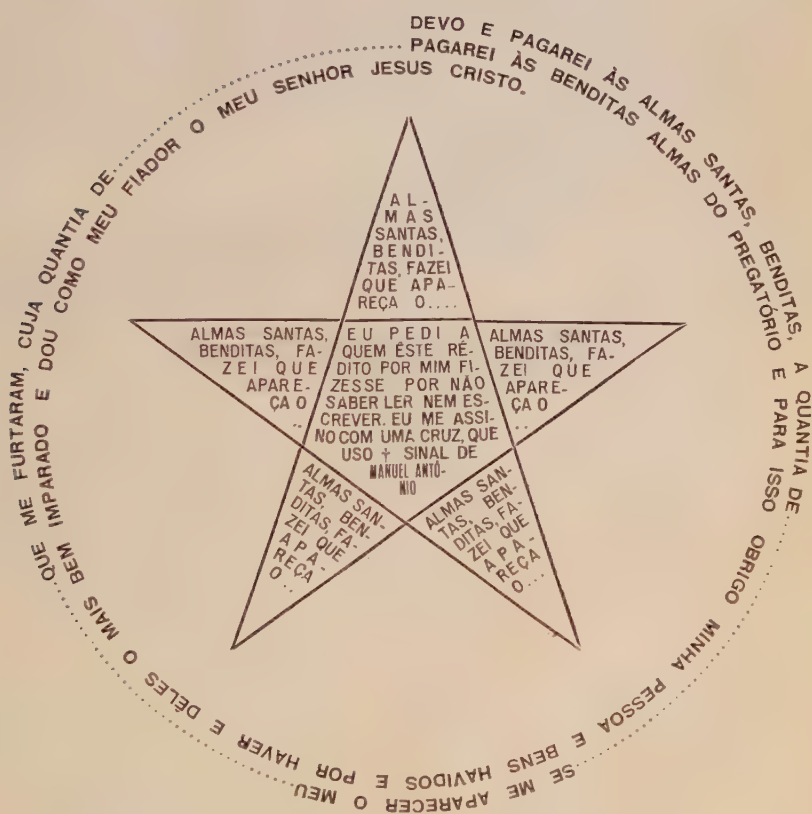
O sexto não te declaro;
bem deves de entender...
Quem anda, cego de amor,
muito tem que padecer...

O sétimo — Não furtar.
Eu nunca nada furtei...
Hei de furtar os teus olhos,
é o que mais desejei.

O oitavo — Não levantar
algum falso testemunho...
Coitadinho daquêle
qu'anda na bôca do mundo.

O nono — Não desejar
as mulheres qu'os outros têm;
Eu só desejei um cravo...
Não ofendi a ninguém.

PARA RECUPERAR O PERDIDO



O décimo — Não cobiçar
as coisas qu'alheias são;
calai-vos, minha vida,
qu'inda há-de vir às mãos.

Estes dez mandamentos
em dois se vêm encerrar;
ou voscê há-de ser minha
ou a vida lhe há-de custar...

ADIVINHAÇÕES

Que é, que é?
— Uma velha, muito velha
com uma tranquinha no pé?
Passa, que passa é,
quem não adivinhar
burro é...

(Uva passada)

Redondinho,
Redondo que...
Não tem fundo
nem batoque...

(Ovo)

Igrejinha pequenina,
sacristão arregulador;
fanta gente pequenina,
vestidinha duma cor...

(Os dentes)

Uma casa de quatro esteios,
coberta com uma telha só?

(O Tatu)

Campos verdes,
gado miúdo,
moça formosa,
rapaz gadeluhdo...

(O céu, as estrêlas, a Lua e o Sol)

Altó sobrado,
alta janela;
abre-se e fecha-se
ninguém bole nela?

(Os olhos)

Garça branca,
em campo verde,
com o bico n'água
morrendo à sêde...

(O navio)

Chega-te p'ra mim,
chego-me p'ra ti;
tenho um ferrinho
que meto em ti...

(A chave)

Vou-me embora para casa,
fazer o que Deus mandou:
pregar pêlo com pêlo
qu'a menina, dentro ficou...

(Dormir)

Pé rapado,
ponta cabeluda...
Meteu dentro,
saiu pingando...

(Pena de pato)

P'ra dançar botei a capa,
p'ra dançar a capa tirei;
eu nunca dancei sem capa,
Sem capa eu nunca dancei

(O pão)

Cabeluda por fora,
cabeluda por dentro;
abrem-se as pernas
e metem-se dentro...

(Calças de baeta)

Tenho um brinco
com que brinco,
que já de brincar
me aborrece;
quanto mais brinco
com o brinco,
mais o brinco me cresce...

(O fuso)

Na beira dum barranco
tem uma dama enfeitada;
faça sol ou faça chuva
sempre a dama está molhada...

(a língua)

Quando eu não tinha, te dava;
agora tenho e não te dou;
vai a quem não tiver, que te dê
que quando eu não tiver, te darei...

(Marido)

Veste-se de encarnado
esta gente miudinha;
mora um casal
em cada casinha...

(O amendoim)

Minha mãe é preta velha
sem bordão não se sustém;
quando chega o fim do ano
dá-nos tudo quanto tem...

(A parreira)

Ao nascer eu fui verde,
eu de luto me cobri;
para alegria do povo
muitos tormentos padeci...

(A uva)

Sou verde sem ser limão,
encarnada sem ser sangue;
sou branca sem ser papel,
e preta sem ser carvão...

(Melancia)

D'ma cazinha estreita
sai o branco e fica o preto...

(O algodão)

Uma caixinha de pinho
de bom parecer...
Não há carpinteiro nenhum
que não n'a saiba fazer...

(Amendoim)

Duas coisas de nome irmão,
uma se come, a outra não...

(Lima)

O meu principio foi cinza;
de meu viver ninguém s'espante;
de sete filhas que tive
a derradeira foi santa...

(Semana-Santa)

Mandei-o buscar na Europa
por um cartão que não se lê...
Meu ofício é prender...
Se me prendem estou prendido,
se me soltam estou perdido...

(Alfinete)

São iguais no nome,
diferentes no parecer;
uma delas se come,
outra não é de comer...

(Lima)

Em pequeno me enterraram;
de pequeno eu nasci;
para alegria do povo
eu de luto me cobri...

(Feijão preto)

Tem barbas e não é bode;
tem dentes e não morde...

(O alho)

Eu fui feita às avessas
e às avessas quero ser...
Todo pau que há no mato,
todo êle eu vou roer,
mastigar e botar fora...
Engulir?... não pode ser...

(A serra)

Quem o faz, não precisa;
quem o compra, não quer;
quem precisa, não o vê...

(Caixão de defunto)

A carne da mulher é dura...
e mais duro é quem n'a fura;
metendo o duro no mole
fica numa dependura...

(O brinco)

Que é, que é?
Botar o esfolado
No arreganhado?...

(Comer uma banana)

Ana me chamo,
me chamam de Ana;
nasci numa toíça
sem ser de banana...

(Ananás)

O que é que se vê:
uma vez no mês
uma na semana
e nunca no ano?

(A letra M)

O que é, que é?
Luís tem na frente,
Isabel por último
e Branca nunca teve?

(A letra L)

Água clara,
fonte amarela,
casinha caiada
e ninguém mora nela...

(O ovo)

Quatro mortos estendidos,
cinco vivos passeando;
os vivos vivem calados,
os mortos vivem gritando...

(As cordas da viola e
os dedos que as tangem)

Seu estar é assentado,
seu dormir é no molhado...

(Sapo)

Plantei tábua
e nasceu corda;
no meio da corda
nasceu uma bola...

(A abóbora)

Que é, que é?
Meti o tango no mango...
Botei enxuto e tirei molhado?

(Tirar água do pote)

Menina que sabes tanto,
com tanta sabedoria,
diz-me qual é o pássaro
que dá leite quando cria?

Que dá leite quando cria,
é muito fácil de saber:
é pássaro que anda de noite
e de dia vai-s'esconder.

De dia vai-se esconder,
Eu te quero explicar:
Pois a ave é o *Morcego*
que dá leite ao criar...

Uma mãe tinha uma filha,
essa filha, não nasceu,
essa filha não tem mãe,
essa mãe nunca morreu.

Vivem juntas, bem ausentes,
ambas têm a mesma idade,
enquanto a filha envelhece,
a mãe está na mocidade.

Comem só quando têm sede
bebem só quando têm fome,
uma dum polo, outra doutro
ambas têm o mesmo nome.

Quando uma ri, outra chora,
quando uma dorme, a outra vela;
sem ter filho, a filha é mãe,
a mãe que a tem é donzela.

No verão a mãe tem frio,
no inverno a filha abrasa;
mas a filha quando gela
faz a mãe ficar em brasa.

Nasceram ambas num dia...
E por uma maravilha,
deve a filha ser a mãe
e a mãe, de certo, a filha...

PERLENGAS INFANTIS

DEDO MINDINHO

Com o indicador da mão direita
aponta-se cada um dos dedos da mão
esquerda, a começar pelo mínimo:

Dedo *mindinho*,
seu vizinho,
pai de todos,
fura bolos,
mata piolhos...

DEDO DE MÃO

Fazendo-se o mesmo, diz:
Este diz qu'está com fome,
Este diz que não tem o que,
Este diz que vai roubar,
Este diz que não vá lá,
Este diz que Deus dará...

Outra

Una,
Duna,
Tena,
Catena,
Catená,
Sim-e-sim,

Bananá,
Pés-e-pés,
Conta bem,
Que são dez...

JÔGO DA ANGOLINHA

Uma, duas, angolinhas,
finca a pomba na pampolinha;
o rapaz que jôgo faz?
faz o jôgo do capão;
o capão sobre capão...
Conta bem Mané João,
conta bem que vinte são.
Arrecolhe esta mãozinha,
qu'ê conchinha desta mão...

LINGUE-LINGUE

— “Que d'o toucinho
que estava aqui?
— O gato comeu...
— “Que dê o gato?
— “Está no mato...
— “Que dê o mato?
— “O fogo queimou...
— “Que dê o fogo?
— “A água apagou...
— “Que dê a água?

— “O boi bebeu?
— “Que é do boi?
— “Está moendo trigo...
— “Que dê o trigo?
— “A galinha comeu...
— “Que dê a galinha?
— “Está pondo ovo...
— “Que dê o ovo?
— “O frade chupou...
— “Que dê o frade?
— “Está a dizer missa...
— “Que da missa?
— “Está no altar...
— “Que é do altar?
— “Está na igreja...
— “Que dê a igreja?
— “Está na praça...
— “Que é da praça?
— “Está na vila...
— “Que é da vila?
— “Está na ilha...
— “Que é da ilha?
— “Está no mar...”

SERRA QUE SERRA

Duas crianças, dando-se as mãos,
imitam os movimentos dos serrado-
res e, alternadamente, ao compasso
dêsse movimento, cantam:

Serra, compadre,
Serra, comadre;
Tu co'a serra,
eu com a enxó,
ganhando dinheiro
p'ra nós dois só...
Serra, que serra,
madrinha da guerra,
Teu pai co'o serrote,
a madrinha co'a serra...

B-A... BÂ

B-a bá, passa p'ra cá,
B-e bé, p'ra São Tomé,

B-i bi, p'ra Sambaqui,
B-o bó, buscar sipó
B-u bu, p'r'o teu cu...

A CIRANDA

Ciranda, ciradinha,
vamos todos cirandar;
vamos dar a meia volta,
volta e meia vamos dar.
Constança, meu bem. Constança,
constante te hei de ser;
jurei-te amar, Constança,
serei constante até morrer...
No Jardim de tantas flôres
não sei qual escolherei;
aquela que fôr mais bela
com ela me casarei...
Caranguejo não é peixe,
caranguejo peixe é;
caranguejo está na toca,
está a espera da maré...
Caranguejo não é peixe,
caranguejo peixe é;
caranguejo só é peixe
na enchente da maré...
Viuvinha bota luto,
que teu marido já morreu;
se foi por falta de amor,
viuvinha, caso eu...
Diga, senhora viúva,
com quem quer se casar?
Se com o filho do conde,
ou do senhor *Generá*...
— “Eu não quero nenhum dêles
porque não são para mim;
sou uma pobre viúva
triste, coitada de mim!...
Se eu fôsse peixinho
e soubesse nadar,
salvava a Maria
das ondas do mar.
S'eu fôsse peixinho
nadar eu sabia;
levava Maria
p'ra onde eu queria...

SENHORA D. CÂNDIDA

Senhora Dona Candida,
coberta de oiro e prata,
descubra o seu rosto,
quero ver o seu retrato...
Que anjos são êstes
que andam por aqui
de noite e de dia:
Padre-nosso, Ave-Maria!
Sou filha de um Rei
e neta de um conde;
mando que se esconde
debaixo de uma pedra...

MANGERONA

— “Quem é aquela menina,
que vem lá tão longe?
Vem de fora desta banda,
mangeron, don, don!
— Ela anda por aqui, assim,
à procura de uma agulha
que eu aqui perdi...
— “Menina, vai para a casa,
vai dizer à teu pai:
a agulha que eu perdi
não se acha mais...

A PASTÔRA

Lá em cima daquele morro
tem uma bela pastôra;
ela na sua linguagem
diz que se quer casar...
— “Bela pastôra, entrai na roda
e veja lá como se dança;
uma volta, meia volta,
abraçai o vosso amante!...

JULITA

Encontrei co'a Julita.
lá em cima, no quintal,
apanhando flores brancas,
flores brancas p'ra me dar...

Flores brancas é casamento
e eu não quero me casar!...

— “Ó Julita, deixa disto,
deixa disto, olha lá!

A Julita é uma rosa
daquelas a mais formosa;
é lindo cravo encarnado
daquele mais cor de rosa.
Perdi meu tempo, perdi meu tempo,
só em te amar!...

O CONDE DE SENA

O Conde de Sena,
de Sena será;
é um jôgo galante
p'ra nós apreciá...
Não quero a ti,
nem a ti
nem a ninguém;
quero só
êste benzinho,
p'ra dar p'ra ti
meu bem!...

BOM DIA SENHORIA

— Bom dia, senhoria!
Matutiro-tiro-lá...
O que quer a senhoria?
Matutiro-tiro-lá...
Quero uma de vossas filhas...
Matutiro-tiro-lá...
Quale delas você quer?
Matutiro, etc.
Quero a menina F...
Matutiro, etc.
Que officio dás a ela?
Matutiro, etc.
Dou o officio de saber ler...
Matutiro, etc.
Êste officio não me agrada,
Matutiro, etc.
Êste officio é p'ra você
Matutiro, etc.
Que não tem o que fazê.
.....

O BESOURO

Besouro, besouro,
casai sua filha...
Não posso casá-la,
não posso dotá-la;
o dote que tem
é só um vintém
Agora um vintém
de certo já temos;
agora o noivo
aonde veremos?
Saiu o Tatu
com seu casco goivo,
aqui estou pronto
p'ra ser o noivo.
Agora o noivo
de certo já temos;
agora o padrinho
aonde veremos?
Saiu o Ratinho
do seu buraquinho...
Aqui estou pronto
p'ra ser o padrinho.
Saiu a Cobrinha
tôda enroscadinha;
aqui estou pronta
p'ra ser a madrinha.
Lá vem uma Nuvem
saída do céu;
aqui estou pronta
para dar o véu.
Saiu a Aranha
que vinha da teia;
aqui estou pronta
para dar a meia.
Saiu o Porco
que vinha da lama;
aqui estou pronto
p'ra dar a cama...

.....

A ANQUINHA

A moda das tais anquinhas,
é moda estrangulada...
Quem bota joelho em terra
faz a gente ficar pasmada...
O' F... sacode a saia,
O' F... levanta os braços,
O' F... tem dó de mim,
O' F... dá-me um abraço...
O' F... levanta a saia,
não deixa a renda arrastar,
a renda custa dinheiro,
o dinheiro custa a ganhar!...

ANGOLINHA

Uma, duas, angolinha...
finca a pomba na pampolinha!
O rapaz que jôgo faz?
Faz o jôgo do capão...
O capão sôbre capão...
Conta, bem Mané João,
conta bem que vinte são...
Arrecolhe esta mãozinha,
qu'ê conchinha desta mão...

CHIQUEINHO

Chiqueinho de amarelo,
coisinha qu'eu nunca vi...
Giquindim p'ra cá,
Giquindim p'ra lá!...
Toque o piano
p'ra nós *dançá*...
Mexe o angu.
Panela no fogo
e o arroz está cru...

O CAGALUME

Cagalume, cai, cai,
que teu pai lá vai,
c'um porrete na mão
te botar no chão...
Deixou tua mãe
apanhando pitanga;
tua mãe caiu
e teu pai não viu...

MEIO-DIA

Meio-dia!
Panela no fogo,
barriga vazia,
macaco torrado
que vem da Bahia,
fazendo careta
p'ra *sinhá* Maria

PELO SINAL

Pelo sinal,
do bico real;
comi toucinho,
não me fêz mal;
se mais tivesse
mais eu comia.
adeus *seu* Padre,
até outro dia...

BICO, BICO

Bico, bico, saranico,
quem te deu tamanho bico?
Foi a velha chocarreira,
qu'anda lá pela ribeira
pondo ovos de pinico...

ESTÁ CHOVENDO

Está chovendo?
Choverá...
Quem estiver em casa alheia
que se vá.

Está chovendo?
Deixa chover...
Daqui não saio
sem comer...

SÉMANA DO PREGUIÇOSO

Na segunda não fiz nada;
Na terça nada fiz;
Na quarta nada farei;
Na quinta formei tenção;
Na sexta fui passear;
No sábado é que voltei;
E no domingo fiz as contas
do que gastei...

MARIA CACHUCHA

Maria cachucha
com quem dormes tu?
Eu durmo sôzinha
sem medo nenhum.

Maria cachucha
com quem dormes tu?
Eu durmo co'o gato
que m'arranha o c...

Namora, padre namora...
Namora, que Deus perdoa;
O padre quando namora
Não lembra que tem coroa!...

Os teus olhos matadores
São gentios lá da Guiné;
De Guiné por serem pretos,
Gentios por não terem fé!

RATOEIRA

Entra na roda uma jovem e canta:

O meu amor é um anjo,
Tem a forma de um botão;
De dia trago-o no peito,
De noite, no coração.

Outra, que é na roda atingida, estando seu eleito ausente, desengana, de chofre, a provocadora:

Amanhã fazem oito dias,
Que meu peito se fechou:
Quem morava dentro dêle,
Pegou da chave e a levou!

A despeitada não se faz esperar:

Menina, por sêres bonita,
Não carregues opinião:
Pois na cambraia muito fina
Cai a, *noidea* do pinhão

Se na roda, alguém *bispa* (observa) uma infidelidade amorosa, com ironia canta:

Quem quiser ter seu amor
Para ninguém desconfiar:
Quando olhar, não deve rir;
Quando rir, não deve olhar...

Um apaixonado canta:

Meu coração mais o teu
Muitas contas tem que dar:
O meu por te querer bem,
O teu, por me desprezar!...

Em resposta tem, para magoá-lo:

Dentro de meu peito tenho
Duas escamas de peixe:
Uma diz que não te ame
Outra diz que não te deixe...

Uma viúva, moça, demonstra sua tristeza:

De encarnado veste a rosa;
De verde o manjerição;
De branco veste a açucena,
De luto meu coração.

DANÇAS E FOLGANÇAS

A RATOEIRA

Ratoeira bem cantada
faz chorar, faz padecer;
também faz um trist'amante
seu amor esquecer.

Ratoeira de ferro,
que não há de brandear,
enquanto serei viva,
não há de arrebentar.

Silva verde não me prendas
pois não tenho quem me solte;
a prisão da ratoeira
tem soltura só por morte.

Eu entrei na ratoeira,
eu entrei na alegria;
na ratoeira não tinha
quem meu coração quieria.

Ferro novo, ferro velho,
ferro novo sem fechadura,
eu gosto tanto de ti
como o gato da gordura.

Esta ratoeira é nova,
esta nova ratoeira,
ela sendo bem cantada,
também faz um testamento,
também faz um triste amante
de seu amor esquecer.

A ratoeira de ferro
não há de se quebrar;
se ela fôra de pau
ela *havera* de quebrar.
Saia, o Mestre desta roda
para outro Mestre entrar...

SARRABALHO

(Estreito)

Sarrabalho bem cantado
faz chorar faz padecer;
também faz um trist'amante
de seu amor s'esquecer.

As cantigas do sarrabalho
para mim são escusadas;
as minhas são de repente,
as tuas são estudadas.

Isto não é desafio,
nem quero desafiar;
o cabra não sendo bom,
comigo não vem cantar...

Comigo não vens cantar?
Eu te venho explicar:
Diz-me por cantigas,
se comigo queres casar...

Eu não me quero casar,
nem tampouco falar nisso;
quero ser como a Açucena
que morre com todo o viço.

As telhas do meu telhado,
as tábuas do meu balcão,
elas te hão de dizer
se eu te quero bem ou não...

Se quiseses casar comigo
é chegada a ocasião:
olha que na quarta-feira
vou-me embora p'ro sertão.

Eu não canto o sarrabalho
não é por eu não saber;
é pela dona da casa
que pode se aborrecer...

O' senhora dona da casa,
obrigação eu lhe devo;
já fizeste alevantar...
Quero a fôlha do trevo!

Entre o trevo, morre trevo,
entre o trevo nasce a flor;
entre o trevo eu me atrevo
contigo tomar amor...

De que serve um pingo d'água
dentro dum copo doirado;
de que serve o teu amor
e viver tão desprezado?...

De que serve um pingo d'água
dentro de um copo de vidro?
De que serve o teu amor
e viver tão esquecido?...

SARRABALHO

Querer bem, viver *cautivo*
na *ausença* de um *amore*,
era só o que faltava
p'ra completar minha *dore*...

Para completar a dor
que tenho neste meu peito,
tôda vida hei de dizer
que não há gôsto perfeito.

Que não há gosto perfeito,
isto é muito *naturale*;
triste de quem mora longe
sempre pensa para o *male*...

Sempre pensa para o mal,
esperando novidade;
que há de *sere* de mim
quando apertar o *soidade*.

Quando m'apertar a saudade
não sei como há de ser;
sou amante, moro longe,
nem sempre te posso ver.

Nem sempre te posso ver,
por morar tão separada;
eu sem ti não posso estar
um momento descansada.

Um momento descansada,
um instante sem te ver;
quem é firme nunca, pode
de seu amante esquecer.

De seu amante esquecer,
no mundo não há quem possa;
não há nada que me mate
senão a saudade vossa.

Senão a saudade vossa,
que me faz eu suspirar;
me vejo de vós tão longe,
como não hei de chorar?

Como não hei de chorar
pelos teus belos carinhos?
quase não posso viver
na tua ausência, benzinho.

Na tua ausência, benzinho,
nada me parece bem;
me vejo nesta tristeza
que nunca se viu ninguém.

Que nunca se viu ninguém
no mais pequeno instante;
quanto mais tempo se passa,
cada vez mais firme amante.

Cada vez mais firme amante,
tão constante e tão leal!
queria ser teu amor
sem ter outro no lugar.

Sem ter outro no lugar,
eu devo ter paciência...
Como devo suportar
está tão grande ausência?!

Esta tão grande ausência
para dois, que longe moro...
Certamente tenho sido
aquêlê que mais te adoro...

Aquêlê que mais te adora
já te digo uma certeza;
acharás mais quem te ame,
mas não com tanta firmeza.

Mas não com tanta firmeza,
qu'eu a ti tenho guardado;
basta eu morar tão longe
e os passos que tenho dado.

E os passos que tenho dado
por ti só, por mais ninguém,
tudo são provas de amor
e o quanto te quero bem.

E o quanto te quero bem
e te tenho estimação;
assinaste no meu peito
para ter satisfação.

Adeus, querida das flores,
de tôdas as flores querida;
não quero assinar meu nome
para não te ser conhecido.

SÁTIRAS POLÍTICAS

INVASÃO CASTELHANA

(1777)

— “Arriba, Pedro gageiro,
arriba ao tope real;
vê s'avistas terra, do Brasil,
ou ilha de Portugal!

Quando Dom Pedro Sabaio
avistou o Arvoredo,
disse p'ra sua gente

— “Avance, não tenha medo!...

Quando D. Pedro Sabaio
avistou a Ponta-Grossa,
disse p'ra, sua gente:

— “Avance, que a terra é nossa!...

Saiu Dom Pedro Sabaio
no seu cavalo alazão;
os castelhanos adiante
como tropa de ladrão...

INDEPENDÊNCIA

(1822-25)

Seu galego, pé de chumbo,
calcanhar de frigideira,
quem te deu a ousadia
de casar com brasileira?!...

Brava gente brasileira,
descendente de Guiné,
trocaram as cinco Chagas
pelo fumo e o café...

Camarão cipó sublime
Crescei e multiplicai-vos
Que tereis muito consumo
Nas costas dos pés-de-chumbo.

Brava gente brasileira,
descendente de macaco,
venderam sua bandeira
por um naco de tabaco...

SOLDADOS ALEMÃES

(1828)

Tão, tão, tão!...
os Alamão,
em fraldas de camisa,
de baioneta
e de cinturão...
Bão, bão, ba-la-lão...
senhor capitão,
espada na cinta,
sineta na mão!...

COLONOS ALEMÃES

Alamoia,
cu de broa...
Alamão,
cu de pão...
Escorrega
no sabão...

ABDICAÇÃO

(1831)

Seguiu viagem p'r'Europa
o nosso Pedro *penaca*,
deixando todo o Brasil
sem uma triste pataca...

FARRAPOS

(1835-45)

Os farrapos já diziam,
que a Laguna era sua;
chegaram os *caramurus* (1),
toca farrapo p'ra rua...

Os farrapos já diziam,
que a Laguna era sua;
chegou o povo da ilha,
safa farrapo p'ra rua;

Os farrapos já diziam,
que o Rio Grande era seu...

Os *caramurus* perguntaram:

— “O' farrapo, quem t'o deu?”...

(1) Em outra variante lê-se *legalistas*.

Os farrapos já diziam
que o Brasil era seu...
Veio D. Pedro Segundo:
Nem farrapo nem eu...

Os farrapos já pediam
pelas chagas de Jesus,
qu'os não deixassem presos
às mãos dos caramurus...

General Bento Gonçalves
já perdeu a sua fama...
deixou morrer o seu povo
deitado em sua cama...

General Bento Gonçalves!..."
vêm cantando os farroupilhas;
vêm tocando a sua tropa
como tropa de novilhas...

Os farrapos de Cruz-Alta
usavam jaqueta curta;
os legais os chamavam
cambada de filhos da p..."

Se eu não sou republicano
O Deus do céu não me escute,
A luz do céu me falte
E a terra não me sepulte.

O herói Bento Gonçalves
Que de nada se temeu,
Dia vinte de setembro
Bateu palmas e venceu

As mimosas farroupilhas
Têm cheirinho de ananá...
As cachorras das camelas
Têm catinga de gambá.

O Onofre é quem batiza,
O Davi bota a bênção...
A bênção de Deus cubra
A nossa revolução!...

Seu Tenente Trajano,
Quero lhe dizer assim:
"Tome cuidado, cuidado,
Co'os seus dentes de marfim...

Seu Tenente Trajano,
Agora vamos falar:
— "Já se acabou a República
Temos contas que ajustar...

Os farrapos, farroupilhas,
quando saem a passear,
levam os sapatos nos dedos
e as meias para calçar...

Ande cá *siá* farrapa,
meta a mão nesta gaveta;
tire oiro, tire prata
e dê volta na chaveta...

Siá Maria do Saco,
só ela foi a *ditada*
de ajuntar os tamancos
para a nossa retirada...

O senhor José de Jesus
foi homem de presunção;
foi queimar a sua escuna
lá no rio do Tubarão...

O *sen* Capitão Candinho,
no seu cavalo alazão,
repontou os farroupilhas
como tropa de ladrão...

Seu Capitão Candinho,
no seu cavalo tordilho,
repontou os farroupilhas
como tropa de novilho...

Viva a Pátria, viva a Lei,
viva o nosso Novo-Mundo,
viva todo o legalista,
viva Dom Pedro Segundo!

SÔBRE GARIBALDI

(1839)

Dom José chegou à barra,
com tenção de nela entrar,
deu-lhe o vento pela proa,
cambou na volta do mar...

Dom José chegou à barra,
sua mãe bateu o pé...
Ninguém deixe a lei de Deus
pelo fumo e o café...

Garibaldi na Itália
só comia macarrão...
ao chegar cá no Brasil,
carne sêca com feijão...

Garibaldi foi à missa
a cavalo, sem espora,
o cavalo tropicou,
Garibaldi pulou fora...

Garibaldi foi à missa
no seu cavalo alazão,
o cavalo tropicou,
Garibaldi foi ao chão...

A mulher de Garibaldi
foi à missa sem balão;
quando Garibaldi soube
quais morreu-se de paixão...

A mulher de Garibaldi
é uma santa mulher;
nos domingos vai à missa
e volta à noite quando quer...

— O BATALHÃO PROVISÓRIO

(1842)

Foi a
às três horas da tarde,
qu'embarcaram os *voluntaro*
Oh! que triste crueldade!

Oh! meu pai e minha mãe,
me botem sua benção;
quem se vai para a campanha,
vai morrer sem confissão.

A mulher do Comandante
prometeu a São Gregório,
se a guerra se acabasse
de dar baixa ao Provisório...

A mulher do Comandante
prometeu à Conceição,
se a guerra se acabasse
de dar baixa ao Batalhão...

REVOLUÇÃO FEDERALISTA

(1893-95)

Vamos ver o grande lucro
que os bandidos estão dando;
ficar mulher sem marido
e os filhinhos chorando...

Vamos ver o grande lucro
que tiraram em campanha;
brigar com o mais sagrado
e engrandecer o Saldanha.

— “Eu me chamo Floriano,
tenho o bigode torcido.
bastam só militares
p’ra correr com os bandido...”

— “Havemos de levar avante,
custe cá o que custar,
se o *Aquidaban* resistir
e os canhões não faltar...”

— “Guarnecidos como nós,
medo não podemos ter...
Dentro do *Aquidaban*
temos disposto a morrer...”

Pois veja o grande Melo:
quase que subiu ao céu...
Não quis aplaudir o bem
e foi para Montevidéu.

Quando chegou a esquadra
o país encheu-se de glória...
Quem fôr legalista canté,
quem fôr revoltoso chore...

Havemos de cantar vitória
se tivermos proteção,
se não virarmos casaca
e não pedirmos perdão...

Saiba que teu perdão
estava num Leão de aço...
Quando chegou em abril
tinha avisado em março.

Pois entrou em *conferença*
o Custódio com o Saldanha.
Respondeu o Floriano:
— “Este Custódio tem manha!”

O tal Saldanha da Gama,
quando levou o cagaço,
disse para o grande Melo:
— “Outra revolta não faço!...”

Quando levou o cagaço,
não foi bala de canhão...
depois pediu misericórdia,
tremeu e caiu no chão.

Tremeu a caiu no chão,
esmoreceu para morrer.
Disse: — “Fica o grande Melo
para a questão defender”.

Dizia o grande Custódio:
— “Isto não é brincadeira!”
Defendia esta questão
se fôsse doutra maneira.

Defendia esta questão
se fôsse de outro jeito,
se tivesse munição
e o Saldanha perfeito...

Perguntou o Gumerindo
pelo Saldanha da Gama...
— “Foi embora de chorar
que o Floriano ganha...”

Dizia o Gumerindo:
— “Ai! minha terra natal!
pois o Saldanha da Gama,
neste sentido faz mal...”

— “Não temos nada, *caraco!*”
de zangado que ficou;
mandou romper a corneta
e o batalhão marchou...

— “Entrega-te, Floriano,
os teus dias estão contado...”
— “Deixa-te estar, Saldanha,
que tu estás enganado!”

Quando dizia estas coisas
êle não queria crer...
Veja bem o que resulta,
o que vai acontecer...

O que vai acontecer
e já tem acontecido
é dar vivas a Floriano
e correr co'os bandidos...

A dezaseis de abril
resolveu-se a *questã*;
tomou-se dos revoltosos
o famoso *Aquidaban*...

O famoso *Aquidaban*
o Govêrno adquiriu
com um *tropedo* pela proa,
que logo se submergiu...

Era grande o reboliço
quando se viu apertado.
Gritavam: “Misericórdia,
o *Aquidaban* está furado!...”

O comandante chorava,
era só d'arrepêndido,
de ver tanta gente morta
e o seu navio perdido.

Viva o nosso Floriano
por ser Govêrno central!
Logo correu co'os bandidos
de dentro da capital...

Viva o *Gustavo Sampaio*
que o *tropedo* botou
na proa do *Aquidaban*
qu'êle logo adernou...

Eram três horas da tarde
quando o *República* chegou;
A Fortaleza de costume
reconheceu e salvou...

Bravo o nosso *República*,
navio de velocidade;
entrou à barra do sul
e bombardeou a cidade...

Te *aprepara* Nogueira,
com cartucho e cartucheira;
vamos entrar na Escola negra
da família do Teixeira...

O nosso *Aquidaban*,
quando a tropedeira avistou,
arriou as bordas falsas...
Aquidaban logo s'entregou.

O Custódio José de Melo,
já fugiu de madrugada;
dentro do navio deixou
um cachorro e uma cabra...

O Custódio Zé de Melo
ou está louco ou está doente;
lá está no mar do Arvoredo
o famoso *Tiradente*...

Já chegou a *Camocim*
com a valente *Marajó*,
soltando bala p'ra terra,
deixando a cidade em pó...

GUERRA DO PARAGUAI

(1864-1870)

O navio ia mandado
do Amazonas a Mato Grosso;
chegando a Assunção
teve todo êsse destroço.

Desta vez aprisionaram
o Presidente Carneiro;
só desta vez lhe tomaram
um milhão só em dinheiro.

D. Pedro sabendo disso
mandou logo o seu reforço;
mandou dizer ao Lopes
que êsse seu atrevimento
talvez lhe custe a morte...

O Lopes queria ser
o primeiro dêste Mundo;
queria ter por criado
o nosso Pedro Segundo.

Esta guerra foi formada
no dia 5 de janeiro;
na chegada do segundo
deu-se o combate primeiro.

As mães choram pelos filhos
as irmãs pelos irmãos,
as mulheres p'los maridos,
as damas por seus queridos...

Tôda mãe que tem seu filho,
razão tem para chorar;
qu'elas não sabem da sina
que Deus tem para lhes dar...

No dia quatro de abril,
às quatro horas da tarde,
embarcaram os Voluntários...
Oh! meu Deus, que *piadade!*

Se o Lopes bem soubesse
o estado do Brasil,
entregava Humaitá
antes do Barão subir...

A guerra se vai avanti,
a culpa tem o dinheiro;
deixemos os paraguaios,
entramos nós brasileiros...

A guerra se vai avanti,
a culpa tem os esterlinos;
entramos brasileiros
e deixamos dos correntinos.

As chinas do Paraguai
não calçam senão botinas...
Esta guerra não se acaba
enquanto houver esterlinas.

Bravo o nosso Conde d'Eu,
filho de real família!
Se nunca fôsse êle à guerra,
nunca ela se acabaria.

Conde d'Eu prometeu
à Virgem da Conceição,
se a guerra se acabasse
dar baixa ao batalhão.

Conde d'Eu prometeu
se a guerra se acabar,
dar terras e dinheiro
e casa p'ra se morar...

Às quatro horas da tarde,
às quatro devia ser,
o Lopes mandou matar a mãe
e a pobre ia morrer...

O Lopes comeu pimenta
cuidando que não ardía;
comeu à bôca da noite,
morreu ao romper do dia.

O Lopes subiu ao céu
e foi pedir a Deus perdão;
os Anjos lhe responderam:
— "Forte cara de ladrão!"

Camacho (1) tem uma menina,
De idade de dois anno (sic)
Que é filha do Maneta (2)
Co' a irmã do Feliciano...

A MORTE DO CAPITÃO MATOS COSTA (3)

(POESIA POPULAR)

No dia seis de setembro,
Seguiu de Pôrto-União
O capitão Matos Costa
Para o campo de S. João.

Ia com setenta praças
A fim de reconhecer...
Não sabia aquêlê bravo
Que era o dia de morrer...

E os jagunços a gritarem
Numa zoadá inferná
Com sua virge na frente
Mandavam tudo avançá...

Um velho com um tambor,
A virgem com uma capela...
Os sordados só disseram
Vamos fazer fogo nela...

Pela beira da estrada
Tinha bastante trincheira;
Estavam esperando o trem
Com a fôrça brasileira.

Quando parou a máquina
Estava tudo em confusão;
Saltaram trinta soldados
Junto com o capitão.

(1) Chefe político em S. Francisco.

(2) Apelido do Governador de Santa Catarina, Tovar de Albuquerque.

(3) Esta poesia me foi dada quando estive na Comissão de limites Paraná-Santa Catarina. Refere-se a um dos episódios da luta contra os insurgentes (chamados erradamente jagunços) da região do Contestado.

Foram recebidos à bala
Sem poderem se apumar,
Nem tomar posição,
Nem as armas carregar...

Assim mesmo resistiram,
Como homens destemidos;
Logo nos primeiros tiros
Ficaram muitos feridos...

E num campo muito raso
Com mal orientação,
A força quase envolvida
E tudo sem munição.

A máquina retirou-se,
Abandonando a força ali;
O Capitão declarou,
Cada um trate de si...

O Capitão entrou no mato,
Por lá saiu escondido;
Chegando perto da estrada
Encontrou com os jagunços.

Travaram-se de corpo a corpo,
Em entrevêro sangrento;
Ficou morto o Capitão,
Perto estava dois sargento...

Êstes dois também lutaram,
Foram aventurar a sorte;
Não pensaram que na luta
Vinha resultar sua morte.

Mas é um dever sagrado,
Do homem se defender;
Vamos todos dar um viva
Aos que lutaram até morrer.

O IMPÔSTO DO SÊLO

Pobre povo brasileiro,
hoje vive atrapalhado!
A lei do nosso Governo
é andar tudo selado...

Sapateiro já não pode
bater sola sossegado;
se não selar as botinas,
catrapuz, está multado!

As peritas cozinheiras
fazem tempeiro em tigela;
levam o sêlo na colher
e o carimbo na panela...

Os bichos vão ser selados...
Que bela *manimolência*!
Desta vez vão no embrulho
os ratos lá da Intendência.

Eu quero entrar no Senado,
onde só falam os graúdos;
levando um grosso carimbo,
qu'eu quero carimbar tudo.

As moças que vão ao baile,
que só dançam maxixadas,
para serem conhecidas
devem de ser seladas...

Só não quero que me selem
a minha prima Guiomar,
que ela não aguenta sêlo...
Só eu a posso carimbar...

Até latas de sardinha,
mortadela e presuntos...
Muito breve vem decreto
p'ra selar os defuntos...

Quando selarem a carne,
não selem o bacalhau;
senão tudo aumenta de preço
e temos que roer... só pau.

Os ovos selados andam
e a linguça carimbada;
desta vez eu passo mal
pois não como mais fritada...

O toucinhô está selado.
Oh! que enorme injustiça!
Imaginem, meus senhores,
a gente sem ter linguíça...

Professores e doutores,
bacharéis e deputados,
muito breve eu hei de ver
co'os seus carimbos chapados...

A lei do sêlo, senhores,
é poderosa e viril,
sacrifica o povo calmo...
são progressos do Brasil!

E viva a calma do povo,
que gemeu, pagou, pagou;
que venha agora um carimbo
p'ra quem tal lei decretou...

O TATU

O tatu é homem pobre,
que não tem nada de seu:
tem uma casaca velha
que o defunto pai lhe deu.

O tatu me foi à roça,
tôda a roça me comeu;
plante roça quem quiser,
que o tatu há de ser meu.

O tatu caiu na roça,
pelo cheiro da banana;
também eu quero cair
nos braços de Don'Ana.

O tatu do rabo mole
mora debaixo d'areia;
não sei como s'alumeia
no escuro sem candeia.

Meu tatu do rabo mole,
meu guisado sem gordura;
eu não gasto meu dinheiro
com moça sem formostura.

O tatu subiu no pau?
É mentira de você...
O tatu subiu deitado!
Isto, sim, podia sê...

O Tatu é bicho manso
e mora debaixo do chão;
não sei como se governa
em tamanha escuridão.

O Tatu é bicho manso,
nunca mordeu a ninguém;
como êle há de morder
se Tatu dente não tem?

Oh! que *brabo* Tatu da roça!
Menina bonita de perna grossa!

Oh! que *brabo* Tatu d'areia!
Menina bonita de perna cheia!

Oh! que *brabo* Tatu da fachina!
Moça bonita de perna fina!

O Tatu foi à cidade
p'ra vender seu mantimento;
coitadinho do Tatu
veio corrido do vento

O Tatu não estava morto
e já estava amortalhado;
na cama da Tutua
encontrei outro deitado...

O TAMANDUÁ BANDEIRA

Um dia, estando em casa,
e não tendo o que almoçar,
convidei o meu cachorro:
— “Tubarão, vamos caçar...”

Saí por ali a fora,
neste meu modo de andar;
cheguei lá mais adiante,
vi meu cachorro ladrar.

Eu fui bem devagarinho
com tenção de *espiá*,
quando dei co'aquêlê bicho...
Era um Tamanduá!...

Meti-lhe o pau na cabeça,
fiz o bicho *esperniá*...
Depois do bicho morto
pus-me a *considerá*.

O bicho era tamanho...
como *havera de carregá*?
Olhei p'ra beira do mato
e vi um pau de *cruá*...

Eu fui tirar *embira*
para o bicho *amarrá*;
maneei de pés e mãos,
ninguém pode *dúvidá*!...

Butemo de morro a baixo...
Quando cheguei cá em baixo,
vi a Iaiá no pasto

Mandei lavar a panela,
para o bicho *cozinhá*...
se não tivêsse água em casa
mandava a criada *buscá*.

A faca estava amolada,
mas só faltava *afiá*...
Deu dezoito arrobas e meia,
não deu mais por não *pesá*...
Uma mentira como esta
ninguém pode *acreditá*.

A LAGARTIXA

Eu vi uma largatixa
atrepada na *guaiaveira*;
uma mão apanha *guaiava*,
a outra põe n'algibeira.
Andava *ofrecendo* às moças:
— “Não querem? Não falta quem
[queira...

Eu vi uma lagartixa,
que vinha da Camarinha,
com uma penca de bananas
e um saco de farinha.

Eu vi outra lagartixa
trepada num porco *brabo*;
na carreira, que levou
quebrou a ponta do rabo.
Foi caindo e foi gritando:
— “Quebrei, quebrou, stá quebra-
[do!...

Eu vi uma lagartixa
descer d'um coqueiro abaixo,
com uma faca na cintura,
vindo de cortar um cacho.

Eu vi uma lagartixa
lá na rua do Senado,
sentada numa cadeira
co'o seu rabo dependurado.
Estava defendendo um réu,
qu'era bom advogado...

Eu vi uma lagartixa
com uma faca na cintura,
com cinco pencas de côcos,
quatro verdes e uma madura.

Eu vi outra lagartixa,
lá na rua da Ribeira,
em cada dedo um argolão
e sapato de *ringideira*.

O BICHO GAMBÁ

Quando vim do meu passeio,
vi um bicho *afungá*;
eu me pus a *arrepará*:
era o bichinho Gambá.

Fui meter-lhe o pau,
fiz o bichinho *rudá*;
fui botar a faca aos peitos,
fiz a banha *abutuá*...

Pesou 25 arrobas,
não teve mais que pesá;
Mandei tirar a *fressura* fora
p'ra fazer um *jantá*...
Jantaram 25 praças
e inda restou p'ra *ceiá*...

Já te disse, Gambazinho,
que não sejas *catíngoso*;
assim mesmo, *catíngoso*,
faz a tua obrigação...
Inda passeia na praça
como um grande cidadão...

Não há cabra como eu,
nem cabeça, como a minha;
inda vou ao palácio do Rei
apertar a mão da Rainha...

OS GAFANHOTOS

Os *Cafanhotos* foi nascido
lá nos campos d'Argentina...
P'ra se espantar os bicho
foi a toque de buzina.

Cafanhoto foi nascido
lá no morro do Taió;
os *home* todos de lá
andavam todos de enchó.

Os *cafanhotos* da cidade
já fizeram paredão;
os Frades de Santo Amaro
já saíram em procissão...

Minha, gente venha ver,
cafanhoto não é grilo...
Até chegaram a comer
a própria fôlha do milho.

Minha gente, venham ver,
cafanhoto em borbotão;
até chegaram a comer
a própria fôlha do feijão.

Minha gente, venham ver,
gafanhotos nos Morretes;
para espantar os bicho
foi a tiro de foguetes...

Minha gente, venha ver,
gafanhotos no Ribeirão;
para espantar os bichos
foi a toque de latão...

Os *home* lá da Estiva
andam todos em compaixão;
só de verem os *cafanhotos*
a comer todo o feijão.

Os *homes* lá da Laguna
de cansados stão quase mortos
de tanto bater latão
p'ra espantar os *gafanhotos*.

O MAÇANICO

Maçanico da, Palhoça
bateu asa e avoou;
na roda do Maçanico
a Pompilha se salvou.

Maçanico pequeninho
faz o ninho no banhado;
quem não dança o Maçanico
não arranja namorado.

Maçanico pequeninho
faz o ninho no barranco;
quando não dança o Maçanico
a Pompilha anda de branco.

Foi em certa mazurca
que a Pompilha se salvou;
o pobre do Maçanico
bateu asa e avoou...

Maçanico morreu ontem,
ontem mesmo se enterrou;
na cova do Maçanico
nasceu uma linda flor.

A VIDA DO BOI

(Serra)

Eu sou boizinho
que nasci no mês de maio;
desde o dia que nasci
fui sofrendo no *trabalho*.

Depois de muito trabalho,
meu senhor me quis vender;
me vendeu p'r'o carnicheiro
para o corte me fazer.

O malvado do carnicheiro
êle mesmo me falou:
amenhã por estas horas
tens qu'êstar no matadouro.

Saí da *invernada*
com cara p'ra não chorar,
ponhando a língua p'ra fora,
ouvindo o galo cantar.

Saí de madrugada,
fui fazendo a despedida;
fui mostrando para o povo
o final da minha vida.

— Dois anos eu fui terneiro,
três anos eu fui garrote;
no final dêstes três anos
eu senti a dor da morte.

Quando foi de madrugada,
senti *buia* na porteira:
era o meu senhor que vinha
com tamanha tiradeira...

Me botaram no cabresto,
me puxaram no argolão;
ao chegar ao pé do tronco,
aí! que dor no coração...

Adeus, meu Campo grande,
adeus sertão do Butiá;
quem tirar êste meu couro
sem camisa há de ficar...

Adeus, meu Campo grande,
adeus sertão do Butiá!
vou fazer a despedida
para nunca, mais *voltá*...

A. B. C.

E' uma cantiga popular muito espalhada, que consta de uma série de 25 a 26 quadras, sendo a inicial de cada uma destas uma letra do alfabeto, em sua ordem natural, incluído, quase sempre, o til.

A. B. C. DAS FLORES

Angélica branca, dobrada,
alentos, também vigor;
alentos para resistir
ao teu lábio tentador.

Borboleta côr de rosa
sabe merecer perdão;
eu quero sofrer sentença,
protestos por tua mão.

Cravo roxo, sentimento,
que tenho neste meu peito;
gozaria com liberdade
um mimo de amor perfeito.

Damas azuis são ternuras;
limão verde é crueldade,
para que saibas, ingrato,
que te guardo amizade.

Existo para ti só
significa o Amor-perfeito;
mas nunca pude encontrar
firmeza neste teu peito.

Flor de pessegueiro é prazer,
que prazer posso eu ter,
vivendo de ti ausente
no mais triste padecer?

Girassol, é fugir de amor;
eu de ti nunca fugi...
Considero morte certa
se me chego a ver sem ti.

Herva cidreira é fogo,
erva-doce é mudança,
herva doce é mudança,
dêste chá não tomaremos.

Ingratidão é o Endro...
Porque me serás ingrátá?
Se fôr, já vivo ordenado;
esta dor inda me mata.

Jasmim miúdo é paixão,
que conservo no meu peito;
hei de acabar os meus dias,
meu amor, por teu respeito.

Lírio roxo é confiança
que em ti depusitei,
pela tua sinceridade
que em teu amor encontrei.

Malvarisco é uma flor
que não ofende a ninguém;
eu quisera saber ao certo
se ainda me queres bem.

Não-me-deixes côr de rosa
significa, juramento;
juro como não te deixo,
amor do meu pensamento.

Ortelã branca, consolação,
que existe nos corações;
é um penhor de amizade
que firma nossas pretensões.

Palmas de Santa Rita,
— ofereço-te a minha mão;
com aceitar não duvides,
com aceitar meu coração.

Quiabos, frutas que queimam,
que fazem incendiar o amor;
quer na água, quer no fogo,
queima sempre com ardor.

Retroz roxo significa
que quero viver contigo;
e para que isto se cumpra
não temos nenhum perigo.

Sempre-viva amarela,
— hei de amar-te até morrer;
nem que custe a prosperidade,
de ti não hei de esquecer.

Tamarindo — feliz momento
que nosso amor sempre gozemos;
a par de nós doces frutos
é o' que mais desejaremos.

Urumbeva, são arrufos
que no amor sempre há;
no nosso não há de haver,
nem daqui, nem vir de lá.

Vainilha, amor extremoso,
p'ra que mais do que o nosso?
Se o teu é todo meu,
se o meu é todo vosso?

Xuxu são novidades
qu'em nosso amor não há,
se me pedes eu te dou,
s'eu te peço tu me dás.

Y é letra grega,
mas que vou escrever;
como não tem significado
serve só para encher.

Zelos — Jasmim da Itália...
Eu não posso ser zelosa,
por causa do teu amor,
por ser muito amorosa...

Til é sinal alfabético,
que todos devem conhecer;
um coração sem o til
ninguém é capaz de dizer.

A. B. C. DA DESPEDIDA

A. B. C. da despedida...
Adeus prenda venerada!
Agora te digo adeus
porque a hora é chegada.

Bem me lembro, bem imagino
e tudo isso considero;
vou m'embora, te deixar,
amor que tanto venero.

Como triste me despeço,
sem nenhum alívio ter;
adeus, querido bem,
até nos tornar a ver.

Desde que arrecebi
a ordem para marchar,
meu peito s'entristeceu,
meu amor, por te deixar.

Esta triste despedida,
causa mais pena que glória;
adeus, queridinho bem,
não me percas da memória.

Folgava todos os dias
em falar com meu amor;
hoje estou ausente dêle,
sofrendo tão grande dor.

Grande dor me tem custado
êste nosso apartamento;
até as pedras da rua
choram por sentimento.

Hai de mim! que triste choro,
por me considerar ausente,
de um amor que eu tinha
todos os dias presente...

Indo eu a passear
encontrei tão bela flor,
logo me fêz *alembra*r
de ti meu querido amor.

Já não posso suportar
esta cruel separação;
rigorosas saudades
sofro no meu coração...

Lancei pela boca fora
um adeus de despedida;
ainda pretendo ver-te
se Deus me prestar a vida.

Manda-me dizer de lá,
se tiveres portador,
se ainda está *alembra*da
de quem te tem tanto amor.

Não cuides, por eu estar longe,
que de ti me hei d' esquecer;
quanto mais longe estiver
mais firme te hei de ser.

Olha para mim direito,
repara a côr do meu rosto;
repara como a tua ausência
em que estado me tem pôsto.

Perdoa se eu faço mal
em queixar-me do que sinto;
qu'eu sei na real verdade;
que falo verdade, não minto.

Qual será a dura pedra,
qual será o duro bronzê,
que não sente uma partida
de quem se vai p'ra tão longe.

Resta-me sòmente a dizer
a vida que estou passando;
isto são pecados meus
qu'eu aqui estou pagando.

Se eu fôsse desimpedido
como as ondas do mar são,
eu iria todos os dias
visitar teu coração.

Tomara já que me matem,
qu'eu lhes perdôo a morte;
pois antes quero morrer,
do que viver desta sorte.

Vai, meu bem, por êste mundo
procurar maior riqueza;
se não achares vem levar
o resto da minha pobreza.

Xagada trago o meu peito,
com ferida, sem ter cura;
tu sempre me foste constante,
não sejas ingrata criatura.

Zeloso, te recomendo,
como um amante perfeito,
que não ames a ninguém
e não caias do meu conceito.

A. B. C. DA MOÇA QUEIMADA
(Tijucas)

A dezasseis de outubro
do ano de oitenta e um,
vi-me nas chamas do fogo
sem ter alívio nenhum.

Ai de mim, triste coitada!
que *truxe* tão cruel sina,
de passar pela desgraça
neste mundo, tão menina.

Bem conheço, de certeza,
que só por Deus poderia,
eu acabar desta sorte:
morrer com tanta agonia...

Como no mundo nasci,
foi para morrer queimada,
já Deus me deu a sentença,
não pode ser revogada.

Deus, como é *piadoso*,
tenha de mim compaixão,
que tôda a minha desgraça
é morrer sem compaixão.

Eu conheço, de certeza
.....
.....
.....

Fazendo eu umas papas
para meu irmão comer,
olhe que coisa tão *avexada*
me *havera* de acontecer

Gritei por todos de casa,
no estado em que me pus;
que me viessem acudir,
pelas chagas de Jesus.

Hoje, por me ver assim,
não desejo mais a vida;
só desejo que a minh'alma
de Deus seja recebida.

Já me dispus a morrer,
pois a minha morte é nada;
hei de a glória merecer
por ter morrido queimada.

Lágrimas por mim não vertam,
que remédio a mim não dão;
antes todos me encomendem
à Virgem da Conceição.

Morrendo estou satisfeita,
ninguém de mim tenha dó;
tendo eu entrada no céu
p'ra mim é muito *milhó*.

Não tenho mais que pedir,
já que mais falar não posso;
quem pegar neste A. B. C.
por mim reze um Padre-Nosso.

Ó bom Deus de piedade,
tenha de mim compaixão,
que é tôda minha miséria
morrer sem confissão.

Pelos meus grandes pecados
no mundo fui desgraçada;
pelos amores de Maria
serei no céu perdoada...

Que dores, que agonia,
me vejo nesta figura!
Pois Deus tenha piedade
desta infeliz criatura!

Rolando na minha cama,
com dores e agonias,
não pude ter um alívio
no espaço de oito dias.

Se eu subir lá na glória,
meu Jesus, meu redentor,
tenha, de mim compaixão,
pelo vosso grande amor.

Tenho a morte na certeza,
só Deus me pode valer;
no estado em que me vejo
só com Deus me quero ver.

Vou dar fim ao A. B. C.
por mais não poder falar;
me ajudem a bem morrer,
qu'eu me quero sepultar.

Xorando ficarão todos
e eu me vou consolada;
só espero que na glória
minh'alma terá entrada.

Zombando estou do mundo,
já não quero mais viver;
morrendo estou satisfeita
só com Deus me quero ver.

O til é letra final,
e eu hoje findo também,
Jesus Cristo dê-me a glória
p'ra todo o sempre. Amém.

Aceitem lembranças todos,
que eu mando de coração,
de uma triste e infeliz
qu'está dentro da prisão.

A. B. C. DA MISÉRIA

(Ilha)

Aqui deixo um A. B. C.
que não é pagode, não,
p'ra mostrar esta penúria
que me corta o coração.

Baste saber que foi feito,
não para ninguém rir;
mas p'ra mostrar à miséria
que ninguém pode acudir.

Custa muito a acreditar
e quem *havera* de dizer,
que por falta de farinha
a gente chega a morrer.

Dá para cismar na vida,
dá para desacorçoar;
dá p'ra pagode e pena,
dá para rir e chorar...

E a gente chega a morrer!
Por esta ninguém esperava...
pois só fiado na lenha
o povo não trabalhava.

Feliz, não trabalhava
nem plantava mandioca;
agora está contando
viver de porta em porta.

Gente caída de fome,
eu vi, ninguém me contou;
vamos todos de mãos postas,
pedir a Nosso *Senhô*...

Há muito pobre cristão,
que há oito dias não come;
eu vi, ninguém me contou,
gente caída, de fome.

Isto já desacorçoa,
dá p'ra cismar na vida;
de comer banana verde
há muita gente entupida.

Já não é a falta de farinha,
pois vem muita de Araranguá;
mas é a falta de dinheiro
e não haver meios de o ganhar.

Ka já tinha tudo morrido
se não fôsse o Araranguá;
Nosso Senhor abençoe
aquêlê santo lugar...

Logo o Senhor abençoe
aquêlê santo lugar;
abra uma barra bem funda
para os hiates passar.

Muita mãe de família,
já s'encontra a chorar;
de ver os filhos com fome
e não ter o que lhes dar.

Não se fala em outra coisa,
só se ouve conversar;
gente chorando com fome,
outros nas roças a roubar.

O povo nunca pensou
de chegar ao que chegou;
de uma quadra tão tirana,
valha-nos Deus, Nosso-Senhô.

Pedimos a Nosso Senhor
e à Santa Catarina,
que êste ano que vem
haja bastante farinha.

Quando os grandes sentem fome,
que dirão os inocentes;
já não falo nos cachorros,
trepam no pau como a gente.

Rogamos a Nosso Senhor
que olhe para êste mundo;
agora todos trabalham,
já não são mais vagabundo.

Se não fôsse o temporal,
ao menos a metade tinha;
não se caminhava uma légua
por um litro de farinha.

Todos plantaram milho
e não deixaram criar grão;
obrigados pela fome,
muitos viraram a ladrão.

Uns bebem café azêdo,
outros comem peixe só;
aos grandes não é nada,
às crianças é que faz dó.

Vivem só de porta em porta
uns a valerem os outros;
querem trabalhar, não podem...
de fome estão quase mortos.

Xoram de fome as crianças
e de pena os grandes também;
os próprios cachorros não sabem
a farinha que côr tem.

Ynda há de morrer muita gente
se esta quadra não melhora;
Valha-nos o Nosso Senhor
e a virgem Nossa Senhora.

Zaranza anda a pobreza,
Da fome qu'está passando;
valendo-se de rachar lenha...
é o que está aguentando...

CANTOS E TROVAS POPULARES

Perguntaremos, como o fêz SÍLVIO ROMERO, como o fizeram tantos outros
ao abordarem tão interessante motivo: "Quais foram os primeiros romances,
quais os primeiros cantos e trovas portuguesas transplantados para o Brasil?
Quem poderá hoje dizê-lo com segurança?... Como se originaram êles entre
nós? Quem o sabe?..."

Nas horas de calma e de repouso, ao crepúsculo suave, nas clareiras das derrubadas, junto ao fogo crepitante e evocador, ao papear das primeiras estrelas no azul sereno e límpido, ouvindo o brando marulho dos beijos roubados pelas ondas à praia, branca, estirada e luminosa, escutando os estalidos secretos e misteriosos que o seio da floresta impenetrável esconde, acordou a *saudade*, no peito do Branco, a lembrança da pátria, da aldeia distante; a *nostalgia* ao Índio lembrou-lhe a vida incomparável das selvas; e a *banza* apontou ao pensamento do Africano a liberdade para sempre perdida...

E a alma das três raças concorrentes, alanceada pelo mesmo pungitivo e natural sentimento, precisava de um lenitivo forte, tinha necessidade de desabafar. E do peito dorido deslaçou-se uma catadupa de soluços nervosos, misto de risos e lágrimas, que foram as primeiras *cantigas*, as primeiras trovas que a tradição vem conservando com tanto carinho e amor.

CANTIGAS, SILVAS E TROVAS

Palmeira, que dás palmito,
p'ra que não dás coisa boa;
cada um dá o que tem,
conforme a sua pessoa.

A trança de teu cabelo,
é como a fôlha do côco;
tu de mim não fazes caso,
eu de ti *pió* um pouco.

Ó que coqueiro tão alto,
com dois coquinhos de prata!
Quem me dera apanhar um,
para dar àquela ingrata...

Menina, não vás lá fora,
que lá fora está ventando;
olha as fôlhas do coqueiro
como estão se requebrando.

Na copa lá do coqueiro
tem papagaio falando;
quem tem amor encoberto
dá de olho e vai passando.

Fui ao mato apanhar côcos,
apanhei côcos de indaiá,
para quebrar os dentinhos
de minha amante Iaiá.

Ó que coqueiro tão alto
que de alto se envergou;
oh! que menina tão *farsa*
que de falsa me deixou.

Oh! que coqueiro tão alto,
que de alto se envergou;
oh! que menina tão ingrata,
quê de ingrata me deixou.

Atrás daquela serra
tem um coqueiro furado,
onde as moças vão beber
água de côco *relado*.

Eu era aquela palmeira,
que no campo se criou;
tão estimada que eu era,
tão desprezada que sou.

Os coqueiros estão de luto,
as fôlhas de sentimento;
muito nos há de custar
êste nosso apartamento.

Os coqueiros estão de luto,
as fôlhas de luto estão;
não sei como está p'ra ser
esta nossa apartação.

Tanta laranja madura,
tanto limão pelo chão,
tanto sangue derramado
dentro do meu coração.

Laranjeira pequeninha
carregadinha de flor;
eu também sou pequeninha
carregadinha, de amor.

Laranjeira atrás da porta,
que laranja pode dar?
Moça que muito namora
que marido pode achar?

Laranjeira tangerina
com seus galhinhos de prata;
quem me dera apanhar um
para dar a quem me mata.

Laranjeira bergamota,
espinho da paciência;
quem tem seu amor bonito
é porque fêz diligência.

Laranjeira bergamota,
espinho da paciência;
se quiseses casar comigo
espera, tem paciência...

A laranja, de madura,
caiu n'água, foi ao fundo;
tenho dó da criatura
que cai na bôca do mundo.

Não me cortes a bananeira,
nem me metas o machado;
a sombra da laranjeira
é sombra de namorado.

Minha laranja seleta
fechadinha num baú;
meu amor está bem longe,
queira Deus não foste tu.

Da laranjeira ao pé da porta
tira os galhos do caminho;
pois quero passar de noite
e tenho medo do espinho.

Laranjeira ao pé da porta
tira os galhos do caminho;
meu amor quer passar
e está com medo do espinho.

Da banda de lá do rio,
da banda de lá, meu bem,
tem um pé de laranjeira
que boa laranja tem.

Atirei um limão verde
por cima da sacristia;
deu no cravo, deu na rosa,
deu na moça qu'eu queria...

Atirei um limão verde
na *jinella*, de palácio
deu no ouro, deu na prata
e no peito da mulata.

Limoeiro do caminho,
espinho da paciência,
tenho meu amor bonito
porque fiz a diligência.

Meu amor não mora aqui,
mora ali mais *adiante*,
numa casinha caiada,
com três coqueiros na frente.

Ninguém viu o que vi hoje
debaixo da laranjeira;
uma casada *cramando*
pela vida de solteira.

Minha laranja da China,
quem te comeu a metade?
Foi o passarinho verde,
jurador de falsidade.

Abaixa-te, ó limoeiro,
abaixa-te até ao chão;
já te disse, limoeiro,
que meu amor é o João.

Mandei fazer um barquinho
da casquinha do limão,
p'ra levar o meu amor
na noite de S. João.

Atirei um limão verde
na lapinha de Belém;
deu no cravo, deu na rosa,
deu no peito do meu bem.

Atirei o limão verde
lá na torre de Belém;
deu no cravo, deu na rosa,
deu no peito do meu bem.

O coqueiro por ser tolo,
foi dar cacho no sertão;
êle pensa qu'eu não sei
quando tem côco no chão.

Alecrim verde, cheiroso,
não sejas enganador;
o amante que é firme
não engana o seu amor.

Alecrim verde se chama
uma esperança perdida;
quem não lucra o que deseja,
mais vale perder a vida.

O alecrim miudinho
nasce na pedra redonda;
não quero saber de ti
nem passar por tua sombra.

Alecrim verde se muda;
só eu nunca me mudei;
nunca quis tomar amor,
sempre por ti esperei.

Eu plantei o alecrim
em nome de Deus amém...
Se o alecrim pegar,
pega o nosso amor também.

Alecrim verde, cheiroso,
na janela de meu bem;
ainda não me casei
e já me dão parábem.

Alecrim à beira d'água
pode estar quarenta dias;
longe de ti, ó meu bem,
não posso estar nem um dia.

Alecrim à beira d'água
sempre faz sombra aos peixinhos
quem namora sempre alcança
uns abraços e beijinhos.

Lá de cima caiu um cravo,
cuja ponta me feriu;
me viu correr o sangue,
e a ingrata não me acudiu.

Meu amor é um cravo,
que meu craveiro me deu;
não há ninguém que se gabe
de ter um amor como o meu.

Menina dos olhos pretos,
beijo de cravo rajado;
côco verde, melancia,
mandaram-te muito recado.

Minha mãe me dê a chave,
quero abrir o meu jardim;
para apanhar um cravo,
para dar ao Joaquim.

Minha mãe me dê a chave,
quero abrir o meu portão;
para apanhar um cravo
para dar ao João.

Meu cravo de barão,
quem foi que t'embarçou?
S'eu morrer de saudades
foi mo bem que me matou.

Plantei cravos na janela
de sentinela ao portão;
êste nosso bem querer
mais de quatro tem paixão.

Meu cravo arrecooso
não tem mais que arrecear;
nunca botei e nem boto
outro amor em teu lugar.

Cravo roxo, roxo cravo,
não agraves o teu bem;
quando agravas não precisas,
quando precisas não tem.

O cravo tem vinte fôlhas,
a rosa tem vinte e uma;
anda, o cravo em demanda
pela rosa ter mais uma.

O cravo brigou com a rosa,
a rosa não aparece;
o cravo há de pagar,
a pena que a rosa padece.

Ó meu cravo encarnado,
ó minha cravina de Santos;
se eu soubesse não te amava,
por seres querda de tantos.

Já fui cravo, já fui rosa,
já fui do teu coração;
agora sou *bassourinha*
com que vós *barreis* o chão.

Fui ao jardim passear
e achei o jardim florido;
não achei cravo nem rosa,
que se comparasse contigo.

Não quiseste ser cravina
quando eu fui amor-perfeito;
quiseste ser mal-me-quer
p'ra maltratar o meu peito.

No tempo qu'eu era cravo
entrava em bom jardim;
agora que já sou rosa
ningum faz caso de mim.

Cravo, não bulas co'a rosa
qu'está quieta na roseira;
não sabes que é pecado
mexer com moça solteira?

Nos cravos do meu craveiro
todos os cravos têm um S.;
menina da côr morena
tenha dó de quem padece.

Cravo roxo no teu peito
perde logo a semente;
mais vale morrer d'un tiro
que de ti viver ausente.

Cravo roxo — sentimento;
bem sentidinho que estou;
por causa do meu benzinho
que foi falso e me deixou.

Joguei um cravo n'água,
de mimoso foi ao fundo;
os peixinhos estão dizendo:
— Viva Dom Pedro II.

Cravo branco na janela
é sinal de casamento:
ó menina, colhe o cravo,
p'ra casar não falta tempo.

Atirei as sete balas,
bateram nas sete baías;
bateu no cravo e na rosa
e na moça qu'eu queria.

Eu fui ao campo das flores
e encontrei-o todo florido;
não encontrei cravo nem rosa
que se comparasse contigo.

Botei cravo na janela
p'ra Joãozinho cheirar;
Joãozinho foi tão ingrato,
deixou o cravo secar.

Cravo roxo — sentimento,
cravo na minha almofada;
no dia que não te vejo,
não coso, não faço nada.

Oh! minha bela menina
da minha veneração,
teus carinhos, teus agrados,
teus olhos penas me dão.

Oh! minha bela menina
da minha veneração.
os amores que foram meus
agora de quem serão?...

A fôlha da bananeira,
de comprida chega ao chão;
a moça que tem má cara
também tem bom coração.

A fôlha da bananeira
tem direito e tem avesso;
jurei de te amar, menina,
de pequeninha do berço.

Não me corte a bananeira
sem o cacho estar de vez;
quem ama com falsidade
melhor deixe de uma vez.

A fôlha da bananeira
de verde ficou em tiras;
meu amor, fales verdade,
não me andes com mentiras.

Bananeira chora, chora;
de tantos filhos que tem;
cortam o cacho, morre a mãe,
ficam os filhos sem ninguém.

A fôlha da bananeira
de verde do sol não passa;
muito me pesa menina
eu não ser de tua graça.

A fôlha da bananeira
p'ra que banda está virada?
P'ra banda da Cachoeira...
P'ra lá não tenho nada.

Não me cortes a bananeira,
não lhe metas o machado;
que à sombra da bananeira
dorme a minha namorada.

Que passarinho é aquêle
qu'está na flor da banana?
Com o bico dá-lhe que dá-lhe,
Com as asas te-quero, mana!

A fôlha da bananeira
de comprida, chega ao chão;
a moça que tem boa cara
tem também bom coração.

A fôlha da bananeira
é verde, repenicadinha;
apanhei o meu amor
num sistema qu'ele tinha.

Ninguém corte a bananeira
sem o cacho estar de vez;
male empregada menina
ser namorada de três...

Quem diz que o caju é doce?
Mais doce é a bananeira...
Muito mais doce é o amor
da menina brasileira.

A fôlha da bananeira
quando me vê enverdece;
quando olho p'ra teus olhos
o meu amor não te merece.

Vou por aqui abaixo,
cô'migo não vai ninguém;
vou apanhar uma rosa
qué aquela roseira tem.

Vou por aqui abaixo
apanhar nove rosas,
três brancas, três encarnadas,
três amarelas cheirosas.

Eu gosto da rosa branca,
não desprezo a açucena;
não sei o que têm meus olhos
que gosta da côr morena.

Roseirinha pequeninha
como estás tão enfeitada!
Por dentro ouro batido,
por fora prata lavrada.

No mais alto pé d'espinho
nasceu a rosa fragante;
quem não sabe querer bem
não se meta a ser amante.

Entre silvas e silvanas
a rosa deve haver;
menina que estás na fonte,
dá-me água p'ra beber.

Não sei se cante, se chore,
não sei que faça de mim;
não sei se ande entre rosas
desfolhando o alecrim.

Esta noite choveu rosas,
diamantes serenou;
vem o sol co'os seus raios
e enxuga o que se molhou.

Esta noite choveu rosas,
chuvicou mangericão;
para lágrimas da firmeza
da tua ingratidão.

Mangericão douradinho,
vira o galho p'r'o nascente;
que se casa por amor
não repara se é parente.

D'encarnado veste a rosa,
de verde o mangericão,
de branco veste a açucena,
de luto o meu coração.

Alecrim verde se muda;
só eu nunca mudei...
nunca quis tomar amor,
sempre por ti esperei.

Não apanhes lírio verde
que é capaz de apodrecer;
não olhes p'ra meu amor
Qu'êle teu não há de ser.

Se a Perpétua cheirasse,
era a rainha das flores;
como a Perpétua não cheira,
não ama nem tem amôres.

Sempre-viva, amarelinha,
hei de amar-te até morrer;
nem que custe a própria vida
de ti não hei d'esquecer.

Sempre-viva e Girassol
fizeram *sociidade*;
Sempre-viva no sítio,
Girassol na cidade.

Minha Sucena branca,
minha branca Sucena;
p'ra te levar não posso;
p'ra te deixar tenho pena.

Açucena quando nasce
toma conta do jardim;
assim o meu amor
quer tomar conta de mim.

Quem me dera estar agora
onde estava ontem à noite;
conversando com o meu bem
debaixo da Boa-noite.

Estendi um lenço branco
na ramada da Açucena;
teus olhos me prenderam
menina da côr morena.

Se fores na fonte lavar,
lava na praia do meio;
se vires passar um Cravo,
apanha e bota no seio.

As fôlhas do mato choram,
as ervas de mim têm pena;
todo o mundo se admira
de eu amar uma Açucena.

Eu plantei no meu quintal
as "Malícias da mulher";
deu um pau para tamanco,
outro pau para colher.

Tico-tico pequeninho
beija flor de laranjeira;
tenho a boca já cansada
de beijar moça solteira.

A Açucena, quando nasce,
arrebenta pelo pé;
assim arrebenta a língua
de quem diz o que não é.

Cravo roxo de haraço
não me andes embaraçado;
se tens amôres com alguém
não me tragas enganado.

Se fiu Adalia perguntou-me
a menina da formosura;
quem pergunta quer saber
se nosso amor ainda dura.

Fui ao campo apanhar flores,
todò o campo enfioreceu;
apanhei a flor mais branca
por ser triste como eu.

Alecrim da beira d'água
não se corta a machado;
só se corta a canivete
do gôsto do namorado.

Laranjeira pequeninha
carregadinha de flor;
eu também sou pequeninho
carregadinho de amor.

O Girassol quando nasce
traz maravilhas no pé;
contratos com gente falsa,
quanto menos melhor é.

Se levas muito em gôsto,
eu juro, por vida vossa:
esta Rosa que aqui está
já é d'outro, não é vossa.

Metido estou entre flores,
e não sei qual delas pegue;
a pequena é mais bonita,
a maior é mais alegre.

Plantei trevo, nasceu trevo,
entre o trevo nasceu flor,
não sou trevo nem m'estrevo
contigo tomar amor...

Plantei Trevo, nasceu trevo,
nasceu trevo enflorado;
não sou trevo e me atrevo
a tomar amôres contigo.

Na flor da Magnólia
escrevi a minha idade,
quem por sorte não alcança,
por carinhos, é debalde!...

És como a flor da Murta,
daquela que cai ao chão;
quanto mais carinhos fazes,
mais desenganos te dão.

O Alecrim miudinho
tem a flor verde-escura;
olhos de moça solteira
são a minha sepultura.

Trago um Cravo na bôca
e um Jasmim em cada dente;
tens um jeitinho nos olhos
que namoram de repente...

Não pensei que o Alecrim
à beira d'água secasse;
não pensei que meu amor
tão depressa me deixasse.

Alecrim na minha terra
já se vende às carradas;
muitas coisinhas se perdem
por não serem procuradas.

O Limão é fruta verde
que bota o seu azedume;
eu também sou azedinho
quando estou co'o meu ciúme.

Quem quiser que a Malva pegue
plante no alto valado;
quem tem seu amor bonito
traga no peito guardado.

O Marmelo é fruta boa
que dá na ponta da vara;
quem ama mulher casada,
não tem vergonha na cara.

Minha mãe diz que sou feia;
sou mais bonita que ela:
eu sou do pé da Rosa,
ela do pé da Marcela.

Atrepei num pinho alto,
fui buscar um testamento;
topei um galho quebrado,
meu amor, que sentimento!

Atrepei num alto pinho,
p'ra ver estrêlas no céu;
e conheci meu amor
pela fitinha do chapéu.

No mais alto pau do mato
nasceu a mais linda flor;
ingrata, *desamorosa*,
não sabes tratar de amor.

Um vaso com tantas flores,
não sei qual escolherei;
aquêlê que mais amava
com êle me abraçarei.

Tico-tico passarinho
come baga de Aroeira;
eu também sou pequeninho
e gosto de moça solteira.

Vou perguntar à menina
com que água lava o rosto;
com água da melancia,
plantada no mês de agosto.

As jaqueiras estão de luto,
as fôlhas de sentimento;
não sei como está p'ra ser
êste nosso apartamento.

Pessegueiro da cidade.
Rosa do Rio de Janeiro;
s'eu soubera não te amara
amor de tanto dinheiro.

A raiz do *cafeseiro*
pelo chão vão aluindo;
a menina vai crescendo
e suas feições vão abrindo.

Neste mundo ninguém fale
nem deve dar opinião;
que na mais fina cambraia
cai a *noida* do Pinhão.

Subi ao céu numa Amora
e desci pelo cacho d'Uvas;
ninguém se fie dos homens
que são falsos como judas.

Nunca vi Figueira branca
dar figos na raiz;
nunca vi moça solteira
ter palavra no que diz.

Laranjeira ao pé da porta
que laranja pode dar?
Moça que muito namora
que marido pode achar?

O milho plantado tarde
não pôde dar boa espiga;
minha mãe, casa-me cedo
enquanto sou rapariga.

A pomba tem o pé n'água
e o bico na *Pimenteira*;
muito tolo é todo homem
que vai atrás de moça solteira.

Eu plantei cana de sêca
por ser a de lavrador;
nunca vi fonte sem limo
nem donzela sem amor.

Cajueiro, abaixa os galhos,
que eu quero pôr a mão;
não quero que ninguém saiba
que meu amor é o Janjão.

Fui ao mato tirar lenha,
espinhei-me numa amora;
tanta menina bonita
e minha mãe sem uma nora.

Escrevi no Pessegueiro
sete letras d'ouro fino;
se eu não casar com voscê
ou morro ou desatino.

Me atiraste com um cravo,
com uma fôlha me feriste;
viste o meu sangue correr,
ingrata, não me acudiste.

Se fores ao mar pescar
com anzol de amor tirano;
logo no pegar do peixe
conheces teu desgano.

Se fores ao mar pescar
e a fortuna não te deixe;
quanto mais fora mais fundo,
quanto mais fundo mais peixe.

Lá no meio daquêlê mar
vem um nó de fita *azule*;
não é fita, não é nada,
é o vento que vem do *sule*.

No meio daquêlê mar
vai um barco embandeirado;
no meio da vela grande
vai o meu amor sentado.

As ondas do mar lá fora
são verdes, são amarelas;
dizei-me como passaste,
meu amor, por cima delas.

Andei todo o mar a nado
com uma vela branca acesa;
eu do mar achei a água,
só de ti pouca firmeza.

No meio daquele mar
tem um nó de fita branca;
não é fita, não é nada,
é o mar que se levanta

Se eu fôsse desimpedido
como as ondas do mar são,
não *havera* casar contigo,
amor do meu coração.

Meu bem, se eu não te amo
seja eu um ente sem ventura;
as ondas do mar, saudosas,
sejam a minha sepultura.

A viola quando toca
faz os tristes se alegrar;
quando tanta esta sereia
todo o mar vai avistar.

As ondas do mar lá fora
são verdes, cor de limão;
dizei-me como passaste,
amor do meu coração.

Estava na beira da praia,
chorando minha *misera*;
veio uma onda e me disse:
— de um ingrato é o que s'espera.

Aí vem o barco entrando
co'a vela grande arriada;
debaixo da vela grande
vem a minha namorada.

Botei meu barco n'água
e tôda noite andei à vela,
sòmente para dar fundo
em frente de tua *jinela*.

Para teu nome escrever
não sei que tinta empregar;
se o azul da côr do céu,
se o verde da côr do mar.

Escrevi na branca areia
saudades a meu bem...
Veio a maré e carregou...
Não escrevo a mais ninguém!

Menina, que sabes ler
e também soletrar,
diga-me lá, por cantiga,
quantos peixes tem no mar?

Menina, casa comigo,
que tenho muito que te dar;
tenho ouro, tenho prata,
tenho meu navio no mar.

Fui ao mar para ver água,
ao jardim para ver flores,
à igreja para ouvir missa
e ao adro p'ra ver amôres.

No meio daquele mar
tem uma pedra no fundo;
já andei por cima dela,
já dei a volta do mundo.

Minha canoa de voga,
meu remo de arribá,
meu primo e camarada
vem ajudar-me a cantar.

Já lá vai mar em fora
quem me dizia: — Sou teu!
Deus lhe dê tanta fortuna
como anjos há no céu.

As ondas do mar lá fora
estão verdes, cor de limão;
eu não sei como conter
esta dor no coração.

Eu venho de lá tão longe,
passando o mar tão fundo,
sòmente para te ver
minha rica flor do mundo.

Eu quisera o mar vazio
e a terra nua, despida,
só para nêles guardar
as ânsias de minha vida.

Dentro do meu peito tenho
duas escamas de peixe;
uma diz que não te ame,
outra diz que não te deixe.

À beira d'água se criam
belos peixes nadadores;
na terra também se criam
lindos olhos matadores.

Desenhei na branca areia
o retrato do meu bem;
a maré encheu, levou-o...
não faço o de mais ninguém.

O galo canta na praia
e a galinha no terreiro;
assim cantas tu, menina,
no peito do marinho.

O amor do Marinheiro
não dura mais qu'uma hora;
o vento já está na vela,
iça o pano e vai embora.

No meio daquele mar
tem um galeão, que é meu,
filho de uma galeona
e d'uma nau que se perdeu.

Vejo mar, não vejo terra,
vejo espadas a luzir;
vejo o meu amor na guerra,
mas não posso acudir.

Está roncando trovoadas,
mas não é para chover;
meu amor está doente,
mas não é para morrer.

Amanhã, se Deus quiser,
fizer sol e não chover,
eu irei à tua casa
bem cedo para ter ver.

Amanhã, se Deus quiser,
fizer sol e não chover,
hei de ir à tua casa
nem que saiba de morrer.

Chuvinha, qu'estás chovendo
na copa do meu chapéu;
já não basta o meu trabalho,
inda castigo do céu?

Cai chuva miudinha
na copa do meu chapéu;
não me caso com viúva
nem qu'ela venha do céu.

Chove, chove, chuvinha,
deixa d'estar peneirando;
o amor que há de ser meu
deixa de estar fascinando.

As nuvens pardas são chuva,
as pretas são ventania,
as verdes são esperança
de te lograr algum dia.

Está chovendo miudinho
lá p'ra banda do sertão;
vai chamar a Mariquinha
que o Chico está no portão.

Mal peguei eu da pena,
coim pena p'ra t'escrever,
a pena caiu-me da mão
com pena de não te ver.

Quando te fores embora,
escreve lá do caminho;
se não tiveres papel
nas asas d'um passarinho.

Nas asas d'um passarinho
não te posso escrever;
o passarinho *avoa*,
as letras vão se perder.

Vai-te carta venturosa,
na mão de meu bem parar;
carta, faz a diligência
de nosso amor se ajuntar.

Se vires o meu amor,
dá-lhe muitas lembranças;
que eu lhe mando dizer
qu'inda tenho esperanças.

Carta, se te perguntarem
quem foi que te apotou,
diz que foram meus olhos
que tanto por ti chorou.

Carta, se te perguntarem
quem foi o teu escrivão,
dize que foi uma pena
nascida no coração...

Carta, quando ler te quiserem,
bota os joelhos no chão;
adora aquela beleza
que adorou meu coração.

Eu queria te acompanhar,
pois seguir não posso, não;
para ir onde tu fores,
só se fôr meu coração.

Vai-te carta venturosa
por este mundo de além;
vai perguntar àquele ingrato
se ele ainda me quer bem.

Vai-te carta venturosa,
por este mundo sem fim;
e pergunta àquele ingrato
se não s'esqueceu de mim.

Vai carta onde te mando
ver um bem que Deus me deu;
antes tu, carta, ficasses
e em teu lugar fôsse eu.

Vai carta, onde te mando,
chega lá e bate à porta;
vai-te pondo de joelhos
à espera da resposta.

O escrivão perdeu a pena
e escreveu com pé de rosa;
que letra tão miudinha,
que pena tão rigorosa.

O fogo nasceu da pedra,
a pedra nasceu do chão,
o amor nasce dos olhos
e vai direito ao coração.

Coração de pedra dura
como pedra de amolar;
a pedra no fogo abrandar
só tu não queres abrandar.

Tão pequeninha e namora,
tão pequeninha e quer bem;
tão pequeninha e já sabe
o gosto que o amor tem.

Solteirinha não te cases
p'ra levares boa vida;
eu já vi uma casada
chorando de arrependida.

Solteirinha não te cases,
solteirinha vives bem;
não me quero captivar
nem a mim nem a meu bem.

Eu não quero ser casada,
nem por freira quero entrar;
a moça sendo solteira
também pode se salvar.

Ai vem o vento *sule*,
vento das moças casadas;
coitadinhas das solteiras
que vivem *desimparadas*.

Quem fôsse como a *gueivota*
que vive sempre no ar;
vai andando, vai cantando
ao som do seu navegar.

O caminho de minha casa
já está cheio de capim;
já se acabaram as passadas
que meu bem dava por mim.

Onde vais pombinha branca,
sòzinha sem mais ninguém?
Vou atrás daquêlê ingrato
que não sabe querer bem.

Dorme na porta da rua
quem quer bem ao seu amor;
no sereno faz a cama,
das estrêlas cobertor.

Peguei na fita verde
e sacudi pela ponta;
Saiba Deus e todo mundo
que de ti não faço conta.

O papel que te escrevi
tirei da palma da mão;
a tinta tirei dos olhos,
a pena do coração.

Até onde as nuvens correm
vão meus suspiros parar;
só tu, bem perto de mim,
não me ouves suspirar.

Quando vires a garça branca
pelo céu ir *avoando*,
são as saudades minhas
que te vão acompanhando.

Amar e saber amar
ensinou-me quem sabia;
a amar, a natureza,
a escolher, a simpatia.

No tempo qu'eu cantava,
cantava que retinha;
cantava do mais alto
e do mais baixo se ouvia.

Eu não canto por cantar
nem por ser bom cantador;
canto só p'ra aliviar
do meu peito a maior dor.

Da terra ao céu é um passo,
da vida à morte é um ai;
e só do meu peito ao teu
tamanha distância vai!

Mandei buscar na botica
um remédio p'ra ausência;
me vieram três suspiros
e que tivesse paciência.

Não ha flor como o suspiro
cá na minha aceitação;
tôdas as flores se vendem,
só os suspiros se dão.

Sobre a ciência da vida
só há dois livros humanos;
trata um das ilusões,
o outro dos desenganos.

Quem tem filhos pequeninhos,
por fôrça que há de cantar;
quantas vêzes as mães cantam
com vontade de chorar.

Alma no corpo não tenho,
minh'existência é fingida;
sou como o tronco quebrado
que dá sombra sem ter vida.

Lancei-me em busca d'um beijo
no teu coração profundo;
a sonda do meu desejo
nunca lhe achou fundo.

Quando comecei a amar
foi numa segunda-feira;
fui amando, fui gostando,
amei a semana inteira.

Amanhã faz quinze dias
que meu peito se fechou;
o ladrão do meu amor
pegou na chave e guardou.

Lá vai a garça voando
co'as penas que Deus lhe deu;
Contando pena por pena,
mais penas padeço eu.

Cada coisa neste mundo
tem seu fim particular;
tudo nasce com destino...
eu nasci para te amar.

Triste canta o rouxinol
por não topar o seu ninho;
porém mais triste estou eu
por não ter o teu carinho.

Quando o fogo se apaga
na cinza deixa o calor;
o amor quando se acaba
no coração deixa a dor.

O fogo quando se apaga
na cinza deixa o calor;
ainda está para nascer
quem há de ser o meu amor.

Dentro do meu peito tenho
dois relógios acorrentados;
no dia que não te vejo
não dão horas, estão parados.

Tu me chamaste de feia!
Sou feia, deixa-te estar...
O bonito tem seu tempo,
o feio tem seu lugar.

Quem me vê estar cantando
pensará que estou alegre;
meu coração vive triste
como a tinta que se escreve.

Ninguém deixe amôres velhos
por amôres que hão de vir;
os novos se vão embora,
os velhos tornam a servir.

O ciúme é linda flor
e anda bem mal estimada;
onde não entram ciúmes,
o amor não vale nada.

Quem vê sorrisos na face
sofre uma grande ilusão;
ah! se o rosto retratasse
as dores do coração?!...

Os segredos que a Lua encerra,
se ela falasse diria:
qu'eu de noite beijo a terra
que pisam teus pés de dia.

Quem me vê estar cantando
dirá com muita razão:—
— “Olha a alegria d'aquele!...
Saberá o meu coração?

Quem me vê estar cantando,
pensará qu'estou alegre;
meu coração está mais negro
que a tinta que se escreve

Quem me dera que tu visses
como está meu coração;
está como uma triste noite
cercada de escuridão.

Sé eu fôra rato mineiro,
a tua cama minava;
de pulinhos em pulinhos
a tua boca eu beijava.

O amar e o saber amar
são dois pontos delicados;
os que amam não têm conta,
os que sabem são contados.

Se querer bem é pecado,
a minh'alma está perdida;
meu Deus! quem pode passar
sem querer bem nesta vida!

Nem tudo que luz é ouro,
nem o que é prata aparece;
o metal serve de engano
p'ra quem ouro não conhece.

Querer bem não é p'ra todos,
é para quem sabe pagar;
p'ra quem tem conhecimento
e reconheça o que é amar.

O querer e o não querer
são pesados na balança;
o querer vai com quem quer,
o não querer vai de vingança.

Passarinho verde canta
quando vê o sol nascer;
assim serão os meus olhos
quando te chegarem a ver.

A Sereia quando canta,
perdem-se as embarcações;
a dama quando é bonita
mata vinte corações.

Dentro do meu peito tenho
duas penas a bulir;
uma está pedindo a morte,
outra da morte a fugir.

Na segunda-feira te amo,
na terça te quero bem,
na quarta por ti padeço,
na quinta te direi por quem.

Na sexta hei de pedir,
rico favor a meu bem;
no sábado e no domingo
não me brinquem com ninguém.

Eu fui lá, não sei aonde,
visitar não sei a quem;
saí assim, não sei como,
morrendo não sei por quem.

Estas meninas d'agora
só querem é namorar;
botam panela no fogo
e não sabem temperar.

Quem canta seus males espanta,
quem chora seu mal aumenta;
eu canto para disfarçar
esta dor que me atormenta.

Lá vão as velinhas brancas
arcadas pelo vento sul;
parecem asas de gaivotas
esflorando o mar azul.

Amigos e camaradas
bom conselho lhes vou dar;
quem quiser viver no mundo
há de ouvir e se calar.

Escrevi teu nome lindo
na areia preta do mar;
eu vi as ondas pulando
para o teu nome beijar.

Eu lhe digo de certeza
Que não é como vancê pensa;
Eu trago o cabra arrochado
Como o tipiti na prensa...

Antes de meu pai nascer,
Não era vivo nem morto;
Andava na solidão,
Não era prêso nem solto.

Quando eu bebo meu mate
É p'ra consertar a garganta;
Pois sou como o passarinho,
Quanto mais bebe mais canta...

Quando eu saí de casa
O meu pai me avisou,
Que não corresse de homem
Quanto mais de...

Meu amigo do coração
Faz favor de me contar
O que se vê com os olhos
E as mãos não podem pegar?

É o vento e mais a lua,
É o fumo e é a fumaça;
São as côres do arco-íris
E a nuvem que no céu passa...

REMANESCENTES TIROLESES

COLHIDOS EM NOVA-TRENTO

MÁMMA GRANDA

Mámma, mámma granda,
Cómpr'eme una ghirlánda,
E un schioppétin
Per andare in Francia
Coppare quel uccèllin
Ché tutta la nòtte canta...
Canta il gállo,
Risponde la gallina;
La dòna Francesquina,
Con tre colombi in tèsta,
Si posta a la finèstra...
Passan due cavallì:
Un, bianca la sèlla,
— “Addio morósa bella!”
E bianco el sellin:
— “Addio bel Battistin!...”

IL SÓLE

Sóle, sóle benedétto,
Butta fuor quel bel occhiétto;
Per riscaldáre la poverella...
Poverella non vuol morire..
.....

PADRE FRANCESCO

— “Padre Francesco?!...”
— “Cosa volete col Padre Fran-
[cesco?”
— “Che una védova qui si vuol
[confessare...
— “Mandala entrare, mandala en-
[trare...
Ch'io la vo chiavàre...

MÒRETINA

Mia bella mòretina,
Con quel còre, con quel còre
Voglie tu mi lasciàre?...

Noi gli daremos la schiappa
A magnàre il pánellino
A bévere il buòn café,
La birra e il bòn vino...

Noi gli daremo la schiappa
Al signòre del Tyrol...

PATERNÒSTRO

Paternòstro picollino
Chiappa la bòccia ed va al yino;
Si stá bònno, va bevàndo;
Si stá tristo, vá spàndando...

LA GUÉRRÀ

Andiam a la guérra
Mangiàre el pan di terra
Tra il cannón
Fa pin, pin, pont!...

MARIANINA

Marianina capricciósa, si!
Dáme un bácio si no mi fá morire...
.....
Lascia andare i bersaglieri
Si tu vuole maridare
Marianina capricciosa?
Marianina come vá?

NAPOLETANO

Io son quel gióvane
 Napoletano,
Che di mio grado
Quando ho partito de la mia casa
Ho salutato amici, parenti

CANZÒNE

(fragmento)

.....
Tutti uniti di mēte ed di còre
Speranzósi di giorni piú belli,
La concórdia, la páce, l'amóre...

Si non pace, or l'onóre!...

Andiamo a Trieste
A fare le feste
Del Carnevale

Polenta e uscei e cibo dei déi
Piano, piano, si va lontano

Fá la nanna nino,
Bel bambim de cuna,
La sua mamma si consuma
Poco a poco
Come la legna verde
Qu'istá da presso al fuoco

REMANESCENTES AFRICANOS

CANTO DOS CONGOS

Andá otê,
menon pê,
salá gotê
e olubul
Salá gotê
e olubul

Outro

Ian banda quê,
ta quê mocanga...
Arufanga anima
comasuma...
Fira quê tá,
cuma, cuma,
troêma como Congo...

Outro

Lang de gotô,
lang oquê...
Me compadê
malembe... (1)
Tchê me tu
malembe!...

(1) Aguardente.

Outro

Quácha! quácha!
Maria guachêra...
Chê doringongo,
Maria angûêra...
Guacha!...

SAUDAÇÃO

(Em Moçambique)

Atê bási mena; quenda ará
cuiza... (Atê amanhã; vamos
embora.)

SAUDAÇÃO

(Em Congo)

In viá no cunandi de abenga.
Atiman-devê — obrigado

MESCLADOS

Tanga, urutanga, uruá...
O Chiquinho vai se casá,
a bôa vida vai se acabá...

Sunga, arará...
Vamos ao campo
comer arará;
me dói a barriga,
não posso cá...

Vancê gosta de mim?
eu gosto de vancê...
Se meu pai *consenti*,
ai! meu bem!
eu caso com vancê...
Alê, lê, lê, calunga,
missunga, missunga, ê!

Si *mi dé de vesti*,
si *mi dé di comê*,
si a casa *mi pagá*,
ai meu bem!
vou *morá* com vancê...
Alê, lê, lê, calunga,
missunga, missunga, ê!

SÔBRE OS NEGROS

O diabo fêz o negro...
começou mas não acabou;
quando chegou ao nariz
deu um sôco e esborrachou...

O anu é pássaro preto,
pássaro de bico rombudo;
foi condão que Deus deixou
todo o negro ser beicudo.

O branco é filho de Deus,
o mulato é enteado,
o caboclo não tem parente,
o negro é filho do diabo.

A branca é prata fina,
a mulata cordão de ouro,
a cabocla cobre falso,
a negra surrão de couro.

Moça branca não se vende
nem por ouros, nem por pratas;
moça branca é senhora
das cachorras das mulatas.

As brancas bebem *cognac*,
mulata vinho do Pôrto,
a cabôcla água da fontê,
a negra mijo de porco...

MESTRE DOMINGOS

Mestre Domingos,
que é que você *qué*?
Quero a Sinhazinha
para ser minha *muié*.

Negro atrevido,
vai te *lavá*,
p'ra fazer *quitute*
e come com a *sinhá*...

Ó negro, traz a gamela,
que a senhora quer mijar;
está com a bexiga cheia
a pontos de arrebentar.

O nosso amigo Pepe
é um homem sem vergonha;
deixou a sua mulher
por uma negra medonha...

A preta, a preta
teve um menino...
Quem foi o pai?
O *sô Vitorino*.

O CARRO-DE-BOIS EM GRANDES FATOS DA HISTÓRIA NACIONAL

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA

Meus Ilustres Confrades do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

De há três anos, venho, nos sobejos de tempo de meus deveres públicos, carreando elementos, recolhendo informes, joeirando reminiscências, a respeito do ciclo do primeiro veículo que rodou em chãos do Brasil — o rústico e moroso carro-de-bois.

As pesquisas foram crescendo à sombra de nobres estímulos e peregrinos sentimentos — o amor a tudo o que é ou que fala do Brasil; a idéia de recordar os serviços de um humilde instrumento de trabalho que tanto contribuiu para a dura conquista da nossa terra; o intento de pagar uma dívida para com o vetusto veículo que, por muitos janeiros, mobilizou todo o transporte no interior e, ainda hoje, (cêrca de 90.000) tanto serve aos nossos lavradores; até mesmo uma saudade agradecida pelo rude utensílio com que um sertanejo de boa têmpera pôde amealhar recursos para a minha educação e instrução.

Das Bibliotecas e dos Arquivos passaram as minhas indagações às fôlhas de dezenas de cartas informativas e, por fim, às páginas de um “Inquérito” que organizei e distribuí entre agricultores e fazendeiros ou entre pessoas que têm espírito e coração capazes de compreender e sentir o alcance intelectual e moral de tais tentativas.

Já agora, posso desvanecer-me do material reunido: tenho a palavra de expoentes das nossas letras, de sertanejos e lavradores, até de humildes trabalhadores rurais, carreiros ou carreteiros; conto com cerca de duas mil fotografias de carros-de-bois de todos os tipos e feitiços, do Brasil ou do estrangeiro, desde o alvorecer da civilização até os dias que correm: inúmeros desenhos e algumas miniaturas dos nossos carros e de suas peças completam o documentário. E tudo isso devo à generosidade e ao entusiasmo de quantos bem perceberam os altos intuitos de meus estudos. Como lhes sou agradecido e como me comoveram, sobretudo, as informações de um Sansão, velho carreiro de Capela em Sergipe, que me enviou uma descrição do carro-de-bois em versos regionais, e do carreiro João Lourenço de Oliveira, de Palmeira, na região missioneira do Rio Grande do Sul, que encerrou o seu depoimento técnico, dizendo: "Parece até mentira, um negro veio respondendo perguntas de um Dotô Ministro".

Foi sobre êstes fundamentos que esquematizei o plano de um volume intitulado — "Ciclo do carro-de-bois no Brasil", do qual já esbocei e escrevi a maioria dos capítulos. Praza a Deus possa levá-lo a bom termo. Não são para desprezar-se o meu esforço e as diligências e bondades de meus colaboradores.

Sabem todos os que me ouvem, porque é verdade meridiana, que de regra desatentamos nos objetos mais simples, mais modestos, mais comuns e até mais rústicos; não despertam qualquer interesse pelo seu valor e muito menos pelas suas origens, evolução e préstimos. Entretanto, se examinados com perspicácia, se apreciados em seus vários aspectos e utilidades, passam a constituir minas inexauríveis de conhecimentos que, não raro, interessam a vários ramos do saber.

Em tórno, por exemplo, dos carros-de-bois há muito subsídio para a meditação do geógrafo, do historiador, do etnógrafo, do antropólogo, do folclorista, do sociólogo, do economista e de quantos investigadores das variadas feições da vida humana na terra. Se assim é, vale gravar os seus vários aspectos antes que, na voragem dos progressos contemporâneos, se percam os materiais que ainda podemos salvar e interpretar.

Por isso mesmo não nos arreceamos de trazer a esta culta e lúzia Associação uma página dos estudos que estamos a efetuar sobre o veículo que, no mundo, surgiu antes da História própria-mente dita, e, no Brasil, apareceu com os primeiros alicerces da ocupação e colonização; do carro-de-bois que, sendo um resíduo da Idade do Bronze ou talvez do Neolítico, permanece útil e prestante em vastas áreas de tôdas as partes do globo.

Certo, a êste venerando Instituto há-de interessar mais de perto qualquer estudo que vise a recordação do passado brasileiro. Por isso mesmo reservei para comunicar-lhe o que, na trama dos suces-sos da nossa evolução, encontrei de mais relevante e até original, nos serviços que nos prestou tão modesto e humilde instrumento. O tra-balho que ora submeto ao juízo dos meus ilustres confrades constitui o Capítutlo VI da 2.^a Parte do livro que elaboro, ou seja:

O carro-de-bois nos grandes fatos da nossa história

O carro-de-bois entra na História do Brasil concomitantemente com as primeiras tentativas sérias de colonização. Foi, sem dúvida, um dos nossos primeiros instrumentos de trabalho: surgiu com os primeiros engenhos de açúcar que foram, por seu turno, os centros da primeira indústria criada pelos portugueses na terra que haviam descoberto do outro lado do Oceano. Mas, além de ser o mais velho veículo de transporte usado no Brasil, além de haver monopolizado por mais de três séculos os transportes rurais do nosso País, além de servir à condução de pessoas e de utilidades através dos primeiros caminhos que se abriram em nosso solo, além de haver concorrido para a edificação de vilas e cidades, igrejas e capelas, habita-ções e fazendas, desde o litoral até o mais remoto dos sertões, não raro aparece o carro-de-bois nas páginas da nossa história em pas-sagens que o celebrizaram e que assinalaram a utilidade em serviços singulares, um tanto distantes dos objetivos de sua invenção.

Se a imaginação ardente do famoso pintor do “Grito do Ipi-ranga” o fantasiou presente no cenário culminante da nossa eman-cipação política, procurando certamente caracterizar a paisagem cam-pestre da Pátria que proclamara o seu moto de eternidade em plena

floresta, na clareira de uma estrada, vemo-lo, porém, autêntico e prestativo, em significativos momentos da nossa evolução.

O Carro-de-bois transporta navios de guerra: os lanchões de Garibaldi

O fato entronca-se na famosa Revolução Farroupilha de 1835 a 1845, a mais longa das guerras civis que conturbaram a formação da nacionalidade brasileira.

Por volta de 1838 (março) chegara a Piratini, capital da República dos Farrapos, Giuseppe Garibaldi, filho da Ligúria, na Itália, para oferecer aos republicanos o contingente de sua bravura e de suas audaciosas iniciativas. Arvorado em corsário nas costas do Rio de Janeiro, atingia afinal o coração da república, onde se lhe entregou o comando geral da marinha insurreta, que tinha base na foz do rio Camaquã, tributário da Lagoa dos Patos. Ali se construiriam os lanchões armados em guerra para as operações navais da grande esteira lacustre. Em 1839 decidem os republicanos do Rio Grande do Sul invadir e dominar a província de Santa Catarina: Davi Canabarro, um dos mais bravos guerrilheiros de Piratini, faria a invasão por terra, e Garibaldi, com os seus lanchões, atacaria por mar os portos da Província.

Mas como atacar se os dois lanchões disponíveis estavam engarrafados na foz do rio Capivari, impedidos de navegar a Lagoa e dela sair pela barra do Rio Grande, ambas dominadas pela esquadra imperial do Comando de Grenfell?

O espírito aventureiro de Garibaldi não se deteria ante quaisquer obstáculos: projetou removê-los do "saco" do Capivari para o mar pela nesga de terra que separa a Lagoa do Oceano. Havia que transportá-los em carretas puxadas por bois e, para tanto, mãos à obra. Sob a sua inspeção começa a construção de duas carretas de tamanho e solidez necessários para colocar em cada uma delas um lanchão. Joaquim de Abreu é o carpinteiro encarregado da execução de oito rodas maciças e de dois enormes estrados para o insólito carregamento de dois navios, um de dezoito, outro de doze toneladas, armados de quatro canhões de bronze. Em cinco ou seis dias esta-

vam prontos na foz do Capivari os formidáveis carros e sobre eles colocados os barcos “Seival” e “Farroupilha” (1).

Do Capivari ao Tramandaí, por onde os farrapos pretendiam alcançar o Atlântico, estendia-se o vasto areal da restinga que isolava as duas águas. A 4 de julho de 1839 está pronto o singular comboio, sobre as carretas os navios com os petrechos bélicos e munições de bôca; a cavalo Garibaldi e seus oficiais; a pé a tripulação dos barcos, cêrca de 70 homens, além de carreiros e ajudantes, encarregados êstes da carriagem. Atrelam-se a cada carreta cinqüenta juntas de bois (2) e na manhã de 5 arrancam em rumo nordeste para Tramandaí através os campos chamados de S. Bernardo, Luciano Pinto e do Arroio. A aventura foi descrita pelo famoso guerrilheiro em suas “Memórias”. “Numa das extremidades da lagoa — a que é oposta ao Rio Grande do Sul, isto é, ao noroeste, existe no fundo de um barranco um pequeno ribeiro que corre da lagoa dos Patos à lagoa Tramandaí para a qual tratávamos de transportar os dois lanchões. Fiz descer a êste barranco um dos nossos carros, depois levantamos o lanchão até que êle estivesse em cima do carro. Cem bois mansos ou 50 juntas foram atreladas, e vi então com grande satisfação o maior dos nossos lanchões caminhar como se fôsse uma pena. O segundo carro desceu por sua vez, e como no primeiro obtivemos um êxito feliz. Os habitantes gozaram então de um espetáculo curioso e desusado, isto é, verem navios em cima de duas carretas e puxados por duzentos bois atravessar cinqüenta e quatro milhas, isto é, dezoito léguas, sem a menor dificuldade, sem

(1) A respeito dos nomes dos dois lanchões de Garibaldi há divergência entre os historiôgrafos: os nomes acima são abonados por Alfredo Varela (“História da Grande Revolução”, pág. 348 do 4.ª vol.). Rocha Pombo (“História do Brasil”, pág. 640 do 8.º vol.). Virgílio Várzea (“Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina” vol. VII, pág. 260), Walter Spalding (“A Revolução Farroupilha”, pág. 265). Entretanto, Damasceno Vieira (“Memórias Históricas Brasileiras”, pág. 451 do 2.º vol.) dá os nomes de “Seival” e “Rio Pardo”. Parece que Rio Pardo era o nome de um dos barcos apresados por Garibaldi na barra de Laguna, em Santa Catarina.

(2) “Memórias de José Garibaldi” por Alexandre Dumas. Ed. 1925. S. Paulo, págs. 66-67. Entretanto Alfredo Varela no seu livro já citado. invocando o testemunho de um certo João Antunes, fazendeiro da região, que assistiu à prodigiosa preparação da travessia, diz que foram atreladas a cada carreta 16 juntas ou sejam 32 bois.

o menor incidente. Chegando à margem da lagoa Tramandaí (1), os lanchões foram deitados ao mar do mesmo modo por que tinham sido embarcados. Necessitavam de alguns pequenos reparos, que no fim de três dias estavam concluídos". Eis, na linguagem simples de guerreiro, o lance admirável tão decantado pelos historiógrafos. Rocha Pombo, descrevendo à pág. 641 do Vol. VII da sua opulenta "História do Brasil" a marcha formidável da caravana ciclópica, chama-os de *carros navios*; Roque Calage à pág. 53 da sua "Revolução dos Farrapos" crisma-os de *navios-fantasmas* e Virgílio Várzea de *barcos-anfíbios*. Durara a travessia seis dias e seis noites, de 5 a 11 de julho de 1939. Alfredo Varela, entre os historiógrafos nacionais, foi o que mais de longo narrou o acontecimento. Depois de recordar os feitos de Marco Antônio de Roma após a batalha do Actium, de Maomé II, quando pela conquista de Constantinopla, em 1453, transportou as suas naves de Koregia ao Bósforo através 10 milhas de terreno para apertar ainda mais o cêrco dos bizantinos, de Fournier que conduziu das águas do Maldonado (Uruguai) para as da Lagoa Mirim, em carreta de bois, os seus barcos para espavorir as populações ribeirinhas, escreve em louvor dos farroupilhas, neste lance de epopéia: "Cortaram chãs úmidas, sobretudo charnecas de piso insubsistente; veras miniaturas do Saara inóspito onde, aqui, além, a areia se amontoava em altos cômoros. Coube à turma de modestos gastadores nossos o empreender quando era preciso, onde o chão se erguia, as necessárias reparações no caminho que, sôbre ser de tipo mui primitivo, andava em péssimo estado, graças à guerra, e graças principalmente ao inverno rigorosíssimo nessa quadra do ano. Transcursos seis dias era atingida a longínqua bacia, dentro de cujas águas, na manhã de 11 de julho de 1839, a extensa procissão de modernos titãs remergulhava os seus estranhos veículos". Não era certamente a primeira vez que os rudes veículos tirados por bois, essencialmente adequados para trabalhos pacíficos, eram adaptados a serviços de guerra: A aventura romanesca do transporte de dois navios da uma

(1) Alfredo Varela que na sua "História da Grande Revolução" trata do assunto de págs. 345 a 352, escreve à pág. 351 do 4.º vol. "que o percurso foi feito das ribas do Capivari" à praia da lagoa de "Tomás José", de onde os lanchões se transferiram à 13 de Julho para a torrente do rio Tramandaí, artéria por onde se escoam as águas de vasta região lacustre".

reduzida frota farroupilha dar-lhe-ia, porém, relêvo incompreendível e dilatava as possibilidades de sua serventia. Muitos anos depois transportariam um navio que seria símbolo de paz e de progresso em plena sertania do Brasil.

O carro-de-bois e a primeira navegação a vapor do rio Araguaia

Entre os grandes empreendimentos do glorioso brasileiro General Couto de Magalhães (1) figura o da navegação a vapor do rio Araguaia, afluente do Tocantins, e um dos mais belos rios da Terra. Servindo de linha raiana entre os Estados de Mato Grosso e Goiás, o Araguaia, com o seu caudal imenso e sereno, despertou no espírito brasileiro de Couto de Magalhães a idéia de transformá-lo numa ativa artéria da civilização dos sertões. Surgira-lhe a idéia quando estêve na Presidência da Província de Goiás, amadurecendo quando foi pôsto à frente dos destinos de Mato Grosso, apesar dos dias tormentosos que corriam nessa quadra.

Travava-se nesse tempo a Guerra do Paraguai: Couto de Magalhães esforçara-se pela reconquista do território invadido de sua Província e, logo depois da expulsão do inimigo da cidade de Corumbá, voltou o seu pensamento para a navegação do Araguaia. Já agora, além das razões econômicas que lhe inspiraram o plano de uma navegação regular ao longo do grande rio, pensava em mandar vir do Pará, por via fluvial, peças de artilharia e munições a fim de aumentar a pressão sobre o inimigo do flanco setentrional.

Corria o ano de 1867. Couto de Magalhães havia tomado posse do governo da Província a 2 de fevereiro dêsse ano. Domingo pela idéia do aproveitamento do Araguaia como via de comunicação entre o centro do Brasil e o estuário amazônico, obteve, sem demora, a necessária autorização do Governo Imperial. Ancorava por êsse tempo nas águas do rio Cuiabá, em frente à capital da Província, o vapor “Antônio João” (2), pertencente à extinta “Companhia de Na-

(1) José Vieira Couto de Magalhães.

(2) Estêvão de Mendonça em suas “Datas Matogrossenses”, à página 279. diz que o nome do vapor era “Cuiabá”, auxiliar da “Companhia de Navegação do Alto Paraguai”.

vegação do Alto Paraguai”; comprou-o em vantajosas condições em março de 1867. Dando parte do seu ato ao Ministro da Marinha que era então o Conselheiro Antônio Celso de Assis Figueiredo, encarece a aquisição por se tratar de “um vapor bom e ainda novo” (1).

Isto feito, resolveu transportá-lo da bacia do Prata para a do Amazonas — ou seja do Cuiabá para o Araguaia. Não o demoveram do patriótico empenho as dificuldades que, logo ao primeiro exame do problema do transporte, haviam de surgir: Entre as veias dos dois rios não havia estradas regulares e as terras se alteavam em chapadões que servem de divisor das águas das duas maiores bacias hidrográficas da América do Sul. Couto de Magalhães informa ao Ministro da Marinha que, nesse passo, se valeu da experiência de um sertanista inteligente e ousado — o Capitão Antônio Gomes Pinheiro, e acrescenta: “para fazer o vapor sair de Cuiabá e chegar ao Araguaia tinha dois caminhos a escolher, ou tomar a estrada de Goiás ou descer o Cuiabá e remontar o S. Lourenço até a barra do Piquiri, seguir por êste até o pôrto de Tauá e daí em carros até o Araguaia. Preferi êste apesar de se achar nesse tempo o São Lourenço exposto aos cruzeiros paraguaios, porque o primeiro caminho não podia dar passagem a carros” (2).

Delineado o plano, passou-se à execução: desmancharam as obras mortas e as máquinas do vapor que seguiram encaixotadas juntamente com forjas, tornos, uma pequena embarcação para dar passagem nos rios e tôda a ferramenta e o material necessário à reconstrução do navio, escolheram-se 20 praças do Exército para com machados e enxadas abrirem picadas e construir pontilhões onde precisos. O transporte do casco do navio por via fluvial até o pôrto Tauá, no Piquiri foi confiado ao Primeiro Tenente da Armada, Pedro David Durocher, que o realizou “com muita felicidade”. Tudo a postos, partiram, a 27 de maio de 1867, de Cuiabá, os vpaôres de guerra Alfa e Jauru, com destino ao S. Lourenço, rebocando o casco do “Antônio João”. Descem o Cuiabá, remontam o S. Lourenço até a confluência do Piquiri. Como não fôsse possível neste rio o reboque, conduzem-no à sirga até Tauá, onde o Comandante Durocher

(1) Ofício de 29 de março de 1868.

(2) Ofício de 2 de maio de 1868.

o entrega ao Capitão Antônio Gomes Pinheiro, bravo e experimentado sertanista, filho de Faxina, em S. Paulo. Competia-lhe a parte mais arriscada da empresa ou fôsse o transporte do navio e mais petrechos em carros-de-bois até as margens do Araguaia. Para tanto foi mister desmanchar o casco do navio enquanto se aprestavam 16 carros (1) para a singular condução. Por êstes distribuíram as peças do casco, as obras mortas, as máquinas, as ferramentas da futura oficina e o material indispensável à remontagem do vapor. Foi em julho de 1867 que partiu o comboio dos carros-de-bois em demanda ao Araguaia: segundo as próprias indicações do General Couto de Magalhães em seu citado officio, a expedição dirigiu-se “aos Baús”, daí ao “Espírito Santo”, varando o sertão do Caiapözinho, abrindo-se a estrada necessária para a sua passagem, chegando em Ita-acaiú, à margem do Araguaia, com cêrca de 100 léguas de viagem por terra, com a maior felicidade, sem contratempo algum, custando o frete de tudo, inclusive a abertura dessas estradas provisórias, a quantia de 14:000\$000. O vitorioso General informara o Ministro de que a demonstração da despesa constava da verba Obras Públicas Gerais e Auxílios às Províncias, no exercício de 1867 — 1868 (2).

A travessia de sertão fôra, em verdade, uma página de heroísmo e tenacidade. Couto de Magalhães exultara de alegria cívica: No referido officio diz que “é esta a história da expedição que a Imprensa vaticinou que seria malograda, afirmando que o vapor ficaria perdido nos sertões sem estradas”. Por isso mesmo foi que o egrégio brasileiro dizia no seu Officio de 25 de maio de 1868 ao Ministro da Agricultura, que Antônio Gomes Pinheiro era um “paulista sertanejo da têmpera do Anhangüera”: Fôra êle o organizador e supremo dirigente do comboio de carros que transportaram pelo sertão bravio de Mato Grosso e Goiás o primeiro agente da indústria e do comércio, acordando, por assim dizer, êste gigantesco rio e estas

(1) Couto de Magalhães, em seu officio de 2 de maio de 1868 ao Ministro da Marinha fala em 16 carros: entretanto, à página 43 de seu livro “Viagem ao Araguaia” diz 14 carros. Foi êste o número preferido por Estêvão de Mendonça em suas “Datas Matogrossenses”. Vale referir que o senhor Otaviano Esselin, ex-praticante de máquinas no Araguaia, em carta ao doutor Couto de Magalhães, diz cento e tantos carros de bois que vararam cento e tantas léguas (Pág. XX do Prefácio do citado livro).

(2) O relatório do Ministro da Agricultura de 1869, à página 183, diz haver-se gasto 13:000\$000.

esplêndidas solidões do sono em que os trazia o deserto” (Offício de 29 de maio).

Chegado o comboio a Ita-acaiú, colônia fundada pelo mesmo Couto de Magalhães à margem do Araguaia (1), começou-se sem detença o rearmamento do vapor, já agora sob a direção do Capitão de Fragata Balduino José Ferreira de Aguiar, brioso oficial que se cobrira de glória nos recontros com os paraguaios no rio São Lourenço. Com os novos auxílios mandados de Cuiabá pela estrada de Goiás, com os recursos que também enviaram o Barão de Acari, 1.º Vice-Presidente do Pará, e o Dr. João Bonifácio Gomes de Siqueira, 1.º Vice-Presidente de Goiás, tudo se fêz, de maneira que a 25 de maio de 1868 foi lançado às águas do Araguaia o primeiro vapor que lhe sulcou a corrente, com o nome de Araguaia-neru-açu. A 28 do mesmo mês e ano, com a presença do General Couto de Magalhães e do Presidente da Província de Goiás, procedia-se ao batismo do navio que recebeu em definitivo o nome de “Araguaia” e à inauguração da navegação a vapor do portentoso rio. (2).

Destarte o moroso e tardo carro-de-bois cooperou eficientemente para a criação de um serviço de alta utilidade nacional, bem no coração da Pátria.

O carro-de-bois nas guerras do Brasil

Não importavam a sua pesada estrutura, o vagar de sua andadura, a sua precípua função de veículo de colheitas e produtos, frutos de labôres pacíficos: haviam de utilizá-lo, em falta de melhor, como viatura de guerra em várias lutas feridas no Brasil.

Encontramo-lo, assim, não raras vêzes, ao longo da nossa história militar, ora conduzindo vitualhas e munições de guerra, ora

(1) A colônia de Ita-acaiú fôra criada por Decreto de 18 de fevereiro de 1867. Ficava à margem direita do Araguaia, na praia das Urtigas, pouco abaixo da foz do rio Claro e a 180 quilômetros a jusante do “Registro”.

(2) O vapor tinha 100 palmos de comprimento, 20 de largura, 8 de pontal e o calado não excedia de 30 polegadas. A inauguração se fêz no Pôrto de Leopoldina na foz do Rio Vermelho. Num rochedo à beira-rio, Couto de Magalhães mandou gravar a seguinte inscrição: “Sob os auspícios do Sr. Pedro II, passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e vem chamar à civilização e ao comércio os esplêndidos sertões do Araguaia, com mais de 20 tribos selvagens, no ano de 1868”.

petrechos e armas, ora tropas e vivandeiras, certa feita transfigurado, em dias trágicos de uma epopéia de heroísmo, em rudes ambulâncias em que se procurava salvar patrícios nossos, doentes e feridos.

Algumas passagens colhidas em nossos fatos guerreiros comprovam de sobejo a sua serventia nos ásperos caminhos das batalhas. Já no primeiro século do Brasil, vemos utilizado o carro-de-bois no transporte de armamentos: atesta-o Fr. Vicente do Salvador em sua “História do Brasil”, relatando a primeira entrada do Ouvidor Geral Martim Leitão na Paraíba, em 1585. Com efeito, à pág. 119 da Ed. da Biblioteca Nacional, narra que, para assombrar os índios que vieram tratar de fazer as pazes, o Ouvidor mandara mostrar-lhes não só as companhias de infantes que comandava, mas também dois *berços* (peças curtas de artilharia) que trouxera em carros. Carros-de-bois certamente porque outros não havia nesse tempo na Capitania de Pernambuco, de onde partira.

No século seguinte, nas marchas e contramarchas da guerra holandesa em Pernambuco e capitanias vizinhas, os dois contendores, de quando em vez, requisitavam os carros dos engenhos para o transporte de munições de guerra e de bôca.

No século XVIII, a zona crítica do Brasil era a que entestava ao sul com os domínios da Espanha e, nas lutas que se feriram por tantos anos e com vária sorte, aparecem, de um e outro lado, carretas tiradas por bois que acompanhavam os exércitos em guerra. Já o fizera notar Saint-Hilaire em sua “Viagem ao Rio Grande do Sul: referindo-se às campanhas dos portugueses no Uruguai, antes da Independência, escreve: “Quando entraram em campanha foi necessário fazer acompanhar a tropa de quase duzentas carretas de víveres e bagagens (Pág. 41).

Ao tempo da guerra da Independência, travada da Bahia ao Maranhão, é sabido o papel relevante do carro-de-bois no transporte de víveres e munições.

Na Bahia, os carros-de-bois dos engenhos do recôncavo e de propriedades mais longínquas (Inhambupe) carregaram para Pirajá, Quartel General do “Exército Pacificador”, tudo o que os patriotas

baianos podiam obter para a vitória da santa causa da liberdade brasileira. Nada menos de duas vezes a êles se refere o General Labatut, organizador e comandante do “Exército Pacificador”, que sitiava a capital ocupada pelos portugueses, na sua “Defesa” perante o Conselho de Guerra a que foi submetido em 1829: vemo-los ali transportando barris e canastras com vidros, roupas e louças que foram apreendidos nos engenhos “Passagem e Cachoeirinha” e destinados ao hospital que se estabelecera nas cercanias de Pirajá.

No Piauí, onde também se acendeu a Guerra da Independência, rezam as crônicas que o Sargento-mor João José da Cunha Fidié, comandante das forças reacionárias, quando marchou da Oeiras, capital da Província, para sufocar a revolução de Parnaíba que depois se alastrou por todos os quadrantes, fêz conduzir em dezenas de carros-de-bois, através os sertões piauienses, todo o seu material bélico, vitualhas e mais bagagens militares.

Nove anos após, em 1862, agitado o sul da antiga Província do Ceará pela rebeldia do ex-coronel de milícia Joaquim Pinto Madeira, não raro se valem os beligerantes dos transportes em carros-de-bois de suas tropas e munições. Quando pela zona do Jaguaribe marchou o General Pedro Labatut em demanda do Cariri, a fim de combater as hostes de Pinto Madeira, ao longo de seu itinerário ia intimando os carros-de bois que encontrava para que conduzissem ao teatro de operações não só a sua tropa mas também o pesado armamento que levava.

E, assim, foi sempre pelas terras de sertão utilizado nesses misteres.

Na Guerra do Paraguai

O carro-de-bois aparece prestadio nas prolongadas e rudes jornadas da famigerada Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, de um e de outro lado dos beligerantes: Aqui roda em comboios que transportam munições de bôca e de guerra, ali conduzem, nas retaguardas, abastecimentos para as tropas em campanha, transformando-se às vezes em ambulâncias improvisadas para a evacuação de doentes e feridos.

Do lado paraguaio, nesse transe doloroso, cantou-o o Revm.^o Pe. Manuel Gamarra em seu inspirado poema "Las Glorias de la Carreta": (1).

En la guerra,
que aun aterra,
porque agotó los dolores
di esta tierra
y superó los honores
de los cuadros más sangrientos;
yo sostuve la energía
de los bravos noche y día;
y los épicos portentos,
que a cada uno por cientos,
nuestros soldados hicieron
hasta caerse en pedazos
en gran parte se debieron
al apoyo de mis brazos
Y a los fieros metrallazos
y a las muecas de la muerte,
y a la vista del calvario,
se alzó siempre digno y fuerte
este pueblo legendario
sobre el dolor de su muerte.

Y en las últimas jornadas
de las tristes retiradas,
al través de cordilleras,
y pantanos, y praderas
desoladas
calcinadas
por los soles de verano;
cuando el fin ya era cercano;
cuando todo estaba hundido
y perdido,
menos Lopez, siempre erguido,

(1) Publicado na "Revista de Turismo" de Assunción.

como el ínclito heroísmo
del puñado de varones
que supieron dar lecciones
de lo que es el patriotismo;
lentamente
la carreta,
com serena y igual constancia,
sigue en pos de la arrogancia
de la última bayoneta
que el invasor aun respeta...

Y así marcha, noche y día,
con la patria en agonía
hasta la linde postrera ,
donde la ve alzar la frente
y con un gesto elocuente
entregar allí a la historia
un giron de esa bandera
que un lustro lidiando fuera
escortada por la gloria.

.....

Do lado do Brasil, surpreendemo-lo prestando os mais relevantes serviços de transporte, na retaguarda dos exércitos que expulsaram do Rio Grande do Sul os ousados inimigos e dos que invadiram o Paraguai pelo sul, na travessia épica do "Passo da Pátria".

Um dos mais famosos fornecedores do exército brasileiros nesse tempo foi José Luís Cardoso de Sales, filho de Campanha, em Minas Gerais, residente então em Pôrto Alegre, e mais tarde agraciado pelo Govêrno Imperial com o título de Barão de Irapuá. Cardoso de Sales, segundo os "traços biográficos" que escreveu Bernardo Saturnino da Veiga (1881), mereceu sempre os maiores elogios e provas de estima e confiança dos Generais Osório, Caxias, Pôrto Alegre e Mena Barreto, em virtude de seus serviços como fornecedor das tropas em operações, cumprindo exatamente os contratos que celebrara com o Govêrno. E escreve o biógrafo: "Quando, em 1864, o exército imperial marchou de Montevidéu, donde contramarchou para S. Francisco e Concórdia, em Entre Rios (Argentina),

Sales deixou de fornecer ao Primeiro Corpo comandado pelo General Osório, e ficou fornecendo ao Segundo, do comando do Conde de Pôrto Alegre. Este Corpo, depois da rendição de Uruguaiana, seguiu para S. Borja e dali para a província de Corrientes, até São Tomás e Itapua, regressando dêsse ponto para o Passo da Pátria a incorporar-se ao 1.º Corpo que juntara ao exército aliado, sob o comando de Mitre. Alcançando e invadido o Paraguai, Sales, em tôdas as marchas do 2.º Corpo, o acompanhou com mais de 400 carretas tiradas por bois, carregadas de gêneros de tôda espécie para o fornecimento das tropas e dos hospitais, tendo sempre à retaguarda cêrca de 3.000 reses para o abastecimento diário e mais de 1.000 pessoas encarregadas da distribuição das rações, dos depósitos, da contabilidade, da condução dos carretos e de gados...

E isto, apesar da "morosidade das viaturas movidas por êstes animais que as tornam inteiramente impróprias para serem empregadas em um exército que tenha de empreender operações ativas", consoante o dizer do Conde d'Eu, em sua resposta aos quesitos formulados pelo Ministério da Guerra em 1872.

Na expedição que ameaçou a República do Paraguai pelo norte, os préstimos dos carros-de-bois foram relevantíssimos, senão até beneméritos. Recordam-lhe a atuação todos os que têm escrito a respeito das marchas e contramarchas da força expedicionária que, de Uberaba, no Triângulo Mineiro, se dirigiu a Mato Grosso para libertar a Província do domínio inimigo, atacando-o depois pela sua fronteira setentrional.

Vale acentuar a sua múltipla serventia neste lance da nossa história guerreira.

Invadido, em fins de 1864, o sul de Mato Grosso pelas tropas paraguaias sob o comando de Resquin e Dias, foram sucessivamente ocupadas as posições do Forte Coimbra, de Corumbá, Albuquerque, Dourados, Miranda, Nioaque, Coxim e sèriamente ameaçada a própria capital da Província — a cidade de Cuiabá. Reza a tradição que a primeira notícia que dessa invasão recebeu o Imperador Pedro II lhe fôra trazida pelo Barão de Vila Maria. À aproximação dos inimigos partira o Barão de Corumbá com cargueiros e um carro de-bois, onde viajava a Baronesa que trazia em seus braços seu filho Joaquim Eugênio, mais tarde o fundador da região hoje denominada

“Nhecolândia”. E não faltou nessa cavarana uma nota curiosa: amarrada ao recavém do carro vinha uma vaca leiteira, sendo o bezerro transportado no próprio veículo ao lado da fidalga passageira. (Informação do Dr. Gabriel Vandoni de Barros, de Corumbá).

Como quer que fôsse, o Governo Imperial resolveu organizar uma expedição para repelir o inimigo. Chamando às armas a guarda nacional das províncias de Minas Gerais, S. Paulo, Paraná e Goiás, apelando para o voluntariado e para as milícias provinciais, nomeia seu comandante o coronel Manuel Pedro Drago, designando Uberaba, no oeste de Minas Gerais, para ponto de junção das colunas de S. Paulo e Paraná, com as de Minas. Em dias de julho e agosto de 1865 estava organizada uma coluna que, a 4 de setembro, partiu em direção ao sul de Mato Grosso. Guardam as tradições da importante cidade, então cognominada “Princesa do Sertão”, o fato de longas filas de carros-de-bois que seguiram com a tropa carregados de víveres, de material de guerra, até de famílias de soldados e vivandeiras (1). A viagem tornou-se de logo difícil e árdua, não só pela falta de boas estradas, mas também pela direção que teve, deixando os caminhos da serra para se emaranhar nos pantanais, onde a maleita ceifou centenas de vidas. A 30 de dezembro de 1865, chegavam as forças a Coxim (hoje Herculânea), onde se lhes juntaram os batalhões vindos de Goiás. Eram aí cerca de 2.500 homens. O coronel José Antônio da Fonseca Galvão, que substituíra o Coronel Drago no comando, conduz a expedição até Miranda onde morreu de febres, assumindo o comando o Coronel Juvêncio Cabral por sua vez substituído pelo Coronel Carlos de Moraes Camisão. Entrava o ano de 1866: Dêsse ano é o testemunho de um dos engenheiros da expedição, o Tenente Alfredo de Escragnolle Taunay, que tão alta projecção teria mais tarde nos conselhos políticos e literários do Brasil. Em carta de 30 de agosto, escrita nas margens do rio Taboco, afluente do Negro e confluyente do rio Paraguai, dirigida a seu

(1) Vítor de Carvalho Ramos, inteligente fazendeiro no Triângulo Mineiro, residente em Uberaba, escreve-nos em 12 de outubro de 1942: “Em 1865, quando se organizou aqui a expedição militar que acudiria Mato Grosso, invadido pelos paraguaios, o carro-de-bois desempenhou uma alta função. Vítualhas, munições, bem como as famílias dos soldados, foram transportadas daqui para as fronteiras do Paraguai em carros-de-bois. Foi uma viagem épica, penosa, de lances dramáticos”.

pai, dizia: “O movimento comercial enfim se estabeleceu conosco e os carros-de-bois fazem ouvir sua melodia especial pelos caminhos impraticáveis do pantanal. De modo que encontramos no nosso mercado tôda a espécie de roupa e já em nós se nota alguma faceirice na apresentação, depois de havermos ficado reduzidos a um Estado quase completo de nudez” (1).

Depois de estacionar em Miranda por muito tempo, a expedição marchou para Nioaque. Já agora, além dos carros-de-bois que transportavam víveres, munições e pessoas, a artilharia passou a ser tirada por bois atrelados às carretas, segundo informa o mesmo Tenente Taunay, que escreveu: “Pela primeira vez as peças de artilharia montada tiradas por bois acompanharam a marcha da infantaria”. Guiada pelo velho fazendeiro matogrossense José Francisco Lopes, experimentado vaqueano do sul da Província, a expedição marchou para o rio Apa, linha divisória com o Paraguai, atravessando-o, ocupando o forte de Bela Vista, já agora à procura de gado para o seu abastecimento. Para tanto marchou até uma fazenda de Solano Lopes, a 26 quilômetros de Bela Vista, chamada Laguna. Encontrou o Coronel Camisão tudo devastado pelo próprio inimigo em sua retirada: sem esperanças de víveres, faltando todos os meios para prosseguir na invasão, o comandante resolve retroceder para o território nacional.

Foi a famosa Retirada da Laguna, uma das maiores epopeias da nossa História.

A retirada começou a 8 de maio de 1867: dela participaram numerosos carros-de-bois, conforme testemunhos autênticos. Do que foram os trinta e cinco dias dessa contramarcha épica, da Laguna ao pôrto Canuto, na margem esquerda do Aquidauana (11 de junho de 1867), de seus incontáveis sacrifícios, da guerra, da fadiga, da fome, da peste, de quantas misérias e de quantos heroísmos ao longo de sua realização, possuímos um relato imortal — “A Retirada da Laguna” —, escrita pelo Tenente de Engenheiros Alfredo Escragnolle Taunay, um de seus bravos.

Antônio Fernandes de Sousa, filho de um dos oficiais que nela tomaram parte, o 2.º Tenente Sabino Fernandes de Sousa, em volu-

(1) Carta publicada no “Jornal do Comércio” — Rio de Janeiro. Ed. de 23 de janeiro de 1943.

me publicado em 1919, sob o título “A Invasão Paraguaia em Mato Grosso”, à pág. 40, escreve sobre a ordem de marcha estabelecida pelo comando a partir da Laguna: “na frente o Corpo de Caçadores a cavalo, seguido por uma peça de artilharia, na retaguarda o batalhão n.º 17 “Voluntários da Pátria”; no flanco esquerdo o batalhão n.º 20 de infantaria; no direito o batalhão n.º 21, marchando no centro destes Corpos toda a pesada bagagem, que era ainda protegida por uma dupla fileira de carros-de-bois. As quatro peças de artilharia, puxadas também por bois, vinham sob a proteção de cada um dos Corpos”. E o Coronel José Feliciano Lobo Viana, em seu trabalho “A Epopéia da Laguna” — 1920 — diz: “Quando amanheceu o dia 8 já a Coluna estava a postos, em plena ordem de marcha: mulas carregadas, carretas atreladas, bois nas cangas, o gado apoiado nos flancos dos batalhões”.

Iniciada a marcha, os paraguaios começaram a cutilar a coluna: providos de excelente cavalaria irrompiam, a cada passo, por todos os lados, sucedendo-se tiroteios, senão até verdadeiros combates como o de 11 de maio, o mais sério da Retirada, no dizer de seu ilustre historiador. Neste combate foram feridos vários soldados e, como não houvesse ambulâncias próprias, aparecem como tais os carros-de-bois. Informa-nos Taunay, quando escreve: “Vinte e nove outros feridos haviam sido trazidos de vários pontos; foram colocados pelos nossos médicos em carros-de-bois, nos quais ficaram muito apertados e acumulados, recebendo, porém, todos os socorros que as circunstâncias ainda permitiam” (1). Quando dias depois, a 18 de maio, se declara na coluna o cólera-morbo, não raro os doentes eram transportados em carros-de-bois. Documenta-o o Dr. Cândido Manuel de Oliveira Quintana, um dos médicos da expedição em sua “Parte” de 15 de junho de 1867, dirigida ao Major José Tomás Gonçalves, já então seu comandante: “As marchas muitas vezes durante o dia inteiro, algumas vezes de noite, a péssima condução em carros puxados a bois, em que os doentes se comprimiam mutuamente pela exigüidade de espaço, deviam ter grande parte no

(1) La Retraite de Laguna, Ed. Francesa. Rio de Janeiro — 1871. Pág. 117.

acréscimo da mortalidade, que era de quase todos os atacados (1). Afinal todos os carros foram queimados por necessidade: os doentes eram conduzidos em padiolas por soldados enfraquecidos pela fome, estropiados”, e “quase nenhum alimento tínhamos além das poucas reses que puxavam a artilharia” (2).

Os próprios documentos paraguaios falam dos carros como peças da expedição brasileira: assim é que o “El Semanario” de Assunção, de 13 de julho de 1867, narrando a chamada “Invasão do Norte”, escrevia em certo trecho: “Arrebatadas as suas provisões de bôca, não lhes ficaram senão os bois de seus carros”.

, Além desses testemunhos que relembram o papel dos carros-de-bois nas marchas e contramarchas das “Fôrças em Operações ao sul da Província de Mato Grosso”, sabemos de vários episódios de guerra através as tradições que passaram de pais a filhos na região assolada pela invasão inimiga. Um deles nos foi narrado pelo Engenheiro Carlos Martins Costa, de Campo Grande: “No ano de 1865, achavam-se os filhos dos descobridores e primeiros povoadores da região instalados na fazenda denominada “Passatempo”, na Vacaria. Ai criavam o gado em vastas pastagens naturais e cultivavam o solo. Eram eles Antônio, Joaquim, Estêvão, José, João, Barnabé Barbosa

(1) O ilustre prefeito de Bela Vista, em 1943, João A. J. Maria Caporossi, fala-nos dos coléricos da picada “Cambá-Racen” (negro chorando), distante poucos quilômetros da sua cidade, transportados em carros-de-bois. Anos mais tarde são os mesmos carros que conduzem tijolos e cimento para a construção de três monumentos que recordam a epopéia brasileira. Estes três monumentos feitos de alvenaria (cal, cimento, pedra, tijolos etc.) ficam: o primeiro a 1200 metros da cidade de Bela Vista, na primeira escarpa que margeia o Apa, pelo norte: foi levantado pelos paraguaios aos seus heróis no próprio local do Combate de Nhandê-pá (aqui te acabaste); o segundo está localizado no cemitério da cidade, a 1800 metros da mesma; o terceiro foi erguido perto da fazenda “Jardim”, a cerca de 10 quilômetros da sede do Município de Bela Vista, glorificando o corajoso vaqueiro, o inolvidável “Guia Lopes”.

(2) Não seria a última vez que o carro-de-bois havia de servir de ambulância: informou-nos Cândido Simões Canela, residente em Montes Claros — Minas Gerais — que no ano de 1918, quando a gripe espanhola devastava as populações do sertão, o carro-de-bois representou o papel de carro de assistência, conduzindo enfermos para os hospitais e até mortos para os cemitérios. Por seu turno, o Cel. Otávio C. do Amaral, fazendeiro em Inhapi (Minas Gerais), relatou-nos que ao tempo em que o impaludismo, sob forma grave, prostrou um militar de habitantes de S. José do Bugre, um comboio de dezenas e dezenas de carros-de-bois transportou 800 doentes para Santo Estêvão, possibilitando-lhes a cura.

e suas irmãs. Feita a invasão de Mato Grosso pelos paraguaios e estando um contingente brasileiro aquartelado em Nioaque, foi para lá mandado o único carro da Família Barbosa, conduzido por um serviçal e tendo como candieiro (guia) o menino Barnabé, a fim de levar provisões para os nossos soldados. Lá chegados, foram aprisionados pelo inimigo o carro, o serviçal e o rapazote, visto que os brasileiros já se haviam retirado da povoação. Ficaram assim os irmãos Barbosa desprovidos de seu imprescindível veículo, no momento necessário à fuga para regiões mais distantes. Improvisaram um carro, ou melhor, adaptaram um pranchão de bálsamo ao rodado de um carretão e, nesse veículo, transportaram o que puderam com destino ao Sucuriú (hoje parte dos municípios de Santana e Três Lagoas). Em meio do caminho encontraram um cunhado, que outro não era senão José Francisco Lopes, o famoso guia Lopes, que se imortalizaria na epopéia da retirada da Laguna. Vinha Lopes dirigindo um carro de verdade. Passaram-se, então, com tôdas as bagagens, para o carro de Lopes, abandonando o improvisado. Atingiram afinal o Sucuriú, onde ficaram a salvo da sanha dos invasores. Interessante é que, do pranchão que servia de mesa ao carro de emergência, Antônio Barbosa, já falecido, um dos protagonistas do episódio, mandou fazer mais tarde uma mesa de refeições, a qual hoje se acha em poder de seu filho João de Sousa Barbosa" (1).

De várias fontes locais tivemos notícias de que nesses duros tempos, dezenas e dezenas de carros-de-bois demandavam a zona de guerra, conduzindo víveres e roupas para as tropas: em Goiás ficou célebre Vicente Ferreira da Silva, de Bonfim, que acompanhara em pessoa os seus carros até os pontos em que aquartelavam as tropas.

Como quer que seja, os carros-de-bois prestaram inestimáveis serviços nessa dolorosa fase da nossa vida.

Ainda não há muito, o Dr. Gastão de Oliveira, proprietário da Fazenda "Berenice", na região do Município de Corumbá, em Mato Grosso, denominada "Nhecolândia (em homenagem a Joaquim Eugênio Gomes da Silva, de apelido Nheco, filho do Barão de Vila Maria, desbravador e povoador da imensa área de cêrca de trezentas léguas quadradas), nos escrevia: "Recordam as velhas tradições desta

(1) Informações enviadas em carta de 14 de outubro de 1942.

região que, ao tempo da invasão paraguaia que se deteve nos campos do Firme (1), riquíssimos em gado, que abasteceu as tropas durante todo o tempo da luta, a velha carreta prestou os mais assinalados serviços de guerra no transporte de víveres, de enfermos e doentes e de famílias inteiras que fugiam ao inimigo ou que, depois da paz, voltaram aos seus lares”.

Não é estranho também em nossas lutas internas. Nas guerras civis do Rio Grande do Sul as carretas tiradas por bovinos foram sempre utilizadas como veículos de transporte de equipamento e, abastecimentos para as forças em operações.

No curso da famosa guerra farroupilha (1835-1845), além do episódio épico do transporte dos lanchões de Garibaldi, as carretas rodavam prestantes por todos os rumos da Província.

Recordemos alguns desses serviços. Por volta de 1836 os revolucionários sitiavam Porto Alegre, então defendida por Bento Manuel Ribeiro; antes que findasse o mês, Bento Gonçalves, chefe da revolução, percebendo que de sitiador passara a sitiado, empreende a retirada de Viamão, considerada uma operação militar de alto descortino. Descreve-a Alfredo Varela, à pág. 248 do 3.º Vol. de sua abundosa “História da Grande Revolução”: “Com um peso de 14 bôcas de fogo com o do trem das munições, com 50 carretas peçadas de famílias que se tinham vindo asilar no acampamento republicano, empreendeu, de 18 a 19, a difícil retirada de setembro, que constitui um dos fatos militares que honram a memória de Bento Gonçalves”.

Não eram, porém só famílias que as carretas transportavam: inválidos e feridos, petrechos de guerra, munições de bôca, tudo isso arrastaram através às estradas para a região serrana. Nelas se improvisaram fábricas de pólvora e de cartuchos e se caldearam as lanças para as pelejas, Luís Carlos de Moraes recorda o fato de haver sido a carreta sede do governo republicano ao tempo do declínio heróico da luta memorável. Grava-o o historiador gaúcho Walter Spalding, em seu instrutivo livro “A Revolução Farroupilha” (2), na efeméride de

(1) Hoje a “Fazenda Firme” está situada na região denominada “Nhecolândia”.

(2) Walter Spalding. “A Revolução Farroupilha” História Popular do Grande Decênio (1835-1845). Edição Ilustrada Brasileira. Vol. 158-1939.

15 de julho de 1842, assim redigida: "Instala-se em Alegrete a capital da república Riograndense. Por estar Caçapava constantemente ameaçada não oferecendo mais garantias ao govêrno, resolveu êste mudar a sede para Alegrete desde 1840. Desde essa data até a presente, a capital da república andava sôbre carretas de um ponto para outro, o que deu motivo à seguinte sátira attribuída aos próprios farroupilhas:

Que é do progresso êste século
Quem mais se atreve a negar!?
O govêrno riograndense
marcha em carreta a rodar!... (1)

Ao abandonar Caçapava, o govêrno republicano instala-se em São Gabriel de onde, pouco depois, é obrigado a retirar-se. Recolhe-se então à estância de Luís Machado, e daí, nesse mesmo ano de 1840, passa para Santa Vitória. Em 1841 torna a São Gabriel e, em seguida, segue para Itaquiati e daí para Bagé, onde fica de novembro de 1841 a junho de 1842. Depois dessa data, por escala em Cacequi, segue para Alegrete onde se instala nesta data e permanece aí até fins de 1843. Mais tarde, depois da renúncia de Bento Gonçalves, a capital torna a ser Piratini, por algum tempo e depois, até o fim, continua em contínua peregrinação pelo sul do Estado".

Por seu turno, o ilustre General Sousa Doca, em carta de 6 de fevereiro de 1944, após referir-se aos 21 pontos que de 1840 a 1844 serviram de capital aos republicanos, conclui que essas diversas sedes do govêrno farroupilha autorizam a afirmativa de que, por mais de uma vez, êle datou os seus decretos, ordens e proclamações sob a tolda de carretas tão ligadas à vida dos gaúchos.

Dezenas de anos depois, já no tempo da República, nas lutas que se travaram nos campos do Rio Grande, volta a carreta-de-bois a conduzir bagagens, munições, arquivos, víveres, doentes e feridos dos partidos em guerra.

(1) A esta sátira também se refere Sebastião Ferreira Soares, gaúcho de nascimento e oficial de fazenda, autor de um projeto de "Reorganização do Tesouro Nacional", em suas "Breves Considerações sôbre a Revolução de 20 de setembro de 1835" (Inf. do General Sousa Doca em carta de 6 de fevereiro de 1944).

Na Revolução de 1893, os seus préstimos foram inestimáveis: transportou equipamentos e abastecimentos; conduziu milhares de emigrados das zonas de operações (só de Cruz Alta saíram de uma feita 150 carretas apinhadas de famílias, sob a proteção da coluna legalista do Cel. Santos Filho); serviu várias vezes de ambulância, como aconteceu após o combate de 27 de junho de 1894, quando centenas de feridos foram evacuados para a mesma cidade de Cruz Alta.

A paz firmada em 13 de agosto de 1895, após três anos da tremenda calamidade que flagelou o brioso povo gaúcho, fazendo para cima de dez mil vítimas, não extinguiu os ódios e rancores partidários: daí o êxodo de muitas e muitas famílias que fugiam “às perseguições sistemáticas e ao mandonismo truculento”. Data desse tempo a grande emigração dos riograndenses para o sul de Mato Grosso, em cujos campos dilatados se haviam alguns estabelecido desde o fim da guerra do Paraguai (1).

Mario Lima Beck, em bela monografia sob o título “Nova Quêrência” (1935), gravou os roteiros que então seguiam os gaúchos até as terras de Mato Grosso: nêles surge como elemento imprescindível a velha carreta prestimosa. Leiamo-lo: “Partiam as caravanas. Estóicos agrupamentos de épicas jornadas. As primeiras ao passo lerdos das carretas, com tropas e cargueiros pela frente. Famílias inteiras, criadagem, agregados, móveis, utensílios de campanha e provisões, constituem as bandeiras. Clãs e patrimônios que se deslocam. Sabem das tremendas distâncias que vencer; sabem das provações que sofrer. E vão entre saudades amargurantes e esperanças animadoras, lentamente afastando-se da terra natal. Dias depois, estacam na primeira grande parada: a travessia do rio Uruguai. (A maior parte das vadeações se efetuava entre o espaço de São Xavier e Itaqui). Tudo se apresta. A tropa vara a nado. Canoas e balsas, as vezes improvisadas, transportam a comitiva. Alguns acidentes e desastres. Animais que a correnteza arrasta. Canoas que viram. Ninguém enfeza. Nada de esmorecimento. Do outro lado do rio, recompostas, as caravanas rei-

(1) Tais, por exemplo, Antônio Inácio Trindade, capitão honorário do exército, Tomás Laranjeira, fundador da Empresa Mate Laranjeira, Joaquim César Constantino de Almeida, Felipe de Brum, Davi Medeiros, Policarpo d'Ávila etc. Wenceslau Escobar, que narrou os episódios da Revolução, declara que mais de dez mil riograndenses transpuseram as fronteiras do Estado em consequência da guerra civil de 1893.

niciam a marcha em território argentino, através dos areais e alagadiços de Misiones. Dez, quinze, vinte dias e acampam na segunda grande parada: Posadas — barranca do largo e caudaloso Paraná. As mesmas cenas da travessia, sòmente mais demoradas e perigosas. Reorganizadas em Incarnación — cidade paraguaia — recomeçam o jornadeio. Sentem-se os primeiros choques com a natureza hostil. Revelam-se canseiras. Vão desbravando caminhos, furando sertões. Mormaços e soalheiras estenuantes. Atolam-se nos brejos. Improvisam pontes, paliçadas. Desmontam carruagens. Dormem no meio de febres, reptis e feras. Venenos ofídicos e a maleita deixam cruzeiros pelo caminho. Animais sucumbem, exaustos e esfomeados. Racionam-se os últimos pedaços de charque. Caçam e pescam. Para frente e atingem a terceira grande parada: São Joaquim — alto divisor das águas do rio Paraná e Paraguai. Pousa restaurador. De novo investem. Ora êrmas chapadas, ora íngremes serranias. Despontam tremedais. Apertam-se em angosturas. Surpreendem selvagens e onças. Lutam e prosseguem. Quantas peripécias! Quantas vicissitudes! Que resistências hercúleas! E' heróico, épico, súrpreendente o drama dessas caravanas. Acercam-se da quarta grande parada — Ipeum: frêmitos de alegria e alvorôço exultante invadem as caravanas. E' o primeiro contato com a terra matogrossense. Outra vez no chão do Brasil. Ipeum é o grande acampamento das caravanas que partem do sul. Têrmo da rota percorrida. Aí se arrancham. Concertam planos. Fazem reconhecimentos e relações. Depois, então, tomam destino às novas querências”.

Foi esta a dura peregrinação dos bravos maragatos vencidos em busca de terras brasileiras onde fundaram novos pagos e continuaram a semear para a grandeza da Pátria! *Victis honos.*

Colegial ao tempo em que se feriu no nordeste da Bahia a chamada Guerra de Canudos (1896-1897), contra os jagunços de Antônio Conselheiro, em terra não muito distante do meu torrão natal, recordo-me perfeitamente das notícias que aludiam aos comboios dos carros-de-bois empregados no transporte de víveres e munições para as fôrças legais. O fato está confirmado no maior livro da literatura brasileira — Os Sertões — de Euclides da Cunha: de feito, à

pág. 381, da 12.^a Edição, descrevendo o imortal escritor a marcha da “Quarta Expedição”, sob o comando do General Artur Oscar, diz: “Deixaram os jagunços também em paz o comboio que seguia, perdido à retaguarda, pela estrada de Jueté. Havia afrouxado os animais de tiro: e toda a carga de 53 carroças e 7 grandes carros-de-bois passara, subdividida, para as costas dos rijos sertanejos do 5.^o Batalhão de Polícia (da Bahia)” (1).

Paremos aqui: aos que sabem de raiz a nossa história não há de surpreender esta parte do inventário que estamos a fazer, momento por momento, a respeito dos serviços de tão modestos veículos de transporte; justificarão e louvarão também os esforços de quem se propôs tirá-los do esquecimento, senão até do desprezo, compendian-do-as, sistematizando-as. Pelo que lhes devemos no vingar a longa e árdua estrada que já caminhamos ao sol da civilização julgamo-los dignos do nosso respeito, da nossa gratidão.

Não é demais que vos peça me sofram fazer aqui uma digressão em remate desta palestra. E’ que de várias fontes acreditadas nos vem a notícia da presença atual do carro-de-bois nas lidas e canseiras das retaguardas das nações que ora lutam pelos mais sagrados e inalienáveis direitos do homem. Ei-lo, prestante, nessa azáfama que se convencionou chamar de “esforço de guerra”. Em números da bela revista “Em Guarda”, publicada pelo Bureau do Coordenador dos Assuntos Interamericanos, nos Estados Unidos, foram registrados os inestimáveis serviços que estão prestando em transporte de madeiras e materiais imprescindíveis aos armamentos das “Nações Unidas”. Assim é que o vemos em intenso tráfego na Guatemala e no Equador, conduzindo das matas para os portos de embarque centenas de toras de “balsa”, madeira levíssima que se emprega na estrutura dos aviões “Mosquitos” da Real Fôrça Aérea Inglesa e no piso dos “Liberators”

(1) No mesmo livro, à pag. 381, lemos: “Enquanto os canhões mais ligeiros chegaram, transcorridos dez quilômetros, ao rio pequeno, o obstruente “32” ficara distanciado de uma légua. Pela estrada, escorregadia e cheia de treme-dais, ronceavam penosamente as vinte juntas de bois que o arrastavam, guiadas por inexpertos carreiros, uns e outros poucos afeitos àquele gênero de transporte, inteiramente novo e em que toda a sorte de empecilhos surgiam a todo o instante e a cada passo nas flexuras fortes do caminho, na travessia das estivas mal feitas, ou em repentinos desnivelamentos fazendo adornar a máquina pesadíssima”.

— asas magníficas que levam aos centros da tirania a destruição e a derrota!

Outras dezenas de carros-de-bois transportam das florestas paraguaias para os lugares de beneficiamento o utilíssimo “quebracho”, tão rico em tanino.

E quem é que não sabe que, no interior do Brasil, milhares de carros tirados por bovinos, muitos dos quais reaparecidos justamente em consequência da guerra, além dos carretos costumeiros em nossos campos, para os quais apelam dia e noite os nossos dirigentes, estão a transportar milhares e milhares de quilos de minérios e de outras matérias imprescindíveis à vitória?

Não há, pois, como desprezá-los.

Cumpriu, quase só, entre nós, uma tarefa secular e, hoje, ao lado dos veículos mecanizados, ei-lo “gemendo aos solavancos”, ajudando-nos, na humildade de suas origens, na rusticidade de sua estrutura, na bárbara sinfonia de sua cantiga, a ganhar a mais santa de tôdas as guerras — a da própria redenção da humanidade livre.

ARAÚJO PÔRTO-ALEGRE, PRECURSOR DOS ESTUDOS DE HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

Só a branda mas irresistível pressão do nosso ilustre Presidente Perpétuo e a instância amistosa do Diretor da nossa *Revista* poderão justificar a realização desta conversa, que foi noticiada sob a designação bem imprópria de conferência, certamente por imposição dos estilos de cortesia da Casa. De fato, a grande honra concedida por êste egrégio Instituto, com o título de sócio efetivo, a quem produziu tão pouco por merecê-la, deveria induzir o seu beneficiário a esforçar-se ingentemente no sentido de empreender trabalho menos insignificante, antes de afoitar-se a usar da palavra neste recinto. Mas como foi, sem dúvida, apenas o representante do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que os doutos membros dêste Instituto quiseram trazer para a sua honrosa companhia, não seria lícito ao mesmo eventual chefe de serviço furtar-se a declarar, quando lhe fôsse determinado, todo o débito daquela repartição para com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em verdade, foi no seio desta benemérita agremiação que os nossos monumentos e obras de arte tradicional encontraram os pioneiros da sua história e os precursores da campanha pela sua defesa efetiva. Foi aqui, em verdade, que se assentaram os fundamentos dos estudos e da ação cujo encargo só muito mais tarde os poderes públicos vieram a assumir, em benefício do patrimônio de arte e das relíquias históricas do Brasil. Por isso mesmo, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional não é senão um prolongamento dêste insigne Instituto. E, assim, o meu reconhecimento pela honra da elei-

ção se torna tanto maior quanto só posso interpretá-la como uma confortadora manifestação do aprêço desta egrégia corporação pelo obscuro, mas estrênuo labor que tem realizado a repartição federal incumbida da proteção do acervo histórico e artístico do país.

Confiando no espírito de solidariedade que une os membros desta veneranda instituição e na generosidade com que cultivam a memória dos consócios desaparecidos, cuido que, mesmo à falta da função pública que exerço eventualmente, não me poderia sentir um completo estranho nesta Casa, a que pertenceram, sem deslustrá-la, alguns homens aos quais fui ligado pelo parentesco e pela afeição: Rodrigo José Ferreira Bretas, Virgílio Martins de Melo Franco, Afonso Ariens, Afrânio de Melo Franco.

A lembrança propícia dêsses nomes de vossos consócios extintos, cujo patrocínio invoco, espero que sereis indulgentes em relação às deficiências da minha tentativa de indicar alguns aspectos da obra de Manuel de Araújo Pôrto Alegre, como precursor dos estudos da história de nossa arte tradicional.

A personalidade de Pôrto-Alegre é das mais complexas, seja quando se pretenda considerá-lo como artista plástico, seja como escritor, seja como homem público. Dois livros recentes publicados a seu respeito, — um dêles a notável bio-bibliografia elaborada pelo douto confrade Ministro Hélio Lôbo —, dispensam, porém, qualquer empenho de resumir nesta oportunidade a vida e a obra do nosso ilustre patricio.

As seguintes considerações, portanto, se restringirão exclusivamente às suas atividades no campo delimitado da história da arte brasileira. Ainda assim, omitirei qualquer referência ao papel que êle representou, pessoalmente, no processo de desenvolvimento das artes plásticas no Brasil. Isto é: deixarei de aludir ao lugar destacado que Araújo Pôrto-Alegre ocupa na história da arte brasileira como pintor, como arquiteto, como professor e diretor da Academia Imperial de Belas Artes, para ficar circunscrito apenas à sua obra de iniciador dos estudos para a elaboração da nossa história da arte durante o período colonial.

Nesse sentido, ocorre observar desde logo que é surpreendente o interêsse espontâneo e o empenho decidido com que o futuro Barão de Santo Ângelo iniciou as suas pesquisas sobre os assuntos que te-

mos em vista. De fato, a sua formação de artista e de escritor se tinha operado nas condições mais desfavoráveis para levá-lo a apreciar devidamente as obras de arquitetura, de pintura e de escultura realizadas no Brasil antes da chegada da Missão Francesa.

Reconstituindo-se as circunstâncias de sua educação e dos meios onde se desenvolveram a sua inteligência e a sua sensibilidade, só há motivos para aumentar a impressão de surpresa, causada pela iniciativa que tomou daqueles estudos.

Considerai por um momento a mentalidade do jovem Pôrto-Alegre, no princípio de sua acidentada carreira:

No dia 11 de janeiro de 1830, a *Aurora Fluminense* lhe dedicava algumas linhas expressivas e que, por certo, o terão emocionado:

“Na exposição última dos objetos da Academia das belas artes” — escrevia o prestigioso jornal de Evaristo da Veiga, — “tiveram todos os curiosos ocasião de admirar os talentos de um compatriota nosso, o Sr. Manuel de Araújo Pôrto-Alegre, natural da Província do Rio Grande de S. Pedro. Este moço, que principiou a aprender o desenho em janeiro de 1827, debaixo da direção do hábil Professor Mr. Debret, se acha hoje pintando muito bem, segundo o juízo dos entendedores, e mostra a maior aptidão para o retrato. Nós vimos alguns, traçados por êle, todos de uma pasmosa semelhança, e não nos pudemos cansar de admirar o entusiasmo da arte, que o domina, sem o qual não se podem tocar os primeiros degraus em qualquer profissão ou ciência. Ouvimos dizer que o Sr. Araújo Pôrto-Alegre passa à Europa, a prosseguir os seus estudos, e ver os grandes modelos e maravilhas da arte que se encontram na França e especialmente na Itália. Se nós é permitido dar o nosso voto, ou antes exprimir com singeleza o que pensamos, este moço pintor dará um dia honra à sua pátria, e aí fará aparecer o amor das belas artes, e que por ora parece coberto com a nuvem da indiferença: Os brasileiros são comumente dotados de muito talento e têm grande propensão para tudo o que requer imaginação viva, e feliz fantasia; resta apenas desenvolver nêles essas qualidades”.

Esses conceitos da *Aurora Fluminense* exprimem muito bem a impressão que, na mocidade de Araújo Pôrto-Alegre, as nossas classes cultas tinham do desenvolvimento artístico do Brasil durante o período colonial. O que os nossos patrícios mais esclarecidos julgavam em 1830 e o que continuaram a pensar, ainda por muitos anos, era que, neste país, o amor das belas artes jazera, desde o descobrimento até então, "coberto por uma nuvem de indiferença", segundo a expressão do jornal de Evaristo da Veiga. Tudo quanto fôra realizado no Brasil no decurso de quase três séculos, no domínio das artes plásticas, parecia tão desprezível que nem sequer merecia uma referência pejorativa.

Terá sido, pois, com mentalidade semelhante que o jovem Manuel de Araújo Pôrto-Alegre partiu para a Europa em companhia de seu mestre Debret. Em Paris, como é sabido, matriculou-se na aula do Barão Gros, artista incomparavelmente mais dotado e profundo que o próprio Debret, mas formado como êste na escola de Davi, a cuja doutrina intransigente o seu espírito nunca se pôde furtar. Avalie-se, portanto, de quanta teoria neoclassicista se terá nutrido o espírito do moço Pôrto-Alegre, sob a influência do temperamento apaixonado de seu grande mestre Gros, em seguida à do professor de pintura histórica da missão Lebreton.

Ajuizai dos efeitos que esta teoria terá produzido no jovem artista brasileiro, pelo seguinte texto em que a resume um tratadista moderno, Louis Réau:

"Formado na escola de Boucher e, depois, convertido ao classicismo mais intransigente... Davi pretende justificar a sua reforma por uma doutrina imperiosa. Ele parte do princípio segundo o qual o objetivo da arte é a imitação da natureza; mas o artista não deve reproduzi-la tal qual lhe aparece, sem discernimento; cumpre-lhe eliminar tôdas as suas imperfeições para dela extrair o *belo ideal*. Ora, a antiguidade oferece-nos os modelos mais perfeitos dessa natureza depurada; os pintores modernos não poderiam, pois, proceder melhor do que seguirem os ensinamentos dos antigos. O mal, porém, é que, a não ser a decoração dos vasos gregos com figuras pretas e vermelhas e os afrescos de Pom-

péia, a pintura antiga não subsistiu. À sua falta, os pintores, à procura de modelos, não terão outro recurso senão transferir para uma superfície plana as próprias esculturas, agrupando-as, segundo as leis do baixo-relêvo. “Eu nutro meus olhos de estátuas antigas”, escrevia Davi. A imitação dos antigos tem por consequência que a pintura, cujas leis até então se haviam impôsto à escultura, ter-se-á de modelar segundo esta última. A escultura de Bernini e de Puget era *pitoresca*; a pintura de Davi seria *escultural*.

Este ideal de *baixo-relêvo pintado* é nefasto à pintura, que renuncia assim a todos os progressos que tinha laboriosamente realizado desde o Renascimento. Ela perde o sentimento da carne viva, da atmosfera que envolve e acaricia as formas, do claro-escuro e da própria côr, que só serve para sublinhar o desenho. A pintura neoclássica tende necessariamente para a *grisaille*, para o cartão incolor. Winkelmann professa que o que dá valor a um quadro não é o colorido, mas a nobreza dos contornos; e os pintores alemães, escravos dóceis dos estetas e dos arqueólogos, chegam a formular a si mesmos esta pergunta inverossímil: “Deveremos pintar nossos quadros?”

Na escola de Davi o que se prezava acima de tudo era o estudo profundo do objeto a representar; a maior segurança possível da mão de obra até mesmo nos mínimos pormenores; o desenho nítido e preciso; no colorido, os fortes contrastes de luz e sombra.

E’ manifesto que, com o critério formado pelos princípios rigorosos dessa teoria, o julgamento de Araújo Porto-Alegre sôbre a nossa pintura colonial não tenderia a ser favorável. Nada menos satisfatório, à luz da intransigente doutrina davidiana, do que a obra dos mestres de nossa pintura colonial: a insegurança e a irregularidade da mão de obra; a imprecisão e o convencionalismo do desenho; a ingenuidade e a extravagância do colorido. Sobretudo, nada se poderá conceber de menos *escultural*, no sentido plástico preconizado pela escola de Davi, do que tôda a obra da antiga pintura brasileira.

No entanto, Pôrto-Alegre reagiu contra todos os princípios, contra todos os preconceitos da sua formação, para considerar com aprêço as obras de arte do passado do seu país.

E' possível que o tenha movido nessa direção o romantismo literário, de que foi um dos iniciadores no Brasil. Ter-se-ia ocupado com os nossos artistas tradicionais sòmente como temas de literatura histórica, do mesmo modo que procurava assuntos nacionais para as suas *Brasílianas*. No íntimo, porém, com tôda sinceridade, teria êle de fato em grande estima a obra dos nossos antigos pintores, escultores e arquitetos?

Êstes últimos, Araújo Pôrto-Alegre só tinha, igualmente, para julgá-los, o gôsto neoclássico que adquirira à vista das composições de seu mestre Grandjean de Montigny. Muitos anos depois de ter deixado as aulas dêsse mestre, ainda lhe restava o mesmo gôsto, como se lhe pode surpreender, a propósito das igrejas da Bahia, em algumas notas íntimas redigidas durante uma viagem do Rio de Janeiro a Lisboa em 1859, cujo manuscrito inédito se acha depositado no arquivo da Academia Brasileira de Letras:

"A arquitetura das igrejas é tôda a mesma", — escrevia Pôrto-Alegre: "uma mistura de barroquismo e mourisco, que faz piedade ... Apenas vê-se à esquerda o Colégio dos meninos órfãos, que tem certa regularidade de linhas. E no entanto a Bahia ainda é a Itália do Brasil!"

Expansões pessimistas semelhantes a esta lhe terão escapado, na intimidade, ainda uma ou outra vez. Todavia, apesar de todos os seus antecedentes, elas não lhe exprimem o fundo do pensamento. Deveremos interpretá-las apenas como resultantes de alguma indisposição ocasional e passageira. Sem dúvida, a uma análise mais acurada, identificaremos ainda, no produto daquela indisposição de Pôrto-Alegre, certos resíduos culturais do exotismo de sua formação. Mas o vigôr da inteligência e a riqueza da sensibilidade do grande brasileiro reagiram desde cedo contra o academismo dos ensinamentos de

seus mestres e terminaram por libertá-lo inteiramente do que havia de perturbador e prejudicial na sua influência.

Dessa reação decisiva possuímos provas insofismáveis, das quais talvez a mais impressionante seja a que encontramos no discurso inédito proferido por Manuel de Araújo Pôrto-Alegre, ao tomar posse do cargo de Diretor da Academia Imperial de Belas Artes, perante a respectiva congregação, no dia 11 de maio de 1854. Naquela solenidade memorável e no próprio estabelecimento onde a ação dos mestres da Missão Francesa se tinha exercido, os modelos e os exemplos que o novo diretor invocava e apontava a seguir aos seus colegas eram os dos nossos artistas tradicionais, os mestiços obscuros nos quais êle já distinguia as figuras mais representativas da arte brasileira :

“Procuremos, pois, viver como Valentim, como José Maurício e como o Caldas, porque seremos beneméritos”.

Pronunciando tais palavras, naquele recinto e naquela oportunidade, revelava-se o homem que tinha despontado, com feição nacional bem definida, do antigo discípulo de Debret e do Barão Gros. De então por diante, cada vez mais sua obra exprimirá a compreensão adquirida do valor do nosso patrimônio de arte tradicional, assim como a simpatia e a admiração pelos que o legaram às nossas gerações.

* * *

Considerando-se apenas o número de fôlhas que a contém, a contribuição de Araújo Pôrto-Alegre para os estudos de história das artes plásticas no Brasil é, infelizmente, muito pequena. Limita-se a sua famosa memória sobre a escola de pintura fluminense, a dois ou três artigos sobre monumentos de arte religiosa tradicional do Rio de Janeiro e aos ensaios que publicou acerca do Mestre Valentim, assim como do pintor Francisco Pedro do Amaral. Entretanto, para o conhecimento e a valorização do patrimônio histórico e artístico nacional, essa obra, tão restrita do ponto de vista bibliográfico, impõe-se como de tôdas a mais importante e a mais fecunda realizada em nosso país.

Efetivamente, nos escritos de Araújo Pôrto-Alegre é que aparece, antes de em qualquer outro texto impresso no Brasil ou a seu

respeito, a indicação das características diferenciais das manifestações de nossa arte tradicional em matéria de pintura e arquitetura. De outra parte, ali também é que encontramos os primeiros subsídios biográficos fornecidos sobre os artistas fluminenses do período colonial. Além disso, aquelas páginas escassas têm ainda o inestimável merecimento de mencionar, precedendo a todos os trabalhos publicados entre nós sobre o assunto, a fonte mais valiosa a que deveríamos recorrer até hoje para o estudo da história da arte no Brasil. Finalmente, os textos resumidos que Araújo Pôrto-Alegre nos deixou valem como o primeiro rebate soado neste país pela preservação da autenticidade de nossas obras de arte tradicional, que desde aquéle tempo sempre estiveram ameaçadas de danos irreparáveis, em consequência de iniciativas mal orientadas ou ineptas.

Dé fato, quando ainda em nenhuma obra publicada tinha aparecido qualquer consideração a respeito, foi Araújo Pôrto-Alegre quem, inicialmente, procurou assinalar os elementos peculiares de nossa pintura e de nossa arquitetura religiosa tradicional, apontando nas suas obras e monumentos representativos os caracteres que lhe pareciam definidos para enquadrá-los entre as manifestações dos estilos sob cujas influências se operava a evolução das formas ao longo da história da arte universal. Nesse sentido, o escritor sugestionou tão fortemente os ensaístas posteriores, que êstes, até hoje, continuam a utilizar a terminologia de Pôrto-Alegre para a caracterização do estilo das nossas obras de arte tradicional, mesmo quando estudos mais recentes e documentação mais completa, coligida desde então sobre a espécie, vieram tornar menos adequada ou manifestamente imprópria a denominação empregada pelo mestre.

Para acentuar o valor excepcional da contribuição do ilustre autor da *Memória sobre a Antiga Escola de Pintura Fluminense* para a elaboração da biografia dos nossos artistas da fase colonial, bastará lembrar-se que, em relação a diversas personalidades importantes, só se conhece, agora, exclusivamente o que Pôrto-Alegre escreveu a respeito delas. Acêrca de outros muitos, se informes mais amplos e elucidativos se coligiram posteriormente, isso foi sobretudo graças às indicações que êle nos deixou. Dois grandes artistas há, porém, do período colonial, — e têm os nomes mais famosos de tôda a his-

tória da arte no Brasil —, cuja glória, hoje em dia definitivamente assegurada, se deve em grande parte à obra e à iniciativa pessoal de Araújo Pôrto-Alegre. Um dêles é o Mestre Valentim da Fonseca e Silva, a quem êle dedicou um estudo consciencioso, contendo o resultado das pesquisas pacientes que realizou sôbre as origens, a formação, a vida e as obras do notável artista mestiço. A êsse trabalho, publicado em 1856 no volume XIX da Revista dêste egrégio Instituto, se têm reportado e sempre se terão de reportar todos quantos escreveram e queiram ainda escrever a respeito, desde Cunha Barbosa e Moreira de Azevedo aos mais recentes pesquisadores. A importância da contribuição de Pôrto-Alegre para a glória de Valentim poderá ser avaliada considerando-se que, até a publicação dos seus trabalhos, o nome do mestre entalhador não tinha sequer sido mencionado por escritor algum. Quanto ao outro grande artista, para cuja fama nacional contribuiu consideravelmente o autor de *Colombo*, foi o Aleijadinho. Em verdade, Pôrto-Alegre nunca se occupou, nos seus escritos, com o patrimônio de arte de Minas Gerais, nem com os artistas que ali se distinguiram durante o período colonial. No entanto, do relatório que apresentou como 1.º Secretário, na Sessão Magna comemorativa do aniversário dêste egrégio Instituto, realizada a 15 de dezembro de 1851 e publicado no tomo XXI da sua douda *Revista*, consta o seguinte trecho, de grande significação para fundamentar a parte que lhe cabe em relação ao que hoje sabemos a respeito do Aleijadinho:

“No *Correio Oficial* de Minas appareceu uma biografia do escultor e arquiteto Antônio Francisco Lisboa, homem digno de passar à posteridade pela sua pericia, pela originalidade de seu caráter e pelas suas formas e fisionomia *quasimodescas*. Escrevi ao Sr. José Augusto de Meneses, redator do *Correio Oficial*, rogando-lhe o obséquio de pedir ao autor daquelle escrito anônimo o serviço de continuar com suas pesquisas artisticas, e ofereci-lhe as páginas de nossa *Revista*. Obtive, não só uma pronta resposta do Sr. Meneses, como junto a ella uma cópia *ampliada* da biografia em questão, pelo Sr. Rodrigo José Ferreira Bretas, e a promessa de continuar nestas investigações.”

Em seguida a essas informações, acrescentava Pôrto-Alegre:

“O tempo, Senhores, me há de ser grato pelo zelo que mostro por estas notícias da arte colonial.”

De fato, o tributo de gratidão da posteridade com que o ilustre escritor contava, pela sua benemérita iniciativa, não lhe poderia faltar absolutamente, embora tardasse a lhe ser prestado. Quem quer que, interessado pela história da arte em nosso país, tenha lido a biografia de Antônio Francisco Lisboa elaborada pelo professor Rodrigo José Ferreira Bretas, ficou deverdor a Araújo Pôrto-Alegre de conhecimentos de valor inestimável. Sem a iniciativa do então 1.º Secretário dêste egrégio Instituto, é possível que o trabalho de Bretas permanecesse despercebido, como tantos outros artigos anônimos, para sempre perdidos nos exemplares que acaso subsistissem da coleção de um jornalzinho de província. Se Pôrto-Alegre não o tivesse estimulado, com o interesse que manifestou pela publicação, parece improvável que Bretas viesse a assumir a sua autoria. E jazendo no anonimato cêrca de 40 anos, é pouco verossímil que a biografia do Aleijadinho fôsse transcrita, em 1896, na autorizada *Revista do Arquivo Público Mineiro* e, em 1897, nas *Efemérides Mineiras* de José Pedro Xavier da Veiga, em cujas páginas o precioso texto se tornou conhecido e pôde perdurar para nosso proveito. A fama do insigne artista aleijado teria certamente subsistido na tradição popular ligada às obras de arte religiosa de Minas Gerais, ainda que se perdesse a sua biografia. Mas o conhecimento satisfatório da personalidade e da produção autêntica de Antônio Francisco Lisboa seria incomparavelmente mais difícil de obter-se, à falta dos subsídios fornecidos por Bretas. E essa lacuna tornar-se-ia ainda mais grave pela circunstância do texto em aprêço conter a reprodução de fragmentos capitais da memória escrita em 1790 por um vereador 2.º da Câmara de Mariana acêrca do desenvolvimento das artes plásticas na Capitania das Minas, memória esta extraída de um códice que se extraviou irreparavelmente. Ora, como tais fragmentos ministram informações valiosíssimas e que seriam absolutamente insupríveis por outro meio, não só sobre o Aleijadinho, como também sobre muitos artistas mineiros anteriores e contemporâneos seus e ainda relativamente à sua formação, às in-

fluências que sofreram e acêrca da própria evolução geral das artes naquela região, não há senão concluir que, contribuindo como contribuiu para preservar o trabalho de Rodrigo Bretas, Pôrto-Alegre prestou um dos maiores serviços que poderiam ser prestados quer à glória merecida de Antônio Francisco Lisboa quer a tôda a história da arte no Brasil.

Para o conhecimento desta, foi êle mesmo indisputavelmente o primeiro, como já adiantei, a investigar as fontes mais fidedignas e valiosas, deixando o seu caminho aberto e assinalado aos pesquisadores que deveriam sucedê-lo. Ao tempo em que escreveu, é certo, um critério adequado e científico para a investigação das fontes, em matéria de história da arte, não se havia impôsto ainda, nem nos próprios meios estrangeiros em que os estudos dessa natureza se tinham desenvolvido mais. E', portanto, bem explicável que êle não lograsse descobrir e apontar muitos subsídios documentários elucidativos para o que tinha em vista apurar. Cumpre, entretanto, reconhecer que procurou escrupulosamente obtê-los e que teve a intuição aguda de qual seria a mais genuína e a melhor das fontes para o estudo da história da arte em nosso país: — os livros de contas e outros existentes nos arquivos das igrejas. As lacunas e a desordem dos que pôde examinar não o habilitaram a colhêr frutos apreciáveis. Faltou-lhe infelizmente, por circunstâncias eventuais desfavoráveis, um resultado compensador do seu esforço, que o animasse a desenvolver as pesquisas iniciadas naquele campo. Todavia Araújo Pôrto-Alegre foi o iniciador do amanho do terreno que deveria ser o mais rico celeiro a que têm recorrido e a que ainda poderão por longos anos recorrer, para abastecer-se, os historiadores da arte brasileira.

Com prejuízo grave para o desenvolvimento entre nós dos estudos a êsse respeito, o autor da *Memória sôbre a Antiga Escola de Pintura Fluminense* e dos ensaios intitulados *Iconografia Brasileira* não pôde prosseguir nos trabalhos que havia empreendido para assentar os fundamentos da história da arte em nosso país. Atraído por inúmeros problemas literários, científicos, artísticos e administrativos que, ao decorrer dos anos, lhe feriam mais vivamente a sensibilidade, Pôrto-Alegre não mais voltou à tarefa que encetara de tornar conhecido e apreciado o acervo de nossas obras de arte tradicional e aquêles que o tinham produzido.

No entanto, aprendendo desde logo a importância dos trabalhos que o seu ilustre consócio realizava em tal sentido, os membros dêste egrégio Instituto, na sessão de 2 de abril de 1846, deliberaram apelar para que estendesse ao domínio da arquitetura no Brasil as investigações tão proveitosamente começadas em relação aos pintores do Rio de Janeiro. Lê-se, com efeito, no extrato da ata da referida sessão, publicado no tomo VIII da *Revista do Instituto*, ter êste votado, “por proposta do Sr. Lagos (cujo elogio fúnebre veio mais tarde a fazer, por incumbência da douda corporação), “que se convidasse ao sócio efetivo o Sr. Manuel de Araújo Pôrto-Alegre para organizar uma memória sôbre a arquitetura e o seu progresso neste país, a fim de servir de complemento ao interessante trabalho sôbre a antiga escola de pintura fluminense por êle lido em uma sessão anniversária do Instituto.”

As circunstâncias, pouco propícias à história da arte no Brasil, não permitiram que Pôrto-Alegre satisfizesse nem mesmo à aspiração manifestada por seus colegas do Instituto. Mas se êle não pôde trazer a esta Casa, naquela oportunidade a contribuição pleiteada pelos confrades, com tão esclarecida compreensão do valor que teria semelhante trabalho, sua obra incompleta suscitou mais tarde, em compensação, no recinto desta douda sociedade, a realização de um curso de conferências de Araújo Viana, o qual constituiu como que o cumprimento, por um discípulo confesso e agradecido de Pôrto-Algre, do voto formulado a êste, cinquenta anos antes, por seus confrades do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Essas conferências, proferidas sob o título *Das Artes Plásticas no Brasil em geral e na Cidade do Rio de Janeiro em particular*, apparecem-nos, em verdade, como uma continuação e um complemento da *Memória sôbre a Antiga Escola de Pintura Fluminense*. Acrescidas de numerosos artigos publicados por Araújo Viana sôbre assuntos semelhantes no diário *A Notícia*, na revista *A Renascença* e em outros periódicos, elas fornecem também subsídios de grande valor para a obra encetada por Pôrto-Alegre e já estão a reclamar um editor inteligente que empreenda a sua publicação em conjunto, ordenando com critério adequado os escritos esparsos segundo a natureza das matérias tratadas e provendo os volumes que os enfeixarem de índices minuciosos.

Todavia, bem anteriormente à contribuição de Araújo Viana, vários trabalhos de merecimento já tinham sido realizados acerca da história das nossas artes tradicionais, sob a mesma inspiração de Manuel de Araújo Porto-Alegre. Entre êles, bastara citar os de Moreira de Azevedo e Antônio da Cunha Barbosa, acrescentando-lhes os de Vieira Fazenda, embora não visassem diretamente a idêntico objetivo.

A partir de Araújo Viana, uma torrente de escritores se tem aproveitado dos ensinamentos de Porto Alegre e, se sucede aparecer algum, menos escrupuloso e correto, que utilize a sua contribuição e omita porventura a citação devida ao Mestre, a quase totalidade dos demais lhe tributa o reconhecimento que merece.

Do Serviço público criado para velar pelo patrimônio de arte tradicional, cuja apreciação e cuja defesa lhe coube iniciar em nosso país, posso afirmar que Manuel de Araújo Porto-Alegre é o patrono venerado. Sua obra inspira, orienta e estimula os trabalhos empreendidos por aquela repartição para o estudo dos problemas de história da arte nacional, de que êle foi o generoso precursor. Ao mesmo tempo fortifica e conforta para a luta, tantas vezes áspera e ingrata, pela preservação de nosso patrimônio histórico e artístico.

Em verdade, já em 1841 o bravo pioneiro erguia a voz, no recinto dêste prestigioso Instituto, para condenar severamente os atentados cometidos contra a integridade das obras de arte genuínas legadas pelos nossos maiores. À lembrança da lição de Araújo Porto-Alegre, desalenta-nos verificar que, decorrido mais de um século desde a sua recriminação severa, ocorrem novos atentados da mesma natureza, com a agravante de se ter tornado mais conhecido o valor das obras sacrificadas e, sobretudo, de se achar em vigor no país uma legislação promulgada para a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

Em última análise, porém, cumpre-nos chegar à conclusão de que não haverá legislação repressiva bastante eficaz para impedir a renovação daqueles atentados, enquanto o verdadeiro conhecimento e a apreciação exata do valor das obras de nossa arte tradicional e dos nossos monumentos históricos não se tiverem generalizado no Brasil e penetrado profundamente no espírito e na sensibilidade dos brasileiros.

De fato, é enganosa a suposição de que tenha aumentado o aprêço por aquêles bens, desde o tempo em que Pôrto-Alegre formulava os seus protestos irritados contra os mandantes e os mandatários das reformas que sacrificavam as obras dos velhos mestres da pintura fluminense. Sem dúvida, o interêsse e a curiosidade por tais valores se terão desenvolvido bastante em certos meios nossos. Mas êsse fenómeno ainda está, infelizmente, muito longe de equivaler ao respeito escrupuloso e à veneração que o patrimônio histórico e artístico do país nos deveria merecer. Particularmente em relação às nossas obras de arte tradicional, impressiona muito a incompreensão quase geral do dever imperioso que nos incumbe de preservá-las na sua genuína integridade. A qualquer brasileiro de mediana cultura repugnará indubitavelmente a alteração ou a interpolação de um texto de valor histórico. Por mais incorreta, obscura ou extravagante que pareça a redação de algum documento antigo relacionado com um episódio mais ou menos importante da vida nacional, não haverá quase ninguém, entre nós, que justifique afeiçoar-lhe os termos ao gôsto atual ou adulterar-lhe o teor autêntico, para o fim de utilizá-lo de acôrdo com uma conveniência de momento, ainda que relevante. Entretanto, monumentos e obras de arte da maior significação nacional têm sido deturpados, desfigurados, mutilados e até sacrificados irreparavelmente, com a complacência geral. Causam surpresa e provocam reprovação, mesmo entre as pessoas cultas, as medidas adotadas com o objetivo de manter na sua feição genuína êsses monumentos e obras, que tantas vôzes são marcos mais importantes e expressivos da história pátria do que quaisquer outros.

Decorridos, portanto, mais de cem anos, desde a advertência vibrante de Araújo Pôrto-Alegre, ainda há a realizar uma longa e árdua campanha no sentido de esclarecer o espírito e tocar a sensibilidade dos brasileiros para o fim de se solidarizarem, sincera e efetivamente, com a obra de proteção do patrimônio histórico e artístico do país.

A ação exercida pela repartição federal a que compete a defesa de tais valores é ainda muito restrita e insuficiente para os fins que se têm em vista alcançar e nunca poderá corresponder às complexas necessidades da proteção efetiva do acervo histórico e artístico de um

país com a extensão territorial do Brasil e com a organização política e administrativa peculiar ao nosso.

Mas o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em cujo recinto ecoou, em 1841, o primeiro e caloroso protesto contra os atentados ao nosso patrimônio de arte tradicional, é o órgão mas autorizado da Nação para propagar o conhecimento dêsse patrimônio e o apreço verdadeiro pelos bens que o constituem.



A GLÓRIA DE CÂNDIDO BORGES MONTEIRO (*)

LUIZ FELIPE VIEIRA SOUTO

"C'est un grand et beau spectacle de voir l'homme sortir en quelque manière du néant par ses propres efforts; dissiper, par les lumières de sa raison, les ténèbres dans lesquels la nature l'avait enveloppé; s'élever au-dessus de lui-même; s'élancer par l'esprit jusque dans les régions célestes; parcourir à pas de géant, ainsi que le soleil, la vaste étendue de l'univers; et, ce qui est encore plus grand et plus difficile, rentrer en soi pour y étudier l'homme et connaître sa nature, ses devoirs et sa fin."

JEAN-JACQUES ROUSSEAU.

Quis Vossa Excelência, Senhor Presidente Perpétuo, (1) fôsse minha voz a exaltante, nesta casa centenária, que também foi de Cândido Borges Monteiro, da glória de um brasileiro cuja vida, não tão longa quanto de desejar, foi sucessão de triunfos e de honrarias, merecidos, é certo, pelo fastígio de sua inteligência, pelo valor de seus estudos, pelo esplendor de sua palavra, pela dignidade de seus gestos, pela beleza de seu caráter, pelo desprendimento de seus atos públicos e privados, pelo arroubo de seu amor à justiça, pela bondade de sua vida, pelo culto à sua família, pelo valor de seus escritos, pela imortalidade de suas intervenções cirúrgicas, pelo fanatismo da nossa pátria, pela religiosidade de seu culto à Virgem Mãe de Deus, que

(*) Conferência realizada no Instituto Histórico, a 5 de agosto de 1942.



Cândido Borges Monteiro
(Visconde de Itaúna)

Reprodução do retrato a óleo executado
por ULRICO STEFFEN e existente na
galeria dos professores na Escola Na-
cional de Medicina da Universidade do
Brasil.

protetora sua na pia batismal, pela destra levou-o até onde a alguém seria dado desejar nas veredas do saber para bem da humanidade sofredora e infeliz.

Festejar-se-ia aqui, hoje, neste recinto solene, onde a effigie do imperador filósofo paira tutelar, uma intervenção cirúrgica arrojada, mas admirável, que sagrara um jovem brasileiro aos vinte e nove anos de idade, com fulgor ainda não ultrapassado, e achou Vossa Excelência que o mais jovem membro dêste Instituto, médico como Cândido Borges Monteiro, cirurgião que nem êle, deveria recordar, cem anos transcorridos, a figura gigantesca do operador lembrado, hoje, em todos os recantos do Brasil.

Pensei não aceitar a incumbência, mas três razões obstaram o fizesse. Primeiro: — a gentileza e a espontaneidade do convite de Vossa Excelência a um membro dêste cenáculo, numa época em que todos, dos mais humildes aos mais destacados, devem cooperar, colaborar para que nossa pátria tenha, entre as do mundo, o papel de preponderância que lhe reservou o Altíssimo nos refolhos de sua vontade impenetrável e muitas vêzes incompreensível e incompreendida, e que os homens timbram, quase sempre por motivos inconfessáveis, em atrapalhar, em postergar, cuidando mais do interesse particular, quiçá subalterno, do que no bem da comunidade, na elevação do torrão natal; segundo: — as razões expendidas, demonstradoras de que eu, apesar da insignificância de que me julgo padrão, deveria ser o turiferário do meu glorioso colega do século passado, pelo meu eminentíssimo e venerando mestre, Professor Doutor Brás Hermenegildo do Amaral, digno êmulo daquele hoje por nós incensado, ao procurar-me há poucos dias em meu consultório a fim de, em nome de Vossa Excelência, convencer-me a aceitar o convite que me seria feito; terceiro: — a minha paixão pelos contrastes, a minha admiração pelas sombras que realçam o brilho das gemas preciosas, a minha veneração pelos artistas anônimos que deixaram insculpidos nos monumentos vencedores dos anos e das porcelas o encanto do passado, simples ou complicado, ingênuo ou fantasioso, pobre ou faustoso, mas testemunha sempre do equilíbrio universal, da grandeza do homem, na pequenez da trajetória terrena que lhe é concedida.

Comparei-me a Cândido Borges Monteiro, e dêste confronto verifiquei ter sido sábio Vossa Excelência, na escolha que fêz, e

forte, convicto desta verdade, aceitei pegar na alça da ânfora que levará à imortalidade o nome excelso de quem, nascido em berço de palha, terminou os dias grande do império.

Aceitei, aceitei convencido de que deveria aceitar, e aqui estou, certo da felicidade da escolha, eu que estudando de há muito a figura singular de homem e cirurgião que foi Cândido Borges Monteiro, tomei-o para nune tutelar; eu, que aproximando minha vida obscura da sua fulgurante, encontrei em ambas um ponto de contato, o amor da medicina, o culto da cirurgia, o fanatismo do aperfeiçoamento na ciência de mitigar o sofrimento alheio, de aliviar a desgraça do semelhante, de curar o próprio inimigo, imitando nisto o bom samaritano, exemplo parabólico que nos legou o divino padrão da bondade, o dom de perdoar aquêles que, por longos e dilatados anos, se aproveitam com a maior sem-cerimônia do médico a tôdas as horas e a todos os momentos, e que os relegam a categoria de inimigos, se não os encontram dispostos a transigir, por vêzes, com sonhos irrealizáveis de espíritos doentios, de romances forjados por mentalidades intrigantes e rasteiras. Se a mãos humanas for dado aproximar-se das dadivosas do Criador, estas mãos serão as do cirurgião, daquele que no fim da jornada, ao cerrar para sempre os olhos, poderá estar certo de que suas mãos ensanguentadas causaram neste mundo de lágrimas e sofrimentos mais bem do que dores, e que o desinteresse de seus atos, quiçá obscuros, aproximaram-no do Divino Mestre, o quanto possível é a um mísero pecador.

Estas mãos gotejantes de sangue alheio em seu benefício, que Cândido Borges Monteiro possuiu e das quais deixou impressos no corpo dos que beneficiou os traços indeléveis do seu bisturi, também eu as possuo, senão tão adestradas e gloriosas, mas tão bem intencionadas no almejar o suaviso daqueles que nos seus mais tristes momentos procuram o cirurgião para aliviá-los, para salvá-los.

Se tivesse visto em mim apenas o historiador, o erudito, o literato, não estaria aqui neste momento, a não ser como ouvinte, mas entrevi em mim o cirurgião e êste deveria estar aqui, porfiando por tracejar um perfil digno daquele super-homem que sublimou a cirurgia brasileira, que projetou sua imagem através o oceano, obri-gando pelo arrôjo de suas intervenções, pelo denôdo de sua coragem, a que os cirurgiões estrangeiros pasmassem ante a maravilha de seu

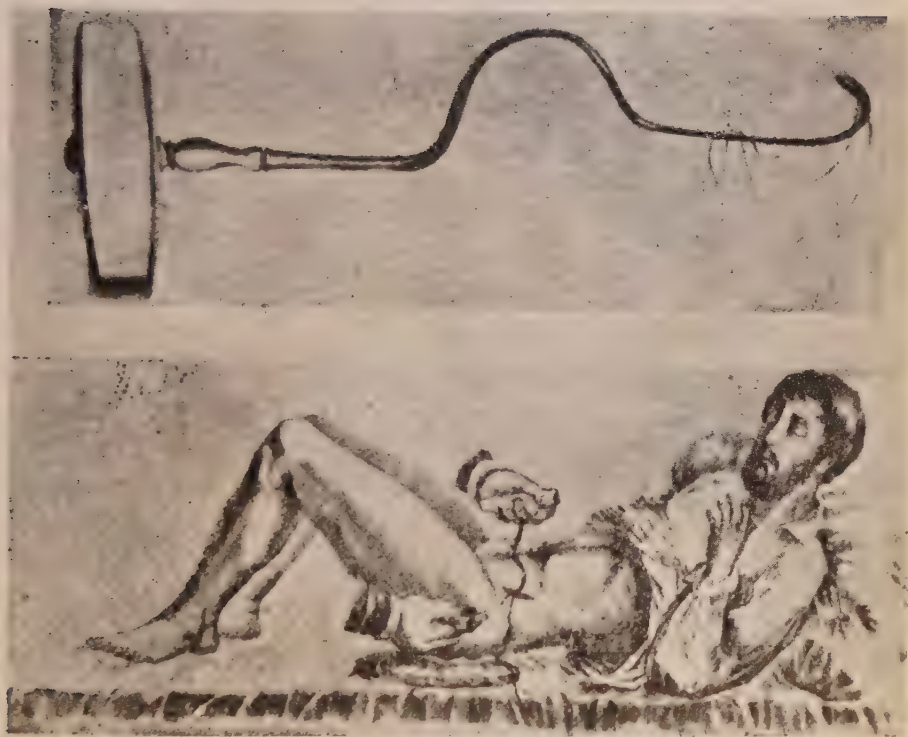


FIGURA N.º 5

Reprodução fotográfica da gravura existente na "Memória" de Cândido Borges Monteiro, sobre a ligadura da aorta abdominal, mostrando o porta-fio de sua invenção e o seu uso. Convem notar, não ser precisamente este, o traçado da incisão praticada por ele, na imortal intervenção, segundo o relato.



FIGURA N.º 7

Medalha comemorativa do centenário da ligadura da artéria reta abdominal pelo Dr. Cândido Borges Monteiro (25-VIII-1842 — 25-VIII-1942). Foi mandada cunhar pelo Professor Dr. Augusto Brandão Filho.

saber e a perfeição de sua técnica, sem falar na tática cirúrgica de que foi no Brasil precursor, êle que nada temendo, seguiu à risca o conceito imperecível de Hufeland, que prescreve aos discípulos de Hipócrates: “Quando o doente está em perigo, arrisca tudo para salvá-lo, até tua reputação.”

“Vai, ó meu filho, cheio de paciência e resignação! que te não amedrontes ou enfades com o olhar severo do crítico judicioso, pois que da critica nasce a verdade; mas que também não dês importância aos brados informes de vaidosos faladores. Vai: como uma árvore plantada em campo raso sofrerás o embate de horríveis tormentas; tu te curvarás talvez rastejando o pó; mas como o tenro arbusto da fábula, tu te erguerás de novo e um dia vegetarás com fôrça no meio dos aplausos da humanidade. Vai! serás mais uma pedra onde o zoilo afiará sua prêsa, mas nessa mesma pedra seu dente se gastará; e tu, gerado pelo amor da cirurgia de meu país, tu alimentado pelo amor da cirurgia do meu país, tu alimentado pelo amor de meus semelhantes, tu não morrerás porque a linguagem alta e sonora dos tipos bafejada pela verdade atravessa os séculos e chega à posteridade. Vai!”

Creio na presciência que possuímos, às vêzes, e só crendo nela poderemos compreender êste trecho de Cândido Borges Monteiro. Aqui entreviu êle quanto seria combatido pelos ignorantes e invejosos, percebeu que embora discutido, injuriado, alvejado por inimigos tocaiados, não prevaleceriam através dos anos os remoqueos e os doestos contra seus atos, e sobranceiro, altivo, cômscio do que valia como homem e cirurgião, como amigo e patriota, que agonizante ainda daria pelo progresso de seu país os últimos lampejos de vida, avançou de frente ereta, indiferentes aos ataques, desdenhoso às sátiras que adversários politicos do tope de José Bonifácio, o moço, lhe atiraram, não sentindo sequer aflorarem-lhe a epiderme as setas ervadas dos despeitados.

“Pelas 2 horas e 10 minutos da tarde”, do “dia 5 de agosto de 1842”, numa sala acanhada e anti-higiênica de uma humílima casinha da rua das Violas n.º 31 (2), um cirurgião que não atingira ainda seis lustres de existência, mas já provara em dous concursos o quanto dêle dever-se-ia esperar, “na presença de um grande número de cirurgiões desta cidade e na de alguns professôres da escola de

medicina”, traçou com seu bisturi, sofrendo certamente as bulhas descompassadas pelo estado emocional do seu coração de moço, em um doente “que possuía uma coragem acima de tudo que se possa imaginar”, conhecedor da gravidade de seu estado e do arrôjo da intervenção que seria a quarta no mundo e a primeira no Brasil, ainda mais pela via retro-peritonial, abordando a aorta pelo flanco seria a primeira no universo, pois Cândido Borges Monteiro propusera-lhe “a adoção dêste meio sem contudo dissimular-lhe ou ocultar-lhe os perigos inerentes a tão perigosa operação”, após ter tratado de “consultar e ouvir as opiniões de dois cirurgiões distintos desta cidade (os Srs. Drs. Manuel Feliciano Pereira de Carvalho e Cristóvão José dos Santos) acêrca do diagnóstico que havíamos feito; porquanto de nenhum modo queríamos nós submeter o doente às consequências de uma operação tão ousada sem estarmos mais seguros de que não era outra a enfermidade do nosso doente”, mesmo porque asseverava êle, dando exemplo digno de ser imitado, “não nos julgando infalível nos nossos juízos porque podíamos e podemos muitas vêzes errar”, ouvir dos referidos cirurgiões que assim o entendiam, “e de pleno acôrdo acreditaram conosco que só a *ligadura da aorta* era neste caso extremo o único meio a que se podia recorrer”, se bem que Cristóvão José dos Santos se visse “dominado por sérios receios de que semelhante operação jamais seria seguida de bom resultado quando praticada no homem vivo”; forte de suas convicções e apoiado na irrestrita solidariedade que Manuel Feliciano, o patriarca da cirurgia brasileira, o nosso Larrey, lhe dera, traçou uma incisão que “havendo começado ao nível da espinha íliaca anterior e superior foi terminar imediatamente por diante da extremidade livre da última costela abdominal.”

Por esta incisão, levou a cabo, sem anestesia, em setenta minutos, a operação que resolvera praticar, a vêr se conseguiria salvar a vida de um rapaz moço, vítima de seu trabalho no qual contraíra a lesão, carecente de um meio tão perigoso para sua cura. Durante êstes minutos tão trágicos, aquêles peitos habituados a sensações fortes que a cirurgia proporciona aos seus eleitos, vibraram em uníssono com o jovem operador, seguindo-lhe os movimentos destros e elegantes, precisos e sábios, comedidos e arroçados, tendo apenas em mente o benefício de um pobre infeliz, que só lhe poderia dar gra-

tidão, gratidão de que passado o perigo são tão esquecidos os doentes. A solidariedade dos colegas de Cândido Borges Monteiro, o carinho com que acompanharam os onze dias em que êle velou à cabeceira do enfermo, seguindo-lhe a marcha do post-operatório de minuto em minuto, acompanhando as melhoras e os desfalecimentos, até o transe final, às 10 horas da manhã do dia 16 de agosto, em que o operado “deixou de existir”, indo às 11 horas da manhã do dia seguinte ao anfiteatro anatômico da escola de medicina, em presença de alguns professores da mesma escola, bem como de um grande concurso de cirurgiões nacionais e estrangeiros, e estudantes de medicina”, assistir à necropsia procedida pelo cirurgião, demonstradora do acerto diagnóstico e operatório e da verdadeira causa do trespasse, causa inerente ! falta de assepsia que na época dêles era desconhecida, demonstra a inanidade dos conceitos daqueles que, a exemplo de Molière, procuram fazer da classe médica um ajuntamento de indivíduos maldizentes a criticarem e censurarem uns aos outros, sem o menor vislumbre de solidariedade humana. (3). Apenas um médico veio discutir o assunto pelos jornais, tendo-lhe Cândido Borges Monteiro dado resposta cabal pela mesma via e depois na tese inaugural do seu discípulo Constantino José da Silva Franzini. Aqui, nesta conferência, em que procurar-sei dar vista panorâmica de Cândido Borges Monteiro, sua vida e obra, não poderei deter-me na análise circunstanciada e crítica de seus escritos, mas logo à noite na conferência que irei pronunciar no Colégio Brasileiro de Cirurgições, êste ponto será ventilado devidamente, de sorte a demonstrar não a valia de seus conhecimentos avançados para a época como o apoio confortador dos competentes, dos aptos a julgar de seu inérito.

Se há classe unida, se existem indivíduos coesos êstes são os médicos, cuja única finalidade é apagar suas personalidades para unidas em um só corpo, em uma só alma, progredir na estrada, quase sempre cheia de urzes, bordejada de espinhosas silvas, tapetadas de agudos seixos, em que não raro ficam os caminhanes, exaustos e exangues, marcos anônimos do bem, à margem, sob um montículo de pedras, encimado por uma cruz, a solicitarem na mudez e humildade de seus túmulos a que os outros retemperados pelos exemplos que lhes deixaram, prossigam, sempre avante, surdos ao vociferar dos nulos, prontos na estacada a ridicularizarem os que se avantajem,

cegos aos perigos e às canseiras de um labor ingrato, por asinhas ínvias bordejadas de despenhadeiros ignotos, na predestinação de vencer a morte, de salvar entes necessários à família, à pátria e à liberdade.

Comemora hoje o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pela palavra de um cirurgião que é dos seus, dos seus poucos eleitos no terreno da História, um cirurgião que foi dos seus e que se foi tudo quanto podia almejar em sua pátria e fora dela, teve como alavanca a lâmina do bisturi e como marco de sua existência fecunda, a operação cujo centenário serve em sua terra, neste dia de agosto, das zonas tórridas do vale amazônico às sangas e coxilhas do Rio Grande de meus avós, das águas esverdeadas desta baía ímpar, às florestas esmeraldinas de Mato Grosso, passando pelas planícies de Piratininga, que seu nome ilustrou e que êle amou como se seu berço fôra, para relembrar sua vida e sua obra tão cheias, tão belas e tão gloriosas, como as mais pingues de valor, de cintilações, de resplandescências.

Este ato cirúrgico atravessou as fronteiras da pátria e no bôjo de algum brigue, no ventre de algum veleiro moroso, singrou as águas do oceano, levando vagarosa uma notícia, que em minutos chegaria, trinta anos depois, graças a uma assinatura de Cândido Borges Monteiro, a última que sua mão benfazeja traçou neste mundo; ao maior centro cirúrgico daqueles tempos, e Velpeau, mestre da cirurgia, estremeceu de alegria, impou de regozijo, e célere, ansioso, solicitou ao colega brasileiro que escrevesse narrando o fato que consumara, uma memória, que levasse aos mais longínquos recantos da terra, a glória de um brasileiro. Não satisfeito com o valor condecorativo de um tal anseio, enviou ao colega, de tão distantes paragens o diploma de sócio correspondente da Academia de Medicina de Paris, concedido por unanimidade, primeira prova que os mais alevantados mestres da medicina davam a um confrade até há pouco desconhecido para êles e para o mundo.

Apressou-se Cândido Borges Monteiro, recebida a intimação do célebre professor, em escrever, com pureza notável para quem ainda não saíra da pátria, no francês que a amizade de amigo paterno ensinara ao caixeiro obediente, mas ávido de saber, sequioso de libertar-se dos grilhões que uma carreira inglória não desejada, perante

de sua vontade lhe impunham, uma memória notável, uma monografia perfeita, modelo de escrito científico, onde a sinceridade do homem se alia à proficiência do cirurgião, onde arranha o amor próprio por amor à verdade, onde sentimos angústias e apreensões, acompanhamos as vigílias que antecederam-lhe o ato, os temores que sentiu, os perigos que arrostou, e pasmamos ante a erudição, o saber ímpar, o vigor das asserções baseadas na experiência, a intuição de quem engendra um novo instrumento cirúrgico, um porta-fio original para facilitar a tarefa daqueles que após êle quisessem seguir-lhe as pegadas.

Após a dedicatória a José Martins da Cruz Jobim, êle que escravo da gratidão não se pejou jamais em confessar favores recebidos, graças auferidas, em que expressou, da mesma sorte que já o fizera cinco anos antes a Manuel Feliciano na segunda tese de concurso, seu reconhecimento e amizade, escreve "Prefação", digna de ser lida e meditada, monumento de síntese relativo aos meios de hemostasia, anteriores à época em que vivia, e os conhecimentos sobre aneurismas que a observação e a prática haviam armazenado.

Segue-se ao exórdio, a observação detalhada, profunda, em que o cirurgião revela o anatomista e o clínico, sopesando tôdas as faces do problema, auscultando meticoloso os perigos que antevira no exame atento do doente, quando perquirira curioso o pobre homem que lhe entregara a vida, confiante no discernimento e no critério médicos daquele que o contemplava solícito, bondoso, procurando identificar-se com seu semelhante que jazia num leito de sofrimento sequioso de alívio, ansioso pelo consôlo moral e físico que as palavras do médico trazem, e exaustivamente nos leva através do estilo claro e fluente, característicos de tudo quanto escreveu, a sentir com êle, tôdas as aflições, tôdas as agonias, tôdas as resoluções que tomou durante onze dias de permanência constante a lutar pela salvação de um pobre e desprotegido mascate.

A nobreza do caráter de Cândido Borges Monteiro espouca a cada instante de sua palavra, a mágua de ver baldados seus esforços, a pena que lhe causava sentir-se impotente para o fim colimado, revelam neste homem, que muitos acoimaram de orgulhoso, de vaidoso, o lado humano, a face profundamente humana.

A narrativa da autópsia e as reflexões sábias que por ela lhe foram presentes, consolidam em nós, cem anos depois, a impressão indelével de um saber imenso, o conhecimento magnífico das ciências médicas no que diz respeito aos capítulos notabilizantes em nossa terra de um José Maurício Nunes Garcia, de um José Maria Chaves, de um Francisco Praxedes de Andrade Pertence, de um Cláudio Velho da Mota Maia, de um João Benjamin Ferreira Batista, de um José Ribeiro de Souza Fontes, de um Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, de um Luiz Pientzenauer, de um José Pereira Guimarães, de um Lourenço de Assis Pereira da Cunha, de um Francisco Pinheiro Guimarães, de um João Baptista Kossuth Vinelli, de um João Paulo de Carvalho, de um Oscar Frederico de Souza, para só recordar alguns dos mortos que mais fizeram pela anatomia e pela fisiologia em que Cândido Borges Monteiro era exímio; sem esquecer aqui, aquêle ancião que foi meu mestre, aquêle varão sábio e erudito, a quem a fatalidade não satisfeita em roubar a luz dos olhos, tirou o filho que era a glória de sua velhice, dos mais ilustres assistentes de meu pai, Luís Antônio da Silva Santos; refletido, perquiridor dos mínimos detalhes, caldeando-os de sorte a tirar ilações profícuas para si ou para os outros que se abalassem a trilhar a nova vereda.

E quando julga ter errado, quando crê não tenha sido bem atento no observar um sintoma, nos diz que: não houveramos reconhecido durante a vida" acrescentando "e o devemos confessar ingênuamente". Das reflexões judiciosas feitas, chega ao enunciado de três questões capitais, encarando-as sob o ponto de vista crítico, dos mais severos e completos. Aborda cada problema, de uma complexidade enorme, com espírito despido de partidarismo e baseado em estudos próprios, muitas vezes levados a cabo em animais, êle que entre nós, de parceria com Manuel Feliciano, foi o primeiro a praticar a cirurgia experimental, que só oitenta anos depois, seu sucessor e êmulo na cátedra de anatomia topográfica, medicina operatória, e aparelhos Benjamin Batista, conseguiu que uma reforma de ensino oficializasse.

A primeira questão, aquêla em que ventila o problema — "A ligadura da aorta será compatível com a vida?", é discutida com proficiência e talento, refutando uma a uma tôdas as opiniões con-

trárias à sua, reduzindo à inanidade todos os objetores e as objeções que por elles poderiam ser levantadas até chegar àquella conclusão admirável, fortalecido pela sua inabalável convicção: “Sim: pode-se viver depois de se haver sofrido esta operação”, e talvez imaginando algum cético a sorrir incrédulo por não se haver salvado seu doente, acrescenta: — “nossa intenção não é assegurar que a ligadura da aorta abdominal deva necessariamente ser coroada de feliz successo; queremos tão somente demonstrar que êsse successo é possível e que quando o doente deva necessariamente perecer sob a influência de seus sofrimentos — a ligadura da aorta oferece muitas probabilidades em seu favor para que um cirurgião hábil a pratique, sem que por êste fato tenha de ouvir as exprobações de sua consciência, ou de escutar gemidos inúteis pela ação de seus sofrimentos. — O nosso doente sucumbiu, é verdade; mas esta terminação desgraçada de uma operação tão grave e tão importante não nos parece em todos os casos de um tal valor para que os cirurgiões hábeis e empreendedores a renunciem inteiramente; sem dúvida, uma outra vez alguém será mais feliz do que nós o não fomos.”

A segunda questão: — “Deveria ou não ser praticada a ligadura da aorta no doente que serve de objeto à presente memória?”, é complemento das asserções feitas anteriormente, e convicto de sua opinião conclui “que a ligadura da aorta devia ser praticada como único meio em que se podiam depositar algumas esperanças”.

Por último discute a terceira questão: — “Qual o processo pelo qual se deve praticar a ligadura da aorta”, dando a êste capítulo imprimidura fortemente pessoal, cunho próprio mais nítido ainda por completá-lo com “Considerações acêrca do porta-fio” de sua autoria, para rematar êste trabalho que não foi só padrão de glória seu, mas de sua pátria, dizendo: — “Se algumas linhas traçamos acêrca dêste objeto por certo que o não fizemos com a mira em outro fim, que não fosse o amor que temos consagrado à cirurgia do nosso país, e por desejar ver suficientemente esclarecida a todos os respeitos uma questão tão importante como é — a ligadura da aorta — questão de vida ou de morte para a humanidade, e de honra e gloria para a ciência.”

Publicada nos “Anais da Academia de Medicina de Paris”, tornou universal e até nossos dias citado em todos os tratados cirúrgicos,

o nome de Cândido Borges Monteiro, e imortal sua glória. Na pátria, em 1845, foi estampada na versão do nosso consócio Dr. Roberto Jorge de Haddock Lobo, de quem e da qual disse o autor “devemos o obsequio da tradução, sôbre a qual nem ousámos passar a vista. Oitenta e dois anos decorridos, Roberto da Silva Freire, por indicação de Augusto Brandão Filho, a quem Domingos de Góis e Vasconcelos Filho presenteara com exemplar raro, publicou-a precedida de retrato e ligeiras notas biográficas do autor, por sinal que com erros lamentáveis de revisão, que eu lhe propiciara na “Revista Brasileira de Cirurgia”.

Estranharão talvez muitos que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comemore o centenário de uma intervenção cirúrgica e de um, que não dos menos doutos, ouvi irônico, o ser isto concorrência à Academia Nacional de Medicina. Senti, é verdade, esta apreciação, embora particular, à minha proposta, por partir de quem partiu, por ser de um a quem muito quero e só impensadamente, êle que é dos mais doutos e inteligentes das nossas letras, poderia tal reparo haver feito, por isto, sorri e não dei resposta. Responder, para que? Cristo também calou e o grande bispo Dom Vital Maria de Oliveira, ensinou-nos a exemplo do Divino Mestre que às vêzes devemos calar !

O Instituto é o templo da História e a História da medicina é um dos maiores capítulos da História da Humanidade. O que teria sido Artaxerxes sem Hipócrates ? O que teria sido de Roma sem a medicina? O que haveria passado Napoleão e seus exércitos sem Larrey ? O que contemplariam os derradeiros Valois se não fôra Ambroise Paré? O que teriam sofrido os brasileiros na campanha contra o ditador paraguaio, se lá não estivessem Manuel Feliciano e Soares de Meireles, Pinheiro Guimarães e Souza Fontes, Andrade Pertence e João Severiano. Lêde as crônicas de Taunay, meditai as ordens do dia de Caxias, Osório, Pôrto-Alegre e Gastão de Orléans, para saberdes o que vale a medicina, o que valem os médicos e os cirurgiões! Aquêles que escrevem História do Brasil têm o dever de conhecer o que fizeram os médicos desde aquêle que veio na armada cabralina até os que honram nas forças armadas nacionais o pergaminho que lhes deu o direito de tratar dos que carecem de cura

para o corpo, em bem da pátria e na defesa dos que ironizam as comemorações tendentes a recordar os grandes feitos médicos.

Mas Cândido Borges Monteiro não só foi médico e cirurgião; muito mais aprendeu sua inteligência privilegiada, sua vontade férrea, seu pulso de administrador, sua capacidade de trabalho, seus dotes oratórios jamais sobrepujados, servido por uma das mais belas estampas de homem, ciosa que foi a natureza em dotá-lo de tôdas as qualidades raras de que é possuidora.

Da sua “Memória acêrca da ligadura da arteria aorta abdominal precedida de algumas considerações gerais sôbre a operação do aneurisma”, poder-se-á dizer com André Maurois: “Un grand livre scientifique s’il est parfaitement réussi, est une oeuvre d’art.”

Mas que fizera Cândido Borges Monteiro, antes de escrever a bisturi e a pena esta imortal obra de arte?

O menino Cândido foi segundo raio de sol que iluminou humilde casa do beco das Cancelas, aos doze dias do mês de outubro de mil oitocentos e doze. Ao romper d'alva, nascera o primeiro varão de um consórcio pobre, (4) mas feliz. Já encontrara a balbuciar uma irmãzinha, Cândida, cujos primeiros passos trôpegos eram ensaiados. Foram seus pais o Capitão de Milícias José Borges Monteiro, português de velha estirpe, que a estas plagas viera trazido, naquelas naos encimadas pelo pendão de quinas, em que o príncipe regente, num gesto político habilíssimo, frustrara as esperanças do conquistador corso, único reinante não subjugado e em cujo país Napoleão pelos seus auxiliares, no caso o sargento Junot, transformado em general e duque de Abrantes, começou a ser batido; e dona Cândida Maria da Conceição Teixeira, brasileira da freguesia da Candelária, filha de portugueses e que aos dois mais velhos ainda daria quatorze irmãos. Na pia batismal da igreja de Nossa Senhora das Candeias, cujas águas lustrais já haviam cristianizado sua mãe e sua irmã e que haveriam de ver como batizando seus futuros irmãos, foi êle aos quinze de Novembro de mil oitocentos e doze, batizado servindo-lhe de protetora a mãe de Deus e de padrinho Miguel Rodrigues da Cunha. (5) Nesta mesma igreja, ainda não terminado o portentoso templo de hoje, mas em vias de reconstrução adiantada, ficaria assentado seu matrimônio realizado aos vinte e três de março de mil oitocentos e trinta e três, pelas cinco horas da tarde, na igreja de São

Francisco Xavier do Engenho Velho, com Dona Joana Maria do Nascimento.

Deste consórcio que durou trinta e nove anos, houve quatro filhos e quatro filhas, tendo a viscondessa de Itaúna sobrevivido seu glorioso marido, finando-se em Niteroi, alguns anos depois, achando-se sepultada, longe do companheiro de vida e de lutas no Cemitério de Maruí.

Humilde e modesta correu-lhe a infância, indo do beco das Cancelas ao do Cotovelo, que posteriormente teria o nome de Vieira Fazenda, o nosso inesquecível bibliotecário, que nele nasceria, e fadado agora ao desaparecimento com a remodelação daquela parte da cidade, aprender na aula do mestre-escola Campos, as primeiras letras. Que pensaria aquela criança voluntariosa e enérgica, ao seguir tôdas as manhãs arrostando sol e chuva, pela rua do Carmo, rumo à casa do professor? Anteviria êle o destino que lhe fôra reservado?

Creio que sim. Só a certeza no futuro, a convicção na vitória, a crença num porvir desejado, poderiam dar fôrças a um infante para lutar intemerato, sem desfalecer um só instante, contra a vontade paterna a coagí-lo em seus anseios, a peá-lo em suas diretrizes.

O pai, já reformado, egresso portanto da farda, ora negociante, vetou a inclinação do filho, e é Ramiz Galvão, o nosso grande Ramiz Galvão, cuja figura parecemos ainda ver naquela poltrona, quem nô-lo diz: — “Não se imaginará fâcilmente a insistência dos pais pobres e iletrados, que de uma parte não crêem firmemente na excelência da carreira das letras, e de outra se vêem inabilitados de recursos, para sustentar o acadêmico por espaço de longos anos improdutivos nos liceus e nas escolas. Mas quem pôde, senhores, desviar o sol de sua carreira ou obrigar a planta a vegetar sôbre as ârêdas encostas do rochedo? O sol rompe as nuvens que o toldem e ilumina o mundo: a planta estende-se em raízes que vão buscar na linfa o sustento e a vida, e se desabotoa em flôres ricas de perfumes e de viço.

“Cândido Borges tolerava os rigores da posição de caixeiro, mas furtava horas no descanso e ao sono para alimentar o espírito e preparar-se nos estudos que deviam abrir-lhe as portas da academia.

“Como era bela esta peleja das necessidades urgentes da vida com as nobilíssimas aspirações de uma alma sonhadora e digna de seus

elevados destinos! O presente o jungia ao carro da obscuridade, o futuro abria-lhe ao longo, de par em par, as portas do Capitólio, e arroubado nestas visões o menino-homem atirava-se à mesa do estudo sem tréguas, sem descanso, sem outro alívio que não fôsssem as doçuras da mesma ciência. Como era belo e admirável êste combate. De um lado, o ouro e do outro, um livro: aqui as seduições da opulência, ali as amarguras de um sacerdócio; e menino-homem abraçava em delírio as páginas do livro calcando aos pés o símbolo da riqueza e dos prazeres. Dir-se-ia Hipócrates despedindo os tesouros de Artaxerxes em um assomo de nobre orgulho que a Grecia inteira admirou!"

Do estudo feito a desoras, fortalecido por amigo paterno, que bondoso lhe ensinou francês e inglês, inculcando-lhe proveitosos ensinamentos, pôde Cândido Borges Monteiro matricular-se em 1827, aos 14 anos de idade, no primeiro ano da Academia Médico-Cirúrgica, que pouco antes dêle nascêra, por inspiração de João Correia Picanço, depois barão de Goiana e que a cultura de Vicente Navarro de Andrade, futuro visconde de Inhomirim, — o primeiro dêste título que posteriormente seria o mesmo de Francisco de Sales Tôrres Homem, outro que médico deixaram a profissão para ilustrar-se na política em vez de servir a ambas como Borges Monteiro, — procurara melhorar, moldando-a às que vira em países de cultura adiantada, sem se importar com as suspeitas de francesia que os inimigos lhe deram em momento difícil ainda de mostrar simpatias pela terra que Napoleão subjugara e que tendo levado a meteórica e apoteótica ascensão, derrocava em desastrosa derrota a caminho da pá de cal que lhe foi Waterloo.

Vencera a resistência o menino de atitudes definidas, a criança de caráter indomável, que seria pela vida afora, em todos os tempos, espírito reto, modelo de justiça e altaneria.

Cultivou desde tenra idade a amizade de um menino que seria médico como êle; grande do Império, como êle; visconde, como êle, e que ilustrou a pátria, nela e fora dela. Da amizade que lhe dedicou Domingos José Gonçalves de Magalhães, o futuro visconde de Ara-guaia, é prova a carta escrita do Havre em 1833, e que não lerei, por demasiado longa.

Vencera a resistência paterna o menino de atitudes definidas, repito, e daí em diante, não mais teria a luta doméstica a vencer, mas te-

ria a luta pública, a inveja mesquinha dos falhados, dos nulos, dos rastejantes, a tentar empanar-lhe a carreira, tanto mais tenaz, quanto de vencida ia êle acumulando glórias e projeção pelo esforço próprio, pela inteligência singular.

Calcado o primeiro degrau da escalada resplandecente da medicina, pelo próprio esforço que tanta pertinácia lhe custara, foi triunfal na ascensão, e os mais prazerosos sorrisos da glória lhe foram presentes, tendo já a compartilhá-los aquela a quem associara um nome honrado e a quem, no futuro, em volta da mesa, já encanecida, lembrar aos netos as façanhas do avô, o companheiro que antes dela partiria.

Sucessão de vitórias estrondosas, foi-lhe o curso médico, e no ano de 1832, o da reforma criadora das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, levada a cabo pela regência trina, segundo o projeto da comissão da Sociedade de Medicina em que avultava a figura de Soares de Meireles, tendo na Câmara a criticá-la e melhorá-la, outro grande médico, José Lino Coutinho, médico arrendido em ter deixado a profissão para ser político, recebeu o diploma de cirurgião formado.

Ainda uma vez, vencerá!

Com a reforma do ensino, surgiram os cargos de substitutos; duas eram as vagas na seção cirúrgica, pontificando na cátedra de clínica externa, Tomaz Gomes dos Santos e na de anatomia topográfica, medicina operatória e aparelhos, Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, o patriarca da cirurgia brasileira.

Borges Monteiro e José Maurício Nunes Garcia pleitearam os cargos, e a dez de maio de 1833 é o primeiro argüido em sua tese sobre "Hernias". Na prova oral, pela vez primeira, demonstra de público sua eloquência inata, o pendor pela oratória, que fêz dêle um dos mais demostênicos discursadores daquela época. Deixou empolgados quantos o ouviram, e um dos lugares a êle coube. Entre os examinadores, Manuel Feliciano e Gomes dos Santos, o mesmo Gomes dos Santos que tão funesto seria a Manuel Feliciano e José Maurício, em questões íntimas e que seria vencido por Cândido Borges, na senatoria que só mais tarde alcançaria.

Desta ocasião data o abandono da medicina por Gonçalves de Magalhaens e mais se fortaleceu ante a injustiça dos homens a amizade

que os ligou pela vida a fora e jamais diminuiu a admiração que Cândido Borges Monteiro votava ao futuro visconde de Araguaia, o glorioso e hábil plenipotenciário brasileiro, que, médico, aspirara à cátedra e que o arbúrio de um ministro qualquer, cujo nome não merece recordação, para que não fiquem empanados outros serviços que por acaso tenha prestado, impediu obtivesse para honra da medicina e da incipiente escola, e tristeza da diplomacia que não teria obtido para si a posse do futuro filósofo, se professor de curso médico, houvesse êle sido. E é a Cândido Borges Monteiro, que Magalhaens escreve do Havre, em 1833, mal desembarcara na França, a carta que irei ler-vos, documento altamente interessante e elucidativo, que para mostrar que não foi influência européia “in-loco”, o fator principal da inclinação romântica dos “Suspiros poéticos e saudades”, mas que daqui já levãra o médico falhado, e desiludido discípulo de Debret, que não atentara à pintura tal seu amigo Manuel de Araújo Pôrto Alegre, o futuro barão de Santo Angeão, por amor da medicina, o germe do romantismo que despontara havia pouco, com Chateaubriand e Stael, na França; Goethe, na Alemanha seguido por um médico militar, Schiller; e Byron, na Inglaterra, repudiado pelos seus compatriotas que dariam ao grande biografista e detestável poeta Southey, nosso cronista, a coroa de poeta laureado, que o romancista romântico Scott recusara.

Interessantíssima, como documento, esta carta em prosa e verso, de quem seria sempre discutido, negado, incensado, apodado, elevado, numa sucessão de pros e contras até os nossos dias, quando já lá vão mais de cinquenta anos sobre sua morte. Perdoai-me se associo Gonçalves de Magalhaens a Borges Monteiro, mas amigos que foram em vida, colegas desde a infância, consócios nesta casa secular da cultura, é justo que queira aqui lembrar um documento que do coração de um partiu com destino ao do outro.

Não me será possível lêr tôda a missiva, longuíssima que é. De fato, não prima pela perfeição da forma nem pela riqueza e originalidade de idéias, mas revela uma faceta, não muito explorada por Gonçalves de Magalhaens, o lado humorístico de sua inteligência, mostrando brincalhão os acontecimentos da viagem, verdadeiro diário de jovem nostálgico que pela primeira vez se afastava de casa e dos in-

timos, apesar de que no estrangeiro iria encontrar Sales Tôrres Homem e Araújo Pôrto Alegre, que já se achavam em Paris e que aqui tinham sido companheiros de Cândido Borges Monteiro e Magalhaens.

Sou admirador de Gonçalves de Magalhaens e embora fazendo restrições à sua obra, principalmente à Confederação dos Tamoios, não vou ao ponto de negá-lo, como o nosso saudoso consócio Alcântara Machado, de quem também admiro a imortal “Vida e morte do bandeirante”, obra prima de amor ao passado da pátria, mas cujo Gonçalves de Magalhaens não aumentou a glória do biografado ou do biógrafo.

Alencar negou-o, e com razão, quanto ao poema indígena, mas também mais tarde no Senado do Império, Lafaiete, não foi muito caridoso com os romances das objurgatórias de Ig.

Marcou Magalhaens um período de transição literária, e como tal deve ser encarado. De fato, José Bonifácio, Pôrto Alegre, Maciel Monteiro e talvez outro, o tenha precedido na senda romântica, mas os “Suspiros poéticos e saudades”, pela retumbância e ressonância de seus versos, foram o marco inicial do romantismo no Brasil. Magalhaens, em algumas produções suas, pugnou pela sorte dos escravos, verberando a escravatura, mas a falta de eco que êstes gritos tiveram, fêz com que a glória de poeta dos escravos tenha sido de Castro Alves, que veio muito depois, encontrando terreno propício, que para êle fôra sáfara a sementeira. Ouçamos pequeno trecho da carta citada:

“Como é majestosa e sublime a Bahia do Rio de Janeiro! Nunca a tinha visto desta altura. Hei de descrevê-la em um poema em que sonho; mas ainda não achei assunto nacional que me inspire.

Um poema é coisa seria,
E pede assunto elevado,
Estro ardente, grande engenho,
Em tudo muito apurado.

“Cabia aqui a pintura da imensa cadeia de montes, que em forma de enormíssimo gigante guarda a barra da nossa terra; porém o enjão começa a fazer-me girar a cabeça, e vejo-me forçado a largar a pena.

Deixo isso para a volta; porque deves saber que tenho esperanças de voltar.

Passaram enfim três dias,
De aflição e de amargura,
Em que andou em viva guerra
Tôda a minha contextura.

Tive em completa anarquia
O aparelho digestivo.
Chamei tanto pela morte,
Que não sei como iada vivo.

Do apertado camarote
Os pratos tinir ouvia,
E a tão molesto repique
Como um trombão respondia.

Meus companheiros comiam
Quanto ali se apresentava;
Bebiam bordéus em cima,
Só eu disse me enjoava.

Se teimoso pretendia
Engulir algum bocado;
Quem dissê que o suportava
Meu estômago irritado?

Pensei que me acostumassem
A viver sem alimentos;
Porém achei-me enganado
Depois de tantos tormentos.

Agora enfim pouco a pouco
Meu estômago se aquieta;
Já tenho algum apetite,
Como, porém, com dieta.

Mas assim que me levanto,
Sinto logo tal tonteira,
Que volto, a fazer caretas,
Para a minha prateleira.

Não chamo assim ao beliche
Por precisão de uma rima;
Que o meu leito é uma estante,
E tenho um vizinho em cima.

“E’ provável que aches esta descrição mais patológica do que poética; em tal caso, nada perderá aos olhos de um filho de Esculápio, habituado a tôdas as espécies de Pathos. Mas subamos ao tombadilho, para vêr o céu. Que vida há aí mais monótona do que esta de andar sôbre as ondas! Asseguro-te que gosto mais do mar visto da terra. Ora vá lá um Soneto para matar o tempo.

Só meus olhos enxergam céus e mares,
Velas e lenho, que me vão levando;
Mas que cenas se estão representando
Em minha alma engolfada em mil pesares!

A cara mãe lá está enchendo os ares
De tristíssimos ais, que o peito brando,
Em profunda tristeza suspirando,
Envia ao céu com lágrimas a pares!

O pai, ternos irmãos, os meus amigos,
A pátria, tudo enfim me faz agora
Clamar contra meus fados inimigos.

Já brilhante porvir me não vigora,
Se a vida está sujeita a tais perigos,
E não tenho por certa nem esta hora.

“Este Soneto bem mostra que ainda estou um pouco enjoado. Confesso que não me sinto de veia neste móvel elemento; em terra

teria feito um Soneto melhor rimado do que este, que será o último que faço”.

Perdoai-me o parêntese, mas era imprescindível mostrar a união dos dois futuros viscondes com grandeza, e esta bem humorada e íntima “Carta ao meu amigo Dr. Cândido Borges Monteiro”, datada do “Havre 1833”, é documento altamente interessante, sendo lamentável sua imensidão que impede numa simples conferência a integral transcrição (6).

Aos 17 de dezembro de 1834, após defesa notável de tese sobre “Ligadura e torsão das artérias”, assunto que, mais tarde, um de seus filhos voltaria a estudar em tese de doutoramento do melhor quilate. cola grau de doutor em medicina.

A clínica começou farta e proveitosa, sendo em pouco, Cândido Borges Monteiro, tido, dos maiores cirurgiões do Rio de Janeiro.

Uma troca de cadeiras iria em 1837, dar-lhe ensanchas a novo concurso, fazendo-o em maio de 1838, catedrático, aos 25 anos de idade.

Tomás Gomes dos Santos, que futuramente seria competidor seu, em lista tríplice para a senatoria do Império, pediu e obteve transferência para a cadeira de higiene e história da medicina; Manuel Feliciano, julgando-se com direito à cadeira de clínica externa, para ela foi levado, pelo governo, a seu requerer.

Aberto concurso para a vaga de Manuel Feliciano, dois candidatos se inscreveram, Cândido Borges Monteiro e José Maurício, defendendo aquêle tese sobre “Da amputação circular pela continuidade da coxa e dos meios empregados para vedar a hemorragia, a maneira de fazer o curativo”. Mais uma vez os louros da vitória cingiram-lhe a frente!

Cândido Borges Monteiro nesta tese demonstra proposição singela e feliz, fato que tanto valor tem hoje para nós cirurgiões e que naquela época era descuro, por completo: — o pré-operatório. “Antes da operação, o doente deve ser preparado física e moralmente”.

Este concurso foi causa de ruidosos fatos na Faculdade de Medicina, devido à vaga deixada pelo lente proprietário de anatomia, que se jubilara. Depois de peripécias inúmeras em que até Bernardo Pereira de Vasconcelos interferiu com sua autoridade ministerial tão valiosa e onipotente quase, obteve José Maurício Nunes Garcia, a cáte-

dra de anatomia guardando porém da vitória, acerbo espinho contra Jobim que o chamara d'“o negro mais desavergonhado da Escola” e indiretamente de Cândido Borges Monteiro de quem por ser amigo de Jobim, requerera certidão da prova escrita do concurso, sendo porém impossibilitado o secretário de passá-la alegando que o escrito do novel catedrático “em poucas fôlhas de papel, era ilegível e em garanchos”. Só a má vontade organizada, a inveja soez e mesquinha poderia assim obrar, sabido que era ter Cândido Borges Monteiro impressionado pelo modo por que tratara o ponto e pela admirável precisão de conceitos, nomes e datas. Aliás sempre foi pouco legível a escrita de Cândido Borges Monteiro, mas não se pode culpá-lo disto. Na nossa época ficaram célebres as letras de Vítor Viana e do nosso consócio Afonso d'Escragnolle Taunay, fato reconhecido por ambos, de público. Eu mesmo, não posso gabar-me de ter aproveitado as lições de meu mestre de caligrafia, de que sempre fui péssimo aluno.

Tal incidente redundou na queda fragorosa do diretor Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, barão de Iguaçu, parteiro da imperatriz Dona Leopoldina, que após ter sãbiamente governado a Faculdade por sete anos, viu rejeitada a moção amiga, apresentada por Cândido Borges Monteiro, sempre ao lado dos injustiçados: “Que o Sr. Diretor officie ao Senhor Conselheiro Peixoto por haver obtido sua jubilação e ao mesmo tempo fazendo sentir o pesar que teve a Faculdade por se ver privada de um membro que, por suas luzes, tanto concorreu para a instrução médica”.

Da trajetória luminosa de suas aulas, cinco apenas, ficaram impressas, três de clínica externa e duas de anatomia topográfica, medicina operatória e aparelhos; nelas reconhecemos, “o grande professor, muito ocupado em outros misteres”, “esquivo às lições”, quando a Circe da política prendeu-o, “mas compensando as falhas pelo seu notável saber”.

Estas cinco lições inaugurais são admiráveis orações de sapiência, dignas de recolhos antológicos.

Na de 1841, nos diz êle: “Duas coisas são necessárias para formar-se o verdadeiro cirurgião, o *gênio* e a *experiência*: a primeira traça sua carreira e a segunda a retifica. E' pois dêstes dois grandes elementos que se forma o verdadeiro cirurgião; e aquêle que, sem os possuir, se entregar a essa tarefa árdua e espinhosa, bem certamente

não poderá dar um passo, apesar das diligências que faça, apesar dos esforços a que se entregue, apesar enfim dos sacrifícios a que se submeta. Os grandes criurgiões são tão raros como o gênio, o saber e os talentos”.

E estas raridades só possuídas pelos eleitos, êle as teve, grande professor e extraordinário cirurgião que foi. E o que prometia àqueles que reunindo as qualidades imprescindíveis a ser um grande cirurgião, os louros da vitória, poderíamos empregar em nos referindo a êle e às glórias triunfais que a ciência lhe propinou: “os vossos louros serão verdes e puros, e levados à posteridade a mais remota não desaparecerão na série dos tempos, nem murcharão com a força dos séculos”.

Os dêle não murcharam, e a plêiade imensa de seus alunos, de 1833 a 1861, floresta imponente de robles da ciência, atestou a valia de seus ensinamentos, a proficuidade de seu saber.

A oração de 1843 é outra afirmação magnífica de um gênio criador, os conselhos aos novéis médicos são prenhes de experiência, monumento de psicologia do doente, maravilha de filosofia médica. E’ lição que merece ser lida e meditada. A sua beleza é imorredoura. Obra de arte imortal, atravessará os séculos, oportuna e sempre atual.

“No curativo das diferentes enfermidades, além de tudo o que acabo de apresentar-vos, é ainda necessário o emprêgo de um meio poderoso, que nunca é sem efeito para o doente; é preciso que o clínico procure ardentemente ganhar as simpatias e a confiança do doente, e que para assim o dizer, se identifique com êle”.

E nesta mesma lição, define o papel da medicina: — “E’ claro pois, que os meios capazes de prolongar a vida, de minorar seus padecimentos, de atenuar suas paixões, de as dirigir convenientemente, de aniquilar ou neutralizar seus efeitos, não serão de uma utilidade limitada, não curarão sòmente os males do físico, não concorrerão sòmente para a felicidade temporária, êles cooperarão também até certo ponto para a felicidade eterna, e constituirão por conseguinte um corpo de ciência sôbre o sublime, porque sua importância ocupará o ápice da escola de todos os conhecimentos humanos. Com efeito a medicina é a mais nobre das ciências!”

Quanto às aulas de sua cátedra no quinto ano médico, dizia: “o lente faz lições orais, demonstra no cadáver as diferentes regiões do

corpo e pratica as operações. Faz perguntas sôbre as lições atrasadas e sabatinas; segue método próprio e aconselha as obras de Bégin e Blondin”.

Em 1857, completado o tempo de magistério permitido por lei, dá-lhe o governo 400\$000 de gratificação, o título de conselho e permissão para lecionar mais ainda, até que em 1861, jubila-se, abandonando a cátedra de suas vitórias arroubadouras de eloquência.

E’ imperdoável que Sabóia em 1872, ao escrever a memória histórica dos fatos ocorridos durante o ano, uma das mais notáveis retrospectões feitas, haja esquecido consignar a morte de um lente, cujo saber bastaria para ilustrar uma Faculdade. Aliás Sabóia, que não lhe pese este e outros fatos, também fôra muito injusto ao atacar anos antes mantendo polêmica com Manuel Feliciano acêrca de suturas e fios a elas necessários, no que foi secundado por Teixeira da Costa. Enfim a ambos podem ser os fatos perdoados pelo ardor da mocidade.

No lidar diuturno junto ao leito dos enfermos, êle que não se arredava um só momento, sem atingir o âmago da observação clínica, legou-nos preciosos escritos a demonstrar o alcançado pela cirurgia brasileira, em seu tempo.

Além das “Considerações gerais sôbre as hérnias abdominais e da hérnia inguinal em particular” (que dor não teria experimentado êle, filho amantíssimo, ao ver o pai, que tanto amava, sucumbir de peritonite em consequência de hérnia inguinal estrangulada, que se não teve a fortuna de ser operada por êle, teve a de ter sido por Manuel Feliciano, o mestre inigualado e por todos os cirurgiões brasileiros até hoje venerado e admirado. Mas os conhecimentos da época e principalmente a parte referente às resseções e suturas intestinais, bem como ainda estarem êles no período pré-pasteuriano, tornavam sempre mortais as gangrenas intestinais, de vez que não eram ainda possíveis as resseções e as anastomoses de prática corrente, hoje) e “Da amputação circular pela continuidade da coxa, meios empregados para vedar a hemorragia e maneira de fazer o curativo”, assunto que Manuel Feliciano também indicaria anos mais tarde a João Batista dos Santos, o futuro Visconde de Ibituruna, professou série monumental sôbre “Queimaduras”, nas suas lições orais de clínica cirúrgica dadas à

cabeceira das vítimas da explosão da barca “Especuladora”, de 27 de julho a 12 de outubro de 1844.

Não menos marcante é o “Resumo estatístico da clínica cirúrgica da escola de medicina no ano de 1843 seguido de algumas reflexões acêrca dos meios terapêuticos empregados”.

A epidemia de febre amarela, grassante em 1850, teve-o batalhador denodado no febril anseio de extingui-la. Memória opima coroou-lhe os estudos. Vale, como testemunho, na história nosológica do Brasil. A abnegação, o desinteresse, o arrôjo de Cândido Borges Monteiro, em cumprir seu dever de médico, valeram-lhe a comenda da Ordem de Noss Senhor Jesus Cristo. A dignitaria da Ordem da Rosa, seria prêmio dos serviços prestados durante a epidemia de cólera-morbus, pouco depois. As condecorações que brilhavam em seu peito e os títulos por êle honrados que lhe conferiram, foram sempre conquistadas do médico e nunca meras benevolências imperiais, nem sempre justificáveis.

O “relatório sobre os queimados da explosão da caldeira da barca Especuladora a 25 de maio de 1844”, é magnífica e indispensável introdução às magistrais aulas já referidas.

Ainda possuímos exaustiva monografia intitulada: — “Memória acêrca do diagnóstico dos cálculos vesicais”. Foi o mais notável trabalho sobre o assunto apresentado à Academia Imperial de Medicina.

Talvez pareça eu exagerado panegirista, quando referindo-me à vida e obra de Cândido Borges Monteiro, mas estou certo que o mais atilado espírito crítico, conhecendo-lhe a obra titânica, seguindo-lhe a vida tão cheia, verá neste cirurgião brasileiro uma figura sobre-humana que se não nos fôsse dada a certeza de sua existência, criaríamos figura de lenda medieval, esmaltada por um cérebro romântico.

O desprendimento dos bens terrenos, o apagamento do conforto material em sua vida, tornaram-no figura impar. Nem lhe faltaram os apodos mesquinhos das nulidades douradas, que pulularam e pululam, quais cogumelos empeçonhados nos anosos troncos das árvores sobranceiras. As mediocridades aqui e em toda parte, foram sempre afoitas em desdenhar, por verdes, as uvas que não podiam alcançar.

Não foi sua existência gloriosa uma sucessão de triunfos fáceis, de vitórias sem canseiras. Faz-nos lembrar os dissabores passados, as

palavras de Macedo Papança, o tão interessante Conde de Monsaraz: — “Todo o gênio sublime expira num calvário”.

Calvário teve êle, íngreme estrada ascensional, em que cada laurel cingido à fronte, resultava de vigílias extenuantes, de trabalhos sobrehumanos, a minarem-lhe organismo forte, soezmente atacado no seu mais nobre órgão. E aquêlê coração grandioso, aquêlê músculo privilegiado, cedo começou a falhar, avisando o lutador de que dever-se-ia poupar; mas Cândido Borges Monteiro surdo aos sinais de alarme que a fibra cardíaca lhe dava, parecia pelo contrário incentivado pela doença a prosseguir, a trabalhar cada vez mais, crendo certa, ser sua existência curta, sua vida falaz.

Para aperfeiçoar conhecimentos cirúrgicos, quatro vêzes atravessou o oceano, a freqüentar, observador, os grandes centros do velho mundo, onde já chegara o eco de sua sapiência; e festejado, ouvido com as deferências que os cientistas têm pelos seus iguais, percorreu clínicas, discorreu em academias, auscultou novos conhecimentos, perquiriu as últimas descobertas, para, voltando à pátria, melhorar o padrão de ensino da cátedra em que pontificava, exemplificando em operações magníficas, o progresso da ciência de Ambroise Paré.

Até a oftalmologia, serviu-lhe de assunto para estudos na derradeira viagem. Os conhecimentos hauridos nas clínicas vienenses, não puderam por êle ser aplicados, de vez que a política invejosa da cirurgia tirou desta o lutador, usufruindo-lhe os últimos lampejos de vida.

Exemplo de médico, padrão de cirurgia, foi Cândido Borges Monteiro!

A lição de sua vida de clínico, deverá servir às gerações que passam pelos umbrais das Faculdades de Medicina brasileiras, de modêlo sublime, para aquêles que vêem na nossa carreira mais do que uma profissão, mais do que um ganha-pão.

Cândido Borges Monteiro elevou a cirurgia brasileira a páramos inatingidos até êle e do que foram seus exemplos, do que repercutiram suas lições, a voz da posteridade, o ressoar dos sinos brônzeos da nossa história, clamam e bimbam pelo tempo afora espalhando a poeira de ouro do seu saber com a mesma fartura com que as areias tapetam as nossas praias.

Os discípulos de Cândido Borges Monteiro, seguidores de sua escola cirúrgica, alunos de antanho, foram mestres de ontem, e mui-

tos dêles chegaram até nós, não tendo pela pátina do tempo atenuada a imagem do mestre da mocidade, mas bem viva, cercada de uma auréola imarcescível de luminosidade a recordação de suas aulas de um lavor tão perfeito, a sua figura de orador ático, a nobreza de seus gestos operatórios, a finura de seus ademanes cirúrgicos, o encanto com que transformava suas intervenções cirúrgicas em obras de arte.

E dêste encanto indelével, desta emoção imortal de seus alunos, veio-nos como gôta de água que das montanhas descendo, chega ao oceano, rio caudaloso, a admiração de nós outros, a vibração pelos seus feitos, a crença na immortalidade de sua obra de homem e de cirurgião.

Em 1848, iniciou carreira política que seria ascendente até a câmara vitalícia, o mais alto pôsto no império. Entre os eleitos foi o segundo com 4785 votos na apuração para vereador. Em princípios de 1849, morto Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça, coube-lhe a presidência da Ilustríssima Câmara Municipal.

Não passou o quadriênio em repouso, pelo contrário, em bem do município, desdobrou-se procurando, o que se verifica do relatório apresentado em 7 de janeiro de 1853, equilibrar finanças, e enfro-nhado no cargo, ocorrer ao que de mais urgente fôsse, a bem dos municípios. Amortizou de dívidas mais de sessenta contos de réis, quantia avultadíssima para um tempo em que a renda quase tôda advinda do impôsto de patente sôbre o consumo do álcool, ia pouco além de duzentos contos de réis. Assim mesmo construiu grande parte do cais do largo do Paço, e muito do novo matadouro de São Cristóvão, cujos vestígios ainda se vêem na atual Praça da Bandeira, sendo diretor de obras dêste melhoramento, a substituir o velho da praia de Santa Luzia, o tenente-coronel Polidoro Quintanilha da Fonseca Jordão, futuro visconde de Santa Teresa “protótipo de mantenedor da velha disciplina militar entre a mocidade da Escola Militar da Praia Vermelha”, seu amigo dos tempos em que fugaz passara pelo exército como primeiro cirurgião.

Conseguiu ainda aumentar a renda de 66 contos 998 mil réis, provindo êste acréscimo de duas pontes de descarga, das quais uma totalmente construída em sua gestão e a outra antes.

Quando já deputado geral, tais eram seus conhecimentos acêrca das câmaras municipais, que o elegiam sempre, para membro da co-

missão a que eram pertinentes, e na sessão de 19 de julho de 1856 apresentou um projeto de reforma da lei de 1.º de outubro de 1828 que as regia, projeto êste que foi remetido às comissões reunidas de constituição e de câmaras municipais, por elas encomiásticamente analisado, em parecer lido na sessão de 30 de junho, por Figueira de Melo, entrando em discussão plenária em 28 de julho.

Seus relatórios foram modelares, revelando um administrador esclarecido e probo, côncio das necessidades daqueles que o haviam conduzido à tão desejada curul presidencial.

Foram seus passos primeiros no terreno político.

A Câmara Municipal, foi-lhe grata, e dá que ouçamos aqui, o sapientíssimo e douto escritor Luis Gastão de Escagnole Dória, nosso consócio que tanto ilustrou esta Casa em passados tempos, sendo uma de suas colunas mestras e que do nosso convívio ultimamente está ar-redio: — “No limite da Cidade Velha e Nova, o antigo Campo de Santa Ana, rua, transitadíssima dia e noite, consagra nome nobiliárquico, o de Cândido Borges Monteiro, Visconde de Itaúna. E’ felizmente homenagem do Rio de Janeiro a carioca ilustre.

“Até 1874 teve aquela via pública o nome de rua do Sabão da Cidade Nova, da atual praça da República à praça Onze. Chamava-se rua do Sabão do Mangue ou de S. Sebastião, na parte entre a praça Onze e a rua Miguel de Frias.

“Desapareceu a dupla denominação de via pública única pouco depois do falecimento do Visconde de Itaúna, morador no prédio da rua do Sabão da Cidade Nova, onde hoje funciona a associação beneficente ferroviária.

“Em 1874 a Ilustríssima Câmara, cuja cadeira da presidência Itaúna honrara, impôs à extensa rua, o título nobiliárquico do antigo presidente, medida tomada há mais de meio século, oxalá conservada para sempre”.

A remodelação da cidade, ora em execução pela administração municipal, fá-la-á desaparecer totalmente, mas estou certo, de que o meu eminente colega Henrique de Toledo Dodsworth, médico e professor, culto e amigo da tradição da terra que o viu nascer, certamente não fará apagar-se o nome de Itaúna de logradouro carioca, e que em breve veremos outra placa em nova arteria, immortalizando, como gratidão da Prefeitura, o nome dêste filho da terra em que Estácio de Sá

fundou esta cidade maravilhosa, regando-a com seu sangue de velha estirpe, que dêle é ufana.

Em 1853, a província do Rio de Janeiro, levou à Câmara, como seu deputado geral Cândido Borges Monteiro. Pesara para a escolha, não só sua administração municipal, mas o papel de relêvo que tomara sua direção na qualidade de comissário do govêrno, nomeado por decreto de 1.º de agôsto de 1851, junto a Associação Central de Colonização. Neste cargo e posteriormente por decreto de 28 de março de 1859, como presidente da mesma Associação, foram notáveis as realizações em bem da população de zonas de nenhum ou de baixo coeficiente humano. Nada menos de 6.006 colonos hígidos, úteis, assimiláveis foram introduzidos, e desde aí, foi constante o cuidado na solução do problema brasileiro, sempre atual, da falta de braços, para suas imensas terras. A parte financeira da companhia, foi em progresso sempre ascencional, graças à gestão sábia, segura e honesta, impressa pelo presidente.

A legislatura magna de 1853 a 1856, no ministério desta figura magnífica de nossa história, no auge do fastígio de Honório Hermeto Carneiro Leão, marquês de Paraná, cuja vida imortal ser-nos-á em breve dada a conhecer nos mais recônditos escaninhos pelo seu bisneto, o nosso querido consócio e amigo Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho, num estudo certamente igual aos trabalhos honestos e perfeitos que lhe devemos, como a ressurreição do Visconde do Cruzeiro, que protótipo de grande caráter político e particular, achava-se tão esquecido das gerações atuais, tinha a representarem a província do Rio de Janeiro, cidadãos, cujo enunciar de nomes, dizem mais que qualquer adjetivo. Ao lado de Cândido Borges Monteiro, sentavam-se Luis Pedreira do Couto Ferraz, Eusébio, Paranhos, Sousa Ramos, Pereira da Silva, Saião Lobato, Joaquim Francisco Viana, Diogo de Macedo e Baependi.

Foi dramática, violenta, imorredoura a estréia de Cândido Borges Monteiro na tribuna, como membro da comissão de poderes, sustentando a validade da eleição de Sousa Franco, pelo Pará, sendo vencido na votação pela maioria do seu partido, que excluiu da Câmara aquêlê estadista.

Defesa sôbre-humana, defesa singular, por partir de um conservador em prol de um liberal, defesa que lhe valeu guerra no próprio par-

tido, defesa que arrastou em 1857 o naufrágio de sua candidatura na eleição por distritos, combatida pelos próprios correligionários.

Pelo que fizera o deputado em prol da colonização, pelas defesas brilhantes daqueles de quem descendia, defesas sem segundas intenções, contrárias quase sempre aos interesses particulares, o governo do reino de Portugal fê-lo grã-cruz da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, em 1854; dezoito anos depois reconhecer-lhe-ia novamente o valor e o desinteresse cingindo-o com a grã-cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

A derrota na eleição para a Câmara temporária, não o abateu, e concorrendo pela mesma província para a sexta cadeira senatorial do Rio de Janeiro, recém-criada, com Saião Lobato, filho do senador do Império e Tomás Gomes dos Santos, seu colega de congregação na Faculdade de Medicina, viu-se escolhido por Dom Pedro II, para a cadeira fadada a ter apenas dois ocupantes, mas que ocupantes: — Cândido Borges Monteiro e Jerônimo José Teixeira Júnior, futuro Visconde do Cruzeiro, o apóstolo do elemento servil, que nela veria a queda da monarquia e que na provedoria da Santa Casa da Misericórdia, daria um dos mais belos exemplos de dignidade humana, infelizmente nem sempre exornante em alguns que por aquêlê cargo tem passado, indivíduos incapazes de honrar a palavra empenhada, principalmente com um morto, não cumprindo compromisso assumido voluntariamente, servindo ainda mais para exaltar o caráter adamantino do sobrinho e genro de Paraná.

Ser substituto de Cândido Borges Monteiro foi honra de que Teixeira Júnior pôde vangloriar-se. Ser substituído por Teixeira Júnior, foi mais uma glória que o destino acrescentou à memória de Cândido Borges Monteiro.

“Com assento na câmara vitalícia, nem pela recente derrota sofrida abandonou o seu partido político, e ou ministerialista ou na oposição prestou à política conservadora consideráveis serviços com o seu talento pujante e eloquente na tribuna”.

Foi digno companheiro de bancada de Bom Retiro, Baependi e Francisco Otaviano.

Durante a carreira senatorial, dezesseis foram as legislaturas, das quais não compareceu, por licença para viajar ao estrangeiro ou para cuidar da precária saúde, às de 1866, 1867, 1869, 1870 e 1871. Nas

onze outras, o que fêz seu talento, o que abordou sua inteligência, acha-se consubstanciado nas páginas dos Anais do Senado Imperial. Folhear seus discursos é elevar-se aos mais altos píncaros da eloquência, às regiões mais alcantiladas do verbo em nossa língua. Comparando suas orações às mais perfeitas na feitura, às mais elegantes nos conceitos, concluiremos serem elas modelos de aticismo, demostênicas na beleza.

“Não exercera ainda Borges Monteiro nenhuma presidência de província. Subindo a govêrno, em 1868, foi o ministério Itaboraí buscar no Senado Borges Monteiro, barão de Itaúna em 1868 para presidir São Paulo na época crítica para todo o país qual a da campanha do Paraguai”.

Nomeado a 25 de julho de 1868, assumiu govêrno a 27 de agosto do mesmo ano, instalando-se Cândido Borges, que a 7 de outubro seria feito Barão de Itaúna, “no palácio da presidência paulista, o do tão histórico sôbre jesuítico largo do colégio, ao lado da igreja do senhor Bom Jesus, em símbolo visível da constitucional união da Igreja e do Estado.

“Do sítio histórico onde a conversão de São Paulo recebeu a 25 de janeiro de 1554 indelével sêlo na história pátria, Itaúna governou São Paulo onde, delegado do partido conservador sofreu oposição e chascos de liberais na eterna gritaria dos de baixo contra os de cima, à inversa nos animais que uns sôbre os outros buscam aquecer-se no rigor do frio.

“No partido liberal, tão furioso com a queda do gabinete Zacarias, militava José Bonifácio, o Moço. Escrevia, em verso, folhetim rimado no Ipiranga. Em 1868, pelas alusões poderia interessar aos adversários de Itaúna a colaboração poética de José Bonifácio em “O Barão e seu cavalo”. Hoje é versalhada de ironias rimadas quase ininteligíveis. Vamos esquecer-las, lembrados dos versos verdadeiramente inspirados de José Bonifácio.

“Para não adiantar sem provas eis aqui alguns decassílabos de sátira a Itaúna:

“Oh! raios, oh! trovões, oh! clarabóia
Donde Enéias fugiu deixando Tróia!
Oh! de Santana campo fluminense,

Que me viste estudar o Genuense!
Oh! seges de aluguel da minha terra
Meus botes do Caju, lauréis de guerra,
Largo da Mãe do Bispo, Arco do Teles,
Lavadeiras gentis, ardentes peles,
Dos negralhões do ganho... oh! sim! valei-me!"

Propositadamente dei a palavra a Escragnoles Dória, por não querer analisando José Bonifácio, mesmo perfunctoriamente, parecer parcial, deixando para em capítulo de meu livro sobre Itaúna a aparecer o mais breve possível, fazer completo estudo sobre "O Barão e seu cavalo".

Apesar de toda a oposição malévoa, por partidária, de toda a atoarda contra elle, o Barão de Itaúna, amou São Paulo, e pela capital das planícies de Piratininga, pela aldeia do Padre José, pela terra garoenta de Álvares de Azevedo, que já se transformava numa das mais lidas afirmações do valor dos herdeiros dos bandeirantes, este carioca guerreado na terra de Tebiriçá, não por elle, pois a alma paulista é incapaz de hostilizar estranhos, quanto mais irmãos, mas pelo partido que representava, deixou traços indeléveis de sua passagem, afirmações de pedra e bronze que venceram o tempo destruidor.

Dos oito meses em que governou São Paulo, deixou patente no relatório com que entregou ao vice-presidente aos 25 de abril de 1869, para vir tomar parte nas deliberações senatoriais, a direcção dos negócios da província, tudo quanto fizera em tão curto espaço.

A seu pedido concedeu-lhe exoneração do cargo que lhe fôra coroa de espinhos, a 1.º de julho de 1869, o governo.

As últimas palavras do relatório presidencial em que dá conta do trabalho administrativo executado, revelam um carácter: — "Procurei manter a lei sem distincção de côres políticas; não persegui pessoa alguma: não tirei arbitrariamente o pão a nenhum pai de família; galardoei o mérito onde o encontrei". E por sua morte os que lhe foram adversos em São Paulo, foram os primeiros a fazer-lhe justiça: — "A província de São Paulo deve-lhe gratidão. Carácter rígido e honesto, zelava a fortuna pública com máximo escrupulo. O seu mérito científico é reconhecido geralmente no país e fora d'elle". Estávamos, convém lembrar, há quatro anos, só, dos dias em que nas colu-

nas do “Ipiranga”, José Bonifácio, o Moço, achincalhava-lhe a pessoa e a administração, extravasando ódio em sua sátira, que não maculou Itaúna, mas deixou para sempre manchado o estro dêste descendente dos Andradas.

Lá, ficaram, o novo regulamento da instrução pública, monumento de conhecimentos pedagógicos dos mais avançados; as obras do seminário das educandas da Glória; obras da penitenciária, melhorando-a, higienizando-a e dotando-a de casa para ensino de primeiras letras e edifício para oficinas, demonstrando o adiantamento do presidente da província no que concernia a reintegração de criminosos, na sociedade, como elementos úteis. A ponte de ferro sôbre o rio Jundiáí, terceira construída na província, desta espécie, foi obra sua. No centro da praça da Luz, levantou-se belo chafariz de pedra e bronze, derivando dêle encanamentos para outro da ladeira de Piques, abastecendo assim larga zona com água potável, melhorando as condições de hygiene da população.

Solicitou mudas de cana de açúcar, no Jardim Botânico da Côrte, para iniciar seu cultivo em São Paulo; do que deixou feito e que consta do já referido relatório, é preciso fazer notar que, oitenta anos quase decorridos, são preconizadas como novidades, as medidas por êle aconselhadas e tornadas leis. O que fêz pelas Santas Casas, da Capital, de Santos, de Itu e de Jacaréí, não poderá jamais ser olvidado.

Mesmo como político, revelou-se um grande médico. As obras intentadas pelo estadista, são reflexo do cultor aprimorado das ciências médicas e a justeza de suas realizações, a perfeição de suas medidas, a rapidez de seus atos, revelam o espírito afeito aos páranos da cirurgia, onde tudo deve ser justo, rápido e elegante, confirmando o aforismo do par da medicina, sempre oportuno no desfiar dos séculos: — “tuto, presto et jocundae”.

Quando deveria gozar o ócio com dignidade a que fizera jus pelos serviços inenarráveis que prestara, quis aos 20 de março de 1872, Rio Branco, possuí-lo em seu ministério, dos de maior glória na História do Brasil, e neste dia o Barão de Itaúna, que ao peito já trazia mais a grã-cruz da Ordem Ernestina da Casa Ducal da Saxônia e a grã-cruz da Ordem da Coroa de Ferro da Áustria, a brillarem junto à de Cristo, à do Cruzeiro e à da Rosa de sua pátria, foi nomeado

ministro e secretário de estado dos negócios da agricultura, comércio e obras públicas.

Foi ministro cento e vinte e sete dias; a perseverança no estado e no trabalho supriu o que lhe faltou em tempo, e dos atos expedidos durante o seu ministério, apenas mencionarei dois para demonstrar os assuntos que mereceram-lhe especiais cuidados. Contratou a introdução e o estabelecimento de cinquenta mil imigrantes, coroando assim a obra que iniciara fazia vinte e um anos e à qual dera tanto de sua vida; e assinou a 16 de agosto, referendando-o, o decreto n.º 5.058, concedendo ao Barão de Mauá, a linha telegráfica transatlântica. O gênio do Visconde de Itaúna, compreendera, incompreendido que tanto ainda era, o gênio do Barão de Mauá, que muitos teimam em querer incompreender, sofismando, e que a piedade filial de Cláudio Ganns, o nosso muito prezado consócio, republicando com um prefácio esplêndido, a "Autobiografia" veio pondo à luz a alma de seu bisavô. elevar a merecida altura a nobreza de sentimentos do ancião que fali-do deu exemplo ímpar, na história.

"Ao menos êste levará meu nome", e pela derradeira vez traçou sua mão o título de "Visconde de Itaúna", viscondado com grandeza, que lhe dera o imperador por decreto de 19 de julho de 1872.

Creio que de todos os títulos com que Cândido Borges Monteiro podia vangloriar-se, o que mais prezado lhe foi era o de amigo do imperador, podendo jactar-se de ter partilhado com Bom Retiro, a amizade esquiua do neto de Dom João Sexto.

Dela deu-lhe o imperador sobejas provas, não menor o ter com a imperatriz, paraninfado sua filha Teresa Cristina, na pia baptismal. Depois de sua morte, ainda o neto de Marco Aurélio, fêz outorgar à sua viúva e a duas de suas filhas completamente desamparadas, uma solteira e outra que um mau casamento fizera retornar à casa paterna, pensão vitalícia.

Sucedaram-se-lhe os cargos de confiança junto à família imperial brasileira: — oficial maior da casa imperial, parteiro da imperatriz, médico privativo com o Barão de Petrópolis, o grande clínico, Manuel do Valadão Pimentel, avô do meu eminentíssimo mestre e amigo João Marinho de Azevedo que com tanta benevolência está a escutar-me, das princesas D. Leopoldina e D. Isabel, as futuras Duquesa de Saxe

e Condessa d'Eu; físico-mor nos batizados de todos os filhos dos imperantes, os príncipes brasileiros; parteiro da Duquesa de Saxe Coburgo-Gota, a quem acompanhou em suas viagens; representante de padrinhos pertencentes às casas reinantes em batizados dos filhos de D. Leopoldina; encarregado pelo imperador de acompanhar os filhos órfãos do Duque de Saxe, em sua vinda para a pátria materna; e finalmente o médico escolhido pelo imperador para acompanhá-lo na viagem à Europa e ao Egito em 1871.

"Em 1871 resolveu D. Pedro II, depois da necessária licença do poder legislativo, primeira viagem à Europa onde ia encontrar longa teoria de antepassados na História.

"A 25 de maio de 1871 o imperador e a imperatriz deixavam o Rio de Janeiro, a bordo do *Douro*. Iam com êles, em comitiva, o visconde de Bom Retiro, o barão Nogueira da Gama, mordomo da Casa Imperial, o barão de Itaúna e uma filha. Levava a imperatriz como dama, D. Josefina da Fonseca Costa, a mesma que a deveria acompanhar ao exílio em 1889. Completavam séquito duas açaфatas, um criado particular, onze criados, dois do mordomo. Para os imperiais viajantes os camarotes do *Douro* haviam sido tomados em nome de D. Pedró de Alcântara e sua mulher.

"Acompanhando o imperador, como médico, Itaúna já conhecia bem Europa por êle visitada três vêzes. Desde 1846 médico da Imperial Câmara, testemunhara o nascimento das princesas D. Isabel e D. Leopoldina. Casada esta com o duque de Saxe, fôra Itaúna chamado a assisti-la em quatro maternidades, reclamados pelo duque de Saxe os seus serviços em três viagens à Europa. Valeram tais serviços e ausências ao dedicado médico o título de barão de Itaúna.

"Jubilado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1861, Itaúna voltou três vêzes a aperfeiçoar estudos no velho mundo, correndo clínicas, manejando bisturi.

"Partindo com o imperador para a Europa, em 1871, ali não mais encontraria a princesa Leopoldina, augusta cliente. Morrera bem moça aos 24 anos, em Viena. Por aí passaram poucos meses depois de perdê-la os desolados pais em companhia de Itaúna, havendo quem dissesse que se êste presente estivesse à enfermidade da princesa talvez a houvesse salvado. Célebres são as desculpas da morte.

“Viajar com D. Pedro II nunca foi motivo para descanso. Tão notório era no Rio de Janeiro o seu “já sei, já sei” quanto em excursão o seu “vamos, vamos, não tenho tempo a perder”.

“Era muito homem para engolir e fazer engolir uma xícara de chá com pão e manteiga enquanto à porta de hotel cavalos de carro impacientes escarvavam o solo à espera de excursionistas.

“Pouco se lhe dava no Egito, à busca de pirâmides e sepulturas, atolar-se até joelhos em montes de areia tão cálida quão abrasada como de passar a noite em hotelzinho, entre Monte Cénis e Genebra, com temperatura de 23 graus abaixo de zero.

“A Itaúna deviam, pois, ter sobrado fadigas, mas também impressões, partícipe de muitas das visitas imperiais. Uma delas foi feita a Antônio Feliciano de Castilho, então enfermo. Narrou-lhe o imperador episódios de viagens e ao comentar ascensão à Grande Pirâmide observou D. Pedro II: “dela na coroa encontrei em vez dos quarenta séculos (os de Napoleão na batalha das Pirâmides!) quatorze damas norte-americanas.” Aliás a volta pelo Egito era grande e antigo desejo do imperador como tantos atraído pelo mistério faraônico na terra dádiva do Nilo.

“Com D. Pedro II, Bom Retiro, Pôrto-Alegre, nosso cônsul em Lisboa, presenciou Itaúna, na Universidade de Coimbra, cena a despertar-lhe recordações de atos idênticos na sua Faculdade de Medicina carioca.

“Na presença do imperador e comitiva, solenemente, na sala dos Capelos da Universidade, velha de séculos e de saber, setenta e quatro doutores nas doutorais, procedeu-se à colação de grau de doutor em matemática a vários candidatos à láurea.

“Com D. Pedro II ainda assistiu Itaúna à recita no teatro Baquet, no Pôrto, teatro fadado a desaparecer nas chamas de pavoroso incêndio vitimando estudante brasileiro Louzada Marcenal.

“D. Pedro II e Itaúna, porém, no Baquet assistiram à representação na qual figurou, talvez em honra do imperial espectador, produção ligeira de Machado de Assis: *O Caminho da Porta*.

“De regresso ao Brasil embarcou o imperador em Lisboa. Aí veio ter o genro, o Duque de Saxe, para confiar os filhos ao avô. D. Pedro II não consentira ficassem em Viena, por querer educá-los, “dando-lhes educação verdadeiramente brasileira”.

“Alguém indagou se os jovens príncipes falavam português. “Sim, disse o imperador, falam; e também alemão e francês, mas falam português todos os dias, é a sua língua e eu quero que a saibam muito bem”.

“Com o imperador, em maio de 1872, pelo Bayne, pisava Itaúna solo natal. Ai o esperava o oposto de prebenda: govêrno. Convidava-o o presidente do conselho do ministério 7 de março para substituir o ministro da Agricultura, Teodoro Machado, cujo nome a referência da Lei do Ventre Livre jámais deixara cair em completo olvido”.

São êstes períodos do meu sapientíssimo mestre e venerando amigo Luiz Gastão de Escragnole Dória, nunca citado em demasia, quando se tratam de fatos e fastos históricos pertinentes ao Brasil, máxime quando se tornam necessárias documentações probas e exatas.

Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi durante trinta e três anos, sendo uma de nossas glórias maiores. Ramiz Galvão, seu discípulo e colega, fêz-lhe o elogio fúnebre na sessão magna de 1872, quando mal entrado ainda nesta Casa, substituiu em impedimento o orador oficial Joaquim Manuel de Macedo que também fôra discípulo de Itaúna.

Seu centenário natalício, não o comemorou o nosso sodalício, por motivo que ignoro; mas seu primeiro passo na immortalidade é hoje, celebrado. Razão tinha êle, ao justificar-se com frase da aguiá de Saint-Malô, na lição de 1841, a primeira que nos ficou impressa e talvez a mais bela: “Ilustre et belle Patrie, je ne veux un peu de gloire, que pour augmenter la tienne”.

Sua figura gloriosa aumentou a nossa glória e, aumentando-a, aumentou a glória da pátria.

As canseiras da pasta ministerial haviam consumido os derradeiros raios dêste sol, em seu ocaso, e ao cair da noite, arquejando, aquêlê grande vulto do Brasil, cercado pelos seus, balbuciou, apenas perceptível, último sôpro daquela voz tão eloqüente: — “vou despertar”.

Despertou, sim, para a glória, para a immortalidade, que a jornada sem fim, traz aos que souberam viver amando o próximo mais do que a si mesmos.

No teatro, ao saber da triste notícia, Pedro II, marejados de lágrimas, os olhos, levantou-se e saiu, indo com sua consorte, prestar

derradeira homenagem, não ao vassalo fiel, mas ao amigo e compadre desaparecido, que ao ministro e secretário de estado, as honras de estilo no dia imediato seriam e foram o que deveriam ser.

Luis Vicente De-Simoni, a beira do túmulo, alquebrado pelos anos, despediu-se do amigo que partira para a viagem sem volta, acentuando a incongruência do destino que, permitia a êle, octogenário, viver, quando Cândido Borges Monteiro, acabava de aos cinqüenta e nove anos, ver corrido o velário da existência.

Caía a noite. As estrelas silentes cursavam o céu. De todo apagara-se o estrépito da tropas em continência. O ribombar das salvas perdera-se na amplidão; o fumo dispersara-se nas nuvens. Os últimos amigos haviam deixado um corpo no alto da colina em que as ondas dormentes vinham beijar o sopé. Acabara a glória terrena do Visconde de Itaúna, mas o nome daqueles que adormecem nos braços do Criador, certos de terem cumprido na terra a árdua missão que lhes coubera, iria romper as paredes marmóreas de humilde jazigo encimado pela cruz de Cristo e projetar-se através dos séculos, exemplo de homem de convicções, de homem de valor, pois só quem tem o senso de seu saber, a certeza de seus atos, é capaz de afirmar, perorando em uma das mais arrebatadoras aulas, cujos ecos ressoam até nós: — “Se meu filho estivesse a expirar, vítima de uma hemorragia assustadora, e os cirurgiões do mundo inteiro optassem pela ligadura, eu torceria a artéria, porque salvaria meu filho!”

Feliz a pátria que possuiu tal filho!

Feliz a terra que possuiu filhos capazes de exaltar a glória do seu Cândido Borges Monteiro, Visconde de Itaúna!

JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA
ECONOMISTA (*)

J. C. DE MACEDO SOARES

Senhor Presidente
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Seja-me permitido, de início, meus prezados confrades, agradecer a vossa benevolente resolução de confiar-me a honrosa tarefa de inaugurar os elogios dos patronos da *Academia de Ciências Econômicas de São Paulo*.

Coube-me dissertar sobre "*José Bonifácio, economista*". E' bem conhecida entre nós a figura impressionante do nosso eminente conterrâneo José Bonifácio de Andrada e Silva. Inúmeros escritores já o estudaram como homem de letras, poeta exímio, historiador probo, professor insigne, cientista ilustre, diplomata atilado, magistrado íntegro, valente militar, estadista de vistas largas, político patriota e parlamentar eminente.

O homem de letras

José Bonifácio depois de completar a instrução primária em Santos, sua cidade natal, veio para São Paulo, a fim de cursar a escola que, como escreveu o autor do *Esbôço biográfico e necrológico*, publicado logo depois da morte do grande brasileiro e átri-

(*) Conferência inaugural da *Academia dos Economistas de S. Paulo*.

buido a seu irmão Antônio Carlos. “a escola que, à sua custa, o Bispo Diocesano Dom Frei Manuel da Ressurreição, nome caro às Ciências, erigira naquela Capital; e ali o moço José Bonifácio tanto se distinguui, que o Bispo, que era ligado com sua família, e desejava a glória do Estado eclesiástico, fêz todos os esforços para conseguir que êle se dedicasse à Igreja, ao que, porém, nem o jovem, nem sua família, que tinha sôbre êle outras vistas, anuíram.” (1)

Aos 17 anos e alguns meses, tendo terminado o curso secundário José Bonifácio resolveu completar os seus estudos na famosa Universidade de Coimbra. Seguiu para o Rio de Janeiro e de lá para Portugal. Na sua passagem pela linda Guanabara, José Bonifácio manifestou desejo de conhecer a melhor biblioteca da cidade. Coma SILVA MAIA, no *Elogio Histórico*, lido na Academia Imperial de Medicina, que “levaram-no à Biblioteca dos Monges Benedictinos, como a melhor que então aqui havia. Os Religiosos, admirados do muito desejo, que êste jovem apresentava de ver uma grande livraria, achando-se êle na sala, foram pouco a pouco colocando-se atrás dêle sem serem pressentidos, para ouvir o que dizia a uma pessoa de sua comitiva, e grande foi a admiração de todos quando perceberam que êle estava notando o valor literário de muitos dos livros”. José Bonifácio mais maravilhado ficou, quando se viu rodeado de quase tôda a corporação religiosa” (2).

Na Universidade de Coimbra, onde ingressara aos 30 de outubro de 1783 no 1.º ano jurídico, e em outubro do ano seguinte nos cursos de Matemática e de Filosofia, formou-se José Bonifácio em Filosofia aos 16 de Julho de 1787, e em leis aos 5 de julho de 1788.

Logo depois de laureado em Coimbra passou-se o jovem brasileiro para Lisboa, onde estreitou relações valiosas, entre as quais com o Duque de Lafões, que, admirando a sua inteligência e já extensa cultura, o propôs para membro da Real Academia das Ciências de Lisboa, “como sócio livre, disse LATINO COELHO, em anos tão

(1) — *Esbôço biográfico e necrológico do Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva*, Rio de Janeiro, 1838, pág. 3.

(2) — *Elogio Histórico do ilustre José Bonifácio de Andrada e Silva* por, EUSÉRIO JOAQUIM DA SILVA MAIA, lido na Academia Imperial de Medicina a 30 de junho de 1838. Rio de Janeiro, na Tipografia Imperial, 1838, pág. 9.

verdes e juvenis, que o viço da mocidade parecia contradizer a grave compostura do acadêmico” .(3)

Recebido aos 4 de março de 1789, no cenáculo ilustre de Lisboa, José Bonifácio, logo em 1790, leu uma Memória onde estudou os aspectos econômicos e técnicos da pesca da baleia. (4)

Em junho de 1790 o já ilustre Dr. Andrada iniciou a longa viagem de instrução que lhe foi proporcionada pela Rainha Dona Maria I. Em companhia do naturalista brasileiro Manuel Ferreira da Câmara e do cientista português Joaquim Pedro Fragoso, percorreu José Bonifácio durante dez anos e três meses, quase toda a Europa, ouvindo as lições dos mais afamados sábios da época. Na França foi discípulo do notável mineralogista o abade Haüy; do botânico Jussieu; e dos químicos Chaptal e Fourcroy, continuadores de Lavoisier. Foi à Sociedade de História Natural de Paris que José Bonifácio apresentou a *Memória sobre os diamantes do Brasil*, que lhe valeu o título de membro da sábia associação.

Na Alemanha em Freiberg (Saxônia) José Bonifácio estudou com os mineralogistas Werner, Köhler, Klotzsch e com o metalurgista Lampadius. Os ilustre Professor Arquimedes Guimarães lembrou em apreciada conferência que “condiscípulos de von Boch, de von Humboldt e do poeta e patriota Kerner, deixaram os estudantes brasileiros naquele severo templo da Saxônia, onde se demorariam três anos, inapagável renome”. (6)

Em 1795 José Bonifácio visita as minas da Áustria, Coríntia e Tirol. Na Itália encontrou-se com Volta, e na Inglaterra com Priestley. Na Suécia e na Noruega, depois de avistar-se, em Upsala, com Bergmann, estudou vários minerais que êle descobriu ou descreveu,

(3) — JOSÉ MARIA LATINO COELHO — *Elogio Histórico de José Bonifácio de Andrada e Silva*, lido na sessão pública da Academia Real das Ciências de Lisboa em 15 de maio de 1877 — Lisboa, Tipografia da Academia, 1877, pág. 14.

(4) — *Memória sobre a pesca da baleia, e sobre os melhores processos para preparar o azeite e sobre as vantagens que o Governo tiraria, animando e favorecendo as pescarias que se poderiam fazer nas costas do Brasil.*

(6) — PROFESSOR ARQUIMEDES PEREIRA GUIMARÃES — *José Bonifácio, o Patriarca, Bahia, 1938, pág. 12.*

publicando em 1797, sobre tais pesquisas importante estudo no *Journal de Physique*, de Paris. (7)

Eminente homem de letras que foi, José Bonifácio teve acesso a numerosas sociedades culturais como a Academia Real das Ciências de Lisboa, e as Academias de Ciências de Estocolmo, Copenhague e Turim; a Sociedade de investigadores da natureza de Berlim; a Associação de História Natural de Paris; a Sociedade Geológica de Londres; a Werneriana, de Edimburgo; a Lineana; de Iena; a de Física, de Gênova; a Filosófica, de Filadélfia; e a Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro.

O poeta

Desde moço José Bonifácio escreveu versos, muitos dos quais êle publicou nas *Poesias Avulsas* editadas em 1825, durante o seu exílio em Bordéus, como de autoria de Américo Elísio nome arcádico do vate.

Em 1942, a Academia Brasileira prestou ao poeta José Bonifácio carinhosa homenagem publicando, em edição fac-similar da príncipe, de 1825, as *Poesias* de Américo Elísio. (8) Prefaciou a bela edição acadêmica o eminente Snr. AFRÂNIO PEIXOTO, que em notável estudo de apresentação da obra poética do Patriarca, ensina que os versos de Américo Elísio constituem os prenúncios do romantismo no Brasil.

“O Romantismo, todo o mundo o sabe, escreveu Afrânio Peixoto, é o movimento artístico e literário que segue a crise filosófica e a revolução política do fim do século XVIII, que se continuou pelo XIX século. Sucedeu ao Classicismo e suas degenerações. — Cul-tismo e Arcadismo—, dos séculos anteriores, literaturas do antigo regime.” “O clássico seguiu a antiguidade grego-romana; o domínio da razão; a tragédia ou comédia antigas; o alexandristo heroico; o poema épico; a compostura, a ordem a decência. O Romantismo, por oposição, devia seguir a idade média gótica; o domínio do

(7) — ELISLÁRIO TÁVORA FILHO — *José Bonifácio cientista, professor e técnico*, Rio de Janeiro, 1944, pág. 21.

(8) — JOSÉ BONIFÁCIO (Américo Elísio) *Poesias* — 1942 — Publicações da Academia Brasileira — Rio de Janeiro.

sentimento; o drama-misto do sério e burlesco; os metros livres e o verso branco sem rima; os poemas soltos; a inconveniência, a desordem, até a indecência. Clássico é de classe, escol, aristocracia, impôsto como modelo nas classes escolares. Romântico, de "romance", não latino romano, porém românico ou neolatino, é livre, popular, rebelde, sem privilégios, independente."

E Mestre Afrânio Peixoto conclui: "José Bonifácio, que nos dera a independência política em 22, procurava, em 25 a independência literária, pois já não imitava Portugal, como o fizéramos, nos três séculos anteriores . . . o romantismo português, vindo também de França, chegaria lá, atrasado, com Almeida Garret... José Bonifácio o precedeu. Foi o nosso primeiro romântico; foi o primeiro romântico em língua portuguesa.

O historiador

José Bonifácio foi sempre um erudito cultor da história. Deixou vários trabalhos, entre eles os *Discursos históricos* que pronunciou na Real Academia das Ciências de Lisboa, e que foram publicados nas *Memórias da douta Companhia*.

O Prof. FEIJÓ BITTENCOURT, em sua excelente contribuição ao Congresso Luso-Brasileiro de História (1840), apreciou devidamente o "Elogio dos Reis de Portugal", feito pelo Patriarca.

Encontrei nos Arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro vários manuscritos de José Bonifácio atinentes a assuntos de história, em geral, de História do Brasil, e um estudo: "Várias datas cronológicas desde el-Rei D. João II até a Restauração de Portugal." (9)

A obra histórica mais notável de José Bonifácio é o "Elogio acadêmico de Dona Maria I" recitado em sessão pública da "Academia Real das Ciências de Lisboa", aos 20 de março de 1817. (10)

(9) — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Lata 191, Documentos 4912, 4916 e 4921.

(10) — JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA — *Elogio acadêmico da Senhora D. Maria Primeira*, recitado em sessão pública da Academia Real das Ciências de Lisboa, aos 20 de março de 1817 — Rio de Janeiro — Empresa Tipográfica. Dois de dezembro de 1857.

José Bonifácio apesar de tradicionalista apaixonado, recusou sempre as glórias pessoais. Quando foi criada a *Imperial Ordem do Cruzeiro*, em dezembro de 1822, foram organizadas em Palácio as listas dos cidadãos que deveriam ser agraciados com a nova condecoração. Tendo Dom Pedro I decidido conceder a Grã Cruz aos seus Ministros de Estado José Bonifácio e Martim Francisco, ambos a recusaram. O Marquês de Resende lembrou ao Imperador que logo após a coroação entregasse a sua própria Grã Cruz, que ostentaria no ato, a José Bonifácio. Conhecendo bem a altivez do seu Ministro, Dom Pedro I avisou-o, na véspera à noite, do que iria fazer, na Catedral, por ocasião da coroação. José Bonifácio advertiu-o de uma recusa formal e escandalosa se preciso, dizendo: "Não faça tal! Não me obrigue a perturbar o ato, declarando que V. Majestade está fora de seu juízo! É um paulista que lhe fala; faça agora o que quiser e verá o resultado!"

José Bonifácio recordando que era paulista, resumia — bom historiador que era — as tradições de altivez e de energia do valoroso povo de Piratininga.

O professor

A Carta Régia de 25 de agosto de 1801, cujo original está no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, assinada pelo Príncipe Regente Dom João, criou, na Universidade de Coimbra, a Cadeira de Metalurgia, confinda à competência notória de José Bonifácio. Mais tarde foi instalada em Lisboa uma cátedra de Docimasia, em cujo programa de ensino estava incluído o estudo da proporção dos metais contidos nos minérios.

Foi José Bonifácio um grande professor, e em todos os seus trabalhos, nota-se sempre as qualidades mais apreciadas no mestre: o conhecimento perfeito do assunto, a clareza na exposição, e o domínio absoluto da língua, na frase de JOAQUIM LEITÃO: dispondo de grandes bens vocabulares que cuidadosamente empregava com pura sintaxe". (11)

(11) — JOAQUIM LEITÃO — *José Bonifácio de Andrada e Silva, secretário Geral da Academia das Ciências de Lisboa*. Boletim, vol. XII, Novembro de 1941, pág. 13.

O cientista

Na Universidade de Coimbra José Bonifácio estudou Leis para satisfazer a vontade de seu Pai, e Filosofia (nome genérico com que na época eram estudados os diferentes ramos da ciência natural) para aprazimento próprio. Quando viajou durante dez anos, comissionado pela Rainha Dona Maria I, José Bonifácio preocupou-se sempre em aprofundar-se no conhecimento das ciências naturais, especialmente a Química, a Mineralogia, e a Montanística, quer dizer estudo da extração e fusão dos metais. Como cientista José Bonifácio foi sobretudo grande mineralogista, experimentado metalurgista e paciente botânico.

O Doutor Andrada como era conhecido nos meios científicos da Europa juntou cuidadosamente duas grandes coleções, uma mineralógica e outra botânica, que muito lhe serviram no Brasil, quando pobre e perseguido, precisou vender a última.

LATINO COELHO, que também era afamado naturalista, no conhecido *Elogio Histórico* lido na Academia das Ciências de Lisboa, disse: "No tempo, em que o nosso naturalista floresceu para a ciência, o seu nome andava equiparado ao dos mais notáveis mineralogistas britânicos, franceses, escandinavos, alemães. Nenhum sábio, que estudasse minerais, desconhecia a fama do egrégio investigador da natureza". "Os minerais descobertos por Andrada bastavam a conferir-lhe em todo o mundo científico uma indisputável reputação." (12).

O diplomata

No dia 16 de janeiro de 1822 foi o Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva nomeado Ministro do Reino. Um Decreto de 2 de maio do mesmo ano criava a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, confiada ao Ministro do Reino.

Tendo em vista a atmosfera republicana que cercava o Brasil e podia quebrar-lhe a unidade nacional, tratou logo, no dia 30 de ja-

(12) — JOSÉ MARIA LATINO COELHO — *Elogio Histórico de José Bonifácio de Andrada e Silva*, lido na sessão pública da Academia Real das Ciências de Lisboa em 15 de maio de 1877 — Lisboa, Tipografia da Academia, 1877, pág. 57.

neiro, o genial estadista de recomendar a todos os Governos Provinciais que “procurassem a união de tôdas as Províncias do Brasil com sujeição à Regência de S. A. Real”. São bem conhecidos os acontecimentos que levaram D. Pedro I a proclamar a Independência do Brasil.

José Bonifácio, dirigindo a pasta dos Estrangeiros, revelou-se logo um grande diplomata. No *Arquivo Diplomático da Independência*, no livro de CALÓGERAS *A política exterior do Império*, e até nas memórias sôbre a Independência, de VARNHAGEN e de OLIVEIRA LIMA, nada simpáticos aos Andradas, encontramos farta documentação sôbre a ação desinteressada e inteligente de José Bonifácio. Antes mesmo da Independência o Ministro nomeava os primeiros representantes diplomáticos do Brasil: Felisberto Caldeira Brant Pontes, o futuro Marquês de Barbacena, para a Inglaterra; Luis Moutinho Lima Álvares e Silva para os Estados Unidos da América; Manuel Rodrigues Gomes Pessoa, futuro Visconde de Itabaiana, para a França, e Antônio Teles da Silva, depois Marquês de Resende, para a Argentina. Tratou o grande Andrada de redigir pessoalmente as credenciais e instruções ostensivas e secretas para os primeiros representantes do Brasil no Estrangeiro. Na Secretaria de Estado ocupou-se em criar precedentes, fórmulas de cortezia, e de tôdas as providências para a ação internacional do novo Império. H. PINHEIRO DE VASCONCELOS, ilustre diplomata brasileiro tratando da ação de José Bonifácio no Ministério dos Estrangeiros escreveu entusiasticamente: “Mas o que muito nos admira e nos honra, a nós brasileiros, é a serenidade do timoneiro, a fortaleza de ânimo, o assombro da inteligência, os golpes certos da sua cultura, a fé contrita na vitória, a infatigabilidade, tudo isso enroupado de um caráter sem par, de um amor patriótico inexcedível, de uma linha de conduta retilínea, dentro dos princípios de justiça, do direito, da razão e da liberdade” (13).

O magistrado

Lecionava José Bonifácio na Universidade de Coimbra quando, pela Carta Régia de 8 de agosto de 1806, foi nomeado Desembar-

* (13) — HENRIQUE PINHEIRO DE VASCONCELOS — *Mensário do “Jornal do Commercio”*, tomo II, Volume I, abril de 1938, págs. 73 e 74.

gador da Relação do Pôrto, com exercício no tempo das férias, “guardando em tudo Meu Serviço, e às Partes seu Direito”, conforme os dizeres da referida Carta Régia, conservada hoje nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (14)

O militar

Quando os soldados de Napoleão invadiram Portugal e forçaram a transmigração da Família Real para o Brasil, José Bonifácio como todos os professôres e estudantes de Coimbra, alistou-se entre os defensores da terra lusitana. Apreciando a ação do Dr. Andrada como militar LATINO COELHO disse: “José Bonifácio é Major, logo depois tenente-coronel e comandante do animoso e devotado batalhão”. “A ciência, que opera prodigiosas maravilhas durante a paz em honra da civilização e da riqueza, faz na guerra milagres assombrosos em prol da independência e liberdade. Anda José Bonifácio briosamente empenhado na resistência aos invasores.” “Em públicos testemunhos ficou assinalada a galhardia e o primor do grande naturalista como soldado e como chefe”. (15)

A carreira política, propriamente dita, de José Bonifácio durou apenas, dois anos, cinco meses e vinte e dois dias. Estendeu-se de 20 de maio de 1821, quando foi escolhido Eleitor Paroquial por Santos, e S. Vicente, até 12 de novembro de 1823, quando foi prêso e exilado. Em tão curto prazo o grande brasileiro teve tempo bastante para se tornar alvo de imorredoura gratidão nacional, recebendo mesmo o glorioso epíteto de “o Patriarca da Independência do Brasil”.

Eleitor paroquial, Vice-Presidente da Junta Provisória da Província de S. Paulo, Ministro do Reino e depois dos Estrangeiros. Deputado e Vice-Presidente da Assembléia Constituinte de 1823, todo o mundo conhece a vida agitada e os relevantíssimos serviços prestados a sua Pátria pelo grande paulista.

José Bonifácio, quando no exílio, foi eleito pela Província da Bahia em 1826 para Senador e em 1828 para Deputado. O grande

(14) — ARQUIVO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO — Manuscrito n.º 4.088, lata 175.

(15) — LATINO COELHO — “*Elogio Histórico*, Lisboa 1877, págs. 30 e 31.

Andrada agradeceu aos seus generosos eleitores dirigindo-lhes a conhecida "Ode aos Baianos" em que êle diz:

"Duas vêzes, bahianos, me escolheste"

"Para a voz levantar a pró da pátria" (16)

Uma terceira vez foi José Bonifácio eleito Deputado, como suplente, pela Província da Bahia. Para a 2.^a legislatura (1830-33) mas a ação do parlamentar limitou-se então a um discurso no dia seguinte ao da sua posse, 23 de junho de 1831, sem grande repercussão. (17)

O próprio Dom Pedro I, reconhecendo o seu imenso valor, nomeou-o tutor de seus filhos, qualificando-o no Decreto da nomeação de "Probo, Honrado e Patriótico Cidadão". (18)

Dêle disse Teixeira Mendes: "José Bonifácio constitui para os estadistas brasileiros um modelo excepcional. Pelo nobre devotamento ao bem público, que inflamava o seu coração de velho com os entusiasmos da mocidade, pelo inexcedível desinterêsse pecuniário e a digna modéstia com que menosprezava as honrarias do poder, pela energia de um caráter que os anos não conseguiram quebrantar, pela vastidão da sua rara cultura teórica e estética, e a elevação da sua inteligência, êle tornou-se um tipo difícil de ser excedido e mesmo equiparado." (19)

O político

Da ação de José Bonifácio com organizador do Império Brasileiro, o eminente Senhor Ministro AUGUSTO TAVARES DE LIRA, um dos mais probos e severos dos nossos grandes historiadores, assim escreveu na *Memória Independência do Brasil*, para o Congresso Luso-Brasileiro de História (1940):

(16) — JOSÉ BONIFÁCIO — "Ode aos Baianos" publicada na 2.^a edição de 1861, e na Edição da Academia Brasileira.

(17) — *Anais do Parlamento Brasileiro* — Câmara dos Deputados, 2.^o ano da 2.^a Legislatura, tomo I, pág. 175.

(18) — Decreto de 6 de abril de 1831, nomeando José Bonifácio de Andrada e Silva tutor dos filhos menores de D. Pedro I.

(19) — R. TEIXEIRA MENDES — *Benjamin Constant*, Esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República. Rio de Janeiro, 1892 — Introdução, pág. 10.

“José Bonifácio apareceu então no cenário. Fixa a volubilidade do Príncipe Regente e congrega a maioria dos seus compatriotas em favor da fórmula monárquica, que seria a solução provisória do problema político do Brasil, sabe o que quer e a que vem.

Intimida os fracos, arrasta os retardatários, seduz os ambiciosos, modera os extremados, organiza e dá finalidade certa ao movimento separatista. E’ a cabeça dirigente, é o estadista da revolução, de que Dom Pedro I, arrastado pelos acontecimentos, vem a ser o braço. Sem êles, não teria subsistido a unidade material e moral do Brasil de hoje”. (20)

* * *

Como vimos, José Bonifácio de Andrada e Silva tem sido estudado por numerosas faces. *José Bonifácio, economista* é um aspecto do grande brasileiro pouco conhecido, embora êle tenha sido um atilado estudioso de problemas econômicos em numerosos trabalhos publicados, ou nos ainda inéditos, conservados nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, e do Museu do Ipiranga, de São Paulo.

Os biógrafos de José Bonifácio não o estudaram como economista porque o ilustre santista não teve ocasião de tratar sistematicamente de assuntos econômicos, e, portanto, só metuculoso estudo de sua obra publicada ou inédita, poderá revelar o cultor da ciência ainda nascente quando o Patriarca formou a sua bela cultura científica.

No último quartel do século XVIII, José Bonifácio percorreu, em prolongada viagem, quase tôda a Europa, ouvindo as lições dos mais afamados mestres. Nesta época a Economia Política, balbuciante ainda, se constituía como ciência, muito indecisamente, mercê das arguições doutrinárias dos fisiocratas contra os seculares princípios dos mercantilistas. O próprio nome *Economia Política* ainda não tinha sido aceito universalmente para designar, embora imprópriamente, a ciência da riqueza. Em pleno século XX na gloriosa Faculdade de Direito de S. Paulo, o eminente PROFESSOR ALMEIDA

NOGUEIRA costumava enumerar e criticar vinte e uma denominações propostas para substituir a expressão Economia Política. E o seu antecessor na cátedra, o PROFESSOR VIEIRA DE CARVALHO, a propósito da hesitação dos mestres, já na segunda metade do século XIX, e portanto, já muito distanciado de José Bonifácio, costumava citar uma locução de Cicone, cujas lições o mestre brasileiro seguia de perto: “A Economia Política tem por objeto a riqueza. Nem todos os autores exprimem pelo mesmo modo este conceito, mas é elle o mesmo em todos os autores.”

Os problemas que se enquadram na ciência econômica foram estudados desde os tempos mais remotos, porque são problemas decorrentes das necessidades dos homens em qualquer das fases da sua civilização. Coube, porém, aos fisiocratas e em seguida a ADAM SMITH e seus continuadores da escola clássica, a cristalização da nova ciência. Diferenças sociais, mais ou menos marcadas, conforme as instituições vigentes e costumes locais, acarretaram sempre desigualdades na distribuição da riqueza, e portanto, criaram problemas econômicos, exigindo soluções adequadas. Temas de agricultura, monetários, de crédito público e privado, de transportes, a natureza e efeitos dos impostos, a usura, salários, e muitos outros, ocuparam a atenção dos estadistas e dos pensadores desde a mais remota antiguidade. E’ conhecida a definição de moeda dada por Aristóteles, considerada mesmo hoje como das melhores. Tais assuntos, evidentemente, não poderiam deixar de interessar a um sábio da cultura extensa e profunda de José Bonifácio. E’ certo, porém, que o campo da Economia Política estava no tempo do ilustre santista muito limitado. Prevalencia então a economia regional. Só no século XIX predominou a economia nacional. Caminhamos, a passos largos, para a economia universal.

A própria divisão quaternária da Economia Política, tão em voga até os nossos dias, só appareceu pela primeira vez em 1821, nos *Elements of Political Economy*, de JAMES MILL, que se notabilizou, não só por ter casado com Harriete Burrow, considerada em seu tempo a mais linda mulher inglesa, como principalmente por ter plasmado o cérebro de seu ilustre filho, John Stuart Mill.

O livro de JAMES MILL dividia-se em quatro capítulos: I Produção; II Distribuição; III Circulação; IV Consumo. Antes

de JAMES MILL o escritor francês JOÃO BATISTA SAY havia dividido o seu *Traité d'Economie Politique*, na 2.^a edição, aparecida em 1914, em três partes: I De la Production des Richesses; II De la Distribution des Richesses; III De la Consommation des Richesses. Anteriormente ao livro de JAMES MILL, os economistas dividiam as suas obras em capítulos os mais díspares. RICARDO dividiu os *Principles of Political Economy and Taxation*, publicado em 1817, em 29 capítulos, ou melhor em 31 capítulos, pois que o próprio autor repetiu a numeração dos capítulos 5.^o e 8.^o. A *Political Economy* de MALTHUS compreende sete capítulos. O livro capital de ADAM SMITH, publicado em 1776, *The Wealth of Nations*, dividia-se em cinco livros.

Não era só o conteúdo da ciência que estava impreciso na época de José Bonifácio. A falta de rigor na terminologia econômica facilitava as controvérsias, e favorecia as incompreensões.

José Bonifácio não podia ter, portanto, diante dos seus olhos o panorama da moderna ciência econômica. Não podia pela insuficiência metodológica da ciência na sua época, estudar sistematizadamente assuntos da Economia Política. Mas, sem dúvida, êle foi um economista, e traçou rumos em vários problemas da ciência econômica, de molde a poder ser considerado, também sob êste aspecto, um dos mais gloriosos padrões da cultura brasileira.

* * *

José Bonifácio conheceu a obra de ADAM SMITH, pois entre os numerosos manuscritos inéditos confiados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, existe um (21) em que o Patriarca resumiu o pensamento de SMITH “com respeito ao trabalho e a indústria e algumas considerações em tôrno das fontes de riqueza de um país”.

Desde 1811 estava publicada a tradução de *The Wealth of Nations*: “Inquirição da natureza e causas da riqueza das Nações”, feita por Bento da Silva Lisboa. (22)

(21) — Doc. 4906 da Col. do I.H.G.B.

(22) — BENTO DA SILVA LISBOA — *Compêndio da obra da Riqueza das Nações de Adam Smith* — Rio de Janeiro, na Impressão Régia, 1811.

José Bonifácio, tal qual ADAM SMITH, apreciando devidamente a indústria manufatureira, não admitia, como os fisiocratas o faziam, a produtividade exclusiva da agricultura. Como o fundador da ciência, José Bonifácio sustentou que o valor decorria da oferta e da procura, e conseqüentemente proclamava as vantagens da concorrência. Era a reação contra o mercantilismo e até certo ponto contra os fisiocratas. Realmente as epopéias marítimas de Portugal e de Castela seguidas do afluxo de metais preciosos oriundos das colônias americanas, determinaram grande prosperidade na península ibérica, e criaram a convicção de que a posse do ouro e da prata constituía o índice de prosperidade de uma Nação. A preocupação, portanto, de todos os governantes, desde o século XVI até meados do Século XVIII era manter os encaixes públicos de metais preciosos. Os metalistas, bulionistas ou empregando a expressão mais corrente, os mercantilistas preconizavam que se criasse um corpo de doutrina que assegurasse na aplicação da ciência, os meios para se conseguir um máximo de encaixe metálico a fim de se alcançar a maior prosperidade da Nação.

Os fisiocratas contraditaram os mercantilistas, e ADAM SMITH criou a escola clássica publicando o seu famoso livro em 1776: “date fondamentale dans l’histoire de l’Économie politique”, no dizer do ilustre professor GAËTAN PIROU. (23)

José Bonifácio, como economista, pode ser alistado entre os pensadores da escola clássica.

Na monografia *José Bonifácio de Andrada e Silva, economista* o eminente e laborioso escritor português MOSES AMZALAK, da Academia das Ciências de Lisboa, diz o seguinte:

“Debaixo do ponto de vista doutrinário é grande a influência que sobre José Bonifácio de Andrada e Silva exerceu o livro *Riqueza das Nações*, de ADAM SMITH. E’ um exemplo dessa influência, além de outros, o *Edital* (de sua autoria) de 12 de dezembro de

(23) — GAËTAN PIROU — *Introduction à l’étude de l’Economie Politique* — Paris, Sirey, 1939, pág. 234.

1822, convidando o comércio a dar maior latitude às suas especulações.” (24)

O ilustre PROFESSOR DR. LEOPOLDO FEIJÓ BITTENCOURT enviou ao Congresso Luso-Brasileiro de História, realizado em Lisboa, em 1940 (25) uma memória sobre *A Influência do meio português na formação da mentalidade do Patriarca da Independência do Brasil*. Neste meticoloso estudo o eminente professor patricio baseado nos inéditos guardados no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, afirma: “O que me apraz de comunicar é que nas notas colhidas por José Bonifácio, não sei se com interesse de compor obra que não publicou, há um acúmulo de informações a dizer da vantagem da agricultura e dos males causados pelo mercantilismo.” “A concepção econômica de José Bonifácio”, acrescentou o ilustre PROFESSOR FEIJÓ BITTENCOURT. “não segue o fio do desenrolar de uma teoria. Entre a diversidade de dados econômicos, não estabeleceu proporção. Mas assenta em dados econômicos a história de Portugal, acontecendo que a sua observação trouxe um desenvolvimento que por fim coincide com o rumo que seguiu a ciência”.

José Bonifácio, tendo sido economista e financista de valor, não foi, porém, um financeiro. Viveu e morreu pobre. Conta MOREIRA DE AZEVEDO que um amigo de José Bonifácio indo visitá-lo em Niterói, por ocasião de sua derradeira moléstia, ao penetrar no aposento em que ele estava acamado, ficou visivelmente emocionado ante a modéstia do ambiente, fixando notadamente os remendos da colcha que cobria o leito do enfermo. O Patriarca notando o embaraço do

(24) — MOSES BENSABAT AMZALAK — *José Bonifácio de Andrada e Silva, economista* — Lisboa 1941 (13 páginas) Separatas do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, volume XIII, novembro de 1941 — n.º 14.984 da Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro.

(25) — LEOPOLDO FEIJÓ BITTENCOURT — *“A influência do meio português na formação da mentalidade do Patriarca da Independência do Brasil”* — Congresso do Mundo Português — Lisboa 1940 — Publicações vol. XI, págs. 77 e seguintes.

amigo disse-lhe suavemente: “Não repare”, e passando a mão pela colcha, acrescentou: “O que afeia êstes bordados é apenas a irregularidade do desenho...” (26)

* * *

Cumprindo sempre cuidadosamente os deveres dos cargos que ocupou, José Bonifácio freqüentou assiduamente a Academia das Ciências; e, foi no plenário da douta Companhia que êle teve oportunidade de ler o seu primeiro estudo de assunto econômico: “*Memória sobre a pesca das baleias*”, publicado em 1790, nas *Memórias Econômicas*, da Real Academia das Ciências de Lisboa (27).

José Bonifácio começou o seu estudo com as seguintes palavras: “As pescarias em geral têm a todos os Economistas Políticos até o dia de hoje merecido longas e bem fundadas recomendações”. Estudando o aspecto econômico do problema diz o nosso patricio, pág. 394: “Quando o preço da mercância, por mais barato que seja, paga a despesa do vendedor, utiliza a todos; porque afora o aumento e melhoria do gênero, é princípio da Economia Política, que a abundância e bom preço de qualquer mercadoria contribui necessariamente para a cópia e barateza das demais”.

Adiante êle descreve os peixes do Brasil dizendo: “As ilhas de Cabo Verde, a Costa de Angola e de Guiné, e o Brasil somente (de quem dizia o holandês Pizon, na História Natural daquele país que em abundância e excelência de pescado nenhuma Região podia julgar mais afortunada) que de pescarias lucrosas não apresenta? As tai-nhas que em inúmeros cardumes nas suas migrações de agôsto inu-dam as costas desde Santa Catarina até Cabo Frio, e de que há muitas de mais de 2 palmos; os bacalhaus do Rio de São Francisco, Para-naguá, Costa do Sul da Bahia, e costa de Santos; os cavalos, de duas espécies; e abundância de enxovas na costa do Rio de Janeiro; os muitos menores, de duas espécies e grandíssimos; as garoupas e

(26) — MOREIRA DE AZEVEDO — *Mosaico Brasileiro*, Rio de Janeiro, pág. 112.

(27) — “*Memórias sobre a pesca das baleias, e Extração do seu Azeite, com algumas reflexões a respeito das nossas pescarias*”, publicado nas “*Memórias Econômicas*”, da Real Academia das Ciências de Lisboa, tomo II, Lisboa, pág. 388 e seguintes.

pargos na Capitania do Espírito Santo; grande quantidade de sargos em Santos e Rio de Janeiro; e muitos outros pescados, só esperam, para serem ramos importantíssimos de subsistência e aumento de povoação, e de comércio, que um braço poderoso os fomite, e lhes tire os empecilhos". (pág. 390)

Na mesma *Memória* escreveu ainda José Bonifácio:

"Não precisa ter-se alguém empregado muito no estudo do Comércio, e da Economia Política, para entender quanto cumpre o fomentar as pescarias. Criadoras, como a Agricultura, elas sustentam a pouco custo os artífices e demais obreiros das fábricas e ofícios, em que é preciso abaratar o trabalho por meio de uma cômoda subsistência". (pág. 388).

E mais adiante diz:

"A pesca não só cria novos marinheiros, mas é seguro refúgio aos que pela idade, e falta de forças já não podem empregar-se em penosas e longas viagens". (pág. 391)

Em várias monografias José Bonifácio estudou problemas de mineralogia, e entre elas vamos citar: "*Memória sobre as minas de Portugal*", (28) "*Memórias sobre a nova Mina de Ouro da Outra banda do Tejo*". (29)

"*Memória sobre as pesquisas e lavra dos veios de chumbo de Chancim, Souto, Ventolzel e Vilar-do Rei na Província de Trás os Montes*". (30)

"*Memória econômica e metalúrgica sobre a Fábrica de Ferro de Ipanema, Sorocaba, 1820* (31). Nesta *Memória* José Bonifácio estuda não raras vezes o aspecto econômico de numerosos problemas.

(28) — Publicado no *O Patriota*, revista do Rio de Janeiro, 1813, n.ºs 1, 2 e 3 — Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ficha R, 7, 2, 18.

(29) — Comunicação lida na Real Academia das Ciências de Lisboa, em 10 de maio de 1815, publicada nas *Memórias da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo V, parte I, 1.ª série, páginas 140 e seguintes.

(30) — *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa* Tomo V, parte II, 1.ª série, página 77.

(31) — Documento existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1-28-25, 13, e publicado pelo eminente historiador RODOLFO GARCIA no tomo V da *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, pág. 248 e seguintes.

José Bonifácio começa as “Pesquisas e lavra dos veios de chumbo de Chancim”, dizendo: “Concorrer para o aumento da indústria e riqueza do Estado e da Nação é dever de bom vassalo e cidadão”.

Na *Memória sobre as Minas de Portugal* escreveu José Bonifácio: “Pão, pólvora e metais são quem sustenta e defende as nações; e sem êles de próprio fundo é precária a existência e liberdade de qualquer Estado”. Neste mesmo estudo disse o Patriarca: A mineração nutre e sustenta numerosas famílias, que por falta de trabalhos úteis em terrenos pela maior parte estéreis e desertos, se entregavam à inércia, e aos vícios seus filhos. Ela povoa montanhas escalvadas, e charnecas inúteis, e os apinha com o andar do tempo de aldeias, vilas e cidades. Ela enriquece mediata ou imediatamente o erário público com lucros provenientes das minas da coroa e dos direitos metálicos; ela aumenta e segura os impostos sobre a entrada e consumo de víveres, fazendas e materiais necessários aos mineiros, consumo que cresce progressivamente com a povoação, e a indústria. A mineração aumenta o cabedal metálico da nação, que pode sem diminuir o preciso para a agricultura e fábricas já estabelecidas, ser empregado em novas e úteis emprêsas, como estradas, canais, portos, pescarias, plantios de bosques e outros objetos importantes de que tanto precisamos. Ela fomenta mais particularmente o comércio e indústria nacionais, diminuindo a importação de minerais estrangeiros, subministrando matérias primas às fábricas, aumentando a exportação de gêneros novos, dando consumo e atividade aos trabalhos da agricultura, estabelecendo ou sustentando manufaturas para uso das minas, como as de cordas, couros, pólvora, água-forte, e outras” (pág. 22).

São ainda de José Bonifácio as seguintes observações:

“As minas, pois, fomentadas e administradas sãbiamente, põem em circulação riquezas inúmeras debaixo de formas diversíssimas: abrem novas fontes sempre perenes de nutrição e socorro à lavoura, ao comércio e às artes, criam e sustentam um grande número de braços, e diminuindo a vadiação e necessidade das comarcas, firmam o sossego e a segurança pública, espalham luzes e conhecimentos úteis por uma grande parte da nação, aumentam enfim a dignidade do homem social pelas vitórias que obtém diàriamente contra a natureza. muitas vezes madrasta.” (32)

(32) — “O Patriota”, Rio de Janeiro, n.º 1, pág. 13.

* *

*

A catequese dos índios

Deputado à Assembléia Geral, José Bonifácio apresentou em 1 de junho de 1823 um projeto sobre a catequese dos índios, a que êle modestamente chamou de “apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil”.

A exposição de José Bonifácio foi publicada por iniciativa do General Cândido Mariano da Silva Rondon em uma publicação oficial do Ministério da Agricultura, a propósito da inauguração, aos 7 de setembro de 1910, do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais.

A propósito dos índios, escreveu José Bonifácio: “Eu sei que é difícil adquirir a sua confiança e amor; porque êles nos odeiam, nos temem, e podem nos matar, e devorar”. (33)

Examinando o problema da civilização dos índios sob o ponto de vista econômico José Bonifácio justificando o projeto aludido disse: “Como os índios, pela sua natural indolência e inconstância não são muito próprios para os trabalhos aturados da agricultura, haverá para com êles alguma paciência e contemplação; e será mais útil a princípio ir empregando em Tropeiros, Pescadores, Pedestres, Peões, e guardas de gado, aos que forem mais frouxos e desleixados; como igualmente em abrir valas, derrubar matos, transportar madeiras dos montes aos rios e estradas, e abrir picadas pelo Sertão para o que são muito próprios, ou também ensinando-lhes aquêles ofícios para os quais tiverem mais habilidade e jeito.” “Concorrerá muito para acostumar os índios à lavoura que o Missionário por todos os modos possíveis introduza o uso do arado e dos outros instrumentos rústicos europeus, para que dêste modo lhe fiquem mais suaves os trabalhos da agricultura, e se não julguem aviltados e iguallados aos negros, puxando pela enxada.”

Como vemos, José Bonifácio preconizava há cem anos atrás o uso do arado e outras máquinas agrícolas.

(33) — Homenagem a José Bonifácio no 88.º Aniversário da Independência do Brasil, 7 de setembro de 1922, pág. 23.

Em seguida encara o Patriarca o problema da pecuária entre os índios dizendo:

“Igualmente, animará a criação do gado vacum, cavalar, porcos, carneiros e cabras, que além de lhes ministrarem alimentos mais abundantes e nutritivos, podem com o andar do tempo ser vendidos para fora”. “Explicar-lhes-á com razões sãs e claras os proveitos que podem, e devem tirar de seu gado, não só para o melhor e mais certo sustento, mas também para o comércio”. (34)

* *

*

Representação sôbre a escravatura

José Bonifácio preparou para a Assembléia Constituinte de 1823 uma representação sôbre a escravatura, assunto que o preocupava desde os tempos acadêmicos. A dissolução da Constituinte, e conseqüente prisão e exílio do Patriarca impediram a apresentação do projeto. Seu grande amigo Drumont, possuindo cópia da representação publicou-a, em 1825, em Paris. Neste trabalho notabilíssimo, em que José Bonifácio se revela um atilado economista e um grande altruísta, êle aponta soluções para o problema da emancipação dos escravos, com uma visão clara e uma antecipação luminosa dos aspectos sociais de tão grande questão.

Depois de afirmar: “me proponho mostrar a necessidade de abolir o tráfico da escravatura, de melhorar a sorte dos atuais cativos, e de promover a sua progressiva emancipação.” (35) A história da abolição da escravidão no Brasil demonstra que José Bonifácio enxergou muito claro a solução do problema no Brasil.

Condenando a escravidão José Bonifácio escreveu uma vigorosa página: “A sociedade civil tem por base primeira a justiça e por fim principal a felicidade dos homens; mas que justiça tem um homem

(34) — JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA — *Apontamentos para a civilização dos Índios bravos do Imperio do Brasil* — Ed. do Govêrno do Estado do Rio Grande do Sul — pág. 17 e seguintes.

(35) — JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA — *Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Imperio do Brasil sôbre a escravatura.*

para roubar a liberdade de outro homem, e, o que é pior, dos filhos dêste homem, e dos filhos destes filhos? Mas, dirão talvez que, se favorecerdes a liberdade dos escravos será atacar a propriedade. Não vos iludais, Senhores, a propriedade foi sancionada para bem de todos; e qual é o bem que tira o escravo de perder todos os seus direitos naturais, e se tornar de pessoa a coisa, na frase dos juriscônultos? Não é, pois, o direito de propriedade, que querem defender; é o direito da força. Se a lei deve defender a propriedade, muito mais deve defender a liberdade pessoal dos homens, que não pode ser propriedade de ninguém.” “Acabado o infame comércio da escravatura, continua José Bonifácio, já que somos forçados pela razão política a tolerar a existência dos atuais escravos, cumpre, em primeiro lugar, favorecer a sua gradual emancipação, e antes que consigamos ver o país livre de todo dêste cancro, o que levará tempo, desde já abrandemos o sofrimento dos escravos, favoreçamos e aumentemos todos os seus foros domésticos e civis; instruíamo-los no fundo da verdadeira religião de Jesus Cristo, e não em momices e superstições; por todos êstes meios nós lhes daremos tôda a civilização de que são capazes no seu desgraçado estado, despojando-os o menos que pudermos de dignidade de homens e cidadãos.” (36)

Encarando o problema sob o ponto de vista econômico disse José Bonifácio:

“Nossas terras estão êrmas, e as poucas que temos roteado, são mal cultivadas, porque o são por braços indolentes e forçados; nossas numerosas minas, por falta de trabalhadores ativos e instruídos, estão desconhecidas ou mal aproveitadas; nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado destruidor da ignorância.” “Mostra a experiência e a razão, que a riqueza só reina, onde imperam a liberdade e a justiça, e não onde moram o cativo e a corrupção”. (37) “Nossas matas preciosas em madeiras de construção civil e náutica não seriam destruídas pelo machado assassino do negro, pelas chamas devastadoras da ignorância. Os cumes de nossas serras, fonte perene de umidade e fertilidade para as terras baixas, e de circulação elétrica, não estariam escaldados e tostados pelos ardentes estios do

(36) — JOSÉ BONIFÁCIO — *Representação sobre a escravatura.*

(37) — JOSÉ BONIFÁCIO — *Representação sobre a escravatura.*

nosso clima. É, pois, evidente, que, se a agricultura se fizer com os braços livres dos pequenos proprietários, ou por jornaleiros, por necessidade e interesse, serão aproveitadas nossas terras, mormente nas vizinhanças das grandes povoações, onde se acha sempre um mercado certo, pronto e proveitoso, e dêste modo se conservarão, como herança sagrada para nossa posteridade, as antigas matas virgens, que pela sua vastidão e frondosidade caracterizam o nosso velho País.”

Em 32 artigos compendiou José Bonifácio as providências para a abolição do tráfico, a extinção da escravatura, e a melhoria da condição do escravo. Neste trabalho “bem se revela o coração magnânimo do Patriarca eminente”, na frase de VENÂNCIO NEIVA. (38)

A proteção ao menor, à mulher, o estabelecimento de regras sobre a natureza, horário, e salário do trabalho representam notável antevisão da moderna legislação trabalhista.

No artigo IX estabelecia José Bonifácio:

“Nenhum senhor poderá vender escravo casado com escrava, sem vender ao mesmo tempo, e ao mesmo comprador, a mulher e os filhos menores de 12 anos.”

Art. XIII: “O senhor não poderá castigar o escravo com surras, ou castigos cruéis, senão no pelourinho público da cidade ou vila ou arraial, obtida a licença do juiz policial, que determinará o castigo à vista do delito.”

Art. XVI: “Antes da idade de 12 anos não deverão os escravos ser empregados em trabalhos insalubres e demasiados.”

Art. XVIII: “A escrava durante a prenhez e passado o terceiro mês, não será obrigada a serviços violentos e aturados; no oitavo mês só será ocupada em casa; depois do parto terá um mês de convalescença; e passado este, durante um ano não trabalhará longe da cria.” (39).

As propostas de José Bonifácio honram sobremodo o nobre espírito do nosso conterrâneo.

(38) — VENÂNCIO F. NEIVA — *José Bonifácio*, Rio de Janeiro, Pongetti, 1938, pág. 210.

(39) — JOSÉ BONIFÁCIO — “*Representação sobre a Escravatura*”.

Quem diria que tão respeitável varão e tão generoso estadista, logo após a dissolução da Constituinte, em 1823, tenha sido alvo de estrondosa vaia da multidão inconsciente, arrancando do Patriarca desiludido e triste a dolorosa frase: “Hoje é o dia dos moleques”.

*

* *

A Sociedade Econômica da Província de S. Paulo

Se o exame das obras publicadas ou das inéditas do Patriarca não indicassem o cultor das ciências econômicas, teríamos *José Bonifácio*, economista revelado no projeto de *Estatutos* para a “Sociedade Econômica da Província de São Paulo”, de autoria do grande brasileiro. O original dêste documento manuscrito assinado do próprio punho do Patriarca, está guardado nos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (40). Dêle obtive cópia fotostática para a nossa Academia.

O projeto de “Estatutos para a Sociedade Econômica da Província de São Paulo” compreende um Preâmbulo e 31 artigos. Justificando-o, escreveu José Bonifácio, em 1821, data em que o elaborou, as seguintes palavras:

“Mostram a razão e a experiência, que as bases sólidas da riqueza nacional são a Agricultura em tôda a sua extensão, e a Indústria fabril; mas para que estas se arraiguem, e prosperem progressivamente, cumpre fazer conspirar as forças do Govêrno e dos particulares a um centro comum. Ora, esta reunião de vontades e de esforços, fácil e eficazmente se consegue por meio de sociedades patrióticas de homens sábios, ou Cidadãos zelosos, que apliquem a tão importante fim os resultados práticos da Física, Mecânica, Química, Mineralogia, História Natural e Econômica”.

O art. 1.º dos Estatutos assim define os fins da “Sociedade Econômica da Província de São Paulo”:

“O objeto desta Sociedade é: 1.º recolher as notícias históricas, e as produções do vasto Território da nossa Província, que possam ser úteis e interessantes à Agricultura em geral, às Pescarias, às Ar-

tes, Offícios e Fábricas e ao Comércio tanto interno, como externo da mesma. 2.º publicar por meio da Imprensa em Memórias, e Instruções claras, e metódicas o resultado de todos os trabalhos e indagações da Sociedade que possam aumentar, e promover os ramos acima mencionados. 3.º Socorrer os Lavradores, e Artistas distintos, que necessitarem de socorros pecuniários, dirigindo seus ensaios, e experiências, para que melhor consigam os seus fins. 4.º distribuir anualmente prêmios e recompensas aos que melhor satisfizerem aos Programas, e fins da Sociedade. 5.º espalhar a instrução pública nos ramos da sua competência, comunicando a nossos compatriotas os desenvolvimentos e métodos modernos que lhes parecerem melhores e mais úteis, redigindo compêndios das diferentes doutrinas econômicas, em que se aproveitem as luzes teóricas e os resultados práticos da experiência. 6.º enfim, fazer do Diretório da Sociedade o centro comum das relações entre tôdas as que por profissão, gôsto, e zêlo se interessem em cada um dos ramos do seu Instituto, respondendo aos seus quesitos e comunicando-lhes as luzes e direções necessárias.

Está visto, portanto, meus ilustres confrades que José Bonifácio foi um conomista, e mais ainda não se limitou êle a estudar problemas da Economia Política. Acalentou o ideal de congregar em uma associação especializada os cultores da ciência econômica. Aqui estamos reunidos, meus confrades, para realizar o lindo sonho do Patriarca.

E agora, Minhas Senhoras, perdoai-me por vos ter enfiado, impondo-vos o sacrifício de ouvir palavras dasataviadas e frias como soem ser as empregadas nas dissertações científicas. Resta-me o consôlo de que, examinando, embora abreviadamente, a figura tão impressionante do Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva, poderemos dizer do grande paulista o que êle disse da Rainha D. Maria I :

“Só morrem aquêles de quem a sepultura não só cerra as cinzas, como a Memória.” (41)

(41) — “Elogio acadêmico da Senhora D. Maria Primeira recitado por José Bonifácio de Andrada e Silva em sessão pública da Academia Real das Ciências de Lisboa” — Rio de Janeiro, Empresa Tipográfica Dois de Dezembro, 1857 — pág. 77.

A CISÃO DO PARTIDO REPUBLICANO FEDERAL EM 1897 — UM DOCUMENTO INÉDITO (*)

por A. TAVARES DE LYRA

Não há quem ignore em nossos meios culturais que Wanderley Pinho é um dos grandes nomes de nossas letras, especialmente de nossas letras históricas. Mas o que nem todos sabem, fora daqui, é que, em seus escritos sobre nosso passado, tão cheio de ensinamentos e glórias, êle se não limita, como muitos, a repetir o que dizem os historiadores apressados. Vai às fontes, e, em investigações acuradas e pacientes pesquisas, extrai dos mananciais inesgotáveis de nossos arquivos e bibliotecas o sólido material com que costuma realizar suas construções duradouras. Agora quis ir mais adiante. E daí sua proposta para que nossos doutos companheiros se reunissem, vez por outra, em confabulações íntimas, para debaterem conjuntamente e sem o cerimonial das sessões plenas pontos obscuros e controverso de acontecimentos de dias idos, que ainda oferecem dúvidas dignas de estudos. A essa proposta deram seu assentimento o ilustre presidente do Instituto e aquêles que me dispensam, neste momento, sua generosa atenção. Tal a razão porque ora nos achamos reunidos. Não nos move nenhum desejo de valorizar serviços ou obter recompensas, embora sejam de franco utilitarismo os tempos que atravessamos. Trabalhamos desinteressadamente por amor à verdade. Nosso objetivo, — objetivo despretencioso e modesto —, é apenas aprender. Não visamos prêmios de qualquer ordem. Talvez pelo privilégio da idade, me conferistes a honra de ser o primeiro orador de hoje, deixando-me a liberdade da escolha do assunto. Certo ou erradamente, escolhi um episódio político, que fêz época na presidência de Prudente de

(*) Palestra no Instituto Histórico Brasileiro, em 2 de agosto de 1944.

Morais — a cisão do Partido Republicano Federal. E o fiz para dar um depoimento pessoal a respeito dêste fato e ter oportunidade de comunicar-vos um documento ainda inédito que muito o esclarece.

Em conferência feita nesta casa a 27 de agôsto de 1941, esboçando o perfil biográfico de Francisco Glicério, descrevi, em ligeiros traços, a situação melindrosa em que se deparava a República, há cinqüenta anos, referindo-me, de passagem, à fundação do aludido partido.

Disse eu:

... “O discurso de Glicério (*discurso em que se defendera exaustivamente de acusações contra êle articuladas a propósito de alguns de seus atos quando ministro do Governo Provisório*) precedera de menos de um mês a dissolução do Congresso Nacional, seguida do contra-golpe revolucionário de 23 de novembro, da renúncia de Deodoro, da posse de Floriano, da deposição dos governadores, de outros sucessos políticos com larga repercussão na República. A êles não foi estranho o eminente chefe paulista; mas sua intervenção só se torna de todo marcante e inconfundível na política federal depois de 1892 quando investido das funções de *leader* da Câmara dos Deputados, profundamente dividida por ódios e rancores desde a eleição de Deodoro. Os vencidos, em virtude da renúncia dêste e da deposição dos governadores, tudo fariam para reconquistar as posições perdidas; os vencedores, para não serem delas desalojadas. E, nesse choque de interesses e ambições, a veemência das paixões ambientes refletia-se, não raro, nos debates parlamentares. Glicério fugia aos arrebatamentos tribunícios. Sua palavra era sempre calma, serena, persuasiva. Não ofendia o adversário. Quando muito, feria-o de leve, com ironia e bom humor. Suas réplicas eram prontas. Moderado, tolerante, conciliador, procurava contornar, de acôrdo com seu temperamento, as dificuldades que surgiam, amainando as tempestades e afastando pretextos para irritações. Não escapavam, todavia, ao seu espírito penetrante os perigos que, por entre comoções generalizadas, ameaçavam as instituições. A seu ver, a crise suprema manifestar-se-ia por ocasião da sucessão presidencial e o meio de con-

jugá-la era a coordenação das forças políticas esparsas pelos Estados num partido que fôsse garantia segura de que a mesma sucessão se processaria pacífica e constitucionalmente . . .”

Este o motivo da criação do Partido Republicano Federal, no fundo de um partido de govêrno (1), que congregava em seu seio o situacionismo das diferentes unidades da Federação, entre cujos representantes se acotovelavam republicanos históricos e adesistas acomodatícios, presidencialistas e parlamentaristas, conservadores e reacionários... Antagônicos por idéias, sentimentos e aspirações, êsses elementos tenderiam necessariamente a separar-se, uma vez dirimida a crise que os aproximara. Foi o que sucedeu, após numerosos atritos, em que Prudente e Glicério se viram envolvidos e acabaram por incompatibilizar-se. Um dêsses atritos — e dos mais graves — foi, em 1895, o relativo à questão da anistia ampla aos revoltosos da Armada e aos federalistas do Rio Grande do Sul, medida a que Prudente era inteiramente simpático e que Glicério, para não perder o apoio do Florianismo rubro, combateu com ardor. De sua rejeição resultaram profundos ressentimentos, de parte a parte. Um passo mais e viriam, como vieram, os dissídios irremediáveis, de que já era um indício iniludível o discurso que Glicério pronunciou a 27 de dezembro daquele mesmo ano de 1895, defendendo a onipotência política dos Estados; declarando que o Presidente devia ser um representante imediato de seu partido; sustentando que o partido era um organismo que operava livremente, sem dependência do apoio oficial do Govêrno da União; restringindo as divisões partidárias a dois campos — o dos legalistas e o dos reacionários —, incluídos entre os últimos todos os que haviam dissentido dos primeiros; condenando a tendência sentimental da reconciliação das duas correntes, com a possível inversão das posições em favor dos vencidos; justificando, finalmente,

(1) Da ata da primeira reunião de congressistas, em 8 de julho de 1893, para fundação do partido, consta, em resumo, o pensamento de Glicério: *estava convencido de ter chegado o momento de ser levada a efeito a discriminação das forças governamentais do país...* E Aristides Lobo, *leader* do Senado, secundava-o, *insistindo na necessidade da orientação partidária do govêrno do país, orientação cuja primeira e mais imediata vantagem era dar ordem ao caos em que a nação se vinha agitando e consolidar de vez as novas instituições...*

a conduta do Partido Republicano Federal, que recebera em suas fileiras, visto adotarem princípios rigorosamente constitucionais, a mocidade que vertera seu sangue na defesa do Governo legal, os fanáticos pela legenda florianista, os próprios jacobinos, que se submetessem à disciplina partidária. Foi nesta altura de sua oração que Belisário de Sousa, em aparte de que falei noutro trabalho e que não figura nos anais parlamentares, comparou o Partido Republicano Federal a *uma catedral aberta a todos os credos*.

Em confidências a amigos; Glicério ia mais longe:

— o chefe da nação não esposava os grandes interesses partidários até onde permitia o decôro da administração;

— alimentava preferências pessoais;

— gostava de popularidade;

— lisonjeava os adversários;

— acolhia com satisfação os aplausos da imprensa;

— era cioso de sua independência;

— entendia dever um partido viver apenas para uma eleição;

— suspeitava de sua sinceridade.

E continuava a desfiar o rosário de suas queixas para chegar a esta conclusão: *por tudo isso havia luta e dissidência, que todo mundo exergava, entre o Presidente e o partido*, conclusão que consta de carta dirigida a Pedro Velho, então governador do Rio Grande do Norte, em 17 de março de 1896, — quatorze meses antes da cisão partidária.

Transcrevo-a na íntegra. E' o documento inédito a que me referi em comêço:

— “Pedro Velho:

Respondo à tua de 23 do passado. Você leu, de certo, o discurso que proferi na sessão de 27 de dezembro último e que fiz publicar no *País*, precisamente para ser lido e julgado pelos nossos amigos nos Estados. Fui até aonde podia ir, disse o que as circunstâncias me permitiram dizer; mas, meu caro amigo, fiquei muito aquém das exigências fundamentais da política republicana na situação que o Brasil atravessa. “Nossos homens principais vão-se deixando dominar insensivelmente pelo egoismo autoritário e das posições. Pre-

tendem fazer a política dos privilegiados, fugindo a um tempo aos incomôdos inerentes às lutas acidentadas da vida democrática e pavoneando as seduições da popularidade, de uma falsa opinião e, sobretudo, de uma imprensa sem responsabilidade moral e sem nenhuma afinidades políticas com as instituições. “Nossos amigos e chefes não acreditam ainda na fôrça, no vigor da federação dos Estados, parecendo-lhes fácil dirigir a êstes do alto da centralização inocente do Rio de Janeiro. Para êles, meu caro amigo, o poder é ainda o poder. Julgam, e mo dizem com franqueza, que, no dia em que o Govêrno do Rio de Janeiro carregar o sobrecenho, os Estados seguirão o centro para não se privarem dos favores oficiais da União. E isto me dizem a propósito de programa que constantemente afixo da organização de um grande partido nacional, reunindo em um só núcleo de coesão política todo o sentimento republicano e brasileiro, no intuito de contrapor a concentração política, em bem da salvação de nossa nacionalidade, à completa descentralização administrativa fundada pela federação. Para isso não se compreende um partido enfendado ao Govêrno do centro pelas simples dependências de interêsses materiais. Aceito, e executarei lealmente a doutrina de que o Presidente da República é o chefe do partido que o elegeu. Nessa qualidade, porém, deve dizê-lo francamente, deve manter a mais estrita solidariedade partidária, deve esposar os grandes interêsses partidários dos amigos, até onde lhe permitir o decôro da administração. O que, porém, não é lícito e a isto aludo de modo geral, é que, uma vez eleitos, os nossos chefes cuidem só de cultivar a sua independência individual, de manter a mais plena liberdade de ação, ainda mesmo com sacrifício de reais e atendíveis interêsses partidários, parecendo-lhes que um partido vive só para uma eleição. Insistirei sempre sôbre a necessidade de estender quanto possível a solidariedade partidária do Govêrno da União com os amigos e com os Governadores dos Estados. Sei bem que se não pode chegar a êsse resultado sem sacrificar alguma coisa do orgulho pessoal e do egoismo das posições. Mas é preciso que aquela situação se chegue e que êsse sacrifício se faça: Do contrário, seremos daqui a pouco tempo, não membros de uma mesma nacionalidade e vivendo numa mesma federação; mas Estados confederados, divididos pelos ciúmes, pelas rivalidades, pela prepotência dos poderosos, pelos protestos dos mais fracos. Quando

eu prego êstes princípios e sustento a necessidade de fundar a unidade política pela solidariedade partidária e pela cooperação dos Estados, suspeitam de minha sinceridade e atribuem-me sentimentos de concentração de poderes no intuito de dominação oligárquica. Mas eu insistirei sempre enquanto nosso partido não me retirar a confiança. “Penso que a sessão parlamentar dêste ano marcará uma época decisiva na marcha do Partido Republicano Federal. Persuadome de que a direção do partido manterá com firmeza a sua independência e autonomia, se o Govêrno federal continuar a se abster, a se afastar da comunhão partidária, isolando-se dos amigos e animando sem o querer veleidades em nossos adversários de empolgarem o poder nos Estados. Meu modo de pensar e de proceder me parece que a êsse respeito tem sido coerente. Na situação Floriano, foram as ameaças e as tentativas de violência contra os governos estaduais independentes; na situação atual, são as preferências pessoais a Senadores da União, determinando no Amazonas, no Maranhão e na Paraíba do Norte veleidades perturbadoras da consolidação definitiva da situação partidária. Entretanto, cumpre que de nossa parte se inicie o trabalho parlamentar, facilitando, quanto possível, o acôrdo político entre os dois poderes. Com prudência, com firmeza, poderemos chegar a êsse resultado, se o amor às instituições inspirar sempre os nossos atos. Dessa luta e dissidência, que todo mundo enxergou, entre o Presidente e o partido, ressaltou o aparecimento dos monárquicos e o enfraquecimento de nossa estabilidade interna. Não querem compreender que o Govêrno só pode ser forte, se for temido, e isto nenhum Govêrno conseguirá se não apoiar-se exclusivamente num partido forte e arregimentado e do qual espose tôdas as responsabilidades. Mas pretender apoiar-se nos amigos e ser por êles sustentado sem privar-se dos cumprimentos e carinhos, dos elogios e afagos dos adversários e dos indiferentes, isso é que nenhum Govêrno poderá conseguir sem enfraquecer-se, comprometendo destarte a sua autoridade e o seu prestígio. Tudo isto lhe venho dizendo na confiança da amizade e a fim de que você possa habilitar-se a julgar-me.

“Tenho pressa que chegue a eleição geral de outubro para que a renovação senatorial junte, no Senado, Pedro Velho, Bernardino, Gonçalves Ramos, Eduardo Ribeiro, Coriolano, Álvaro Machado,

precedidos já de Rosa e Silva, a fim de que o Senado da República se constitua o cooperador eficiente, o poder espiritual diretor da política republicana e conservadora do Brasil.

“Em relação à fundação do *Constitucional*, estou colaborando nessa tentativa, sem a responsabilidade do partido. Na ausência de um órgão amigo no Rio de Janeiro, que se disponha a aceitar no terreno partidário a defesa contra os ataques que a imprensa neutra dirige ao Partido Republicano Federal, julguei acertado aceitar e auxiliar a iniciativa de Frederico Borges, desde que êle declarou-me que é seu intuito defender o partido, tanto quanto apoiar o Governo do Presidente.

“Tenho esperanças de ver o nosso partido manter a mesma disciplina na Câmara, tanto mais quanto a parte exaltada da Capital Federal vai separar-se de nós em boa paz para firmar o programa do *Partido Nacional*, ou antes, para formar êste partido sobre a base de programa nativista e de outras idéias radicais. Assim sendo, não vejo que elementos possam existir entre nós capazes de quebrar a disciplina admirável de que temos dado provas nas sessões de 94 e 95. Espero que o Presidente modificará o seu temperamento, abrindo o seu Palácio para as confabulações com os amigos do Congresso, que tanto interessam ao desenvolvimento das nossas relações políticas, afastando assim a intercessão das camarilhas tão fatais aos governos pessoais, porque lamentavelmente se tem confundido o regime presidencial, regime de opinião, regime de partidos, com os governos pessoais, só porque não são governos de gabinete. Quando se compreender que a responsabilidade individual do Presidente se casa perfeitamente com a inteligente impessoalidade da vida política, se verá que o chefe do Poder Executivo, quanto mais genuinamente representar um partido forte e vigoroso, tanto mais se avigorará no conceito público, habilitando-se a empreender com mais firmeza e desassombro um governo de ordem moral e política.

“Com respeito ao nosso partido nos Estados, penso que somente Sergipe nos oferece dificuldades. Em Alagoas, onde o Governador não era republicano federal, houve acôrdo e fusão com os nossos amigos.

Em Sergipe, porém, estão os antigos federais, Coelho Campos e outros fora do Governo e em guerra aberta com o Valadão. Êste e

os seus parciais organizaram-se, por sua vez, em partido republicano federal e solicitam a sua entrada, a sua incorporação no nosso partido. Não é fácil resolver êste assunto, porquanto, se de um lado estão os nossos antigos companheiros da fundação do partido em 93, do outro lado estão os antigos republicanos na posse do Govêrno de seu Estado. Se eu tiver de aconselhar alguma atitude decisiva em relação à nossa preferência naquele Estado, por dever de lealdade aconselharei a sustentação do grupo Coelho e Campos, ainda que compreenda bem que, no ponto de vista da utilidade política, seremos por êste fato prejudicados. E bom, pois, aos projetos legislativos tentados para a intervenção em Sergipe e outros Estados, continuo a pensar que êles não são outra coisa mais do que invasões perturbadoras da federação.

“São estas as reflexões que julguei dever submeter ao teu critério, esperando que me dês a conhecer os teus sentimentos com franqueza, ajudando-me a servir ao nosso partido.

Adeus e até sempre.

Do am.º afetuoso
Francisco Glicério.

Esta carta confidencial e os antecedentes de que falei antes de transcrevê-la seriam bastantes para mostrar a delicadeza das relações de Prudente e Glicério, cujo rompimento era inevitável. Não se deu em 1896 por duas razões: porque êste era o último ano da legislatura e porque Prudente já se sentia muito debilitado pela moléstia, que, a 10 de novembro, o obrigaria a deixar provisoriamente o Govêrno. Manuel Vitorino, seu substituto, era uma organização privilegiada intelectual — cientista, literato, professor, jornalista, tribuno e parlamentar—; mas arrebatado, impulsivo, voluntarioso. Por iniciativas adiáveis, como a da remodelação do Ministério numa curta interinidade, contribuiu poderosamente para precipitar a crise, levando Prudente, ainda convalescente, a descer de Teresópolis e, de surpresa, reassumir a Presidência, a 4 de março de 1897, resolvido a desfazer quaisquer equívocos sôbre os rumos de sua ação política no primeiro ensejo favorável que se oferecesse. E êste se ofereceu a 28 de maio, quando Seabra, tomando por pretexto a sufocação de um movimento de indisciplina ocorrido na Escola Militar, proferiu vibrante discurso,

requerendo a nomeação de uma comissão que, em nome da Câmara, se congratulasse com o Presidente da República pela manutenção da ordem pública e prestígio da Constituição. Glicério combateu esse requerimento por muitos impugnado como moção de confiança, incompatível com o regime presidencial. Foi rejeitado. Sobrevieram, porém, em consequência dessa rejeição, outros fatos bem conhecidos: a renúncia do Presidente da Câmara, Artur Rios, por solidariedade com o Governo; a *vária* do “Jornal do Comercio”, declarando, devidamente autorizado, não interpretar Glicério o pensamento do Presidente da República; o fracasso da intervenção de Campos Sales no sentido de reconciliar seus velhos amigos e companheiros da propaganda; as ocorrências de toda ordem, — comentários envenenados, mexericos tendenciosos, intrigas de bastidores, marchas e contra-marchas inúteis—, que precederam imediatamente a cisão parlamentar.

Para muitos estão nestes fatos as causas determinantes dessa cisão. Um engano; suas causas primordiais e eficientes foram outras:

- 1.^a) a heterogeneidade de idéias dos que compunham o partido.
- 2.^a) os dissentimentos pessoais entre Prudente e Glicério;
- 3.^a) a sucessão presidencial.

Quanto à primeira: os idealistas que evangelizaram a República nos últimos anos do Império, eram em sua grande maioria, federalistas avançados, partidários da mais completa autonomia administrativa dos Estados. Alguns levavam essa autonomia às raias da soberania. O próprio Floriano Peixoto, em mensagem ao Congresso, logo após sua ascensão ao poder, declarava que se conformara com a deposição dos Governadores dos Estados pelo empenho em que estava de *respeitar a vontade dos mesmos Estados em suas livres manifestações sob o regime federativo* . . . E outra não foi a razão por que, operada a cisão partidária de 1897, o grosso do partido republicano histórico sacrificou as comodidades de situações invejáveis, trocando-as pelas agruras de ostracismo, para ficar fiel à bandeira que desfraldara no manifesto de 3 de dezembro de 1870. A federação, com todas as suas franquias, era para êle um dogma. Não admitia

intervenção nos Estados senão nos termos precisos do art. 6.º da Constituição e isto mesmo com discreta reserva pelo receio de que voltássemos à centralização atrofante do Império da monarquia, caída havia pouco. Essa, no terreno dos princípios, uma de suas principais divergências com Prudente, que pleiteava, em documentos oficiais, a regulamentação do citado dispositivo constitucional, o que aliás não conseguiu, porque Campos Sales, seu sucessor, mais pelo imperativo das circunstâncias do que pelas preferências dos amigos do Governo, também era radicalmente contrário a essa regulamentação. Não se pensa, entretanto, que os republicanos da *velha guarda* e aquêles que os acompanharam na oposição pretendessem legitimar de qualquer modo os excessos condenáveis de mandões locais, na prática abusiva das novas instituições. Já eram espíritos construtores. Resistiam às demasias do Poder Executivo Federal por amor ao regime. Queriam os Estados prósperos, mas sem o enfraquecimento da unidade nacional: sua autonomia administrativa sob o contrôlle da centralização política. Tanto assim que, ao apreciar, por exemplo, os casos de intervenção por disvirtuamento da forma de Governo republicano-federativa, reivindicavam, sistematicamente, para o poder legislativo — poder político, por excelência — a competência de decidir em cada hipótese emergente. Seus erros — e foram muitos — decorreram quase sempre do tumultuar dos acontecimentos revolucionários, que se sucediam a miúdo. Não representavam deserções ou apostasias. Naquela época, os homens raramente deixavam de ter a coragem de suas convicções. Eram sinceros na defesa de seus princípios. Por êles se batiam, lutavam e sofriam, sem temor da adversidade e absolutamente confiantes na vitória de suas crenças liberais.

A segunda das causas que aponteí — os dissentimentos pessoais entre Prudente e Glicério — era conhecida por todos que viviam nos bastidores da política. Alguns diziam, fundada ou infundadamente, que suas desinteligências datavam da *Constituinte*, quando — acrescentavam — Glicério fôra de parecer que se não hostilizasse a candidatura de Deodoro, já com seus dias contados, devendo Prudente ser o candidato à vice-presidência. Não creio, se verdadeira a afirmação, que êste guardasse por isso qualquer mágoa, sabido, como é, que, apresentada depois sua candidatura em contraposição à do glo-

rioso chefe do Governo Provisório, ninguém a sustentou com maior desassombro e denodo do que seu velho correligionário de todos os tempos.

Não creio igualmente que se possa incluí-lo no número dos que, em sua terra, com influência confinada às fronteiras do Estado, não perdoavam a Glicério, pobre, de origem humilde e sem láureas acadêmicas, ter conquistado, pelos seus merecimentos, capacidade e serviços, um lugar ao sol, criando e dirigindo um grande partido nacional. Consciente de seu valor, e sendo, além de uma figura consular da República, seu primeiro magistrado, não tinha, nem podia ter inveja dos louros de quem quer que fôsse. As desconfianças e prevenções, que gerariam desentendimentos e separariam os dois eminentes brasileiros, provieram do feitio moral de cada um deles e da confusão política daquela hora sombria. Prudente era governante muito compenetrado de sua autoridade e não queria parecer o tutelado de um partido; Glicério, condutor de homens, não esquecia nunca as conveniências nitidamente partidárias. A diversidade de orientação no tocante aos problemas políticos em foco e as paixões do momento, que conturbavam os ânimos mais serenos, tornaram-nos obstinados e intransigentes. Desavieram-se. E o amor próprio ferido fez o resto. O amor próprio ferido e o desacôrdo sobre a escolha de candidato à sucessão presidencial — terceira das causas a que fiz referência. Em fins de 1896, três eram os candidatos que pareciam viáveis: Bernardino de Campos, Júlio de Castilhos e Quintino Bocaiuva. Prudente não aceitava os dois últimos. Desejava o primeiro, seu Ministro da Fazenda, também preferido pelos que com ele privavam na intimidade, os quais, para lhe serem agradáveis, anteciparam a cisão partidária, que já estava prestes a explodir, como prova êste fato: nas vespertas da abertura do Congresso, em 1897, reuniram-se os deputados da maioria para assentar os nomes dos que deviam formar a Mesa e constituir as comissões permanentes da Câmara. Glicério propôs a reeleição geral, que foi impugnada pelos amigos de Rosa e Silva. Êstes não aceitariam nenhum pôsto de confiança política. Seriam livres atiradores. E Artur Rios, que continuaria a ser o presidente da assembléia, expendeu considerações, que traduziam reservas e restrições. Começavam a aclarar-se os horizontes. Pernambuco e Bahia iniciavam a mudança de suas barracas

de campanha ... O requerimento de Seabra a 28 de maio e os acontecimentos posteriores não foram, portanto, surpresa para ninguém.

Aberta a cisão, o situacionismo de dez Estados conservou-se solidário com o partido e o poder legislativo dividiu-se quase ao meio. A maioria parlamentar, — maioria precaríssima —, estaria com quem estivesse o presidente de S. Paulo, Campos Sales, de cuja atuação hábil e desapaixonada resultou sua candidatura, colocada acima dos interesses de grupos rivais. Os *dissidentes* a apoiaram a contragosto. Não tinham, porém, o direito de livre escolha: ou a aceitariam, correndo riscos futuros, ou estariam desde logo perdidos.

Nos arraiais oposicionistas, a indicação do candidato ofereceu sérias dificuldades, porque no seio das correntes que nêles se entrecrocavam nenhuma havia dispondo da maioria absoluta. Verificou-se em reunião prévia dos 42 delegados à *Convenção* — dois por Estado e dois pelo Distrito Federal. Nessa reunião, Castilhos obteve 15 votos, Quintino 14, Glicério 13. E, para harmonizar todos, foi preciso recorrer ao nome de Lauro Sodré, mais tarde abandonado por muitos, que aconselharam a abstenção no pleito, sinal de que o não haviam aceito de bom grado. Campos Sales, a bem dizer, não teve competidor, e, assumindo o Governo, liberto de compromissos partidários, pôde realizar, com indiscutível proveito para o país, a política de apaziguamento dos espíritos, uma necessidade imperiosa naquela fase crepuscular da vida da República, ameaçada de sangrentas dissensões civis.

Com êsse apaziguamento, desfizeram-se os partidos existentes. Um mal? Penso que o partido governista, — aliança híbrida da dissidência e de elementos erradios —, não tinha unidade e coesão; e o republicano federal já havia cumprido sua missão, assegurando a sucessão pacífica de Floriano e reintegrando a nação na plenitude de suas liberdades constitucionais. Não podiam subsistir. Chegara a hora de renovar os quadros políticos, indo-se procurar os capazes onde estivessem, sem levar em linha de conta suas atitudes anteriores e dando a cada um seu justo valor. Foi o que fez o ilustre estadista paulista, que nunca teve a tentação de prolongar seu predomínio pessoal depois que passou de governante a governado. Êste um dos segredos do seu êxito.

Crítica de livros

Os Pan-Americanos — pelo PROF. BRAZ
DO AMARAL.

Estamos acostumados aos estudos de história do Prof. Braz do Amaral. É ele um comentador e investigador exímio. Como investigador tem aberto veredas que são caminhos para se chegar ao que se incorporará à história, e como comentador tem conseguido traçar, de maneira inteiramente nova e mais precisa, muita passagem da vida do povo brasileiro. Dá-me ele a impressão de quem passeia em longas estradas reais, mas para, aqui e ali, examinar uma ou outra particularidade verificando com certa graça, tão conhecida de quem lhe é familiar, quanto as coisas são diferentes do que contam. Na verdade não vejo no que ele tem escrito desta ou daquela casta de gente, espírito de combate, mas sem a expressão da sua natural ironia.

O perigo é de no trajeto, que outro percorreu com grande publicidade (e sabe Deus como!) vir ele, despreocupado com o tempo, sem programa previamente firmado, nem idéia preconcebida, com espírito elegante, discreto, ameno e agradável, com pachorra e talvez de caso pensado, prestar mais atenção às coisas, para avisar como é insidiosa e sutil a história, que por um não nada escapa às mãos do historiador, prosseguindo então êsse tantas vezes no terreno da fantasia!

Mas desta vez o Prof. Braz do Amaral, publicando *Os Pan-americanos*, traçou uma lição perfeita, com tôdas as responsabilidades nobres do magistério. Catedrático de anatomia da Escola de Medicina da Bahia, e professor de história nos ginásios pelos quais passou a mocidade baiana, é ele conhecedor das responsabilidades do magistério; e, consciente dos seus grandes deveres, é que escreveu o livro — *Os Pan-americanos*.

Este livro é de fato uma lição. Quer dizer: nêle está delineado o quadro de conjunto do que há de ser na realidade a história americana.

E para dar idéia de um todo distinto e caracterizado é que o Sr. Braz do Amaral chamou ao seu livro significativamente: os Pan-americanos.

O problema político que a América logo que descoberta representou, no mundo, é significativo. Para dar idéia dêsse problema o Sr. Braz do Amaral falou primeiro da navegação dos oceanos e da posse das terras encontradas. Citou o Papa Martinho a dar ao rei de Portugal tôdas as terras que descobrissem os portuguezes desde o cabo Bojador até às Índias. Mas a decidir a posse das terras conforme a latitude uma vez que antes a regularam no sentido da longitude, pôde Alexandre VII satisfazer às pretensões espanholas marcando no globo uma linha de sul a norte, que passaria a cem leguas das ilhas de Cabo Verde, dividindo então, as terras entre Portugal e Espanha. Depois de uma concessão, uma partilha.

Assim se definiram pois, direitos que não viriam se firmar precisamente como estavam enunciados. A verdade é que assim formulava-se o problema político internacional, criado com a descoberta das Américas, que tiveram de viver em face das nações da Europa a fim de alcançarem mais tarde expressão definitiva, com a qual ninguém ainda havia de contar nesses tempos de precárias soluções dadas às questões internacionais.

A América principiou a viver. A investigação acêrca do que encontrara cada povo europeu no continente descoberto, é o quadro da vida nova. Essa investigação é intensa e ousada. Procuram os europeus como andar nesse novo mundo e as viagens se fazem na seguinte ordem: procurando conhecer a costa do Brasil; em tórno da terra desconhecida até alcançarem o ponto sul que serve de passagem para o oceano Pacífico, mas antes disso as indagações a respeito do rio da Prata; finalmente o Pacífico atingido pelos espanhóis, depois de Magalhães ter passado de um para o outro oceano que banha a América. Cada povo nesse ponto segue o seu destino. Os portuguezes vão a caminho da Índia, largando em parte tudo que encontravam de passagem para chegarem longe; os espanhóis é que ficam a meio dessa grande rota dos portuguezes. Param logo nas costas da Amé-

rica Ocidental. Apegam-se ao continente. Desde então como que está traçado o destino de cada povo no momento, ou melhor no momento razões econômicas diferentes conduzem os dois.

A Espanha encontrou o Eldorado na América; Portugal pensa tão somente nas riquezas da Índia e não lhe resta tempo a fim de cogitar de outra coisa.

Navegam pois os dois povos com intenção diferente; e por isso já há quem escrevesse que a navegação portuguesa procurava conservar em caminho as bases necessárias a lhe manter policiada e segura a rota para a Índia: mas os espanhóis tiveram a surpresa de encontrar ponto de riqueza inesgotável de que guardaram segredo: os metais preciosos de que as antigas civilizações americanas já se utilizavam.

Eis dois povos a procurarem caminho. Os portugueses, para trazerem por mar o que encontram na Índia; mas os espanhóis querem percorrer a América do Sul a fim de transportarem mais rapidamente por terra o que eles acharam no lado ocidental dessa parte sul do continente: o ouro.

Para descobrir êsse ouro os que vieram da Espanha na rota de Colombo, atravessaram de fato o continente de lado a lado, no sentido de este-oeste, aportando na América central. Mas para fazerem o percurso em sentido contrário, chegaram pelo sul da América ao Pacífico através das terras hoje brasileiras, ao longo do Amazonas, que descem até a foz do rio, fazendo dessa maneira o percurso oeste-este através da América do Sul.

Mas essa travessia da América do Sul é de quem já procurava por onde despejar as riquezas vindas dos Andes. Querem um escaudouro que por outras razões de segurança traçaram não pelo Amazonas, mas através do rio da Prata, criando um dos eixos para penetrar a civilização no sul, e não cito somente o caso da Argentina porque êle valeu a todos os países que vão até a parte sul do continente sul-americano, inclusive o Brasil. Esta rota mais tarde deixou de ser feita tão freqüentemente e por multidões que a percorriam; isso é que a tornou como que apagada em que pese ficaram os traços eloqüentes do seu passado.

De fato, os espanhóis antes dos portugueses encontraram os motivos de ordem econômica que os arrastaram diretamente para a América do Sul. O ouro que eles exploraram, só foi encontrado pelos

portuguêses muito mais tarde e isso mesmo depois de esgotadas as Índias. Ora Portugal ainda teve algum dia a felicidade dessa descoberta do ouro, que lhe alterou a vida econômica, talvez mesmo a perturbando em parte.

De todos os nomes que apareceram nesses muitos percursos feitos, aliás tão diferentes e a seguirem dois sentidos tão diversos (os portugueses interessados em assegurarem as rotas da Índia, e os espanhóis ansiosos para desembaraçarem os caminhos que levariam as riquezas encontradas na América do Sul) há de ficar o esquema de seus feitos: ora êsse esquema foi traçado no livro do mestre brasileiro para dizer dos primórdios da vida em um continente que mais tarde definiria pela primeira vez as políticas continentais, porque êste é o sentido do pan-americanismo.

*

* *

Os portuguêses no Brasil primeiramente quiseram bases militares, protetoras das suas longas rotas de navegação. Quem compulсар a história da navegação verá que importância tinham essas bases. Há contudo dois gêneros de nações expansionistas: as colonizadoras e as mercantilistas. Portugal quando fixava as bases militares no Brasil era de fato nação mercantilista; colonizadora ela seria mais tarde com a cultura do açúcar que saiu do Mediterrâneo, onde os árabes tinham-na deixado na Sicília para se transferir às ilhas de Portugal no Oceano, e daí passando a Pernambuco, à Bahia. O que assegurou a influência de Portugal no Brasil não foi pois a política das bases militares, e sim a da colonização.

A colonização é a formação de uma sociedade fora da Europa. Importa pouco que para essa sociedade americana viessem os elementos transplantados no solo americano, o caso é que êles vieram lançando raízes no mundo descoberto. Mas uma vez na América êles tinham de constituir nova sociedade, distinta, com força própria, autonomia, e a revelar unidade. A América foi pois o espaço livre em que se formou a sociedade americana em que pese a transplantação de hábitos, moral, religião, cultura, enfim mentalidade européia.

Para servirem em um ambiente novo, cuja significação vem a ser a liberdade com que o espírito social se forma independente na

América, as instituições vieram da Europa. “Continuou, como na Espanha (escreve o Sr. Braz do Amaral), o costume dos “Ayuntamientos” nomeados pelas cidades para zelar seus interesses”. De fato do velho mundo vinham homens e instituições, porém quando chega ao novo mundo a idéia de lei, é para não fazer “diferença entre o espanhol e o homem de côr.” Ora só essa igualdade entre os homens é fundamental. Parece que os europeus traziam para a América o espírito social, e não as injunções políticas a travar as classes sociais, a sobrepor os povos uns aos outros, na Europa. Ora desde então o espírito americano se tornou diferente, evitando as razões políticas européias de substabelecerem na América, mesmo porque isso não, tinha razão de ser.

A civilização européia veio de fato ter um novo campo de ampliação, e os fatos históricos se tornaram prova disso. Ela, na América, se tornou uma força contrariando interesses, travando luta.

Na verdade a um dado momento, na sociedade americana em formação, haviam de ver: consciência social de um lado; mas do outro interesse econômico, súbitamente despertado. Os dois entraram em choque. O aventureiro que chegava à América é que pensou em escravizar o nativo. Mas a escravidão nas plagas americanas, sempre teve o espírito social a reagir contra ela, e elementos significativos, vindo da Europa, é que se opuseram a êsse interesse particular de alguns, aliás, em contradição com o que tinham em mente os governos europeus distantes. Em um livro, em que se procura fazer o retrato moral das Américas, como o que traçou o Sr. Braz do Amaral, os fatos comprovantes são significativos e então conta o projecto historiador baiano que: — “Nas Antilhas os religiosos opuseram-se ao extermínio dos indígenas e no México chegaram a catequizar cerca de seis milhões de seres em dezesseis anos, livrando-os com isso de muitas perseguições”.

*

*

*

Mas esboçada a sociedade americana, ela impor-se-ia, e havia mesmo de falar por si; e surge a questão das nacionalidades americanas que procuram se defender de certas tendências que tomou a política dos governos europeus contra ela.

A independência dos países da América, representa nesse caso o instinto de defesa, e isso se pode dizer a respeito de qualquer deles, sejam os Estados Unidos da América do Norte, ou a Argentina ou o Brasil. Não é uma aspiração de predomínio político que os rebela, e sim uma necessidade de salvaguardarem a sua vida social em face de pretensões européias. A América do Norte se libertou a fim de se esquivar ao imposto votado pelo Parlamento inglês para que ela suportasse com o enorme onus das guerras travadas na Europa, sob o pretexto de que essas guerras interessavam à América; a Argentina, para se recusar a obedecer a França que usurpava o trôno de Espanha e escravizava o seu verdadeiro rei; e o Brasil, para não se submeter às Côrtes gerais de Lisboa, que lhe ameaçavam a unidade e expressão social.

Consideradas as nações em face da situação internacional, elas formam uma trama de interesses, uma sociedade, a qual representa a proteção política de umas em conjunto com as outras. A América é pois como que uma sociedade distinta de nações com interesses mútuos e próprios. A emancipação de cada nação americana em face do resto do mundo, interessa a tôdas elas, e o conjunto formado de tôdas as nações da América representa a razão de ser da independência de cada uma.

*

*

*

Dois motivos convém pois apontar como decisivos da independência das nações americanas: os de ordem interna, e os de natureza internacional.

O equilíbrio interno que êsses países atingiram breve, vem o Prof. Braz do Amaral descrever ao traçar-lhes a história. É pois a história dêsses países tal qual êle as explanou que revela êsse equilíbrio. Mas o pan-americanismo representa o interesse internacional dos países americanos se manterem antes fora do alcance da política internacional européia, e nesse caso tomaram feições distintas as políticas internacionais dos sentimentos representando cada qual um equilíbrio, um sistema distinto para ser respeitado.

Na guerra atual, a América entrou nela tendo necessidade de falar do Continente americano e da sua expressão própria. Relacionou

pois o que representa o interesse americano à política internacional. Tomou posição nesta, porque precisou de defender aquêlê. Nesse sentido falou uma linguagem clara, e estamos a ver o Sr. Lippman em livro que escreve assistido pelo mais acatado grupo de professores do seu país, declarar que até na guerra de 1914, não foi o desagravo ao direito norte-americano desrespeitado pela desastrada obra dos submarinos, que levou os Estados Unidos à guerra, e sim a necessidade de manter a situação da Inglaterra a quem considera uma aliança útil e uma garantia da política americana de se manter resguardada de qualquer influência estranha a intronietar-se no continente americano.

As graves razões de equilíbrio político, que afinal de contas são tão respeitáveis, se sobrepuseram ao incidente da lesão ao direito do povo americano praticada por atos de guerra dos alemães.

Esse equilíbrio é que adita a aliança, para uma ação defensiva entre os Estados Unidos e a Inglaterra, ou se quizerem, entre a Inglaterra e os países da América, e assim como vemos hoje os Estados Unidos acudir a Inglaterra, não é de estranhar que se tenha visto a Inglaterra acudir ao interesse do pan-americanismo.

O Prof. Ernesto Leme em uma conferência intitulada — *A participação da política britânica na doutrina de Monroe* — estudou o assunto, que é do domínio da história, mostrando como a Inglaterra se afastou da Santa Aliança, fazendo política dominante na Europa, a fim de salvaguardar a intervenção de nações européias em continente americano. Estava a Grã-Bretanha em posição que lhe convinha proceder assim. Via ela no continente americano um elemento de equilíbrio a opor, ao continente europeu, para que nêlê tivesse ela posição. Naquele tempo de uma Europa do comêço do século XIX, a orientação dos inglêses visava o futuro; mas logo que principou o século XX, o que anteviu a Inglaterra tornou-se na mais real e decisiva política com que ela pôde contar para vencer nas guerras com a Alemanha.

Logo, a Inglaterra como que se antecipara ao pan-americanismo; e nos primórdios dessa política americana, de fato foi ela que a sustentou dando-lhe o apoio necessário. Monroe proclamou a doutrina que tornava a América um todo politicamente distinta da Europa a fim de ter expressão própria; mas Jefferson declarava quanto essa

proclamação precisou do auxílio inglês, e o Sr. Lippman lembra que êsse estadista americano então dizia que a esquadra inglesa era um encouraçado em cuja esteira navegaria a esquadra americana, que não passava de uma lancha. Quer dizer: essa pequena força naval americana precisava de uma grande potência a fim de proclamar a política pan-americana tão expressiva no mundo. E a grande potência que valeu ao pan-americanismo foi a Inglaterra.

*

* *

A história está emprestando as suas luzes ao pan-americanismo, razão por que sendo êle o assunto político atual é uma questão histórica a ser cada vez mais explorada. O Sr. Braz Amaral, delineando o perfil histórico de cada nação americana, vem dizer a respeito do instinto de vida que cada uma delas representa, e faz isso quando delas se precisa para chegar-se ao que se chamou pan-americanismo.

Mas a respeito dêsse pan-americanismo é também preciso chamar atenção para o que já é um dado histórico dessa política internacional e quero então, me referir às alianças que Hamilton, e também Washington, Adam e Jefferson, tinham como fundamental a êsse sistema. Pan-americanismo é de fato política de alianças, política em que as nações americanas surgem com expressão própria.

O Sr. Lippman, que insiste nessa tese apontando o nome do mais extraordinário espírito político americano — Alexandre Hamilton —, está pois concorrendo para a compreensão que êsse vulto histórico tinha das coisas políticas. Falando como fala a respeito dêsse homem de Estado acompanha pois como que o renascimento de um capítulo da História dos Estados Unidos, uma vez que muitos apontam a evidência a que chegou o grande vulto do auxiliar de Washington, na política internacional do continente.

A política de Hamilton é (define-a o Sr. Lippman) a de saber fazer alianças. O jornalista norte-americano de hoje insiste nela como que despertando, no momento atual, a atuação do seu país para essa política ditada por uma das figuras da independência dos Estados Unidos.

À política de Hamilton se pode dar o seguinte enunciado: as duas Américas precisam de estar identificadas, e uniformes, em política internacional porque toda divergência entre elas, é um perigo para ambas. Será um descalabro para a América e será a perda do prestígio dos países americanos, a quebra dessa unidade. Qualquer país americano deve sentir-se ameaçado se o pan-americanismo periclitar, e quem, vindo de fora puser o pé em qualquer das duas Américas, o fará com intenção de dominar a outra que, se fôr onde estiver uma grande potência, por isso mesmo será objeto de competição política internacional.

Corolário imediato dessa asserção é que as duas Américas precisam de ter uma só expressão internacional; e a guerra atual vem trazer grandes esclarecimentos a respeito.

O livro oportuníssimo do Sr. Braz do Amaral veio chamar a atenção para a expressão que têm as nações americanas. Os Estados Unidos da América do Norte têm feito novas reflexões sobre o pan-americanismo que tanto interessa a essas nações, reflexões essas que devem ser consideradas uma ampliação de vistas sobre o movimento histórico das nações americanas ao se libertarem. Há nessa compreensão nova da política internacional americana, divulgada pelo Sr. Lippman, censuras e advertências, uma vez que os Estados Unidos se têm por vêzes esquecido de avivar a política de alianças, que o pan-americanismo representa; e o jornalista norte-americano culpa o isolacionismo dessas negligências.

O que seja a política de Hamilton, considerado um dos precursores do pan-americanismo, é quase que a revelação atual dos estados históricos dos americanos do norte. É contudo uma revelação agradável. O que fôra êsse político para a vida interna do povo americano, já tive ocasião de referir quando comentei a sua biografia traçada pelo Sr. Hamilton Leal; mas qual seja a sua projeção na política internacional, só agora tinha ocasião de comentar. Não é somente o jornalista Lippman que está a indicar a significação da política internacional preconizada por Hamilton, o Sr. Joseph J. Phordkine Jr. em artigo intitulado "Geopolítica", divulgado pela revista "Rodovia", em tradução dos professores Orlando Valverde e Jorge Zarzur, está a insistir atualmente na orientação indicada por Hamilton para a política internacional americana. A insistência, com

que aparece citado o nome de Hamilton atualmente dá a entender que muito se está refletindo acêrca da situação internacional da América.

A situação da América na política internacional não é assunto para se tratar rapidamente uma vez que êle precisa de ser pensado com o senso das realidades. É assunto para longas reflexões e estudos. O Sr. Phordkine informa pois a respeito da necessidade que o seu país teve de instalar cursos de Geopolítica, para conseguir através deles, algumas conclusões apreciáveis.

Êle aponta qual deve ser hoje o eixo do equilíbrio universal, para que as nações tomem posição em tôrno deles. Chama a atenção para que a Alemanha é que antes vinha fazendo com grande interêsse, estudos a respeito, e revela como o *major general, professor, doctor*, Karl Hanshofer, no dizer do articulista um homem mistério ou o mistério Hanshofer, vinha se dedicando a um problema de geopolítica, já apresentado por Mackinder.

Mackinder é inglês, e foi êle o primeiro a apontar o problema a que chamou do *coração da terra*, indicando que o povo que se instalasse nas terras da Ásia, que ligam o Oriente e Ocidente, isto é, a China e a Europa, dominariam o velho mundo, e também, pela fôrça, subjugariam todos os outros continentes, daí aquela região ser considerada o *coração do mundo*.

O importante era pois instalar-se um povo com unidade, nesta região; e é possível que os alemães pensassem em chegar a ela, razão porque Hanshofer fizesse misteriosos estudos que foram anunciados na América do Norte por um jesuíta.

Ora, a idéia de coração do mundo não é alemã; é inglesa. É sugestiva: os Estados Unidos não iam perdê-la de vista, não para apreciá-la no sentido de uma política imperialista, mas para considerá-la como a consideraram os anglo-saxônios que viram, na possível significação geopolítica do coração da terra, a ameaça de que precisam de se defenderem as outras partes do mundo, consideradas *ilhas* e nas quais vivem a Inglaterra e os Estados Unidos da América do Norte. Nesse caso o mundo se divide em terra (e a terra tem o seu coração na Ásia) e nas *ilhas*. A palavra ilha surge para se estabelecer um antagonismo; não corresponde a verdadeira nomenclatura geográfica; mas traduz uma questão de geopolítica.

E esta questão da terra com o seu coração, em contraste com os países *insulados* é que os Estados Unidos fez objeto de criteriosos estudos no decurso dos quais ressurgiu o Pan-americanismo, e, com êle, o nome de Hamilton.

Para estudar a questão de equilíbrio dos povos, para evitar o domínio de um povo, no mundo e para ensinar uma política defensiva contra a ameaça que se esboçou acima da linha do horizonte, é que a América do Norte mantém uma centena de cursos. O que na Alemanha era o mistério Hanshofer, a república da América do Norte torna programa de ensino, assunto de divulgação; mas para isso é preciso que êsse problema de geopolítica seja para os americanos assunto de política defensiva, logo do interesse de todos os povos, e não da política imperialista, logo do conhecimento reservado de um só povo.

O livro do Sr. Braz do Amaral falando da expressão própria de cada nação da América vem oportunamente corroborar em um movimento geral que já começou a mover as forças superiores do espírito nos dias que correm.

*

* *

Quando Alexandre Hamilton traçou as diretrizes de uma política norte-americana, falou em alianças, deu pois a entender que se devia firmar um sistema em que os elementos nele compreendidos cada qual conservasse expressão própria.

Admitir pois que a diretriz a seguir era de uma política defensiva; e creio que o senso da realidade o inspirava a falar assim.

O imperialismo vem a ser uma vesania, isto é, uma idéia insensata a impulsionar quem perdeu o senso da realidade. É uma loucura; o que não deixa de ser causa de perturbações no mundo.

As apreciações que o Sr. Lippman faz a respeito de uma política de alianças, a seguir na América, vem mostrar quanto seria vesânico abraçar política imperiadista. De fato, é preciso, para a Amé-

rica se defender, dentro do pan-americanismo, uma política de aliança de nações: os argumentos que convencem disso são os mais expressivos, os de maior atualidade, e os mais convincentes.

O Sr. Lippman discutiu primeiramente a questão das bases navais e continentes como fatores de equilíbrio internacional.

Viu pouca eficiência nas bases navais, na verdade delas não se pôde obter quanto se desejava.

Essas bases navais estiveram em guerra e foram postas à prova, no Pacífico. Ora é a respeito delas que escreveu Lippman o seguinte trecho:

“Para ser amplamente eficiente, o poder naval americano no Pacífico deve estar de posse de uma cadeia de bases que se estendam dos Estados Unidos continentais, passando por Havai, Wake, Gudam e as ilhas sob mandato japonês, até às Filipinas. Trata-se, portanto, de uma linha que não é fácil de defender com segurança sem que haja uma âncora na outra extremidade dessa cadeia de bases. Só a China pode proporcionar essa âncora. É preciso notar que essa linha americana é uma extensa cunha cravada na Ásia. Inevitável é portanto que o seu ponto mais fraco seja a extremidade da cunha, nas Filipinas, logicamente vulnerável se ficar sem apôio. A guerra com o Japão provou essa vulnerabilidade. De Wake para Oeste, perdemos tudo. Além disso, ainda que reconheçamos que nunca mais se consentirá na repetição da nossa falta de preparação do dia 7 de dezembro de 1941, persiste o fato de que a defesa de tão extensa cunha não pode ser assegurada. Quando perdemos a linha americana no inverno de 1941-1942, que teríamos feito se não tivéssemos aliados?”

A base naval pode fixar o combate em alto mar, entretanto não tem ela resistência própria e pode se tornar em motivo de preocupação para que não fique desamparada.

Isso não acontece com os aliados, isto é, nações aliadas que sejam arsenais.

Será pois arsenal (têrmo de que se vale o Sr. Lippman), a organização social capaz de produzir para guerra. É pois arsenal, um núcleo humano de extensão apreciável e com significação própria: torna-se pois em fonte de reação.

É muito exígua a capacidade de reagir de uma base naval; é de um valor incalculável uma fonte de reação com expressão própria. Mas fontes de reação como a Inglaterra, a China é que salvaram a América do Norte no Pacífico quando as bases navais, isoladas no Oceano, vacilaram.

As fontes de reação devem ser encaradas como elementos significativos. Precisam de ser uma sociedade apegada ao lugar. Ou um país: considerado aliado. Mas necessitam de expressão social e vida própria, os países que se aliarem.

A atual guerra lançou pois o problema dos povos arsenais, capazes de se defenderem, senhores de recurso inexgotável como o é a própria vida a se refazer de momento a momento. A guerra atual prova que a vitória não provém do armazenamento de recursos, mas dos povos que podem improvisar o dia de amanhã e que estejam aptos para isso. Êsses é que são os povos arsenais. Vence pois a vida e os que estão aptos para viver na guerra. Contra o que já está feito se sobrepõe sempre a capacidade dos que podem construir no dia seguinte ao do que entraram na luta. Os que criam a arma da vitória no momento em que combatem é que serão os vitoriosos.

Uma coisa se precisa dizer: na América do Sul se faz necessário um arsenal. Ora isto me lembra, o que, a respeito do que está se fazendo no Brasil, ouvi de um amigo que foi visitar as usinas de ferro em instalação. — Custaram muito! Muito mesmo! — disse êle. Mas representam mais do que custaram! Representam uma energia incalculável, graças a Deus! — é pois um engenheiro, um homem viajado, um estudioso e comentador de assuntos econômicos que falava assim. E construir assim há de ser pois a política dos povos que desejam ter aliados.

Mas avaliemos pois o que é essa América do Sul. É ela imensa extensão de território. Cada metro de costa é uma porta para o inimigo forçar. Não é pois bases navais que defenderão extensões tão grandes. Construir-se-á uma linha Maginot para resguardá-la? E que se há de dizer de uma linha de defesa se atrás dela não houver um exército que é a retaguarda imprescindível? Mas por sua vez havendo êsse exército é indispensável a obra de cimento armado cuja exten-

são aparatosa deixaria no esquecimento as velhíssimas e inúteis muralhas da China.

A expressão viva de um povo é um exército; mas não há povo que tenha exército eficiente, se não tiver forjas que modelem e remodelem as armas para combater. Um povo sem exército assim é uma multidão inerte. O arsenal de que fala o Sr. Lippman é essa atividade industrial que dá eficiência aos povos.

*

* *

Há uma questão histórica a que já nos referimos citando-a como sendo tratada de maneira admirável pelo Professor Ernesto Leme: a da importância histórica da Inglaterra na doutrina de Monroe. O Sr. Lippman se refere a ela para que ainda se façam algumas referências a política que a Inglaterra praticou no passado. A compreensão que o Sr. Lippman mostra que o seu país tem do pan-americanismo, faz que ninguém na América haja de temer essa política oficialmente proclamada por Monroe.

Ela é a favor do que são as nações atualmente. Não pode ser um maqueavelismo de as dividir para imperar quando ela necessita da força de cada uma para cada qual servir de esteio a todos. Nem dividir, nem as nações se dividirem enfraquecendo-se por uma aberração política qualquer. Um país na América a dividir-se, é para criar a fraqueza que permite a invasão do inimigo no continente. Estamos pois a ver que pan-americanismo é uma política de povos fortes. O pan-americanismo é pois procurar que as nações se fortaleçam como expressão social e política, a fim de se oporem a ameaças de imperialismo que não é fruto da América.

Contra a política imperialista da Santa Aliança que pretendia estender o seu predomínio à América, Castlereagh, primeiro, e depois, Caning, puseram de fato a esquadra do seu país a favor da política da América independente e isso em uma ocasião em que os rancores entre Inglaterra e a sua ex-colônia, os Estados Unidos, que se rebelaram contra a mãe pátria para se fazerem independentes, esta-

vam ainda, a fumar nas brasas acesas entre as cinzas de uma derrota. Entretanto Canning compreendeu logo a política do futuro. Viu a necessidade da existência de uma América com expressão política própria, pesando no equilíbrio político universal. Traçava êle o eixo da política internacional, atravessando o Oceano, e levantava a idéia de que a maneira de combater a teoria do coração da terra colocado na Europa e Ásia, fórmula política de Imperialismo, era criar êsse eixo. De fato combater o imperialismo é proteger e assegurar essa expressão social e política que a América deve ter no pan-americanismo. E para que a América pudesse ter uma tal expressão concorreu Canning que era um político e não um idealista, e muito menos um fantasista.

Êsse estadista de fato viu um dilema para resolver: ou aceitar uma política centralizada na Europa, ou criar uma política equilibrada entre os países separados pelo Oceano. Preferiu êle essa segunda orientação, e desde logo tornou a Inglaterra um país radicado a essa fórmula de política internacional, para que tivesse com ela universal importância.

A história em sua grande extensão com que sempre abrange o mundo é que explica a doutrina de Monroe, o pan-americanismo. Não se trata no caso de uma doutrina que certa vez um estadista pregou por conveniências muito restritas inspirado em questões muito particulares. O pan-americanismo vem trazido na corrente que arrasta todos os grandes acontecimentos do mundo. É essa doutrina uma fatalidade histórica: a política dos povos leva a ela. É ela a fatalidade a que levam razões de ordem geográfica, motivo pelo qual os recentes estados de Geopolítica levam de novo a ela, como nos vem dizer o Sr. Thorndike. Chamo pois atenção para como se deve compreender o pan-americanismo em face da história. O livro do Professor Braz do Amaral versando a respeito dessa corrente da política internacional vem pois divulgar (como êle mesmo o quiz fazer) o que seja a política dos homens das Américas, isso então em momento oportuno.

FEIJÓ BITTENCOURT.

“Brasileiros Pioneiros do Ar” e “Roteiro do Tocantins” — pelo CEL. LÍSIAS RODRIGUES.

O cel. Lísias Rodrigues, oficial da aviação brasileira, publicou dois livros intitulados — *Roteiro do Tocantins* e *Brasileiros pioneiros do ar*. Quem puser os olhos nesses dois títulos, supõe assuntos distintos, vê duas atividades diversas: a de quem é da profissão oficial da milícia do ar, e, por uma eventualidade, homem de gastar horas a fio no discreto e sossegado estudo da história. Eis, entretanto, uma impressão que esses dois livros apaga, aliás publicados ao mesmo tempo para que, um após outro, lidos os dois, levem à comparação com que se conclui o que têm êles de comum entre si: é a mesma personalidade curiosa que traçou ambos.

Um é de história; o outro, de viagem. Aproximar a História do roteiro de viagem de um aviador! — ora nada mais indicado. Fazer história, digo eu, devem fazer todos, principalmente porque, à história, se chega de longe, quer de trajeto feito pela carreira das letras, quer do estudo da geografia (a geopolítica), quer da vida política (Tácito); enfim tantos os casos a citar... — Mas isto que está indicado como sendo meio de se formar um historiador, revela que a história é um método, é processo de observar e processo êsse que o homem adquire na prática da vida, no seu contato com os homens, na parte que toma nos negócios humanos.

Por sua vez um homem que se familiariza com a história, se dispõe a ver as cousas da maneira que elas são e se apresentam a quem fôr experiente da vida. Logo é necessário ter alguma experiência! Fazer história que não seja concebida com êsse espírito, é fazer cronologia, é transferir para o papel os resíduos do passado esperando-se que o sôpro de um verdadeiro espírito de historiador, anime êsses resquícios e dê corpo àquilo que deve ser a história.

Posso eu então dizer que seja qual fôr a experiência que uma pessoa tenha da vida em consequência da maneira de que teve de viver, ela criou um critério capaz de a familiarizar com a história, e com grande proveito desta que ninguém sabe se é ciência, se é disciplina, mas se podendo dizer que é sempre o resultado da grande experiência humana, sob tôdas as suas modalidades. Poderão dizer que a história é o passado visto através o temperamento de quem a escreve: mas penso melhorar o conceito dizendo que a história é uma ampla visão dos acontecimentos idos e vividos, através de uma inteligência experimentada na vida a custa da profissão que a pessoa tenha abraçado.

Para o cultivo da história (digo eu) devemos chamar tôdas as profissões, disciplinando-as em um gênero de cultura, que deve ser comum a todos os homens. Na história é que os homens se encontram e se entendem. Quando chamam, à história, a disciplina que forma o espírito cívico de um povo, a razão

dela o ser está nisto: cria a compreensão entre todos, faz ver qual a experiência de cada um traduzida através dos acontecimentos a respeito dos quais estão voltados a pensar.

Como o cel. Lísias Rodrigues, é dos primeiros oficiais brasileiros aviadores que se apresentam devotados à história, não posso deixar de saudar êsse êmulo da nova classe militar brasileira.

Mas voltemo-nos à apreciação dos méritos de quem dá a público dois livros.

O livro — Roteiro do Tocantins é roteiro afora, de pouso em pouso, colhendo impressão por impressão, o que o cel Lísias descreve com argúcia de observador, e a primeira qualidade que êle então revela escrevendo, está na sua retentiva dos aspetos e dos fatos, que se destacam, para se realçarem, com grande precisão. E' despretenciosamente que êle narra o que viu, mas de modo atraente é que o faz. Se perguntarmos a nós mesmos por que o Cel. Lísias Rodrigues escreve, é para respondermos: — Usa da pena pela razão por que diversos militares têm dela usado, pela necessidade que sentem de fixar de algum modo o que a sua vivacidade de espírito faz que êles vejam. Esta é a minha impressão! Mas visão variada das coisas creio que é qualidade de um César, de um Taunay. Êsses com isso tiveram as qualidades que se exigem de um homem que é para conduzir a luta armada de acôrdo com o que sabe observar e distinguir. A surpresa é que usando êles às vêzes da pena logo atraem a atenção de quem alguma vez venha a pôr os olhos nas páginas que escreveram.

Um escritor dêsse feitio pode passar a historiador, na hora que se dispuser a observar com a mesma curiosidade os fatos históricos. Ora o Cel. Lísias Rodrigues já se empenhou em estudar os aspetos da história brasileira. Curioso esteve a saber dos brasileiros, pioneiros do ar. Mas fêz com isso história como deve ela ser feita. Não discute datas. Não se restringe ao que há de subjetivo na vida de um homem, figura destacada que seja. Procurou, com um senso exato das coisas, descrever o ambiente dos acontecimentos, com as suas particularidades, e fêz mais: foi no rastilho dos documentos sabendo dos homens, dos depoimentos pessoais acêrca dos brasileiros assinalados como pioneiros do ar. E' ao lado da vida de cada um, correndo paralelamente com ela, que está a História, que na verdade é a descrição da amplitude da vida de cada homem na sociedade, isto é, no conjunto que ela representa. Não digo que ela seja a comédia humana posta em boa prosa, mas é, com vivacidade e interêsse com que o Cel. Lísias Rodrigues vê as coisas, a recomposição, em linguagem atraente, da vida da humanidade.

FEIJÓ BITTENCOURT

*

*

*

REVISTAS DOS INSTITUTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS ESTADUAIS

Poucos países poderão apresentar, como o Brasil, tão grande número de sociedades principalmente dedicadas ao estudo da história, da geografia e ciências conexas. Espalhadas por toda a extensão do território nacional, localizam-se nas capitais dos Estados e mesmo em algumas de suas cidades mais importantes. Publicando, quase todas, revistas especialmente destinadas a reunir a colaboração dos respectivos sócios, bem como trabalhos originais de outros pesquisadores, além de documentos interessantes às matérias que constituem objeto de seu pacífico labor — é, sem dúvida, essencial ao conhecimento da terra e do passado brasileiro, o manuseio de tão relevantes instrumentos de cultura.

Atendendo a estas circunstâncias, em boa hora determinou o embaixador José Carlos de Macedo Soares, presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que nesta associação — que é a mais antiga das sociedades científicas brasileiras do gênero — fôsse realizado o levantamento da matéria contida em todas as revistas até agora publicadas pelos Institutos Históricos e Geográficos dos Estados do Brasil.

Antes, porém, de ser ultimado tão valioso balizamento bibliográfico, aqui assinalaremos apenas o conteúdo dos números mais recentes das referidas publicações. Apresentaremos, assim, aos estudiosos do país e do estrangeiro, um panorama, tão simples quanto eloquente, do trabalho atualmente desenvolvido em todo o Brasil, no setor da historiografia, visto que quanto à geografia outras revistas existem, que minuciosamente relatam o seu constante progresso, em grande parte devido à superior orientação impressa pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

*

* *

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Tomo
LVI, ano LVI. 1942 — Empresa-Editora Fortaleza,
Ltda. Fortaleza. 1942 — 270 págs.

Dirigida pelo Sr. T. Pompeu Sobrinho, com os Srs. Martins de Aguiar e Raimundo Girão na Comissão de Redação, a *Revista do Instituto do Ceará* continua a manter a responsabilizadora tradição de cultura que vem dos tempos de direção do Barão de Studart, o grande historiador cearense.

No último volume recebido, o LVI, de 1942, vários são os trabalhos de mérito, sobressaindo, como de praxe atualmente, os de caráter biográfico. É o que pode ser verificado, mediante simples vista pelo respectivo sumário: “A

Catedral”, palestra sôbre a construção do templo máximo de Fortaleza, pelo Sr. Andrade Furtado; “O Comendador José Antônio Machado e sua descendência”, contribuição genealógica do Sr. Raimundo Girão; “Um capítulo íntimo da vida de Alfredo Ferreira Rodrigues”, o grande escritor sul-riograndense, pelo Sr. Henrique González; Documentos sôbre a Revolução de 1824 no Ceará, existentes no Arquivo do Instituto; Atas da Câmara Municipal de Fortaleza, de 1758; “Capistrano de Abreu anedótico”, interessantes palestras no Instituto do Ceará, pelo conhecido folclorista Sr. Leonardo Mota; “O Ferreira Boticário”, pelo Sr. João Nogueira, trabalho relativo a uma popular figura de Fortaleza, Antônio Rodrigues Ferreira, farmacêutico falecido em 1926; “Apontamentos para a história do termo de Maria Pereira”, pelo Sr. Augusto Tavares de Sá e Benevides; “História da Instrução e da Educação do Ceará”, capítulo I — Os jesuítas, os hospícios de Aquiraz e Viçosa e o alvará de 1759, pelo Sr. Plácido Aderaldo Castelo; “Cardial Lenné”, evocação do padre Misael Gomes; “Padre Cícero Romão”, terceiro capítulo da biografia que do célebre vigário do Juazeiro está publicando o Sr. Lívio Sobral; “Elogio de Clóvis Beviláqua”, pelo Sr. Dolor Barreira, discurso pronunciado na Côte de Apeiação do Estado natal do eminente juriconsulto recentemente falecido; “Ensaio de crítica científica de arte”, pelo Sr. Pompeu P. de S. Brasil; uma carta do padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar ao padre Marcos de Araujo Costa, de 1843, sôbre um assassinato político então cometido na província; “Arquivo de Alberto Amaral”, notas colhidas na Biblioteca Nacional; “Norte-riograndense de mais de trezentos anos”, artigo do Sr. José Augusto, antigo governador, deputado e senador do Rio Grande do Norte; “Cidade de Fortaleza”, estudo sôbre as denominações dos logradouros públicos da capital cearense, pelo Sr. João Nogueira; “Os crânios da gruta do Canastra”, pelo Sr. T. Pompeu Sobrinho; “Paulino Nogueira”, discurso no centenário do ilustre cearense pronunciado no Instituto pelo Sr. Abner C. L. de Vasconcelos; “Soares Bulcão”, necrologia do poeta dêsse nome, pelo padre Misael Gomes, Srs. Dolor Barreira e Raimundo Girão, agradecimento pelo capitão Hiram Soares Bulcão; “Notas para a genealogia das famílias Holanda Cavalcante e Arruda”, pelo Sr. Edgar Cavalcante de Arruda; “Os mortos do Instituto em 1942” (notícias biográficas de Epitácio Pessoa, Alfredo Ferreira Rodrigues, padre Dr. João Augusto de Faria e José Pedro Soares Bulcão); “Poços d’aguas perenes e pescarias por tinguijamento”, trecho de um livro inédito sôbre o Cariri, do Sr. Irineu Pinheiro; “Atas das sessões de 1941”.

O tomo LVI, de 1942, da *Revista do Instituto do Ceará*, é, como se vê, magnífico repositório de homens e coisas do Estado nordestino.

HÉLIO VIANA.

REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO,
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBU-
CANO. Vol. XXXVIII. 1943. — Oficinas Gráficas
da Imprensa Oficial. Recife. 1944. — 400 págs.

Uma das mais antigas publicações brasileiras dedicadas à arqueologia, etnologia, geografia e história, é a *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, cuja coleção se inclui entre as peças mais preciosas da bibliografia brasileira.

O vol. XXXVIII da excelente publicação está recheado de matéria interessante, como prova o respectiva sumário: "Síntese crônológica de Pernambuco", trabalho de 135 páginas, abrangendo o período de 1491 a 1937, de autoria do Sr. Mário Melo, secretário perpétuo da instituição e diretor da *Revista*; "O ossuário da *Gruta do Padre*, em Itaparica", pelo Sr. Carlos Estêvão de Oliveira; "O episódio do Rio Formoso", estudo sobre a localização do reduto em que bravamente resistiram aos holandeses os vinte comandados de Pedro de Albuquerque, pelo Sr. Mário Coelho Pinto; "O primeiro arcebispo de Olinda e Recife", biografia de D. Luís Raimundo da Silva Brito, por P. Felipe Conduru, bispo de Ilhéus; "A origem do nome da povoação Camela", pelo sr. Naasson Figueiredo; "Povo livre", trabalho sobre as origens da Guerra dos Mascates, pelo Sr. João Peretti; "João Alfredo", trecho de discurso do Sr. Pedro Moacir de Aragão; "Danças em honra de São Gonçalo de Amarante", pelo Sr. Naasson Figueiredo; "Trasladação dos restos mortais de André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira para a Capela dos Montes Guararapes", "Homenagem a Henrique Dias e Camarão" e "Culto aos heróis", artigo do interventor Agamenon Magalhães — três capítulos relativos às homenagens em 1943 prestadas, em Recife, aos referidos vultos da guerra holandesa; "Quem descobriu o Continente Americano", artigo do Almirante Gago Coutinho; "A coleção de quadros da Via Sacra da Igreja da Santa Cruz da cidade do Recife", notícia sobre a respectiva restauração, pelo Sr. Manuel Pereira de Araujo; "Carnaval do meu tempo", crônica do Sr. Mário Sette; "Limites Penambucano-Alagoas", relato dos trabalhos para sua fixação; "Santo Antônio, padroeiro de Pernambuco", artigo do acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, a propósito do livro do Embaixador José Carlos de Macedo Soares — *Santo Antônio de Lisboa — Militar do Brasil*; "O Recife", página de saudade de Carlos Pôrto Carreiro; "Fernando de Noronha", minucioso estudo do coronel aviador Lísias Rodrigues, sobre a ilha que tendo sido a primeira capitania hereditária do Brasil, foi, também, o segundo território federal; "Cartografia portuguesa e cartografia holandesa", interessante artigo do Sr. Jaime Cortesão, no qual se atribui ao piloto Antônio Vicente Cochado uma das primeiras explorações portuguesas na foz do Amazonas.

O necrológio do pesquisador português Dr. Artur da Mota Alves, uma síntese dos trabalhos do Instituto em 1942, atas das sessões de 1935 e 1936 e a relação dos sócios da veneranda associação — completam o número correspondente a 1943 da *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*.

HÉLIO VIANA.

*
* *

REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA. N.º 68, de 1942. — Imprensa Oficial do Estado da Bahia. — Cidade do Salvador, 1943. — 227 págs.

Comemorando, no ano corrente, o primeiro cinquentenário de sua fundação, já prestou grandes serviços à ciência brasileira o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, cuja *Revista* tem 68 números publicados, até o ano de 1942.

Contém excelentes contribuições, sobretudo biográficas, o último tomo recebido, da *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Abre o volume minuciosa "Galeria Cachoeirana", de autoria do Prof. Pedro Celestino da Silva, contendo dezenas de retratos de ilustres filhos da tradicional cidade de Paraguaçu, a começar pelo historiador Coronel Sebastião da Rocha Pita, a quem se segue o juriconsulto Teixeira de Freitas, os titulares Barão de Nagé, Marquês e Barão de Muritiba, a célebre enfermeira D. Ana Néri, o engenheiro André Rebouças, o Barão de Belém e a atriz Ismênia dos Santos, além de numerosos políticos, jornalistas e outros. "Barbosa Rodrigues — o Enamorado da Amazônia", palestra do Sr. A. L. de Barros Barreto; "O último governador da Bahia no século XVIII — A Família Portugal e Castro", pelo Sr. Afonso Rui; "José Basílio da Gama", conferência comemorativa do prof. Cristiano Alberto Müller; "Almirante Mouchez", conferência do capitão de corveta José Moreira Maia; "Ensaio de um resumo cronológico-biográfico sobre Pedro Labatut, marechal de campo do exército brasileiro", pelo Sr. Herman Neeser; "Notícias biográfica de D. Romualdo Antônio de Seixas, Marquês de Santa Cruz", 17.º Arcebispo da Bahia, Primaz do Brasil e 1.º Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em sua primeira fase, pelo Sr. F. G. de Oliveira Neto — são os outros trabalhos do gênero, incluídos no n.º 68 da *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Cumpre notar que os dois últimos estão acompanhados de numerosos documentos relativos aos dois grandes vultos da história pátria, extraídos do Arquivo do Instituto, que assim sobejamente demonstra a sua opulência.

A transcrição de um artigo do Sr. Virgílio Correia Filho, sobre o eminente geógrafo Teodoro Sampaio; "Reminiscências da Guerra dos Canudos",

pelo Sr. Xavier de Oliveira, então acadêmico de medicina; "Das relações entre a cerâmica indígena brasileira e a sul-americana", memória da Sra. Jenny Dreyfus — são outros trabalhos também incluídos na publicação da Casa da Bahia.

HÉLIO VIANA.

*

* *

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO — Vol. XLI. 2.º semestre de 1942. — Imprensa Oficial do Estado. — São Paulo. — 1943. 480 págs.

Estando prestes a comemorar o quinquagésimo aniversário de sua fundação, continua o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo a publicar sua excelente revista, conhecido repositório de estudos e documentos do maior interesse para a história pátria.

O último volume aqui recebido, o XLI, relativo ao segundo semestre de 1942, contém, como de costume, apreciáveis trabalhos devidos à pena de sócios do Instituto, além de transcrições úteis aos pesquisadores do passado nacional.

"Martin Afonso e a fundação de São Vicente" é a conferência que abre o tomo, pronunciada em 1934, por ocasião do quarto centenário da criação da capitania, pelo Dr. José Tôrres de Oliveira, presidente perpétuo da agremiação. "Tiradentes, herói e santo" e "Valor histórico e moral de Joaquim José da Silva Xavier", palestras dos Srs. Joaquim da Silveira Santos e Antônio Piccarolo — assinalaram a participação do Instituto nas comemorações do centésimo-quinquagésimo aniversário do martírio do inconfidente mineiro.

"Gênese social da gente bandeirante — Posturas quinhentistas" — é um capítulo do livro que sob aquêlê título publicou agora o Prof. Tito Lívio Ferreira, dedicado primeiro secretário da associação. "Vereadores tietenses", do Sr. Benedito Pinto de Almeida, é outro ensaio de história municipal paulista.

Evocações de "São Paulo antigo (1882-1886)", pelo Dr. Afonso José de Carvalho, e uma "Descrição da ilha de São Miguel", em 1847, visitada por João Dabney de Avelar Brotero — um dos muitos brasileiros descendentes de açorianos — também aparecem no último número da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*.

Uma biografia do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, por seu neto do mesmo nome, bem como dois antigos trabalhos daquele médico irlandês, naturalizado brasileiro; "Documentos relativos à questão Monsanto-Vimieiro", de cópias cedidas pelo Dr. Afonso de E. Taunay; interessantes pesquisas sobre "O negro

no Planalto (do século XVI ao XIX)”, pelo Sr. Ciro T. de Pádua; outra conferência-polêmica sobre “O monumento a Américo Vespucci”, pelo Sr. Eduardo Jacobina; “A última e dramática obra de um grande historiador” (*Storia dei Greci dalle origini alla fine del secolo V*, de Caetano de Sanctis) pelo Sr. Francisco Isoldi; “O Império Colonial Português e o Brasil — Um esboço de geografia política”, pelo Prof. Aroldo de Azevedo; “Centenário de um livro” (o *Diário de Viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuiabá e São Paulo, nos anos de 1780 a 1790* — recentemente reeditado pelo Instituto Nacional do Livro), pelo Sr. Hildebrando Siqueira — são mais alguns trabalhos incluídos no volume XLI da *Revista*.

“Quem fundou São Paulo?” — interessante debate em que se prova a primazia que no ato cabe ao padre Manuel da Nóbrega, e a transcrição do “Testamento da Imperatriz D. Amélia” — antecedem a ampla seção de noticiário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1941, que encerra o referido tomo de seu órgão oficial, dirigido, então, por uma comissão composta do Desembargador Afonso José de Carvalho e dos Professores Nicolau Duarte Silva e Tito Lívio Ferreira.

HÉLIO VIANA.

*
* *

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA. N.º do
1.º semestre de 1943. — Imprensa Oficial do Estado.
Florianópolis. 1943 — 185 págs.

Interrompida, há vários anos, a publicação da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, foi a mesma reiniciada, em 1943, da maneira mais auspiciosa, com um interessante volume, recheado de estudos, documentos e informações úteis ao conhecimento da terra e do passado catarinense.

Dirigida, agora, pelo Sr. Carlos da Costa Pereira, com o auxílio dos Srs. Osvaldo R. Cabral e Eliézer dos Santos Saraiva, contém a *Revista*, em seu tomo relativo ao primeiro semestre do ano transato, os seguintes trabalhos: “Os açorianos”, pelo Sr. Osvaldo R. Cabral; “Acêrca da invasão espanhola” (de 1777, em Santa Catarina), pelo Sr. Carlos da Costa Pereira; “São José” e “Palhoça”, monografias municipais, de autoria, respectivamente, dos Srs. Alvaro Tolentino de Sousa e José Lupércio Lopes; “Conselheiro Manuel da Silva Mafra”, biografia, pelo Sr. Osvaldo Bulcão Viana. Sob o título “Páginas esquecidas”, incluiu a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de*

Santa Catarina dois curiosos capítulos: "A Província de Santa Catarina e a Colonização do Brasil", por Leonce Aubé, antigo procurador dos Príncipes de Joinville na região, e "Campanha do Paraguai (Apontamentos de um oficial catarinense)" notas diárias em 1865-1866 tomadas pelo capitão João Machado de Sousa.

Encerram o volume, seções de Trabalhos Diversos. Documentos Originais, Estudos Geográficos, Atividades do Instituto e Bibliografia.

HÉLIO VIANA.

*
* *

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. —
N.º 93. I trimestre de 1944. — Oficinas Gráficas
da Imprensa Oficial. Pôrto Alegre. 1944. — 134
págs.

Mantendo o regimen de saídas trimestrais, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* já alcançou o tomo 93, relativo ao primeiro período do ano corrente.

Começa o fascículo prestando homenagem a dois escritores ultimamente falecidos: Gastão Penalva, evocado pelo Prof. Walter Spalding, e General João Borges Fortes, de quem se transcreve o formoso discurso de posse no Instituto gaúcho, sobre "A Estância", bem como a saudação com que em 1931 ali o recebeu o historiador Sr. Aurélio Pôrto.

Continuando a ser excelente repositório de estudos de história brasileira e especialmente do Rio Grande do Sul, contém a *Revista* mais os seguintes trabalhos: "Os Alves Valença", estudo do falecido autor de uma monografia da cidade de Santa Maria, João Belém; "A obra da constitucionalização do Brasil (1823-1934)", conferência do Sr. Leonardo Macedônia; "Transadores e Retirantes" e "Nemigalhas Toponímicas", estudos do Sr. Manuel Duarte; "As Ordens Terceiras de São Francisco e do Carmo" (da cidade do Rio Grande), pelo Sr. Antenor de Oliveira Monteiro; "A fundação de São Gabriel", pelo Sr. Celso Martins Schröder; "Passo Fundo na Revolução de 1835", pelo Sr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira; "Reminiscências históricas da guerra contra o ditador do Paraguai", pelo Sr. J. O. Pinto Soares; "Saudação de Bagé", discurso do coronel Danton Teixeira.

"Nótulas bibliográficas", de autoria dos Srs. padre Luís Gonzaga Jaeger S. J., Walter Spalding e Olinto Sanmartin, completam o volume 93 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*.

HÉLIO VIANA.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO. N.º 15. Dezembro 1944.

Fundado em 1916 reconhecido de utilidade pública pelos governos federal e estadual, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo figura entre os mais ativos do país, como prova o último número de sua *Revista*, o décimo-quinto, de dezembro de 1943. E' o que demonstra, igualmente, o "Índice geral alfabético da matéria contida nos primeiros 14 volumes da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*", organizado pela Secretaria Geral da casa e incluído no mesmo tomo.

Como sumário dêste, além de amplo niticiário relativo ao Instituto, constam os seguintes estudos: "Reabilitação histórica de Vasco Fernandes Coutinho", pelo Sr. Mário Aristides Freire; "Uma escalada à Pedra do Oratório", pelo Sr. Adelfo Monjardim; "O 408.º aniversário da Colonização do Espírito Santo", pelo Sr. João Manuel de Carvalho, "O guisamento no último projeto orçamental da província do Espírito Santo", pelo Sr. Francisco Clímaco Feu Rosas; "Homens de côr do Brasil", pelo Sr. Jair Etienne Dessaune; "Cerâmio de Sapucaia", pelo Dr. Ademar Neves; "A Ordem de São Bento na Capitania do Espírito Santo", por D. Clemente Maria da Silva Nigra, O.S.B.

HÉLIO VIANA.

Bio-Bibliografia

OS SÓCIOS DO INSTITUTO

1. — *Valadão* (Alfredo de Vilhena) —
por MARIA C. MAX FLEIUS.

Nascido na cidade da Campanha, Estado de Minas Gerais, a 11 de setembro de 1873. Filho do Comendador Manuel Inácio Gomes Valadão. Casado em 1898, com D. Maria Isabel Teixeira Valadão, que faleceu em 1922.

Fêz o seu curso de humanidades na terra natal, completando-o no Rio e em Ouro Preto, antiga capital de Minas Gerais.

Matriculou-se em 1891 na Faculdade de Direito de São Paulo, onde recebeu o grau de bacharel em ciências jurídicas em 1894, e em ciências sociais em 1895 (1).

Advogou durante algum tempo no Sul de Minas e depois, de 1903 a 1905, em Belo Horizonte, transferindo a seguir sua residência para o Rio de Janeiro, por ter sido nomeado Representante do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas, cargo que exerceu de 1905 a 1915, sendo então nomeado Ministro do mesmo Tribunal, cargo que exerceu até 1935, quando se aposentou.

Foi professor substituto da seção de Direito Público e Constitucional da Faculdade de Direito de Minas Gerais, mais tarde incorporada à Universidade que se criou no mesmo Estado. Professor substituto em 1914 e afinal, em 1924, professor catedrático de Teoria do Processo Civil e Comercial e, a seguir, de Direito Judiciário

(1) Vigorava então a reforma Benjamin Constant, de 1891, que prevaleceu até 1895, pela qual o ensino era ministrado na Faculdade em cursos separados, o de Ciências Jurídicas e o de Ciências Sociais.

Civil, até 1935, da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, e da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, resultante da fusão da primeira com a Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, e hoje denominada Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil.

Fêz parte do Congresso Jurídico Brasileiro, de 1908, em cujos trabalhos, na seção de Direito Civil, presidida pelo Conselheiro Coelho Rodrigues, sustentou a doutrina que havia defendido em publicação especial, da unificação do Direito Privado, concluindo pela necessidade da formação de um Código de Direito Privado Social, e na Seção de Direito Comercial, presidida pelo Visconde de Ouro Preto, a improcedência doutrinária e a inconveniência prática da atribuição conferida pela Constituição aos Estados para legislarem sobre o Processo Civil, Comercial e Criminal. Fêz parte ainda do recente Congresso Jurídico Nacional de 1943, comemorativo do Centenário do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, sendo presidente da seção Águas e Minas.

Entrou para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1912, tendo feito parte da Comissão de História, pertencendo atualmente à Comissão de Admissão de Sócios. Foi elevado a sócio benemérito em 1932, e foi ainda, em 1938, orador do mesmo Instituto, cabendo-lhe falar na sessão magna comemorativa do Centenário do glorioso sodalício.

Tem tomado parte em todos os Congressos de História Nacional. No primeiro, em 1914, pertenceu à sua Comissão Executiva, organizando, como relator geral da subcomissão de História Constitucional e Administrativa, as respectivas teses, fazendo parte ainda da subcomissão de História Geral; e nos trabalhos do Congresso foi presidente da seção daquêle mesmo título, História Constitucional e Administrativa. No segundo, em 1931, comemorativo do Centenário do 7 de Abril, pertenceu de novo à Comissão Executiva, de que foi relator geral incumbido de organizar tôdas as teses a serem examinadas pelo Congresso, o que levou a efeito, precedendo-as ainda de longa exposição de motivos. Finalmente, no último Congresso, realizado em 1938, comemorativo do Centenário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fêz parte ainda da Comissão organizadora de suas teses e sendo eleito depois presidente da primeira seção: Bio-

bibliografia. Fêz parte, ainda, do Congresso Internacional de História da América, realizado em 1922, comemorativo do Centenário da Independência, havendo pertencido à sua Comissão Executiva, e, como relator geral, organizando as teses para a subseção de História Constitucional e Administrativa da seção História do Brasil. Nos trabalhos do Congresso, cabendo-lhe a presidência da correspondente subseção, e na discussão da sua primeira tese sustentando a *precedência do Novo Mundo na formação da Constituição Moderna* e a *influência imediata* que tivera na Inconfidência Mineira a Revolução e a Constituição da América do Norte.

BIBLIOGRAFIA

É autor dos seguintes trabalhos publicados:

DIREITO

1. *O Direito Comercial em face do Projeto do Código Civil: Unificação do Direito Privado* — São Paulo, 1902.
2. *Rios Públicos e Particulares* — Belo Horizonte, 1904.
3. *Projeto do Código das Águas*, organizado por incumbência, do Governo Federal, e precedido de uma *Exposição de Motivos* — Rio de Janeiro, 1907.
4. *Estudos sobre o Tribunal de Contas* — Rio de Janeiro, 1911.
5. *O Abuso do Direito* — In "Jornal do Comércio", de 24 de fevereiro de 1912, Rio de Janeiro.
6. *O Ministério Público no Tribunal de Contas* — In "Jornal do Comércio" de 19 de abril de 1914, Rio de Janeiro.
7. *Projeto de Reforma do Tribunal de Contas*, nos termos da autorização contida no art. 162, n.º XXVII, da Lei n.º 3.454, de 6 de janeiro de 1918, precedido de uma *Exposição de Motivos*, organizado por incumbência do Governo Federal, e por este com algumas alterações aproveitado no Decreto n.º 13.247, de 23 de outubro do mesmo ano, Rio de Janeiro.
8. *Direito das Águas* — São Paulo, 1931.
9. *Projeto do Código das Águas* — remodelação do de 1907, com o acréscimo de um livro (*Regulamentação da Indústria Hidro-Elétrica*), precedido de uma *Exposição de Motivos*, organizado pelo autor, como presidente e relator da Subcomissão do Código das Águas, da Comissão Legislativa, nomeada pelo Governo Provisório — Rio de Janeiro, 1933. Projeto êsse, com poucas alterações, adotado como Código das Águas da República, por decreto do mesmo Governo, n.º 24.643, de 10 de julho de 1934.

HISTÓRIA

10. *Campanha da Princesa* (primitivo trabalho sobre a matéria, com o qual entrou para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) — Rio de Janeiro, 1912.
11. *Visconde de Ouro Preto*. Elogio no Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo LXXV, ano de 1912, págs. 7 a 20.
12. *Tentativa de Golpe de Estado em 1832. A Constituição de Pouso Alegre*. Rio de Janeiro, 1914.
13. *Viagem de D. Pedro a Minas (1822)*. — Rio de Janeiro, 1922.
14. *Abdicação de D. Pedro I*. — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo Especial, 1925 (Contribuição para a Biografia de D. Pedro II), Parte I, págs. 131 a 221.
15. *Criação dos Cursos Jurídicos no Brasil* — Rio de Janeiro, 1927.
16. *Minas na Diplomacia* — In "O Jornal", edição especial consagrada ao Estado de Minas, de 15 de maio de 1929 — Rio de Janeiro.
17. *Exposição de Motivos e Teses para o Segundo Congresso de História Nacional, comemorativo do Centenário do 7 de Abril*. — Rio de Janeiro, 1939.
18. *Da Aclamação à Maioridade, 1822-1840* — Coletânea dos trabalhos supra sob os n.ºs 17, 12, 13, 14 e 15. — São Paulo, 1934. Segunda edição, 1939.
19. *Visconde de Ouro Preto* — Conferência pelo Centenário de seu nascimento, realizada, em 1936, em sessão especial do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
20. *Campanha da Princesa. (1737-1821)* — Vol. I. História política, administrativa, social e religiosa. — Rio de Janeiro, 1937.
21. *Discurso*. Proferido como orador oficial, na sessão magna realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 21 de outubro de 1938, data centenária da sua fundação.
22. *Campanha da Princesa. (1821-1909)*. — Vol. II. História política, administrativa, social e religiosa. — Rio de Janeiro, 1940.
23. *Américo Lobo*. — Conferência realizada pelo Centenário de seu nascimento, no Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. In "Jornal do Comércio", de 17 de agosto de 1941, e Boletim do mesmo Instituto.
24. *Campanha da Princesa. (Vida cultural)*. — Vol. III — Parte I. São Paulo, 1942.
25. *Campanha da Princesa. (Vida cultural)* — Vol. IV — Parte II. São Paulo, 1944.

2 — *Correia* (Francisco de Aquino —
ARCEBISPO DOM.

Nasceu a 2 de abril de 1885, em Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso.

Fêz os estudos primários e secundários naquela cidade, onde mais tarde, aproveitando ali a equiparação do Liceu Salesiano, apresentou-se em 1904, como primeiro candidato ao chamado Exame de Madureza, com que legalizou os seus exames anteriores.

A 4 de novembro de 1902, entrara para o Noviciado dos Padres Salesianos de D. Bosco, no Coxipó da Ponte, subúrbios de Cuiabá, onde, a 19 de março de 1903, vestiu o hábito clerical, e iniciou o Curso Filosófico.

Em 2 de julho de 1904, embarcou para Roma, onde se matriculou, simultaneamente, na Academia de S. Tomás de Aquino e na Universidade Gregoriana, doutorando-se por aquela em Filosofia, a 17 de maio, 1907, e por esta, em Teologia, a 17 de outubro do ano imediato.

A 1 de outubro de 1904, em Foglizzo (Turim), fizera os votos trienais e, terminados êstes, os perpétuos, em Genzano (Roma), a 1 de outubro de 1907, segundo as constituições da Sociedade de São Francisco de Sales.

Em Roma recebeu também tôdas as Ordens Menores e Maiores, ordenando-se de Presbítero, a 17 de janeiro de 1909, e celebrando a Primeira Missa, no dia seguinte, na Basílica de São Pedro, sôbre o túmulo do Príncipe dos Apóstolos.

Regressando a Cuiabá, em 2 de julho de 1910, dirigiu ali o Liceu Salesiano, de 1911 a 1914, ano em que, a 2 de abril, foi eleito pelo Santo Padre Pio X, em Bispo titular de Prusiade e Auxiliar de D. Carlos Luís d'Amour, Arcebispo de Cuiabá. Recebeu a sa-gração episcopal das mãos de D. Carlos, na Catedral Metropolitana de Cuiabá, a 1 de janeiro de 1915, sendo então o Bispo mais moço do mundo.

A 1 de novembro de 1917, foi eleito Presidente do Estado de Mato Grosso, como candidato de conciliação, em luta.

Empossado a 22 de janeiro de 1918, governou o Estado durante todo o quadriênio constitucional, passando a administração ao seu sucessor, a 22 de janeiro, 1922.

A 25 de outubro de 1919, por Breve de Sua Santidade Bento XV, foi-lhe conferido o título de Assistente ao Sólido Pontifício, com honras, privilégios e direitos de Conde Palatino.

Achava-se ainda na Presidência do Estado, quando, tendo falecido D. Carlos a 9 de julho de 1921, foi pelo mesmo Papa Bento XV, em 26 de agosto seguinte, promovido a Arcebispo Metropolitano, e transferido da sede titular de Prúsiade para a residencial de Cuiabá.

A 16 de abril de 1922, tomou solenemente posse na Arquidiocese, da qual é ainda hoje o Metropolitano.

Finalmente, a 8 de outubro do mesmo ano, no Santuário do Coração de Jesus, em São Paulo, foi-lhe impôsto pelo Arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva, o pálio arquiépiscopal.

É sócio e presidente efetivo do Instituto Histórico de Mato Grosso, sócio efetivo e Presidente de Honra da Academia Matogrossense de Letras, associações de cultura, fundados em Cuiabá, sob os auspícios do governo de Sua Ex.^a Rev.^a, sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo pronunciado o discurso de recepção a 26 de julho de 1926.

BIBLIOGRAFIA

1. *Ao Povo Matogrossense* (Discurso-programa) — 1917.
2. *Odes* (Salmodia, Melodias, Rapsódias) — 1917.
3. *A Fronteira Mato Grosso-Goiás* (estudo histórico, Cuiabá) — 1919.
4. *Terra Natal* (versos) — 1920, 3.^a ed., 1940.
5. *Bispo e Presidente de Estado*.
6. *Um almirante matogrossense*.
7. *A primeira flôr*, Cuiabá, 1926.
8. *A velha Bandeira de Marina*, Rio, 1926.
9. *A flôr d'Aleluia*, 1926.
10. *Centenário do Bispado de Cuiabá* (Discurso no Instituto Histórico) — Rio, 1926.
11. *Imperialismo e Protestantismo*, Rio, 1926.
12. *Discursos* (Coletânea de 17 discursos), 1927.
13. *Religião, Moral e Política* (Centenário do "Jornal do Comércio"), 1927.
14. *Sêde Brasileiro*, São Paulo, 1928.
15. *Quem é o Papa*, Turim, Itália, 1929.
16. *Brasil em Flôr*.

17. *Um Patriarca.*
18. *Igualdade! Liberdade! Fraternidade!*
19. *A propagação da Fé*, Rio, 1930.
20. *Concursos de Beleza*, São Paulo, 1930.
21. *Dom Bosco e a Juventude*, Rio, 1930.
22. *Deus e Pátria*, Cuiabá, 1931.
23. *Elevação da Mulher.*
24. *Brasil Novo*. São Paulo, 1932.
25. *Oração aos Soldados*, Rio, 1932.
26. *Uma Flôr do Clero Cuiabano* (Biografia do Padre Armando Maria de Oliveira), 1933.
27. *Castro Alves e os Moços*. Rio, 1933.
28. *De mãos dadas sob a Cruz de estrelas*. 1934.
29. *Na Paulicéia.*
30. *O Sacerdócio*, São Paulo, 1935.
31. *Mensagem aos Homens de Letras.*
32. *Dom Bosco e a Paulicéia.*
33. *Oração pela Pátria.*
34. *Pai e Mestre da Juventude*, São Paulo, 1938.
35. *"Tu es sacerdos"*, São Paulo, 1938.
36. *"O Brasil na VI Conferência Internacional de Instrução Pública de Genebra"*, 1938.
37. *"Te Deum Laudamus!"* (Centenário do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro), Rio — 1938.
38. *Gonçalves Dias.*
39. *Bispo do Brasil*, Rio, 1939.
40. *Salve, Pátria!*
41. *Juventude e Flôres.*
42. *A flor dum "ex-libris"*.
43. *O Padre Vieira* (Antônio). Rio, 1940.
44. *No decênio dum Governo*, 1940.
45. *Deus! Alma! Eternidade!*
46. *O exemplo de Rui Barbosa.*
47. *"Rerum Novarum"*. 1941.
48. *Aos Heróis de Laguna e Dourados.*
49. *"Gloria in excelsis Deo"* (na inauguração de Goiana).
50. *Diante do "fogo simbólico"*.
51. *Uma Poesia Histórica*. São Paulo, 1941.
52. *Os Jesuitas em Mato Grosso*, Rio, 1941.
53. *O Presidente da República em Cuiabá*. Rio, 1941.
54. *"Oportet semper orare"*. São Paulo, 1943.
55. *Maria Nossa Esperança*. São Paulo, 1943.
56. *Dom Bosco e a Democracia*. Rio, 1943.
57. *Dois suaves Mistérios.*

58. *Cartas Pastorais* (coleção das suas 10 primeiras Pastorais, além das seguintes, ainda não reunidas em volume: *Pai e Mestre da Juventude* — *Preparando a Ação Católica* — *O Culto da Autoridade* — *A Divisa dos Jornalistas* — *O Dia do Senhor* — *O Dever da Oração*).

3 — *Calmon* (Moniz de Bittencourt — PEDRO).

Nascido na Bahia, a 23 de dezembro de 1902. Filho de Pedro Calmon Freire de Bittencourt e de D. Maria Romana Moniz de Aragão Calmon de Bittencourt. Casado com D. Hermínia Caillet Calmon de Bittencourt.

Foi educado no Ginásio da Bahia, onde cursou de 1914 a 1919; em 1920 entrou para a Faculdade de Direito da Bahia, cursando dois anos, transferiu-se para a Universidade do Rio de Janeiro, onde colou grau em 1924. Em 1925 foi nomeado secretário do Museu Histórico; deputado estadual da Bahia, de 1927 a 1930; professor de História da Civilização no Museu Histórico; professor da Faculdade Nacional de Direito; orador oficial do Instituto dos Advogados do Brasil; representante do Equador na Conferência Panamericana de Geografia e História, realizada no Rio de Janeiro, sob os auspícios do Instituto Histórico, em dezembro de 1932; colaborador de vários jornais, especialmente da Bahia e do Rio de Janeiro; membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde ocupa atualmente o cargo de orador; da Academia Brasileira de Letras; do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil; da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; dos Institutos Históricos da Bahia, São Paulo, Pernambuco, Paraná, Sergipe, Ceará, etc. Membro da Sociedade de Geografia de Lima. Sócio correspondente da Academia Nacional de História Argentina; da Academia Dominicana; da Academia Cubana; da Academia Colombiana; da Academia de Ciências de Lisboa; da Academia de História Portuguesa; da Junta de História e Numismática da Argentina; é atual Diretor da Faculdade Nacional de Direito.

Possui as seguintes condecorações:

Ordem do Mérito, do Equador; grande oficial da Ordem de Sant'Iago, de Portugal.

É autor dos seguintes livros:

1. *Pedras d'Armas* — São Paulo, 1923.
2. *Direito de Propriedade*, 1926.
3. *O Tesouro de Belchior*, premiado pela Academia Brasileira de Letras — São Paulo, 1928.
4. *História da Independência do Brasil*, 1928.
5. *Anchieta* — São Paulo, 1929.
6. *História das Bandeiras Baianas*, 1929.
7. *A reforma constitucional da Bahia*, 1929.
8. *O Rei cavaleiro*, vida de D. Pedro I — São Paulo, 1933.
9. *O Marquês de Abrantes*, 1933.
10. *O General Gomes Carneiro*, 1933.
11. *Males* — Petrópolis, 1933.
12. *História da Civilização Brasileira* — São Paulo, 1933.
13. *Sermões Patrióticos de Vieira*, anotações, 1933.
14. *A Federação e o Brasil*, 1933.
15. *História da Bahia* — São Paulo.
16. *Espírito da Sociedade Colonial* — São Paulo, 1935.
17. *O Rei do Brasil*, vida de D. João VI, 1934.
18. *O Rei Filósofo*, vida de D. Pedro II, 1938.
19. *Por Brasil e Portugal*, 1938.
20. *História do Brasil*, 1.º volume, 1940.
21. *Pequena História da Civilização Brasileira*, 1939.
22. *Espírito da Sociedade Imperial*, 1938.
23. *História Social do Brasil*, 3.º volume, 1940.
24. *História da Casa da Torre*, 1940.
25. *Curso de Direito Constitucional Brasileiro*, 1937.
26. *Curso de Direito Público*, 1938.
27. *Intervenção Federal*, 1936.
28. *Figuras de Azulejo*, 1940.
29. *O Peregrino da América*, 2 vols.
30. *Tácito Português*, 1940, edições da Academia Brasileira de Letras, anotações, juntamente com os Srs. Rodolfo Garcia e Afrânio Peixoto.
31. *História do Brasil*, 2.º vol. 1941.
32. *Princesa Isabel, a Redentora do Brasil* — Belo Horizonte, 1942.
33. *Pequena História Diplomática do Brasil*, Belo Horizonte, 1942.
34. *História do Brasil*, 3.º vol., 1943.
35. *História do Brasil na Poesia do Povo*, Rio, 1943.
36. *O Brasil e a América — História de uma política*, Rio, 1943.
37. *Estados Unidos — de leste a oeste*, 1944.

Publicações recebidas

LIVROS RECEBIDOS

EM JUNHO DE 1944

Princípios de Alimentação, por Haroldo Cândido de Oliveira -- Editora Vieira de Melo -- Rio de Janeiro -- 1944.

Tabela da seriação das matérias e bases dos programas de ensino da Escola Naval -- Imprensa Naval -- Rio de Janeiro -- 1930.

Regulamento para a Escola Naval -- Ap. por Decreto n.º 18.701, de 18 de abril de 1929 -- Imprensa Naval -- Rio de Janeiro -- 1929.

Regimento interno para a Escola Naval -- Aprovado pelo Aviso n.º 2.890, de 26 de agosto de 1930 -- Imprensa Naval -- Rio de Janeiro -- 1930.

Disposições Regulamentares e Instruções para as provas de Admissão à Escola Naval -- Imprensa Naval -- Rio de Janeiro -- 1929.

Programa para o Exame Vestibular e Disposições Regulamentares sobre a matrícula na Escola Naval -- Imprensa Naval -- Rio de Janeiro -- 1924.

Regulamento da Escola Naval -- Aprovado pelo Decreto n.º 16.406, de 12 de março de 1924 -- Imprensa Naval -- Rio de Janeiro -- 1924.

Regulamento da Escola Naval -- Aprovado pelo Decreto n.º 14.127, de 7 de abril de 1920 -- Imprensa Naval -- Rio de Janeiro -- 1931.

Decreto n.º 11.530, de 18 de março de 1915 -- Reorganiza o ensino secundário e o superior da República -- Imprensa Nacional -- Rio de Janeiro -- 1915.

Dicionário Etimológico dos Vocábulo Portuguezes Derivados do Árabe -- Fascículos 1.º, 2.º e 3.º, por Ragy Basile -- Gráfico Perfecta Ltda. -- Rio de Janeiro.

Guerra Civil do Brasil -- Subsídios para a história -- 1893-1895 -- Pelo Almirante A. Thompson -- Editora Ravaro -- Rio de Janeiro -- 1934.

Gongadas -- Tradições Paulistas -- Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda -- São Paulo -- 1944.

México y Brasil un Ideal Comun, por Carlos de Lima Cavalcanti e Ezequiel Padilla, -- Companhia Editora y Libreria Ars. Mexico -- 1944.

- Carta Pastoral de Saudação aos Diocesanos*, por D. Jaime de Barros Câmara — Editora Ave-Maria — São Paulo — 1943.
- Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica da Paraíba sobre A Fé, A Moral, O Apostolado e O Culto* — Tipografia da Livraria do Povo — João Pessoa — 1941.
- Visitas Pastorais* — Segunda Carta Pastoral de D. Jaime de Barros Câmara — Editora Vozes de Petrópolis — 1944.
- El Aybār Maetaoi — Cuestións Historiograficas que suscita — Claudio Sanchez Albornozy Menduñia — Tallers Gráfico Peuser — Buenos Aires — 1944.
- Geologia do Brasil* — 2.^a edição, por Avelino Inácio de Oliveira e Othon Henry Leonardos — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1943.
- Brasilidades* — 2.^a edição aumentada, por F. de Basto Cordeiro — Tip. do Patroato — Rio de Janeiro — 1943.
- Reflexões à Luz da Filosofia Universal* — Solução dos problemas Sociais, por M. Carlos — Editora Pongetti — Rio de Janeiro — 1944.
- Porque chamar Rui Barbosa de orgulhoso?*, por Mário de Lima Barbosa — Gráfica Sauer — Rio de Janeiro — 1944.
- Santo Antônio da Patrulha*, O Bastião do Rio Grande do Sul, por Solon Macedônia Soares — Impresso Oficina Gráfica do Centro — Porto Alegre — 1944.
- Barão do Rio Branco* — Homenagem do Centro Carioca — Max Fleiuss.
- General Vargas*, por Vargas Neto — Bedeschi imprimiu — Rio — 1943.
- Vicente de Carvalho* (Publicação da Academia Brasileira), por Maria da Conceição Vicente de Carvalho — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1943.
- Notas Históricas*, por Roberto Macedo — Comp. Brasileira de Artes Gráficas — Rio de Janeiro — 1944.
- Mato Grosso*, por Virgílio Correia — Coeditora Brasileira Cooperativa.
- Os Direitos das Nações*, de Cieslaw Poznanski — tradução de Francisca A. de Carepebus — Epasa.
- Blocos Diagramas*, por Delgado de Carvalho — Serviço Gráfico do Inst. Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro — 1942.
- History of the Conquest of Mexico and History of the Conquest of Perú* — William H. Prescott — Randon House, Ing. New York.
- Benjamin Franklin*, por Carl Van Doren — Garden City Publishing Co. New York — 1938.

EM AGOSTO DE 1944

- Discurso* pronunciado pelo Sr. GEN. ORLANDO L. PELUFFO, Ministro das Relações Exteriores da República Argentina, no dia 26 de julho de 1944.
- Essências Florestais de Inhambane*, por ANTÔNIO DE FIGUEIREDO GOMES E SOUSA — Imprensa Nacional de Moçambique — Moçambique — 1943.

Censo da População em 1940 — População Indígena — II — Imprensa Nacional de Moçambique.

Matias de Albuquerque (Biografia) Departamento de Imprensa e Propaganda — HÉLIO VIANA — Tipografia Mercantil — Rio de Janeiro — 1944.

Discursos (Departamento de Imprensa e Propaganda — GETULIO VARGAS — Tipografia Mercantil — Rio de Janeiro — 1944.

Homenagem do Centro Acadêmico Luís de Queiroz e Prudente de Moraes Barros e Manuel de Moraes Barros — Elvino Pocai compôs e imprimiu — São Paulo — 1944.

A Biblioteca Universitária em 1943 — Departamento de Educação do Estado do Rio de Janeiro — Papelaria, Dias Vasconcelos — Niterói — 1944.

A Redivisão Territorial Política e o Território do Tocantins — Conferência feita no Instituto Nacional de Ciências Políticas pelo CORONEL LÍSIAS RODRIGUES — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1944.

Supostas faltas de Rui Barbosa, por MÁRIO DE LIMA BARBOSA — Gráfica Sauer — Rio de Janeiro — 1944.

Pedro Américo (Organizado por Horácio de Almeida) — A União Editora — João Pessoa — 1944.

Breves Meditações para todos os dias (oitava edição) FREI PEDRO SINZIG o.f.m. — Editora Vozes Ltda. — Petrópolis — 1926.

O Presépio de S. Francisco de Assis — Tradução livre de Amélia Rodrigues — FREI MATHEUS SCHNEIDERWIRTH — Vozes de Petrópolis — Petrópolis — 1926.

De automóvel para o céu — FREI PEDRO SINZIG, o.f.m. — Editora Guaira Limitada — São Paulo — 1943.

O Zepelin e... o cão de Casa — FREI PEDRO SINZIG, o.f.m. — Editora Vozes de Petrópolis — Petrópolis.

Reminiscências dum frade (2.^a edição) — FREI PEDRO SINZIG, o.f.m. — Tipografia Vozes de Petrópolis — 1925.

"Sei compor" — 2.^a, edição — FREI PEDRO SINZIG, o.f.m. — Tipografia das Vozes de Petrópolis — 1925.

Tempestades — Romance — FREI PEDRO SINZIG, o.f.m. — Artes Gráficas Mendes Júnior — Rio de Janeiro — 1931.

O Mês de Maria e a Folhinha, por FREI PEDRO SINZIG, o.f.m. — Editora Vozes de Petrópolis — 1920.

Pela Mão de Uma Menina (4.^a edição), por FREI PEDRO SINZIG — Petrópolis
Não desamina (terceira, edição), por FREI PEDRO SINZIG — Petrópolis.

EM SETEMBRO DE 1944

Brasileiros Pioneiros do Ar — LÍSIAS RODRIGUES — Livraria José Olímpio — Rio de Janeiro — 1944.

Palácio Itamarati (Álbum) — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1942.

Nas Selvas do Brasil (tradução de Luís Guimarães) THEODORE ROOSEVELT — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1943. ✓

Instruções para a organização do vocabulário ortográfico da língua portuguesa — Departamento Estadual de Estatística — Imprensa Oficial do Estado — Florianópolis — 1944.

Regimento para a Comissão Organizadora Central do Décimo Congresso Brasileiro de Geografia — Serviço Gráfico do I.B.G.E. — Rio de Janeiro — 1944.

Instruções para adesão e apresentação de trabalhos ao Décimo Congresso Brasileiro de Geografia — Tipografia do "Jornal do Comércio" — Rio de Janeiro — 1944.

A Independência dos Estados Unidos — 1.^a coleção de Conferências positivistas por VENÂNCIO F. NEIVA — "Jornal do Comércio" — Rio de Janeiro — 1944.

Catálogo da Seção de Didática da Exposição de Geografia e Cartografia, anexa ao Décimo Congresso Brasileiro de Geografia — "Jornal do Comércio" — Rio de Janeiro — 1944.

A Nova Carta Corográfica do Império do Brasil — Notícia apresentada à II Reunião Panamericana de Consulta sobre Geografia e Cartografia realizada no Rio de Janeiro. Comp. Brasileira de Artes Gráficas — Rio de Janeiro — 1944.

Índice das Publicações do Arquivo Nacional — Comp. Brasileira de Artes Gráficas — Rio de Janeiro — 1944.

Catálogo dos Mapas existentes na Biblioteca do Arquivo Nacional — Companhia Brasileira de Artes Gráficas — Rio de Janeiro — 1944.

Lista das Teses, trabalhos, Indicações etc. do X Congresso Brasileiro de Geografia (Lista mimeografada).

Viola de Lereno — Prefácio de Francisco de Assis Barbosa — 1.^o e 2.^o volumes, por DOMINGOS CALDAS BARBOSA — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1944.

Uma mulher como as outras (3.^a edição) AFRÂNIO PEIXOTO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1940.

Maria Chapdelaine — traduzido por M. A. Bernard — Revista por D. Milano — Louis Hémon — Améric-Editora — Rio de Janeiro.

Descartes e Bergson, por EURIALO CANABRAVA — Editora "Amigos do Livro" — São Paulo.

Vida e Morte de Trelawny — Poeta, amoroso e espadachim — Tradução de Moacir Werneck de Castro — MARGARET ARMSTRONG — Empresa Gráfica Revista dos Tribunais — São Paulo — 1943.

História das Grandes Óperas — e seus compositores, por ERNEST NEWMAN — Tradução de Antônio Ruas (Oficinas Gráficas da Livraria do Globo) — Porto Alegre — 1943.

História da Vida Literária, por JOSUÉ MONTELLO — Composto e Impresso por Irmãos Di Giorgio & Cia. — Rio de Janeiro — 1944.

Guia das Bibliotecas Brasileiras (2.^a edição) — Imprensa Nacional — 1944.

- Ana Karenina* — LEON TOLSTOI — Tradução revista por Marques Rebêlo — Irmãos Pongetti Editores — Rio de Janeiro — 1943.
- Carlos Gomes* — N.º 3 da Serie Edições Culturais da Inteligência — Editora R. A. Freudenfold — Impresso na Tip. Gutenberg — São Paulo.
- Mestre Antônio Francisco* — O Aleijadinho, por R. A. FREUDENFOLD — Impresso na Tipografia Gutenberg — São Paulo.
- Índice Decimal para a Classificação da Correspondência — 1.º e 2.º — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1934.
- Memórias de um Magistrado do Império* — Revistas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe — CONSELHEIRO ALBINO JOSÉ BARBOSA DE OLIVEIRA — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1943.
- Notas Históricas*, por ROBERTO MACEDO — Companhia Brasileira de Artes Gráficas — Rio de Janeiro — 1944.
- Ministros da Fazenda* — 1922-1930, por J. A. PINTO DO CARMO — Pongetti — Rio de Janeiro.
- Tiradentes*, por LUÍS PINTO — Editora Pan-Americana — Rio de Janeiro.
- Singularidades da França Antártica* a que outros chamam América — Tradução do Prof. Estêvão Pinto. ANDRÉ THEVET — Empresa Gráfica "Revista dos Tribunais" — São Paulo — 1944.
- Lício Cardoso* — seu pensamento, sua obra — sua vida, por LEONTINA LICÍNIO CARDOSO — Bedeschi imprimeu — Rio — 1944.
- Farrouphilhas e Caramurus* — A Brasilidade dos Farrapos, por VALTER SPALDING — Of. Gráf. da Imprensa Oficial — Porto Alegre — 1944.
- Eugênia Grandet* — Tradução revista por Marques Rebêlo, por HONORÉ DE BALZAC — Edições Pongetti — Rio de Janeiro — 1944.
- Noite sem lua*, por JOHN STEINBECK — Tradução de Monteiro Lobato — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1943.
- Origem e Evolução da Música em Portugal e Sua Influência no Brasil*, por MARIA LUÍSA DE QUEIROZ AMANCIO DOS SANTOS — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1942.
- Marechal José Bernardino Bormann — Dados Biográficos — 1844-1944, pelo CORONEL LAURÊNIO LAGO — Imprensa Militar — Rio de Janeiro — 1944.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

EM JULHO DE 1944.

- Diário Oficial* — ano LI — n.º 14.530, de 26 de janeiro, 1944 a abril, 1944 — n.º 14.591 — Manaus — Estado do Amazonas.
- Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* — ano 1944 — tomo 40 — fascículo I — Rio.
- Brazilian-American* — ano XXVI — n.º 1.296 — Julho, 1944 — Rio de Janeiro.

Revista Rotária — tomo XXII — n.º 5 — Mayo, 1944 — Chicago, 1, ILL., U.S.A.

News Bulletin — Nineteenth volume — n.º 8 — May 1 — 1944 — New York, N.Y. U.S.A.

Revista Franco-Brasileira — ano II — n.º 125 — Junho, 1944 — Rio.

Boletim n.º 13 — Lavabilidade de carvões do Brasil — Departamento Nacional da Produção Mineral — Ministério da Agricultura — 1943.

Boletim n.º 111 — Bibliografia e Índice da Geologia do Brasil (1641-1940) — Divisão de Geologia e Mineralogia — Ministério da Agricultura, 1943 — Rio de Janeiro.

Boletim n.º 112 — Província Pegmatítica da Borborema (nordeste do Brasil) — Divisão de Geologia e Mineralogia — Ministério da Agricultura, 1944 — Rio de Janeiro.

Boletim n.º 117 — do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio — ano X — maio, 1944 — Rio de Janeiro.

Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano — vol. XXXVIII — 1943.

Boletín del Ministerio de Relaciones Exteriores (segunda época) — tomo XVII — n.º 1 Enero, 1944 — Uruguay.

Revista del Banco de la República — vol. XVI — n.º 194, de 20 de Diciembre, 1944 — Colômbia.

Boletín de Historia y Antiquidades — n.ºs 347 y 348 — vol. XXX — Bogotá — 1943 — Colômbia.

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café — ano XIX — n.º 205 — março, 1944 — Secretaria da Fazenda — São Paulo.

O Combate à Lepra no Brasil — Balanço de 40 anos de atividades — pelo DR. H. C. DE SOUSA ARAÚJO — n.º 189 — 1944 — Rio de Janeiro.

Relatório do Departamento Nacional de Portos e Navegação — ano 1942 — Rio de Janeiro.

Correio do Departamento de Cooperação Intelectual — União Pan-Americana n.º 12 — abril, 1944 — Washington, D.C. U.S.A.

The Pan American Book Shelf — vol. VII — n.º 4 — April, 1944 — Pan American Union Columbus Memorial Library — Washington, D.C.

Boletín Latino-Americano de Musica — año V — tomo V — Octubre, 1941 — Montevideo.

Boletim Mensal de Ciência Política — fascículo II — vol. VIII e fascículo III — vol. III de fevereiro e março, 1944 — Rio de Janeiro.

A Voz do Mundo — julho, 1944 — Rio de Janeiro.

Informaciones Argentinas — n.º 84 — Marzo, 1944.

Catálogo n.º 3 — Livros Francêses e Inglêses Centro das Edições Francêsas Ltda. — Rio de Janeiro.

Quarterly Journal — vol. 1 — n.º 2 — Octubre — November, December, 1943 Washington — 1944 — U.S.A.

- Universidade Catolica Bolivariana — vol. X — n.º 34 — Outubro, Novembro — 1944.
- A Rodovia* — ano XII — n.º 53 — junho, 1944 — Rio de Janeiro.
- Brazilian-American* — ano XXVI — n.º 1.297 — julho, 1944 — Rio de Janeiro.
- Em Guarda* — ano 3 — n.º 8 — julho, 1944 — Rio de Janeiro.
- Lista Diplomática* — de julho de 1944 — Ministério das Relações Exteriores.
- Boletín Indigenista* — ns. 3-4 — vol. III de Septiembre y Diciembre — 1943 Mexico.
- América Indígena* — n.º 1 — vol. IV de Enero, 1944, n.º 3 — vol. III, Julio e n.º 4 de Octubre de 1943 — Mexico, D.F.
- O Café Brasileiro* — em 1943 — Relatório apresentado em 29 de abril, 1944, ao Conselho Consultivo do Departamento Nacional do Café.
- Liga Marítima Brasileira* — ano XXXVII — n.º 443, maio, 1944 — Rio de Janeiro.
- Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* — n.º 6 — Rio — 1944.
- Boletim do Serviço Federal de Águas e Esgotos* — n.º 9 — Rio de Janeiro — 1944.
- História da Civilização Americana* — Boletim XXXIV — n.º 1 — São Paulo 1943.
- Revista del Archivo Nacional del Peru* — tomo XVI (entrega II) — Lima — 1943.
- Boletim Geográfico* — ano I — n.º 6 — setembro — 1943.
- Revista Nacional, Literatura, Arte, Ciencia* — año VII — n.º 74 — Febrero 1944 — Montevideo — Uruguay.
- Boletim* n.º 77. Serviço Tchecoslovaco de Informações — 15 de julho — 1944 — Rio.
- Ocidente* — revista portuguesa mensal — vol. XXII — n.º 71 — Lisboa.
- Boletim Municipal* — vol. VII — an. VI — n.º 16 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.
- Nação Brasileira* — ano XXVI — n.º 251 — julho, 1944 — Rio de Janeiro.
- Anais da Academia Brasileira de Ciências* — tomo XVI — n.º 2 — Rio de Janeiro.
- Brazilian-American* — ano XXVI — n.º 1928 — julho, 1944 — Rio de Janeiro.
- Boletín Latino-Americano de Musica* — año V — tome V — Outubro, 1941 — Uruguay.
- Ocidente* — Vol. XXI — n.º 66 de outubro — 1943.
- Correio do Departamento de Cooperação Intelectual* — n.º 12 — abril, 1944 — Washington D.C.
- Dos Jornais* — ano III — n.º 26 de julho, 1943 e agosto — Rio de Janeiro.
- O Brasil* — de hoje, ontem e amanhã — ano IV — n.ºs 42 — 43 — 44 — 45. — Rio de Janeiro.

- Anteprojeto de Lei sobre imigração e colonização* — ano de 1943 — Rio.
A Lâmpada — ano XIV — n.º 43 — junho, 1944 — Curitiba — Paraná.
The Pan American Book Shelf — vol. VII — number 5 — May, 1944.
A Voz do Mundo — Rio de Janeiro.
Revista do Arquivo Municipal — ano IX — vol. XCIV — janeiro — fevereiro — março, 1944 — São Paulo.
Boletín del Archivo General del Gobierno — tomo VIII — n.º 4 — Guatemala, C.A. — 1943.
Brazilian-American — ano XXVI — n.º 1929 — julho, 1944 — Rio de Janeiro.
Serviço Polonês de Informações — n.º 136 — julho — 1944.
Anuario de la Sociedad Panameña de Derecho Internacional — 1943 — Panamá.
Catalogo Books and Prints — n.º 671 — 1944 — London.
Revista Histórica — Publicacion del Museo Histórico Nacional — ano XXXVII (2.ª epoca) — tomo XIV — Montevideo — Diciembre, 1943 — n.ºs 40 — 42.
Revista Franco-Brasileira — ano II — n.º 126 — julho, 1944 — Rio de Janeiro.
Boletín Indigenista — vol. IV — n.º 1 — Marzo, 1944 — Mexico, D.F.
America Indígena — vol. IV — n.º 1 — Enero, 1944 — Mexico, D.F.
Comunicados n.s 44-55 e 44-56 de 24 e 30 de junho, 1944 — Restabelecendo a verdade — Departamento Nacional do Café.
Brazilian-American — ano XXVI — n.º 1930 — julho, 1944.
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo — vol. XLI — 1944.
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo — vol. XXXIX-Bis — 1944.
Boletim do Museu Nacional — Nova serie.
Zoologia — N.ºs 15 — 16 — 17 — 18 — 19 — 20 — 21 — 22 de 1944. — Ministério da Educação e Saúde.
Boletim do Museu Nacional — Botânica — n.º 1 de maio, 1944 — Ministério da Educação e Saúde.
Ciência Política — Boletim Mensal — vol. VIII — fascículo III, de fevereiro e março de 1944.
Revista do Clube de Engenharia — n.º 94 — vol. X — junho, 1944 — Rio de Janeiro.
International Conciliation — May, 1944 — n.º 400 — New York, 27 — N.Y.

EM AGOSTO DE 1944

- Boletim Informativo do Clube de Engenharia* — ano II — n.º 13 — maio, 1944 — Rio.
Estatística da Zona de Marília — exportação — ano, 1943 — São Paulo.
Informaciones-Argentinas — n.º 85 — abril, 1944 — Buenos Aires.
Revista Duperial do Brasil — n.º 18 — março-abril, 1944.

- I — B — M — n.º 5 — maio, 1944 — Rio de Janeiro.*
Relatório da Radiodifusora Taubaté, Ltda. — Z-Y-A-8 — 1941-1944 — São Paulo.
Think — vol. X — n.º 5 — May, 1944 — New York.
Boletín del Ministerio de Relaciones Exteriores — tomo XVII — n.º II (segunda época) Febrero, 1944 — Republica Oriental del Uruguay.
Jornal Borda do Campo — ano XIII — n.º 566 — julho, 1944 — Santo André Est. de São Paulo.
Boletim do Círculo de Técnicos Militares — ano 6 — n.º 19 — março, 1944 Rio.
Informaciones-Argentinas — n.º 86 — Mayo, 1944 — Buenos Aires.
A Grã-Bretanha de Hoje — n.º 70, de setembro, 1943 a 73, de dezembro, 1943 n.ºs 74-75, de janeiro e fevereiro, 1944.
Bulletin of The New York Public Library — vol. 48 — n.º 5 — New York — 1944.
Boletín de la Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística — tomo LVIII — n.º 3-6 — Mexico.
Boletim do Colégio Brasileiro de Cirurgiões — vol. n.º 1 — junho — 1944 Rio.
Notícias de Mexico — año IV — n.º 95 — Mayo, 1944.
Apenso ao Boletim trimestral de Estatística — ano VII — n.ºs 1 a — Lourenço Marques.
América-Indígena — vol. IV — n.º 2 de abril, 1944 — Mexico, D.F.
Boletín del Cuerpo de Ingenieros de Minas del Perú — n.º 129 — El Departamento de Petróleo — Ministerio de Fomento.
América-Indígena — vol. IV — n.º 2 — abril, 1944 — Mexico, D.F.
Borda do Campo (jornal) — ano XII — n.ºs 567-568 de agosto, 1944.
Fôlha de Rio Preto (jornal) — ano IX — n.º 2311 de agosto, 1944 — Estado de S. Paulo.
Boletim da Superintendência dos Serviços do Café — ano XIX — n.º 206 — abril, 1944.
Brazilian-American — ano XXVI — n.º 1931 — agosto, 1944.
Reação Brasileira — vol. II — n.º 8 — agosto, 1944 — Rio de Janeiro.
Boletim Geográfico — ano I — n.º 7 — de outubro, 1943 — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
A Defesa Nacional — n.º 362 — julho, 1944.
Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano — vol. XXXVII — 1943.
Serviço Polonês de Informações — n.º 137 — agosto, 1944 — Londres.
The Polish Constitution of The Third of May — Poland's National Holiday Polish Government. Information Center N.Y.
Poland First to Fight.
Polish Facts and Figures — n.º 4 — april, 1944 e n.º 5 may, 1944.
Poland — by F. A. Voigt.

Boletim do Conselho Federal de Comércio Exterior — ano VII — n.º 7 — julho, 1944.

The Polish — Soviet Frontier — by Stanislaw Grabski.

Revista Rotária — tomo XXII — n.º 6 — junio, 1944 — Chicago, III, U.S.A.

A Rodovia — ano VII — n.º 54 — julho, 1944.

International Conciliation — June, 1944 — n.º 401 — New York, 27 — N.Y.

Annual Report of the American Historical Association — for the year, 1942. (in three volumes) vol. II — Letters from the Berlin Embassy — 1871-1874, 1881-1885.

Bulletin of The New York Public Library — vol. 48 — n.º 6 of June, 1944.

The Rockefeller Foundation — Annual Report, 1943 — New York.

The Ottoman Empire from 1720 to 1734 — Illinois Studies in the Social Sciences, vol. XXVII — n.º 3 — U.S.A.

Revista das Academias de Letras — ano VIII — n.º 51, maio e junho, 1944 — Rio.

Instituto de America — año II — tomo II — n.º 6, de Febrero e n.ºs 7 y 8 de Abril 1944 — Mexico.

La Terapeutica Celular del Dr. DONATO PEREZ GARCIA — Mexico, D.F. — 1944.

A Vida do Povo — Projetos para uma Grã-Bretanha Nova.

Catálogo da Biblioteca de Rui Barbosa — vol. I — A-B — Ministério da Educação e Saúde.

Em Guarda — ano 3 — n.º 9.

Biblos — año II — n.º 12 — segundo bimestre de 1944 — Buenos Aires.

The Pan-American Book Shelf — vol. VII — n.º 6 — June, 1944 — Washington, D.C.

Noticias de Mexico — año IV — n.º 94, de abril, 1944 — Mexico, D.F.

Revista de la Camara de Comercio Uruguayo-Brasileña — año IV — n.º 46 Febrero — 1943.

Neptuno — P.N. — 47.

Revista del Colegio de Abogados de Buenos Aires — tomo XII — n.º 1 — 1944.

Boletim Semanal da Associação Comercial de Eão Paulo — ano II — n.º 69 agosto, 1944.

Geographical Review — July, 1914 — New York.

Noticias de Mexico — año IV — n.º 96 — Mayo de 1944 — Mexico, D.F.

Boletín Bibliografico Mexicano — abril, 1944.

Revista del Banco de la República — vol. XVII — n.º 196 — Febrero, 1944 e Marzo — Colombia.

Universidad de Antioquia — n.s 61, 62 — Medellin — Enero y Febrero, 1944 — Colombia.

La Nueva Lucha y La Accion Nueva — Isaias Medina Angarita.

Boletín de Historia y Antigüedades — vol. XXX — n.º 349 — Noviembre, 1943 Bogotá.

- Arquivo Brasileiros de Medicina Legal* — ano V — n.º 17 — janeiro, 1944.
Prefeitura do Distrito Federal — 1944.
Tribuna Universitária — año III — n.º 14 — Marzo, 1944 — Medellín — Colombia.
Banco de la República — XX Informe anual del Gerente a la Junta Directiva — Julio, 1942 e 1943 — Colombia.
Lista Diplomática — Ministério das Relações Exteriores — agosto, 1944.
Cypactly — año XII — n.º 178 — Marzo, 1944 .
Boletim Trimestral de Estatística — ano XIX — n.º 4, — 4.º trimestre de 1943 — Colônia de Moçambique.
América después de la Victoria — EZEQUIEL PADILHA — México, 1944 .
Boletim da União Pan-Americana — junho e julho, 1944.
A Voz do Mundo — 1944.
Report of Investigations — n.º 95 — Petrology of Bethel Sandstone of South Central Illinois n.º 94 — Illinois Mineral Industry in 1942.
Serviço Polonês de Informações — n.º 138 de agosto, 1944.
Revista del Banco de la República — Enero, 1944 — Colômbia.
Boletín de la Dirección General de Agricultura — año XIV — tomo XVI — n.ºs 48 al 51 de 1943 — Lima — Peru.
Brazilian-American — ano XXVI — n.º 1933 — agosto, 1944.
The National Geographic — vol. LXXXVI — n.º One — July, 1944 — Washington, D. C.
A Guerra nos ares — 1944.
Boletín de Historia y Antiquedades — n.º 350 — vol. XXX — Diciembre, 1943 — Bogotá.
Nação Brasileira — ano XXII — n.º 252 de agosto, 1944 — Rio.
Brazilian-American — ano XXVI — n.º 1934 de agosto, 1944.
Discurso — GETULIO VARGAS — O Brasil Econômico — Djacir Menezes — 1944.
Dos Jornais e do Rádio — ano III — n.ºs 27 — 28 de setembro e outubro, 1943.
Boletim Semanal da Associação Comercial de São Paulo — ano II — n.º 70 — 1944.
Estudos e Conferências — n.º 20 — D.I.P.
Revista do Clube de Engenharia — n.º 95 — vol. XI — julho, 1944.
Boletim Informativo do Centro Carioca — ano I — n.ºs 10-11 — junho-julho, 1944.

EM SETEMBRO DE 1944

- Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio* — ano X — n.º 118 — junho, 1944.
Bibliografia de História do Brasil (2.º semestre) 1943 — Ministério das Relações Exteriores.

- Vozes de Petrópolis* — julho-agosto, 1944 — vol. 2 (ns) fascículo 4.
- Revista Jurídica* — vol. 6 — Periódico Semestral — 1940-1941 — Órgão Cultural da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil — 1944.
- Catálogo de los fordes de las Floridas* — La Habana — 1944 — Prefácio del Dr. Guillermo de Zéndegui, Secretário de la Sociedad Colombista Panamericana.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* — II trimestre de 1944 — Porto Alegre.
- Brazilian-American* — ano XXVI — n.º 1935, setembro, 1944.
- Boletim Semanal da Associação Comercial de São Paulo* — ano II — n.º 71 de setembro, 1944.
- Diário Oficial do Estado de Santa Catarina* — ano XI — n.º 2.804 — Florianópolis, 1944.
- A Voz do Mundo* — 1944.
- Novedades y Reposiciones* — junho, 1944 — Mexico, D.F.
- Ciência Política* — Boletim Mensal — Fascículo IV — vol. VIII — abril, 1944 — Fasc. V.
- Anais da Associação dos Antigos Alunos dos Padres Jesuitas* — ano VI — vol. VI — 1943.
- Relatório* — Proposta Orçamentária para 1944 — Ministério da Fazenda, — dois volumes.
- A Defesa Nacional* — n.º 363 — agosto, 1944.
- Notícias de Mexico* — ano IV — n.º 98 — junho, 1944.
- Revista Duperial do Brasil* — maio-junho, 1944 — n.º 19.
- Boletim Semanal da Associação Comercial de São Paulo* — ano II — n.º 72 — setembro, 1944.
- Anais do Arquivo da Marinha* — ano III — n.º 5 — junho, 1944 — Ministério da Marinha.
- A Voz do Mundo* — setembro, 1944.
- Boletim da União Panamericana* — agosto, 1944 — Washington, D.C.
- Quarterly Journal* — The Library of Congress of Current Acquisitions — January — February — March, 1944 — vol. 1 — n.º 3 — Washington.
- Indian at Work* — May-June, 1944.
- Revista Genealógica Brasileira* — ano V — n.º 10, 2.º semestre de 1944.
- Separata, com acréscimos, do Anuário Estatístico do Café* — 1941-1942 — Comércio Interno do Café.
- Brazilian-American* — ano XXVI — n.º 1936 — setembro, 1944.
- O Globo Expedicionário* — ano 1 — n.º 1, de 7 de setembro, 1944.
- Bulletin of The New York Public Library* — vol. 48 — n.º 7 — July, 1944.
- Boletim Linotípico* — n.º 60 — 1944 — Brooklin — Nova York.
- Science Digest* — vol. 16 — n.º 2 — August, 1944.

- Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio* — ano X — número 119 — julho, 1944.
- Revista do Arquivo Municipal* — ano IX — vol. XCV — abril, 1944 — São Paulo.
- Separata*, com acréscimos, do *Anuário Estatístico do Brasil* — n.º 4 — ano V — 1939-40.
- A Rodovia* — ano VII — n.º 55 — agosto, 1944.
- Boletim do Conselho Federal de Comércio Exterior* — ano VII — n.º 8 — agosto, 1944.
- A Voz do Mundo*.
- Em Guarda* — ano 3 — n.º 10 — setembro, 1944.
- Informaciones Argentinas* — n.º 87 — de Junho, 1944.
- Leitura* — n.º 17-18 — Crítica e Informações Bibliográficas — 1944.
- Serviço Polonês de Informações* — n.º 139, em 10 de setembro, 1944 — Londres.
- Serviço Tchecoslovaco de Informações* — Boletim n.º 80 — 20, setembro, 1944 — Rio.
- O Globo Expedicionário* — ano I — n.º 2 — 14, setembro, 1944 — Rio de Janeiro.
- Netuno* — P.N. — 50.
- Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos* — vol. II — n.º 5 — maio, 1944 — Rio.
- Boletim Indigenista* — vol. IV — n.º 2 — Junho, 1944 — Mexico, D.F.
- Nação Brasileira* — ano XXII — n.º 253 — setembro, 1944 — Rio de Janeiro.
- Bulletins of the National Archives* — n.º 6 — Building and Equipment for Archives — June, 1944 — Washington, 25. D.C.
- A Voz do Mundo* — 1944.
- Boletim Indigenista* — vol. IV — n.º 2 — Mexico — D. F. — Junho, 1944.
- Boletim Semanal da Associação Comercial de São Paulo* — ano II — números 73-74 — setembro, 1944.
- Think* — vol. X — n.º 7, for July, 1944 — New York.
- Em Guarda* — ano 3 — n.º 10 — setembro, 1944.
- Boletín del Ministerio de Relaciones Exteriores* (2.ª época) tomo XVII — n.º III — Marzo, 1944 — Uruguay.
- University of Toronto Quarterly* — vol. XIII — n.º 3 — April, 1944 — Canada.
- Boletín del Instituto de Investigaciones Historicas* — año XXII — tomo XXVIII n.ºs 97-100 — Julio, 1944 — Buenos Aires.
- Veritas* — año XIV — n.º 164 — agosto, 1944 — Buenos Aires.
- The Geographical Journal* — vol. CIII — n.º 4 — April, 1944 — London, S.W. 7.
- Boletim Informativo do Ministério das Relações Exteriores da República del Ecuador* — Quito, 1944.

Boletim Informativo do Clube de Engenharia — ano II — n.º 16 — julho 1944.

Noticias de Mexico — año IV — n.º 99 — 1944.

O Globo Expedicionário — ano I — n.º 3 — setembro, 1944 — Rio de Janeiro.

The Library of Congress — Card Division — 1944.

A Grã-Bretanha de hoje — n.º 70 — setembro, 1943.

Science Digest — vol. 16 — n.º 1 — July, 1944.

SÓCIOS FALECIDOS

No correr do 3.º trimestre dêste ano, teve o Instituto o seu quadro social novamente desfalcado com o desaparecimento de dois sócios prestimosos: Clóvis Beviláqua e Alexandre Sommer.

I — Clóvis Beviláqua : Jurisconsulto eminente: autor do projeto do Código Civil Brasileiro que depois se converteu em lei. Professor de direito em Recife, onde se bacharelou em 1882, tendo sido bibliotecário em 1884; vindo do Rio e do Ceará, sua província natal, onde veio à luz em 1859 (4 de Outubro). Ensaísta, filósofo, escrevia com sobriedade e elegância sobretudo na órbita do direito, afora alguns estudos de literatura e crítica, do tempo da mocidade. A sua produção jurídica é enorme: avultando entre ela os seus tratados sobre *Direito Internacional, Sucessões e coisas, Obrigações, Direito de Família*, e os magistrais comentários ao *Código Civil*.

No setor das letras histórico-críticas, há a destacar: *Épocas e individualidades* (1889), *Traços biográficos do desg. José Manuel de Freitas, Juristas filósofos* (1897), *Guerras e Tratados* (memória histórica sobre “relações exteriores” no Livro do 4.º Centenário — 1900) e *História da Faculdade de Direito de Recife* (2 vols. — 1927).

Foi consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores, membro da Corte Permanente de Arbitragem de Haya. Pertencia à Academia Brasileira de Letras. Entrou para o Instituto Histórico, por proposta de 20 de agosto de 1906, assinada por Alcebíades Furtado, Augusto de Lima, Sousa Pitanga, Homem de Melo, Manuel Cícero Max Fleiuss e Manuel Barata. O parecer da comissão de história, de 20 de setembro, está assinado por Leite Velho, relator, Ouro Preto e Sílvia Romero e foi aprovado em 1-X-1906. O da comissão de admissão, assinado por Afonso Celso, relator, Manuel Cícero, Miguel de Carvalho e Barão de Alencar foi lido e aprovado na sessão de 8-X-1906. Em 15 de outubro foi proclamado sócio correspondente. Em 20 de abril de 1914 foi proposto para sócio honorário por Max Fleiuss, Homero Batista, Liberato Bittencourt, Eurico de Góis, Gastão Ruch e Alfredo Valadão. Em 12 de maio foi lido parecer favorável da comissão respectiva, assinado por Manuel Cícero, relator, Ramis Galvão e Gomes Pereira — sendo na mesma sessão aprovado e o sócio promovido àquela classe. Em 20 de outubro de 1917, proposta de Basílio de Magalhães e Max Fleiuss, indica-o para receber

o prêmio “Conselheiro Olegário” — em virtude da sua monografia: “A lei de 28 de Setembro de 1871 e o Visconde do Rio Branco”, apresentada ao Instituto em 1916 — o que foi aprovado. Nesse mesmo ano ascendeu à classe dos sócios beneméritos. Em 9 de Julho de 1943, foi lido o parecer da comissão de história, e o da de admissão de sócios assinado por Alfredo Nascimento, Tavares de Lira e Alfredo Valadão, indicando-o a sócio grande benemérito — o que foi igualmente aprovado por unanimidade.

Clóvis Beviláqua em 28 de Maio de 1941 fizera a sua despedida do Instituto Histórico, com uma conferência sobre: *A expansão jurídica da Rerum Novarum*. Faleceu no Rio, em 26 de Julho de 1944.

II — Alexandre Emilio Sommer — Professor de história, geografia e contabilidade. Pertenceu aos quadros do alto funcionalismo público, onde se aposentou (Tribunal de Contas). Era sócio da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e possuidor de notável livreria especializada nos assuntos dos seus estudos — que, em parte doou à biblioteca do Conselho Nacional de Geografia.

Entrou para o Instituto, em 22 de agosto de 1931, em virtude de parecer de Epitácio Pessoa e proposta de Max Fleiuss de 30 de maio do mesmo ano, pelos serviços prestados na elaboração do “Dicionário Histórico e Geográfico”, começado a editar pelo Instituto, em 1922 — para o qual preparou os estudos sobre os Estados de Pernambuco e Alagoas — os quais foram examinados e aprovados pelo Barão de Ramis Galvão.

Foi eleito para a “comissão de fundos e orçamentos” em 15/12/41 e reeleito em 21/12/43. Faleceu no Rio, a 6 de agosto de 1944.

MODIFICAÇÕES NO QUADRO SOCIAL

Por deliberação unânime da assembléia geral de 23 de agosto último foi elevado a sócio benemérito do Instituto — o sócio efetivo Ministro Bernardino J. de Sousa — segundo a proposta de 25 de Julho deste ano assinada por 16 consócios e parecer favorável da “comissão de admissão de sócios”.

PALESTRAS HISTÓRICAS

Por iniciativa do Dr. Wanderley Pinho, 3.º vice-presidente, tiveram início em 2 de agosto, na “Sala Varnhagen”, as palestras íntimas, promovidas pelo Instituto, pelos sócios e para os seus sócios — sendo permitidos debates sobre a matéria exposta, e observações marginais.

Desincumbiu-se de inaugurar essa nova série, com uma brilhante contribuição o Ministro Tavares de Lira, que falou sobre “Cisão do partido republicano federal em 1897” — através de um documento inédito (carta de Francisco Glicério ao Dr. Pedro Velho) palestra esta que publicamos neste número.

A 19 de setembro, realizou-se a segunda palestra, dissertando com a habitual mestria sobre a "História e Geografia da Guanabara", o prof. Afrânio Peixoto — sócio benemérito. Esse trabalho que é ampliação de outro, já saído em Portugal, não será editado nesta revista, porque se destina a prefaciá-la outra publicação, a sair em breve, em S. Paulo.

NOVOS SÓCIOS

Na assembléia geral de 23 de agosto foram lidas propostas devidamente assinadas por grande número de sócios, indicando para sócio honorário S. Ex.^a D. Jaime de Barros Câmara, e para as duas vagas existentes, de sócios efetivos, os Srs. Aurélio Porto e Francisco Marques dos Santos.

Na forma estatutária, as aludidas propostas foram encaminhadas pelo Sr. Presidente às Comissões de História e Geografia e de admissão de sócios.

Na sessão ordinária de 5 de setembro foram lidos os pareceres das comissões de história e de admissão de sócios, favoráveis à entrada no Instituto dos Srs. D. Jaime de Barros Câmara, Aurélio Porto e Francisco Marques dos Santos — aquele como sócio honorário e estes como sócios efetivos.

Relativamente ao primeiro — o Sr. Feijó Bithencourt pediu dispensa do interstício regulamentar, para ser votado, o que foi aprovado por unanimidade, sendo então desde logo proclamado S. Exa. Rev. o atual Arcebispo do Rio de Janeiro sócio honorário, classe essa dispensada de apresentação de qualquer trabalho, uma vez que se destina pelos estatutos também a "pessoas de alta representação social". Entretanto, D. Jaime Câmara, revelando competência especial em matéria de história, já tem publicado: "Apontamentos de história eclesiástica" (Ed. Vozes Petropol. 1942, de 329 págs.), compêndio adotado nos estudos da matéria em seminários.

Na referida assembléia geral foi ainda apresentada, pelo Sr. Leão Teixeira, assinada por 31 sócios, uma proposta indicando para uma das próximas vagas de sócio efetivo, resultantes das promoções nas vagas já existentes das classes superiores, o nome do Sr. Hélio Viana, jovem historiador patricio que vem dedicadamente e com brilho colaborando nesta "Revista".



ÍNDICE

I. TRABALHOS ORIGINAIS:

- 1 — *Paranduba catarinense* — pelo Cap. de Mar e Guerra Lucas
A. Boiteux 3

II. CONFERÊNCIAS:

- 2 — *O carro de bois em grandes fatos da história nacional* —
pelo ministro Bernardino José de Sousa 93
- 3 — *Araújo Porto-alegre, precursor dos estudos de história da
arte brasileira* — pelo Dr. Rodrigo M. F. de Andrade.... 119
- 4 — *A glória de Cândido Borges Monteiro* — pelo Dr. Luís
F. Vieira Souto 134
- 5 — *José Bonifácio de Andrada e Silva, economista* — pelo
Embaixador J. C. de Macedo Soares 171

III. PALESTRAS:

- 6 — *A cisão do partido republicano federal em 1897* — pelo
Ministro A. Tavares de Lira 195

IV. CRÍTICAS DE LIVROS:

- 7 — *Os pan-americanos* — por Feijó Bittencourt 207
- 8 — *Brasileiros pioneiros do ar e Roteiro do Tocantins* — por
Feijó Bittencourt 222
- 9 — *Revistas dos Institutos Históricos* — por Hélio Viana.... 224

V. BIO-BIBLIOGRAFIA:

- 10 — *Os sócios do Instituto* — por Maria C. Max Fleiuss.... 232

VI. PUBLICAÇÕES RECEBIDAS 241

VII. NOTICIÁRIO 255

1944

IMPrensa NACIONAL
RIO DE JANEIRO -- BRASIL

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

COMISSÕES PERMANENTES EM 1944-1945

HISTÓRIA: { *Leão Teixeira Filho*
Sousa Docca
Basílio de Magalhães
Feijó Bittencourt
Canabarro Reichardt.

FUNDOS E ORÇAMENTOS: { *Carvalho Mourão*
Tavares Cavalcanti
Oliveira Vianna
Mattoso Maia Forte
.....

GEOGRAFIA: { *Raul Tavares*
Radler de Aquino
Carlos da Silveira Carneiro
Virgílio Correia Filho
Lucas Boiteux.

ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA: { *Rodolfo Garcia*
Afrânio Peixoto
Roqueie Pinto
José Luís Baptista
Gustavo Barroso.

BIBLIOGRAFIA: { *Rodrigo Otávio Filho*
Bernardino de Sousa
Liberato Bittencourt
Vieira Ferreira
Jônathas Serrano.

ESTATUTOS: { *Levy Carneiro*
Costa Ferreira
Wanderley Pinho.
Pedro Calmon
Edmundo da Luz Pinto.

ADMISSÃO DE SÓCIOS: { *Alfredo do Nascimento*
Augusto Tavares de Lyra
Alfredo Valadão
Braz do Amaral
Cláudio Ganns.



IMPRESA NACIONAL

Cr\$ 20,00

